

Sérgio Mattos

O GUERREIRO Midiático

Biografia de José Marques de Melo





O Guerreiro Midiático

Biografia de José
Marques de Melo

DIRETORIA GERAL DA INTERCOM 2011 – 2014

Presidente - Antonio Carlos Hohlfeldt
Vice - Presidente - Marialva Carlos Barbosa
Diretor Editorial - Osvando J. de Morais
Diretor Financeiro - Fernando Ferreira de Almeida
Diretor Administrativo - José Carlos Marques
Diretora de Relações Internacionais - Sonia Virginia Moreira
Diretora Cultural - Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Diretora de Documentação - Nélia Rodrigues Del Bianco
Diretor de Projetos - Adolpho Carlos Françaoso Queiroz
Diretora Científica - Raquel Paiva de Araújo Soares

Secretaria

Maria do Carmo Silva Barbosa
Genio Nascimento
Jovina Fonseca

Direção Editorial: Osvando J. de Morais (Intercom)

Presidência: Muniz Sodré (UFRJ)

Conselho Editorial - Intercom

Alex Primo (UFRGS)	Marcio Guerra (UFJF)
Alexandre Barbalho (UFCE)	Margarida M. Krohling Kunsch (USP)
Ana Sílvia Davi Lopes Médola (UNESP)	Maria Teresa Quiroz (Universidade de Lima/Felafacs)
Christa Berger (UNISINOS)	Marialva Barbosa (UFF)
Cicília M. Krohling Peruzzo (UMESP)	Mohammed Elhajji (UFRJ)
Erick Felinto (UERJ)	Muniz Sodré (UFRJ)
Etienne Samain (UNICAMP)	Nélia R. Del Bianco (UnB)
Giovandro Ferreira (UFBA)	Norval Baitelo (PUC-SP)
José Manuel Rebelo (ISCTE, Portugal)	Olgária Chain Féres Matos (UNIFESP)
Jeronimo C. S. Braga (PUC-RS)	Osvando J. de Morais (Intercom)
José Marques de Melo (UMESP)	Paulo B. C. Schettino (UFRN/ASL)
Juremir Machado da Silva (PUCRS)	Pedro Russi Duarte (UnB)
Luciano Arcella (Universidade d'Aquila, Itália)	Sandra Reimão (USP)
Luiz C. Martino (UnB)	Sérgio Augusto Soares Mattos (UFRB)

O Guerreiro Midiático

Biografia de José Marques de Melo

2ª Edição

Sérgio Mattos

São Paulo
Intercom
2014

O Guerreiro Midiático – Biografia de José Marques de Melo

Copyright © 2014 do autor do texto, cedido para esta edição à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM

Direção

Osvando J. de Moraes

Projeto Gráfico e Diagramação

Mariana Real

Capa

Mariana Real

Ficha Catalográfica

M394g Mattos, Sérgio
 O guerreiro midiático: biografia de José Marques de Melo / Sergio Mattos – São Paulo / Petrópolis: Intercom/Editora Vozes, 1ª Ed. 2010, 2ª Ed. 2014.

338 p.
ISBN 978-85-8208-062-7

1. Melo, José Marques de, 1943 – 2. Biografia – Jornalistas – Brasil. I. Título. II. Biografia de José Marques de Melo.

CDD:920.50981
070.92

Todos os direitos desta edição reservados à:
Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação –
INTERCOM

Rua Joaquim Antunes, 705 – Pinheiros

CEP: 05415 - 012 - São Paulo - SP - Brasil - Tel: (11) 2574 - 8477 /
3596 - 4747 / 3384 - 0303 / 3596 - 9494

<http://www.intercom.org.br> – E-mail: intercom@usp.br

*“Diante do colar
Belo como um sonho
Admirei, sobretudo,
O fio que unia as pedras
E se imolava, anônimo,
Para que todos fossem um”.*

Dom Helder Camara

Agradecimentos

Agradeço ao amigo Luís Guilherme Pontes Tavares pela leitura crítica dos originais e a todos aqueles que direta e indiretamente ajudaram, subsidiando dados e informações que enriqueceram a biografia do Prof. José Marques de Melo.

Agradeço a paciência e a colaboração de José Marques de Melo que não se furtou a prestar informações e esclarecimentos necessários.

Agradeço ainda a minha esposa, Denise Orrico de Araújo Mattos, pela compreensão (de sempre) pelas muitas horas de companhia que lhe furtei para a elaboração deste trabalho.

Sumário

Prefácio – primeira edição	9
<i>Ana Arruda Callado</i>	
Prefácio — segunda edição	15
<i>Osvando J. de Morais</i>	
Introdução – <i>Querer é poder</i>	19
1. Origens familiares.....	31
2. O neto de Eufrosina	52
3. Processo de Aprendizagem.....	66
4. O mundo no Templo da Cultura	84
5. Assumindo a vocação.....	93
6. Primeiro emprego formal.....	108
7. Constituindo família	128
8. Resquícios do golpe de 1964.....	156

9. O migrante	164
10. O dirigente universitário e a Usp	181
11. O construtor de instituições.....	202
12. Construindo a literatura básica	230
13. Pensamentos sobre o jornalismo	252
14. Dando a volta por cima	265
15. Respeito ao pensamento dos outros	276
16. Moto perpétuo.....	284
17. Iconografia.....	304
Bibliografia Consultada.....	322
Quem é Sérgio Mattos.....	333

Prefácio

primeira edição

ANA ARRUDA CALLADO

Prefácio, segundo o dicionário Aurélio, é “o que se diz no princípio”. Este texto seria inteiramente dispensável, portanto, porque no princípio deste livro o professor, escritor e pesquisador Sérgio Mattos já diz duas coisas fundamentais: “Desde o imperador até o homem comum, o cultivo da vida pessoal é a base de tudo” (citando Lin Yutang na epígrafe), e “escrever uma biografia completa seria quase que uma missão impossível”.

Com atrevimento, ousou corrigir esta segunda afirmativa, que leio no primeiro período da Introdução de Sérgio Mattos. Vamos tirar esse “quase”: biografia completa é impossível; biografia é impossível. Ainda mais de José Marques de Melo,

Fala mansa, gestos lentos, Zé Marques engana. É um azougue. E seu biógrafo sabe que ele ainda vai esticar muito essa

história de vida. “[...] o que pretendemos relatar neste trabalho, que não é conclusivo, pois Marques não para e continua produzindo, criando eventos, instituições, como quem tem pressa de realizar e completar sua obra”, avisa, sabiamente, Sérgio Mattos. Observação sábia, mas que me dá margem a outra correção (perdoe-me Sérgio, mas sou atrevida mesmo): José Marques não tem pressa. Já nos assegurava o professor Adolpho Queiroz – que é, da mesma forma que Sérgio Mattos e muitos outros brilhantes professores e pesquisadores da Comunicação Social, discípulo do biografado - no artigo “José Marques, o jardineiro que cultivava hortênsias”, citado neste livro. Para ser jardineiro é preciso ser paciente, não ter pressa; deixar o tempo de nascer, crescer e florescer vir naturalmente. O leitor vai ter oportunidade de saber quanto esse jardineiro alagoano/pernambucano/paulista já cultivou, além de hortênsias, ao se regalar com a leitura desta biografia.

Mas prefácio é também “texto ou advertência, ordinariamente breve, que antecede uma obra escrita e que serve para apresentá-la ao leitor”, me ensina ainda mestre Aurélio. Tenho, pois, uma tarefa a cumprir.

Para começar, adverti-los de que, mesmo entre aspas, mesmo quando oriundas de declarações prestadas pelo biografado, as informações não devem ser levadas ao pé da letra. A memória se constrói, a memória cria, inventa.

Em seu livro autobiográfico, *Memórias de uma menina católica*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 1987, a grande escritora norte-americana Mary McCarthy diz uma coisa que muito me impressionou e que, de certo modo, orientou meus trabalhos posteriores de pesquisa para livros. “Lembro-me da vez em

que ouvimos cantar um rouxinol, no *boulevard*, perto do convento de Sacré-Coeur. Mas não há rouxinóis na América do Norte.”

Portanto, biografias são sempre reconstruções e não descrições exatas de vidas. E tem mais: estou convencida de que os biógrafos estão sempre procurando a si próprios. Como os romancistas, aliás, que só falam deles mesmos, por mais que se disfarçam em múltiplos personagens. Mesmo quando vai biografar alguém muito diferente, isto é, alguém que o biógrafo considera muito diferente de si, está também se procurando.

Um bom exemplo disso é Jean-Paul Sartre, que escreveu uma das mais alentadas biografias de que tenho notícia, a de Gustave Flaubert. São quatro volumes em francês, cinco, em inglês, só o quinto volume da edição da Universidade de Chicago ocupando 632 páginas. A justificativa de Sartre, cobrado por ter consagrado um tempo enorme de vida – de 1960 a 1971 – a escrevê-la, deixando de lado estudos de filosofia e aulas, foi: “Flaubert me parecia a pessoa mais diferente de mim possível”. Sartre faz no livro uma espécie de análise freudiana de Flaubert. Pareceu-me autoanálise.

Aqui, pois, vai nova advertência: vocês vão ler a seguir os episódios da história de vida de José Marques de Melo que Sérgio Mattos conseguiu captar, deixando muitos outros de lado, apesar de ter feito uma séria e extensa pesquisa. Bom escritor que é, o autor tudo descreveu do seu ponto de vista, isto é, colocando-se muito na história, mesmo que dê a impressão de que foi inteiramente objetivo. Durante décadas disse a meus alunos – contrariando muitos jornalistas importantes e tantos outros teóricos da comunicação – que não se consegue inteira objetividade nem quando se redige a previsão do tempo. “Tempo bom” já é opinião. Por que tempo chuvoso não é bom?

Para sorte nossa, de seus leitores, Sérgio Mattos conhece bem o objeto de seu estudo e tem embasamento teórico sólido o bastante para escolher criteriosamente os episódios a narrar.

Muitas descobertas de Sérgio Mattos me encantaram particularmente. Uma delas foi o fato de que, logo após o casamento, Sílvia e Zé Marques moraram por quase um ano em um apartamento na rua Jornalista Paulo Bittencourt, no bairro do Derby, em Recife. Paulo Bittencourt, dono do jornal *Correio da Manhã*, fundado por seu pai, Edmundo Bittencourt, e que, sob seu comando foi o mais importante e ativo periódico do país, seria um bom padrinho para o casal.

Outra foi que o racional José Marques nasceu em uma casa onde se acreditava na força dos astros e da numerologia sobre o destino das pessoas, tendo este dado sido belamente aproveitado pelo biógrafo para traçar o perfil do mestre.

Mas o papel reservado à grande companheira que é Sílvia na vida do marido inquietou um pouco minha alma feminista. “Tivemos momentos cruéis. No início do nosso casamento perdemos nossa primeira filha e eu quase perdi a vida. Foi difícil superar, mas ficamos ainda mais unidos”, contou ela a Sérgio. Foi quando decidiram se mudar para São Paulo, onde nasceram seus dois filhos, Silvana e Marcelo. Mas, o que teria incomodado a prefaciadora? Eis. “A mudança para São Paulo fez com que Sílvia desistisse temporariamente do cursinho pré-vestibular de Medicina, carreira que queria abraçar, mas com a chegada dos filhos desistiu definitivamente da pretensão”.

Ao invés da Medicina, Sílvia estuda contabilidade e finanças, para melhor gerir o lar, “para poupar”. Zé Marques confessa que, assim, “assumindo as rédeas da vida doméstica e dando-me

a tranquilidade para realizar o que realmente pretendia em São Paulo, ou seja, ingressar na vida acadêmica.” Tudo bem; graças ao desprendimento, à dedicação de Sílvia, Zé Marques pôde construir uma obra invejável, útil para todos os estudiosos ligados à Comunicação Social. Agradeço a Sílvia por isso, mas me pergunto: e o que ela poderia produzir? Agora sei que não estou sendo apenas atrevida, mas inconveniente.

Zé Marques foi professor-fundador da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, quando tinha apenas 23 anos de idade; e continua professor. Fundou, na mesma USP, o NPTN – Núcleo de Pesquisa da Telenovela, em 1989, e a Rede Alfredo de Carvalho – uma inovadora forma de unir pesquisadores sem a necessidade de uma instituição formal, batizada com o nome de um grande pesquisador pernambucano que andava esquecido – em 2001, para citar apenas duas de suas numerosas criações. E a gratidão deste mestre a seus mestres é notável. A começar pelo primeiro, Luís Beltrão, sempre celebrado, inclusive dando nome ao prêmio da INTERCOM, outra grande obra sua.

Assim como Sérgio Mattos, com esta biografia, outro discípulo de Zé Marques, por ele citado, Carlos Eduardo Lins da Silva, faz justiça ao mestre, seguindo seu exemplo: “José Marques de Melo não é apenas um dos mais importantes teóricos da comunicação da história do Brasil. Ele é a pessoa a quem esse campo de estudos mais deve no país. Incentivador de talentos acadêmicos, organizador incansável de entidades, idealizador e estruturador de departamentos de jornalismo e escolas de comunicação, metódico realizador na área da bibliografia e da documentação, sem Melo não haveria estudos científicos da comunicação digno dessa denominação.”

Quero, para não me alongar mais, apenas reivindicar para Pernambuco a honra de ser a terra natal de José Marques de Melo. Alagoano/pernambucano/paulista foi como o caracterizei no início deste texto. Mas foi em Pernambuco que ele se formou, que ele conheceu Sílvia, que ele conheceu Luís Beltrão e soube de Alfredo de Carvalho. E também se encaixa perfeitamente na fala de outro pernambucano ilustre, Marcos Vilaça, presidente da ABL, que costuma dizer: “Aqui no Rio de Janeiro, as pessoas ficam dizendo que os pernambucanos têm mania de grandeza; não é verdade. Nós temos é grandeza”.

Rio de Janeiro, abril de 2010.

Prefácio

segunda edição

OSVANDO J. DE MORAIS
UNESP Bauru

Esta biografia de José Marques de Melo, em sua segunda edição, agora revista e ampliada pelo autor, Sérgio Mattos, intentou mapear e não deixar em esquecimento nenhum detalhe tanto de sua vida quanto de suas ideias. A dificuldade maior encontrada por Mattos reside, sem dúvida alguma, no fato de José Marques ser incorrigivelmente inquieto e estar sempre inovando, inventando e realizando novos projetos de publicações e pesquisa.

A trajetória de Marques de Melo é rica em realizações e é muito difícil em um espaço limitado de um livro como este conseguir abarcar não somente a riqueza de sua vida pessoal, mas também apontar elementos importantes de sua extensa obra produzida até agora por encontrar-se em plena atividade. Tal foi o desafio enfrentado por Mattos.

O propósito do autor desta biografia foi o de subsidiar pesquisadores com aspectos importantes da vida e obra de José Marques de Melo, em sua ação de marcar e demarcar e construir o pensamento comunicacional brasileiro.

Como não poderia ser diferente, a vida de Marques de Melo sói inseparável de sua obra e seu biógrafo faz neste livro não apenas uma evocação do passado, mas redescobre os objetos, os lugares, as coisas aparentemente dispersas, unindo a história do biografado à história da comunicação no Brasil. Sérgio Mattos encontra, aqui, na vida de José Marques de Melo, o valor de cada um dos elementos responsáveis pela construção do homem que ele é, do pensador que se tornou e que se faz e refaz paradoxalmente e ao mesmo tempo segue em frente com uma produção continuada.

Esta produção contribuiu e continua a contribuir na formação de novas gerações de pesquisadores, principalmente daqueles que estão aí atuantes nas mais renomadas instituições pública e privadas de ensino superior do país. Um dos grandes valores deste livro foi conseguir captar em José Marques de Melo um pensador em constante renovação. Por exemplo, não se pode falar de José Marques apenas no domínio do jornalismo, mas de um trânsito amplo dentro da área de comunicação. Saltam aos olhos suas habilidades múltiplas. Ele pensa, digere cada aspecto importante, seja como teórico ou prático, as últimas revoluções que surgiram tanto no século XX como no século XXI. Nada passa despercebido e como um radar capta e faz suas atualizações.

No dizer de Ana Arruda Callado, José Marques de Melo é um “azougue” e isso traduz a dificuldade que Sérgio Mattos teve

ao fazer esta biografia. Ele é um eterno desassossego, com uma jovialidade e fôlego renovados constantemente.

De maneira fundamental, Sérgio Mattos consciente da abundância de material, soube conduzir neste livro biográfico, como um maestro, os acontecimentos, as influências, as opções e, conseqüentemente o amadurecimento do homem, do pensador e do pesquisador José Marques de Melo. Reconhecendo, obviamente suas memórias, filias, comunidades afetivas e comunidades de destino.

Impossível não evocar Bergson para dizer que em nosso país as comunidades criadas em torno da Comunicação estão definitivamente associadas a Marques de Melo. Por isso mesmo, faz-se necessário reavaliar a importância de suas ideias produzidas que não se limitam à comunicação, mas se interceptam e convergem para as áreas afins. E este livro comprova isso. O que esta narrativa faz é encontrar o valor de cada uma de suas ideias na construção do caminho trilhado e ainda em processo, principalmente, e ainda o seu papel na verdadeira formação do pensamento comunicacional brasileiro.

Marques de Melo afirma-se aqui com suas múltiplas faces. Por exemplo: como um historiador por excelência quando assume em suas influências os grandes autores, os grandes textos que geram as grandes ideias e o mais importante é observar como organiza essas mesmas ideias, contribuindo para a construção da Comunicação como Área no Brasil. As preocupações teóricas de José Marques alimentam não somente as Universidades, o Ensino, a pesquisa e suas habilitações profissionais. Ele tem dedicado toda a sua vida a pensar de forma ampla o modo especificamente brasileiro de fazer comunicação.

É importante explicitar que o seu método e capacidade de produção, podem ser justamente aquele associado à imagem de um incansável pesquisador que nunca desiste de uma ideia, mas reformula e incorpora outras tantas com uma capacidade única de reunir pessoas e extrair de cada uma delas a capacidade máxima de produção e contribuição. Marques de Melo como autor tem sempre fôlego suficiente para com suas referências pensar a comunicação e a história da produção intelectual brasileira.

Neste livro, percebemos de maneira marcante as influências provenientes tanto da Europa quanto dos EUA. No entanto, as suas teorias estão atreladas às ideias pensadas com um sentido próprio em nossa realidade cultural e social, engendradas em território nacional, com suas matrizes centradas em nossa própria vivência cultural, conseguindo assim justificar um processo que ocorre em quase toda a América Latina. No pensamento de Marques de Melo, os problemas em nosso continente americano são idênticos, sofremos as mesmas consequências de políticas nacionais, muitas vezes obscuras, salvo alguns raros países que fizeram opções diferentes. O mais importante, acima de tudo é que suas teorias são capazes de pensar com independência o nosso tempo, as nossas idiosincrasias, nas várias maneiras de ser e viver.

Osvando J. de Moraes - UNESP Bauru

Introdução

Querer é poder

Desde o Imperador até o homem comum, o cultivo da vida pessoal é a base de tudo. É impossível que, quando o alicerce não esteja firme, ache-se firme a superestrutura. Nunca houve uma árvore de tronco fino cujos galhos fossem pesados e fortes. Há uma causa e uma consequência nas coisas, e um começo e um fim nos assuntos humanos. Conhecer a ordem de procedência é possuir o começo da sabedoria.

Lin Yutang

Considerando a pluralidade de José Marques de Melo, escrever uma biografia completa seria quase que uma missão impossível. Por isso, neste trabalho pretendemos apresentar um esboço biográfico de um homem que se destaca pela capacidade de organizar, congregar e de ser também um grande agitador cul-

tural, cuja experiência de vida e de realizador incansável serve de exemplo a todas as gerações. Apresentamos aqui as facetas mestras da personalidade marcante de um homem dentro de suas coordenadas culturais, ideológicas e políticas.

Traçar uma visão do homem numa perspectiva crítica, passando sua vida, fazendo o confronto de sua personalidade, as influências recebidas, o amadurecimento e como isso foi utilizado no jornalismo, na academia e na vida cultural, literária e política é um dos nossos objetivos. Demonstrar e justificar porque sua participação vigorosa, democrática e altruísta no campo das comunicações foi e continua sendo importante para que sua vida seja objeto não de um, mas de vários estudos é também o que pretendemos relatar neste trabalho, que não é conclusivo, pois Marques não para e continua produzindo, criando eventos, instituições como quem tem pressa de realizar e completar sua obra. Como afirmou a professora doutora Maria Cristina Gobbi, responsável por um dos livros mais completos sobre ele, *Grandes Nomes da Comunicação: José Marques de Melo*, publicado por ocasião das comemorações dos 40 anos de jornalismo, escrever ou falar “a respeito do professor Marques é sempre uma tarefa grandiosa, quer pela quantidade de atividades que ele já realizou e vem realizando, quer pelo grande número de amigos que ele tem”.

José Marques de Melo não se considera um predestinado, mas acredita que é obstinado, por ter herdado essa característica de sua avó Eufrosina Marques, de descendência holandesa. Elegeu para si um lema: “Querer é poder”, que lhe foi inspirado filosoficamente pela obra do argentino José Ingenieros, que pontificava os predicados do que seria a mediocridade no livro *O homem medíocre*. Entre inúmeros de seus pensamentos, desta-

cam-se, por exemplos: “o gênio é uma força que atua em função do meio”; “vacilar no meio do caminho, é trair o pensamento”; “a solidariedade converte em direito o que a caridade dá como favor”.

Talvez seja por isso que Marques não esmorece diante das dificuldades e sempre procura encorajar e cobrar, de seus discípulos ou colegas, tarefas dadas ou compartilhadas, demonstrando o seu espírito de liderança, de companheirismo e de despreendimento. Como diz o Prof. Dr. Adolpho Queiroz “cada minuto que se passa ao lado de Marques, é uma aventura. Ele tem sempre uma tarefa aos seus aficionados e seguidores no plano intelectual: uma resenha, um artigo, um telefonema para sondar uma instituição para um congresso, um simpósio, ou mais ainda para aparar arestas” (QUEIROZ, 2003). Outro que destaca suas qualidades de liderança é o doutor e jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva quando afirma que “José Marques de Melo é um agitador cultural exemplar. Generoso, incansável, obsessivo na perseguição as suas metas, ele estimulou – de Norte a Sul – centenas de discípulos e com eles criou e manteve dezenas de projetos e instituições, sem as quais o conhecimento sobre o jornalismo no Brasil estaria ainda engatinhando. Realista, Melo limita as ambições acadêmicas de seus pupilos para que elas possam ser realizadas e, metódico, exige que sejam concluídas” (LINS DA SILVA, 2003).

Por sua vez, José Carlos Stollmeier, que defendeu tese, na Itália, sobre José Marques de Melo, afirma que Marques é pioneiro nos estudos do fenômeno da comunicação e uma referência na pedagogia do ensino da comunicação no Brasil (STOLLMEIER,

1995).¹ Ainda sobre o pioneirismo de Marques, Juçara Brittes, que tem estudado e escrito sobre ele, acrescenta, afirmando que a Marques “deve-se creditar o mérito de iniciar estudos e estimular pesquisas em grupos de alunos graduandos ou pós-graduandos, no cumprimento de um papel que se autoatribuiu ao seguir a carreira de professor – o de formar novas gerações de pesquisadores sem criar escolas” (BRITTES, 1996). Segundo a também doutora Cicília Peruzzo (2003), José Marques de Melo tem uma mente visionária e com uma atitude prospectiva “incentivou (e continua incentivando) a conformação de atividades e intercâmbios, defendeu (e continua defendendo) o pluralismo, zelou (e continua zelando) para que haja uma inovação constante no modo de ser institucional da INTERCOM [Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação]”.

Fazendo uma análise da contribuição de José Marques de Melo, a professora doutora Maria do Socorro Nóbrega afirma:

Quem examina atentamente os dados da formação e do crescimento intelectual de José Marques de Melo, numa leitura da vida como acontecimento, verá que ele, em sua conduta, adotou o critério segundo o qual nós nunca fazemos o suficiente por mais que façamos, e por isso é preciso fazer cada vez mais. Fazer o melhor e

1. Padre José Carlos Stollmeier, já falecido, dedicou sua tese de mestrado ao trabalho de José Marques de Melo no âmbito da comunicação católica. Apresentado originalmente à Universidade Salesiana de Roma, o estudo dele foi, depois, convertido em comunicação científica debatido pelo autor durante o XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na cidade de Londrina, em 1996.

compartilhar. A partir do lugar e do tempo que ele ocupa, esse seu traço social distintivo apresenta-se no curso dos anos como ênfase na ação, no movimento, na energia e na performance (NÓBREGA, 2002).

Corroborando na síntese feita por Maria do Socorro Nóbrega acima, o Dr. Sebastião Squirra dá um depoimento pessoal sobre essa conduta de José Marques de Melo:

Visionário e incansável lutou insistentemente para que o padrão da qualidade do ensino de jornalismo (e de outros segmentos da comunicação) fosse ampliado, almejando guindá-lo àqueles internacionais. Sua independência, força argumentativa e extraordinária memória o destacam em todos os cenários, onde sua visão aguçada e a fina percepção dos processos o projetaram o tempo todo. Pessoalmente, fui salvo pela sua compreensão e generosidade quando estava sendo, injustamente, desligado da Pós-Graduação da ECA/USP em meados dos anos 1980. Como é do seu caráter, após estender a mão, apresentou uma única condição: terminar o mestrado em três meses! Desafio superado, recebi o convite para ser seu orientando no doutorado, pois eu já era docente da ECA e ele um dos mais dinâmicos chefes do Departamento de Jornalismo da história da instituição (SQUIRRA, depoimento ao autor, 2010).

Meu primeiro contato com José Marques de Melo foi por meio de seus livros, principalmente, *Estudos de Jornalismo Comparado*, obra de referência fundamental para a disciplina “Co-

municação Comparada” que eu ministrava no curso de Jornalismo da UFBA, nas décadas de 1970 e 1980 do século passado. Posteriormente, quando fui realizar estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, mantive uma correspondência regular com ele, trocando ideias e considerando suas observações sobre os temas nos quais eu estava trabalhando para as teses de mestrado e doutorado na Universidade do Texas, em Austin, sob as orientações de Jorge Reina Schment e de Emile McAnany respectivamente. Na oportunidade ele me enviou livros, artigos e informações que foram de grande importância para fundamentar minha tese de doutorado. Além de subsidiar com informações e se colocar à disposição para ajudar, ele também não deixou de solicitar colaboração para o então *Cadernos Intercom*, embrião da hoje *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, que seria dedicado ao tema: “Televisão & Poder”. Atendi a solicitação remetendo um ensaio sobre o impacto do Golpe de 1964 no desenvolvimento da televisão brasileira, baseado em tese de mestrado.

Já àquela época José Marques de Melo mantinha contatos com pesquisadores internacionais que atuavam na área de comunicação e me facilitou inclusive o acesso a alguns desses. Não recordo quais os que foram por ele indicado, mas lembro de ter mantido correspondência regular com os pesquisadores norte-americanos (Everett Rogers, Joe Straubhaar, Steven J. Klees, Robert White e Herbert Schiller), latino-americanos (Juan Gargurevich, José Martínez Terrero, Ramiro Beltrán, Noreene Janus, Elizabeth Fox, Rafael Roncagliolo, Juan Diaz Bordenave, Fred Fejes, Jorge A. Schnitman) e os brasileiros Luiz Gonzaga Motta (quando ainda no CIESPAL), Roberto Amaral, Salomão

Amorim, Luis Beltrão e muitos outros.

Só conheci o José Marques de Melo pessoalmente no ano de 1982, quando, como recém-doutor retornando ao Brasil, fui convidado para participar do 5º Congresso da INTERCOM e desde então me associei à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, cuja criação foi liderada por ele no ano de 1977.

Ao longo deste período, aprendi a admirar não apenas o acadêmico, mas principalmente sua capacidade de liderança, de aglutinar e dividir responsabilidades com seus colaboradores, além de sua sagacidade em perceber oportunidades e transformá-las em realizações. Tive a oportunidade de ter sido escolhido por ele para participar do projeto binacional entre países latino-americanos, intitulado “Estudo Comparativo dos Sistemas de Comunicação Social no Brasil e no México”, do qual participaram pesquisadores brasileiros e mexicanos. O projeto idealizado pelo professor José Marques de Melo foi promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e pelo Consejo Nacional para la Enseñanza Y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación (CONEICC/México). Este projeto contou com o apoio do CNPq (Brasil) e CONACYT (México) e tinha o objetivo de buscar uma compreensão global de cada um dos subsistemas de comunicação social dos dois países: Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema, Culturas Populares, Comunicação emergente, Informatização e Inovações Tecnológicas, Ensino de Comunicação e Políticas de Comunicação.

Para a realização do projeto foram designados um pesquisador brasileiro e outro mexicano para realizar o estudo de cada

subsistema. Depois do levantamento global realizado em cada país, os pesquisadores, atuando aos pares, realizaram a análise comparativa de cada subsistema, considerando-se suas diferenças e semelhanças dentro dos respectivos contextos, sócio-econômico, político e cultural. Como resultado de minha participação, meu texto transformou-se no livro intitulado *Um Perfil da TV brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*, que foi também publicado em espanhol, no México.

Durante dois anos, dez pesquisadores brasileiros e dez mexicanos trabalharam em pares. Dois grandes encontros reuniram os pesquisadores dos dois países que estavam envolvidos no projeto. O primeiro encontro foi realizado em São Paulo/Brasil e o segundo em Guadalajara/ México. Foi a partir daí que surgiu a ideia dos Colóquios Binacionais que são realizados todos os anos durante os Congressos da INTERCOM.

Com a realização desse projeto, José Marques de Melo intensificou o papel que vinha desempenhando de abrir novos caminhos na América Latina, Europa e Estados Unidos e que ainda hoje considera como uma de suas metas. Ele já vinha rompendo com o isolamento acadêmico do Brasil desde a década de 1970, convidando expoentes da área para participar de seminários e dos Congressos da INTERCOM nos quais se discutiam as problemáticas da comunicação social e das mídias. Observe-se que foi durante o encontro de pesquisadores do projeto Brasil-México, em São Paulo, que José Marques de Melo assumiu a presidência da Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação (ALAIIC), em 1989, aproveitando a oportunidade em que estava reunido um grupo representativo de pesquisadores que apoiaram a decisão de se resgatar a instituição que

não estava, na época, em plena operação. A partir daí a ALAIC retornou com toda a força.

Para produzir esta biografia tivemos que ler as obras do biografado, as entrevistas que ele concedeu e os depoimentos e livros que foram publicados sobre ele. Além disso, realizamos uma série de entrevistas com ele mesmo, sua família, amigos e não-seguidores. Isso porque para compreender a vida de Zé Marques, como todos o tratam, não basta conhecer a sucessão dos acontecimentos, é necessário fazer a ligação dos fatos entre si e como estes se uniram ao biografado. A partir daí, o nosso trabalho foi o de encaixar sua história de vida de modo linear, buscando a coerência e demonstrar como os acontecimentos, de toda ordem e natureza, contribuíram para transformar este líder das comunicações no homem que ele hoje é. Foi preciso contextualizar, entender as estruturas e os ambientes nos quais ele viveu e sofreu influências

Em 1986, em depoimento concedido a Eliane Moury Fernandes para o “Projeto Nordeste-1964”, Zé Marques confessou: “Eu me considero uma pessoa de esquerda, com empatia muito grande em relação às reivindicações das classes trabalhadoras e simpatia pelo ideário socialista. Como cristão, deposito esperança no Brasil de hoje. Temos que acreditar nesse processo de transformação e fazê-lo avançar”. Em outra entrevista, concedida a Vera Rodrigues, no ano de 2003, Zé Marques se definiu da seguinte maneira:

Eu sou uma pessoa otimista, que não guarda rancores, nem coloca mágoas na geladeira. Assim sendo, contabilizo aqueles momentos de constrangimento na conta do passado. Espero que eles não voltem a se repetir, sob

qualquer signo ideológico. O Brasil tem experimentado um rico período de fortalecimento democrático do qual venho participando com entusiasmo e esperança. Assim sendo, o que passou, passou. As lições de outrora não podem ser esquecidas. Mas não devem funcionar como freio de mão capaz de impedir avanços e conquistas. Se eu tive perdas, também tive ganhos. Viver é lutar. A boa luta está justamente na edificação de utopias.

Como diz o Prof. Dr. Sebastião Squirra, uma das facetas de Zé Marques “é a de ser um amigo fiel quando das dificuldades da vida, na morte, nas doenças ou nas decepções, onde sempre leva uma palavra confortante, um abraço revigorante. [...] Minhas lembranças de convivência de três décadas com Zé Marques vão do espelhamento na segurança dos modelos administrativos às sólidas orientações acadêmicas, ao prazer da descontração social que partilham os verdadeiros amigos. São valores que moldaram muitos procedimentos que perduram em minha vida pessoal e profissional e permanecem indelévels por toda uma existência” (Depoimento ao autor em 2010).

Neste perfil, como em outros já traçados, ele também é apresentado como o jornalista, o professor, o acadêmico, o realizador, o agitador cultural e criador de instituições da área de comunicação. Porém, acrescentamos e consideramos, como fundamentais, suas origens, sua família, seu habitat, seus problemas pessoais, suas vitórias e derrotas. Destacamos e consideramos também outros aspectos, descrevendo como sua personalidade, seu determinismo e seus ideais foram construídos e como tudo isto contribuiu para a formação do homem no qual José Marques de Melo se transformou.

De certa forma ele foi beneficiado, no plano religioso, pela formação ecumênica que teve. A família de sua mãe sempre foi católica praticante e ele foi educado em colégios protestantes. Por outro lado, seu pai era agnóstico e frequentava a maçonaria. Por isso, justifica Zé Marques: “Me acostumei a sempre ouvir os dois lados e ter autodeterminação intelectual. Fui mais influenciado pelos argumentos de autoridade do que pela proximidade”. O ato de ter se acostumado a ouvir sempre aos dois lados tem tudo a ver com a prática do jornalismo ético, de ouvir todos os lados e buscar sempre a verdade e de estar o mais próximo possível dela. Sua formação e orientação familiar acabaram conduzindo-o para a escolha de uma profissão humanística, de grande importância para a valorização da cidadania, e na qual ele continua se destacando: o jornalismo, o ensino do jornalismo e o estudo das comunicações como um todo.

Considerando que o homem é fruto das circunstâncias em que vive, só conhecendo como se deu a formação da família dele, como foi a criação dele, o ambiente que frequentou, onde e com quem ele estudou, o que ele leu e com quem ele trabalhou e quem o influenciou, poderemos entender melhor este líder da comunicação brasileira, este verdadeiro guerreiro midiático, que não se considera irrequieto, mas um homem superativo: “faço várias coisas ao mesmo tempo, mas concluo todas. Dizem que os geminianos são assim mesmo”.

Neste livro pretendemos apresentar o perfil existencial de Zé Marques em perfeita sintonia com a herança cultural, educacional e social por ele assimilada ao longo dos anos. Pretendemos apresentar estes ângulos, contextualizando a história de vida, a fim de que possamos entender melhor a Zé Marques e as suas

ações pioneiras, pois ele nunca se preocupou com os que o combatem, deplorando tanto os que têm dor de cotovelo quanto os que são bajuladores: “aprendi a seguir meu caminho, fazendo o que me parece correto. Sou conciliador e procuro agir com generosidade, mas procedo com altivez. O que não admito é traição e mau caratismo”.

Sérgio Mattos

Jornalista diplomado,
professor e doutor em Comunicação
Salvador, Outono de 2010

1. Origens familiares

Quando se trata de julgar a vida, as ações, os escritos de um homem célebre [se deve] começar por examinar a época que precedeu o seu aparecimento, [levando em conta também] a sociedade que o recebeu em seu seio, [constituindo isso o que chamou] a grande cena onde a personagem deve desempenhar o seu papel.

Saint-Beuve

A origem familiar de José Marques de Melo está ligada a empreendedores como o sertanista luso-brasileiro Martinho Rodrigues Gaia, fundador da cidade de Santana do Ipanema, pelo lado paterno, e pelo lado materno, a Gaspar Van Der Leiden, pecuarista de tradicional família holandesa que chegou ao Brasil no século XVII, durante a ocupação holandesa.

Seu pai, Leuzinger Alves de Melo, que nasceu no dia 31 de agosto de 1909, é descendente de Martinho Rodrigues Gaia que, em meados do século XVIII, estabeleceu-se em território antes ocupado pela tribo indígena Fulni-ô¹, transformando-se em um grande criador de gado. Casando-se com Ana Tereza, na cidade de Penedo, teve muitos filhos. Um deles, Emerêncio Rodrigues Gaia casou-se com Maria Luiza Rodrigues, tendo vários filhos, dentre eles Emerêncio Filho, pai de Manoel Firmo, que se casou com Maria José Rodrigues, de cujo enlace nasceu Jorge Firmo de Melo, avô paterno de José Marques de Melo. Jorge casou-se com Cristina Alves, que são os pais de Leuzinger Alves de Melo, que se casou com Iveta Wanderley [corruptela de Van Der Leiden] Marques,² que tiveram seis filhos. Dois deles, Elza e José, morreram ainda na primeira infância e antes do nascimento de Zé Marques. Os quatro sobreviventes são: Zé Marques (15/06/1943), Maria José (08/02/1945), Jorge (29/02/1946) e Elza (15/03/1949).

1. Os índios da tribo Fulni-ô eram conhecidos, antigamente, como *Carijó* ou *Carnijó* e não se conhece o tempo da sua existência. A origem do nome Fulni-ô é muito antiga. Significa “povo da beira do rio” e está relacionada com o rio Fulni-ô que corre ao longo da aldeia de Águas Belas. **Fonte:** GASPAR, Lúcia. *Índios Fulni-ô*. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>.
2. O casal Leuzinger Alves de Melo e Iveta Marques de Melo tiveram seis filhos, dez netos e nove bisnetos: José Marques de Melo, casado com Maria Silvia Briseno, pais da neta Silvana (mãe do bisneto Arthur) e do neto Marcelo (pai dos bisnetos Gabriel e Beatriz); Maria José Marques de Melo, solteira; Jorge Marques de Melo, pai da neta Fabrícia (mãe dos bisnetos Maikel e Eveline) e do neto Jorge (pai de dois bisnetos) e do neto Carlos (pai de outro bisneto); Elza Marques de Melo, mãe dos netos Elder, Eric e Elton (pai da bisneta Helena).

A mãe de Zé Marques, Iveta Marques de Melo, nasceu na vila de Poço das Trincheiras,³ no dia 26 de junho de 1910 de acordo com registro do Cartório de Santana do Ipanema,⁴ é descendente de tradicional família de origem holandesa, cujos ancestrais chegaram ao Brasil no século XVII durante a ocupação batava e que resolveram permanecer no país depois da expulsão de Maurício de Nassau do território pernambucano. Na época, Alagoas ainda pertencia à Província de Pernambuco, tendo Gaspar Van Der Leiden procurado asilo no Vale do São Francisco, onde se aculturou e casou com uma herdeira rural. No século XVIII, dois dos seus descendentes navegaram em direção ao Médio São Francisco com o objetivo de conquistar terras devolutas no sertão alagoano. Negociaram com os índios Fulni-ô e acabaram por se fixar às margens do Rio Ipanema, na localidade Poço das Trincheiras.

Desde a chegada deles ao sertão alagoano que os Wanderley (descendentes de Gaspar Van Der Leiden) viveram em conflito

3. A Vila de Poço das Trincheiras era então um dos distritos de Santana do Ipanema.
4. De acordo com José Marques de Melo a data de nascimento de sua mãe está equivocada. “Ela nasceu no dia 29 de junho, data em que sempre comemorou (dia de São Pedro). Talvez o cochilo do tabelião tenha se dado quando Eufrosina se mudou de Poço das Trincheiras para Santana do Ipanema e compareceu ao Cartório, alterando as certidões de nascimento de todos os filhos, retirando o sobrenome Wanderley e colocando apenas Marques, herdado de José Ceciliano dos Santos Marques. Zé Marques acredita que “talvez tenha sido nessa operação que o Cartório de Santana do Ipanema pôs 26 (e não 29) de junho no aniversário de minha mãe Iveta”.

com a família dos Moraes, que dominavam o território limítrofe entre as aldeias Fulniô e Xucuru. Os Wanderley quase foram dizimados pelos Moraes, mas os sobreviventes aprenderam a viver de acordo com a lei do sertão e após empreenderem uma verdadeira carnificina que derrotou os Moraes, se estabeleceram definitivamente, assumindo completo controle sobre o território limítrofe entre a aldeia Fulni-ô e o Quilombo Jorge⁵, no município de Poço das Trincheiras. Segundo Zé Marques, a história da família de sua avó materna carece de maiores registros e os dados que existem “são escassos e confusos”. Sobre sua avó materna, Zé Marques conta:

Eufrosina foi uma das primeiras descendentes dos Wanderley a romper o costume dos casamentos consanguíneos. Apesar de prometida a um primo, enamorou-se de um oficial da Polícia de Pernambuco, José Ceciliano dos Santos Marques, originário de família radicada na cidade de Canhotinho. Sem obter o consentimento dos pais da noiva, José Ceciliano “roubou” Eufrosina e a levou para Águas Belas, onde foi acolhido por um ramo da família Wanderley ali residente. Casou-se com José Ceciliano,

5. O Povoado Jorge foi reconhecido como uma das comunidades quilombolas de Alagoas, no município de Poço das Trincheiras de acordo com o registro no Livro Geral nº 2, registrado sob o nº 147, fl.52 em 02/03/2005. O reconhecimento e registro foi publicado no Diário Oficial da União do dia 08/06/2005, seção 1, nº 108, folhas 15 e 16. Jorge teria sido um dos remanescentes fugidos dos Palmares como também poderia ter sido um negro alforriado. O Povoado Jorge (Tapera do Jorge) surgiu no ano de 1771, de acordo com documentos localizados por pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

que exercia a advocacia na região, vindo o casal a ser posteriormente abençoado pelo clã do Poço das Trincheiras, onde meu avô foi agraciado com a titularidade do Cartório Civil. Tiveram inúmeros filhos,⁶ mas a relação do meu avô materno com a família da esposa nunca foi confortável, havendo indícios de que o motivo era o preconceito racial, por se tratar de pessoa amorenada. Essa suspeita encontra respaldo no fato de que a Família Marques conservou fotografias de todos os seus componentes, menos de José Ceciliano. Mas, o desfecho se deu com a sua morte repentina, tomando a viúva Eufrosina a decisão firme de abandonar Poço das Trincheiras, na companhia de 12 filhos adolescentes, mudando-se para Santana do Ipanema, onde recomeçou do zero a vida familiar (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2009).

Ao chegar a Santana do Ipanema, a viúva Eufrosina Marques, demonstrando determinação, dirigiu-se ao Cartório da cidade onde além de renunciar ao sobrenome Wanderley, obteve novos registros civis para ela e seus 12 filhos. “Meu avô José Ceciliano era tabelião. Todos os filhos do casal José-Eufrosina tinham sido registrados com o sobrenome Wanderley Marques. Quando meu avô morreu, em circunstâncias misteriosas para seus descendentes, pois a família sempre ocultou esse episódio doloroso, minha avó responsabilizou sua parentela pelo infarto

6. São filhos de Eufrosina Wanderley Marques e de José Ceciliano dos Santos Marques: Joel, Ceciliano, Abdon, Clovis, Manoel, Iveta (mãe de Zé Marques), Marieta, Judite, Landelina, Carmelita e Marina, além de Celso, irmão de criação.

que vitimou o marido”. E assim, Eufrosina adotou apenas o sobrenome Marques, além de instituir a partir de então um culto à memória do marido, contando para tal com o compromisso de todos os filhos de que o primeiro filho homem de cada ramo dos Marques seria batizado como José.

Eu me chamo José Marques de Melo em obediência a essa norma consuetudinária estabelecida por D. Eufrosina Marques. Meus primos José são filhos de Joel (José Nepomuceno Marques), de Clovis (José Ceciliano Costa Lima Marques), de Abdon (José Abdon Malta Marques), de Manoel (José Gentil Malta Marques). O único que não gerou filhos homens foi meu tio Ceciliano que fez questão de batizar a primeira filha com o nome de Maria José. Só tia Judith não teve filhos, mas adotou uma criança e deu nome de José Clovis. Durante muitos anos, nenhum membro do *clã* teve permissão para visitar os parentes em Poço das Trincheiras. As ligações afetivas de minha avó eram mais cálidas com as comadres negras, quilombolas do Jorge, que a serviam com a altivez dos trabalhadores livres, e sempre gélidas com os “galegos” da sua família, que ela considerava escravizados pelas tradições batavas, mas insistiam em visitá-la furtivamente, escapando à vigilância dos patriarcas. Por tudo isso pouco sabemos sobre os nossos ascendentes holandeses. Mas, o *clã* Marques é muito orgulhoso da sua origem, proclamando como matrizes o casal José Ceciliano e Eufrosina (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2009).

Em Santana do Ipanema, a corajosa e altiva Eufrosina foi acolhida por parentes e amigos. Ela recomeçou a vida colocando os

filhos mais velhos para trabalhar no comércio local e ao mesmo tempo, com uma visão empreendedora montou uma fábrica de fundo de quintal, produzindo doces e salgados que os filhos menores vendiam de casa em casa. Montou ainda um artesanato de rendas de bilro e uma oficina de corte e costura, na qual ocupava também as filhas mulheres. Com esses empreendimentos conseguiu manter e educar os filhos.

Em síntese, os avós paternos de Zé Marques foram: Jorge Firmo de Melo e Cristina Alves de Melo. Os avós maternos foram: José Ceciliano dos Santos Marques e Eufrosina Marques. Eles mantinham atividades distintas. Enquanto Jorge trabalhava no ramo de panificação, sendo proprietário da padaria da cidade, José além de exercer a advocacia era titular do Cartório de Poço das Trincheiras. Suas avós desempenhavam atividades domésticas, mas ao ficarem viúvas passaram a prestar serviços para fora. Cristina era costureira, especializada em camisas masculinas, enquanto Eufrosina produzia renda de bilro no estilo batavo, herança de seus ancestrais.

As relações com a família paterna não eram tão próximas como as mantidas com a família materna. Exatamente por isso as lembranças de Zé Marques sobre os avós paternos dele são vagas: “lembro que éramos levados a pedir a benção a avó Cristina e as tias solteiras que lá viviam, em ocasiões especiais, entre elas o Natal”. Mesmo assim ele guarda a lembrança de que sua avó Cristina tinha um temperamento rígido e também muita determinação, pois não hesitou em mudar-se para São Paulo sem nunca antes ter saído de Santana do Ipanema, para tomar conta de uma fazenda de sua filha Edith, que não tinha herdeiros.

A tia Edith tinha ido para São Paulo ainda jovem vindo a casar-se com um conterrâneo, possivelmente um primo, devido ao sobrenome comum: “tio Melo”, como era identificado na família. Os tios de Zé Marques, Melo e Edith, eram proprietários de uma fazenda no Vale da Ribeira. Eram considerados os ricos da família e por isso conseguiam atrair irmãos e parentes para viver com eles em São Paulo: “Meu pai, minha mãe e minha irmã Elza [José morreu antes de Elza que morreu vítima de uma epidemia de crupe com cinco anos de idade. Os dois morreram antes do nascimento de Zé Marques] chegaram a morar em Santos. Mas não se deram bem com o clima e retornaram”. Tudo indica que ao retornarem de São Paulo, dona Iveta não quis voltar a viver com a sogra, preferindo acompanhar Leuzinger a Palmeira dos Índios.

A decisão de dona Cristina em ir para São Paulo é relatada por Zé Marques da seguinte forma:

Depois da morte de tio Melo, tia Edith assumiu a administração da fazenda. Ela era produtora e exportadora de bananas. Eles não tiveram filhos, mas viviam em companhia da minha tia paterna mais jovem, tia Zenilde. Com a morte de tia Edith, minha avó foi acionada por tia Zenilde para vir assumir a propriedade. Vó Cristina, que nunca havia saído de Alagoas, não vacilou. Isso deve ter acontecido no início dos anos 60. Levou em sua companhia a filha Helena, que a ajudou a gerenciar o negócio. Dia Helena casou com um paulista da região e minha avó deixou em suas mãos e nas das tias Zenilde e Cleonice e tio Clemilton, que lá viviam desde jovens, a administração da fazenda. Retornando a Santana, vivendo algum tempo na casa dos meus pais e na

casa de tio Aloísio, mas sua convivência com as noras não era muito tranquila. Finalmente optou por viver em Maceió, na casa de tia Betinha. Faleceu pouco depois (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Seu Leuzinger, pai de Zé Marques, era uma espécie de arri-
mo de família, pois a todos acolhia e dava teto. Ele acolheu a sua Mãe, quando ela retornou de São Paulo, e também a sua avó, Maria José Rodrigues Firmo, mãe de seu pai, Jorge, que morreu muito jovem. Dona Maria José, bisavó de Zé Marques, por exemplo, viveu numa casa vizinha à dele e que foi construída por Leuzinger especificamente para abrigá-la, depois da morte de Seu Hermídio, tio-avô de Zé Marques, com quem vivia, em companhia de uma filha solteira, Nenen, que estava sempre viajando entre Santana do Ipanema e Aparecida do Norte, onde residia um de seus irmãos, Augusto. Seu Hermídio foi o maior restaurador de santos do sertão alagoano. De sua bisavó paterna Maria José Rodrigues Firmo, Zé Marques guarda uma lembrança: “Vovó Maria José morreu velhinha, mas lúcida, aos 106 anos de idade, sempre lamentando o fim da escravidão, pois as criadas daquela não eram tão expeditas quanto às amas que a serviam antes da Princesa Isabel assinar a Lei Áurea”.

Na juventude, seu Leuzinger, que era um boêmio inveterado, encontrou dificuldades junto à futura sogra. Dona Eufrosina, não aprovava a sua conduta e era contra o casamento dele com Iveta, não lhe dando permissão nem para noivar, o que motivou o ‘roubo’ da mãe de Zé Marques, alcovitada pelo irmão mais velho dela, Joel, que a abrigou e providenciou o casamento. Sobre o episódio, em artigo publicado na imprensa alagoana, Zé Marques registrou:

Tal mãe, tal filha. A trajetória de Iveta Marques de Melo espelhou em grande estilo o itinerário percorrido pela genitora. Voluntariosa, determinada e persistente, como a mãe Eufrosina, ela enfrentou a autoridade materna, na etapa matrimonial.

Mesmo pertencente ao clã dos fundadores de Santana do Ipanema e sendo herdeiro de Jorge Firmo de Melo, o principal panificador da cidade, seu noivo, Leuzinger Alves de Melo, recebeu um não peremptório, ao pedi-la em casamento. Dona Eufrosina reprovava seu estilo de vida boêmia. E não houve quem a convencesse a mudar de opinião. Isso talvez explique porque quatro de suas filhas permaneceram solteiras convictas.

Sem opção, Leuzinger “roubou” Iveta, contando com a cumplicidade do prefeito da cidade, seu futuro cunhado Joel Marques e de sua esposa Mariquinha Nepomuceno. Contrariando a matriarca de sangue holandês, eles acolheram a nubente na fazenda Coqueiros, onde residiam, apadrinhando-a na subida ao altar da matriz de Senhora Santana.

A matriarca da família, que também já tinha passado pela experiência, pois havia fugido com José Ceciliano, só cedeu quando Leuzinger renunciou à vida boêmia.

Na verdade, “o casamento de minha mãe com meu pai, em 1935, foi feito à revelia de D. Eufrosina, porém abençoado pelo seu filho mais velho – Joel – que naquela conjuntura fora eleito prefeito de Santana do Ipanema”. Leuzinger e Iveta se casaram

no dia 25 de agosto de 1935 conforme registro no Cartório Civil de Santana do Ipanema, ou seja, seis dias antes dele completar 26 anos e cerca de dois meses antes dela completar 25 anos, deixando assim transparecer que os dois comemoraram o 26º aniversário de Leuzinger durante a lua de mel. Depois, Leuzinger e Eufrosina fizeram as pazes. Tudo indica que o nascimento de Zé Marques contribuiu para consolidar e devolver o clima de paz à família, pois dona Eufrosina idolatrava os netos mais velhos, todos José, em homenagem ao marido, com quem ela também havia se casado contra a vontade do clã Wanderley.

Sobre o pai, Zé Marques traça o seguinte perfil:

Meu avô Jorge era proprietário de uma próspera padaria na cidade e parece que criou os filhos *a la volonté*. Meu pai possuía grande habilidade como artífice mecânico-eletricista. Sua grande paixão sempre foram os automóveis. Um dos primeiros santanenses a ser *chauffeur* e a ter carro de praça. Ele adorava viajar, mas teve o azar de perder uma vista em acidente automobilístico e ficou inabilitado para dirigir profissionalmente. Gerenciou durante alguns anos uma empresa de transporte estadual, supervisionando a linha Palmeira dos Índios-Delmiro Gouveia, mas na verdade exercendo seu próprio negócio como intermediário entre os produtores rurais e os revendedores urbanos. Mamãe sempre foi muito discreta e evitava tratar desses temas com os filhos. Pelo que deduzi, o acidente que custou uma vista a papai o obrigou a desfazer-se do automóvel que possuía. Em seguida, a irmã e o cunhado o atraíram para São Paulo, mas ele ficou pouco tempo. No retorno a Alagoas, associou-se a

um empresário, Antonio Augusto, e trabalhou duro para fazer o seu patrimônio. Construiu o casarão em que nos criamos e investiu em imóveis. Construiu casas nos bairros emergentes da cidade e as alugava aos adventícios que chegavam para trabalhar nos bancos e outros serviços públicos. Como ele era bem informado, sobretudo pelas notícias da Rádio Nacional, ficou apavorado com a Lei do Inquilinato que favorecia os inquilinos e manietava os proprietários. Imediatamente, ele tomou a iniciativa de convidar os inquilinos para propor a venda dos imóveis. Organizou um plano de financiamento e com o capital acumulado ele instalou o hotel. Essa foi a sua fonte de renda até o final da vida. Na verdade, o hotel se transformou numa válvula de escape para compensar a permanência em Santana. Seu Leuzinger só viajava esporadicamente (ia ao Recife ou São Paulo para fazer abastecimento), mas hospedava viajantes de todas as praças, com os quais se mantinha informado do mundo lá fora. Quando fundou o Hotel Avenida [em Santana do Ipanema] ele passou a ser uma espécie de *gatekeeper*, recebendo informações dos seus hóspedes e filtrando-as para a comunidade. Nos fins de tarde, o terraço do hotel se convertia em autêntico senadinho. Ele reunia os amigos prediletos e, então, repassava as novidades.

Zé Marques conta que seu pai era muito extrovertido: “o humor de papai era quase irônico, mas algumas vezes corrosivo. Ele era fã do programa *Balança, mas não cai*, da Rádio Nacional, assimilando também o humor ingênuo”. Leuzinger mantinha um círculo de amizades muito grande, “mas não era político. Sua participação política era sazonal, geralmente em tempo de elei-

ções. Nunca foi candidato a nenhum posto eletivo, mas era um influente líder de opinião, justamente por ser bem informado – leitor de jornal, radiouvinte e, sobretudo, um homem viajado”.

Zé Marques diz que sempre manteve um bom relacionamento com o pai, dentro dos padrões sertanejos, ou seja, as crianças eram afastadas dos problemas dos adultos: “criança, naquela época, não tinha direito a tomar iniciativas. Eram peças de um tabuleiro movido pelos adultos”. Dona Iveta era muito reservada e não contava piadas, “mas se divertia, ocasionalmente, tirando um sarro das irmãs e cunhadas solteironas. Acho que herdei as duas vertentes [o humor do pai e o da mãe]. E quanto mais se passam os anos, aprendi a flautear, tirando um sarro de situações inusitadas”. Falando sobre sua mãe, ele traça o seguinte perfil de dona Iveta:

Mamãe era a autoridade doméstica. Mandava e desmandava na casa. Tinha muitos empregados e administrava com bonomia. Minha mãe sempre foi uma mulher determinada, procurando complementar os ganhos do marido, mantendo em casa uma fábrica de fundo de quintal [seguindo o exemplo da mãe Eufrosina], onde produzia doces caseiros – ela alternava caju no verão e goiaba no inverno. Para tanto, mantinha uma equipe de trabalhadoras, que ela treinava para tratar as frutas, processá-las e empacotá-las. Muito caridosa, minha mãe convenceu meu pai a construir casinhas no terreno de trás da nossa casa, onde abrigava suas colaboradoras em situação de viuvez ou abandono do lar pelos seus maridos. Além disso, ela era benemérita da Casa São Vicente, que acolhe velhinhos desamparados. Durante

muitos anos, e até sua morte, doava o jantar dos velhinhos santanenses. Preparava na sua cozinha e mandava os empregados levar em panelões para o abrigo. Os velhinhos esperavam com avidez a chegada da ‘sopa de dona Iveta’. Hoje minha prima Maria Elza ocupa o lugar da tia, cuidando dos velhos (Marques de Melo, depoimento ao autor, 2010).

Em artigo sobre a economia auto-sustentada no espaço sertanejo, no qual destaca o protagonismo feminino de sua avó e de sua mãe, Zé Marque complementa o depoimento acima, acrescentando:

Inicialmente, Dona Iveta montou uma unidade à parte, visando abastecer o restaurante do hotel [que seu marido havia construído]. Numa estação, fabricava doces de goiaba em barra e na outra, caju ameixados. Logo os hóspedes começaram a pedir que ela vendesse caixas ou pacotes extras para presentear amigos e parentes. Garantindo o abastecimento do Hotel Avenida e simultaneamente atendendo clientes externos, o elasticamento do volume da produção tornou-se inevitável. A demanda cresceu de tal modo que Dona Iveta ampliou sua estrutura produtiva, contratando mais ajudantes e duplicando as encomendas aos fornecedores. Houve momentos em que empregava 20 a 30 trabalhadores temporários na fábrica de doces. Também passou a negociar previamente com os plantadores de frutas, antecipando as compras, ou seja, fechando negócios mo plantio para entrega na colheita. Ela se realizava inteiramente nessa atividade, independente do marido, pois

não visava lucro para ser reinvestido. O capital amealhado ela aplicava seletivamente em doações à família, dando preferência aos filhos e netos, mas fazendo caridade às pessoas necessitadas que ela subsidiava em situações dramáticas: viúvas, órfãos, acidentados e fracassados”.

Zé Marques lembra ainda do empreendedorismo de sua mãe na área do turismo, pois ela organizava passeios recreativos, promovendo excursões a pontos turísticos do Nordeste, sendo a Cachoeira de Paulo Afonso, na Bahia, e Juazeiro do Padre Cícero, no Ceará, os destinos prediletos dela. E dessa forma Zé Marques acredita que a mãe dele foi uma desbravadora do turismo rural e do turismo religioso apesar de não procurar auferir lucros com essa atividade, pois rateava todas as despesas entre os participantes, enquanto ela assumia o trabalho de coordenar e planejar as viagens.

Independente das viagens que promovia, Dona Iveta mantinha em casa uma rígida disciplina de acordo com a pedagogia da chibata. A mãe dele não perdoava a indisciplina e costumava castigar com mão de ferro, enquanto o pai muito raramente exercia o poder de coerção. Leuzinger e Iveta, entretanto, mantinham a tradição de que todos deveriam estar juntos durante as refeições: “comíamos todos juntos, numa mesa comprida, sempre disponível para acolher visitantes inesperados”. Apesar de mantê-los com rédeas curtas, dona Iveta era sensível aos caprichos dos filhos, satisfazendo todos os seus gostos:

Mamãe só transigia no respeito às preferências alimentares dos filhos. Como tinha muitas empregadas,

consentia, por exemplo, que os ovos fossem fritos de acordo com o gosto de cada filho: um queria gema mole, o outro, clara dura. Um queria mexido, outro virado etc. A única proibição era a de comer carne na sexta-feira ou na Semana Santa. Como eu não comia peixe ou bacalhau, me contentava em comer [nesses dias] omelete com farinha de mandioca. Papai era ausente da rotina doméstica, deixava tudo sob a responsabilidade da minha mãe. Não dava muita abertura para o diálogo com os filhos. Mas era cioso da sua educação. Tanto assim que custeou colégios de boa qualidade em Maceió e Recife, onde eu e meus irmãos estudamos. Só tive convivência mais próxima do meu pai quando adulto e depois da chegada dos netos. Ele e minha mãe adoravam os netos, dando-lhes inteira liberdade de ação e compensando, assim, a rigidez com que criaram os filhos.

Zé Marques reconhece que ele e os irmãos eram traquinas e a pedagogia da chibata funcionava bem. Ele particularmente não foi paparicado pelas tias solteiras, que sempre foram muito austeras e chegaram algumas vezes a punir os endiabrados sobrinhos, quando cometiam infrações, com croques (também conhecidos como “cascudos”) na cabeça e beliscões a fim de por ordem no ambiente e acalmá-los. Já sua avó materna, dona Eufrosina, era o refúgio que os netos procuravam sempre que ameaçados de surras por dona Iveta. “Quando ela [Eufrosina] percebia que o perigo era grande, geralmente nos abrigava em sua casa durante um dia ou mais, esperando que a raiva materna terminasse. Só então nos escoltava para o convívio materno”. Dona Eufrosina dedicava horas e horas do dia trabalhando em

sua almofada e seus bilros, fazendo renda de bico como tinha aprendido com seus ancestrais batavos. Para compensar a proteção que dava aos netos, não deixava de acioná-los para que providenciassem seu fumo, seu cachimbo, e para solicitar um cafezinho novo preparado pela empregada.

Leuzinger e Iveta tiveram, portanto, seis filhos, sendo que os dois primeiros, José e Elza, morreram antes de Zé Marques nascer, assumindo o posto de primogênito, seguido por Maria José, Jorge e a caçula Elza. Curiosamente, o primeiro e o último dos rebentos receberam o mesmo nome dos dois primeiros filhos perdidos. O nome Elza havia sido escolhido por Iveta para homenagear uma irmã dela que morreu muito jovem. Elza, a irmã caçula de Zé Marques mora em Vitória do Espírito Santo. Ela nasceu no dia 15 de março de 1959 e é casada com José Maria, um comerciante mineiro, de Juiz de Fora, que está aposentado e se dedicando à pescaria e à música. Ele montou uma banda de MPB juntamente com outros amigos aposentados. O casal Elza e José Maria tem três filhos (Elton, Elder e Eric) e uma neta (Helena). Quanto aos outros irmãos, diz Zé Marques:

Meus outros irmãos foram batizados com nomes herdados de parentes paternos. Maria José (nascida no dia 10 de fevereiro de 1945) herdou o nome da bisavó paterna (Maria José Rodrigues Firmo de Melo), com o sobrenome Marques de Melo. Mas papai refez a certidão de nascimento no Cartório, depois que o seu conselheiro numerológico fez previsão negativa sobre o futuro da filha. Ela é a única da família que tem o sobrenome Marques Melo, sem o de. Meu irmão Jorge (nascido a 28 de fevereiro de 1946) herdou o nome do avô paterno Jorge Firmo de

Melo. Eu herdei o nome do avô materno, José Ceciliano dos Santos Marques (Depoimento ao autor, 2010).

Nas entrevistas feitas decidimos insistir em certas perguntas que, de certa forma, forçaram Zé Marques a lembrar de detalhes de sua vida que já tinham caído “nas brumas do esquecimento” e, não raro, queixava-se: “Ufa! Minha memória já está enfumacando”. E foi relembando da infância, que ele manifestou lufadas de satisfação, acreditamos, principalmente quando relatou algumas das traquinagens que cometia e que raras vezes não foram brindadas com belas surras e castigos:

Nós [ele e os irmãos] éramos terríveis e deixávamos mamãe à beira de uma crise de nervos. Uma das traquinagens prediletas era aproveitar uma visita importante (aquelas que mamãe recebia na sala de visitas) e pedir autorização para abrir o armário da sala de jantar para comer doces. Ela não negava, em atenção à visita, mas depois nos reservava uns bolos ou chibatadas. Avaliando hoje a situação, se ela não usasse essa pedagogia nós poríamos fogo na casa. Outra molecagem era fugir do quarto de cereais, onde às vezes ficávamos trancafiados algumas horas. Nós subíamos nos vasos ou nos fardos de algodão, chegávamos ao teto, destelhávamos e fugíamos sem ser percebidos. Como esse gesto significava uma surra no retorno, geralmente nos refugiávamos no colo de Mãe Eufrosina, que era contrária à pancadaria sofrida pelos netos e nos levava de volta somente dias depois, quando a raiva tinha passado. O problema é que éramos reincidentes...

As traquinagens da infância foram tão gratificantes que Zé Marques de imediato acabou se lembrando de estripulias e continuou contando outras historinhas:

Eu e meus irmãos íamos dormir muito cedo, quando o sol se punha e escurecia (naquele tempo não havia energia elétrica na cidade) e despertávamos às 5 horas, quando o sol nascia. Ao invés de ficarmos em casa, nós íamos para a calçada em frente ao casarão e de tamancos brincávamos nas proximidades da única casa vizinha, deixando nossos vizinhos irrequietos porque não podiam dormir com tanto ruído (Depoimento ao autor, 2010).

O quadro familiar de Zé Marques é complementado por parentes próximos, tais como, tios e tias, primos e primas do lado paterno e do lado materno. Os tios paternos, Aloísio é funcionário público municipal, responsável pelo Departamento de Compras da Prefeitura; Clemilton é mecânico de automóveis e proprietário de próspera oficina no litoral sul paulista; Albertino, que é desenhista e fotógrafo, vive em Aparecida do Norte (SP), onde também reside o tio-avô Augusto; Edith e Helena são fazendeiras no Vale do Ribeira (SP) e continuam exportando bananas; Cleonice é funcionária pública municipal em Santana do Ipanema; Elita é costureira e reside em Aparecida do Norte (SP).

Os tios maternos são Joel e Abdon, comerciantes e políticos municipais. Joel Marques foi o primeiro prefeito de Santana do Ipanema eleito pelo voto após a Revolução de 1930. Ele tomou posse no dia 7 de janeiro de 1936, mas foi destituído do poder quando se recusou a aderir ao Estado Novo. Foi durante sua

administração, no ano de 1937, que foi fundado o Grupo Escolar Padre Francisco Correia, onde, anos depois, Zé Marques foi alfabetizado. Joel voltou a disputar o cargo de Prefeito novamente, já nos anos 1960, mas perdeu a eleição por poucos votos. Já Abdon foi eleito vereador municipal. Quanto aos outros tios: Ceciliano e Clovis são comerciantes e Manoel, fazendeiro. Suas tias Marieta e Landelina são costureiras e artesãs; Carmelita, Marina e Judith são comerciantes. Outro parente, mais precisamente um primo, filho de Joel, o Adeildo Nepomuceno Marques se destacou também na política alagoana. Adeildo foi chefe político na região, elegendendo-se alternadamente prefeito e deputado estadual. Foi eleito prefeito por três vezes e quando estava se preparando para disputar uma vaga na Câmara Federal foi assassinado, por motivos políticos, no dia 28 de janeiro de 1978.

Outros parentes de Zé Marques se destacaram no campo das letras, a exemplo de José Geraldo W. Marques (primo em segundo grau), professor-doutor, publicando livros sobre ecologia e de poemas; Aguinaldo Marques (primo) é médico, pesquisador e escritor; Maikel Marques, sobrinho, é jornalista. Vale acrescentar que seu tio-avô, Seu Hermídio, famoso pelos presépios que armava, foi classificado pela antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros como tendo sido “o maior encarnador [restaurador] de santos do sertão alagoano!”

José Marques de Melo possui um sobrenome forte em Alagoas, mas o “Melo” dele nada tem a ver com o “Mello”, com dois eles, do ex-senador Arnon de Mello, pai de Fernando Collor de Mello: “Acredito que a família Melo tem um tronco lusitano comum. Mas, em Alagoas, existem dois ramos bem definidos: os Mello da Zona da Mata e os Melo sertanejos. Pertencem ao se-

gundo grupo. Meu pai, prócer da UDN municipal foi correligionário de Arnon de Mello, que nos visitava durante as campanhas eleitorais. Nunca ouvi meu pai tratá-lo como parente, ainda que tivessem afinidades progressistas para a época” (Depoimento ao autor, 2010).

2. O neto de Eufrosina

Sendo a biografia um capítulo da história, deve ocupar-se da exposição exata e interpretativa dos acontecimentos de qualquer natureza ocorridos com o biografado. Sejam eles de cunho literário ou político, moral ou social, público ou particular, abrangendo, também, aspectos da civilização do meio em que viveram ou atuaram as personagens apreciadas.

Jayme Sá Menezes

O ano em que Zé Marques nasceu foi um ano agitado e de muitas mudanças. Foi o ano em que o Brasil declarou sua adesão à OEA e decidiu participar da Segunda Guerra Mundial. No dia 15 de março de 1943 o presidente Getúlio Vargas aprovou o envio de tropas brasileiras para combater na Europa. O ano marcou o surgimento da Força Expedicionária Brasileira e o envolvimento do país com os conflitos e a busca de ocupa-

ção de espaço. Foi também no ano de 1943 que os intelectuais brasileiros assinaram o documento intitulado “Manifesto dos Mineiros”, exigindo o fim do Estado Novo e a retomada da democracia. Concordando com a reivindicação, Vargas criou uma emenda constitucional que permitia a criação de novos partidos políticos e anunciou eleições para o ano de 1945. Estes fatos, que envolvem conflito, um dos elementos básicos do que caracteriza os valores da notícia jornalística, aconteceram no ano em que nasceu Zé Marques, quase que como lhe indicando que sua vida estaria envolvida com conflitos, jornalismo, mudanças e a luta pela democracia.

No ano de 1943 foi criado por Vitorino Castelo Branco o primeiro curso livre de jornalismo do Brasil. No mesmo ano, mais precisamente no dia 13 de maio de 1943, o curso de jornalismo no ensino superior foi instituído pelo presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto-Lei nº 5.480. Pelo decreto, o novo curso deveria funcionar na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, com a cooperação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e do Sindicato da categoria. Por meio de seu testamento, o jornalista Cásper Libero criou, em 1943, o que seria a primeira faculdade de jornalismo do país. O curso, entretanto, só começou a funcionar em 1947 devido à burocracia oficial, mas o importante é o fato de que naquele ano nasceu José Marques de Melo e simultaneamente foi gestado o primeiro curso de jornalismo com nível superior, onde anos mais tarde, ele foi ensinar, quando se mudou para São Paulo.

Foi também no ano de 1943 que a maior revista brasileira da época, *O Cruzeiro*, realizou uma reformulação gráfico-editorial, quando passou a utilizar uma nova abordagem jornalística, na

qual a fotografia exercia um papel essencial. O recurso da foto-reportagem pela revista modificou totalmente a prática jornalística da época, marcada pelas reportagens produzidas pela dupla formada por David Nasser e Jean Manzon (CARVALHO, 2001; SERPA, 2007). As reportagens publicadas em *O Cruzeiro* atraíam as atenções do jovem Marques que as colecionava na época e, hoje, na maturidade, confessa que tinha preferência pelas reportagens de Edmar Morel.⁷

Em 1943 foram iniciadas, em Lisboa, as tentativas no sentido de uniformizar os vocabulários publicados pela Academia de Ciências de Lisboa, de 1940, e o da Academia Brasileira de Letras, de 1943. Desde aquele encontro de 1943, várias tentativas foram feitas em busca de um Acordo Ortográfico para a Língua Portuguesa, que só foi finalmente assinado no ano de 1990, entrando em vigor, no Brasil, no início de 2009.

Uma inovação técnica que contribuiu em muito para o avanço da educação e das letras, além de facilitar o trabalho dos jornalistas, sem dúvida alguma, foi a invenção do jornalista húngaro László Biró que apenas cinco dias antes de Zé Marques nascer, patenteou a caneta esferográfica, tal qual a conhecemos nos dias de hoje. Na literatura brasileira, o ano de 1943 marcou o lançamento de obras tais como *Terra do sem-fim*, de Jorge Amado; *O resto é silêncio*, de Érico Veríssimo; e *Os três mal-amados*, de João Cabral de Melo Neto. A literatura internacional foi mar-

7. Edmar Morel (1912-1989), jornalista e escritor nordestino, nascido em Fortaleza, foi autor de grandes reportagens e de livros como *Revolta da Chibata*. Edmar transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nos jornais *O Globo*, *Diário da Noite*, entre outros, e na revista *O Cruzeiro*.

cada pelo lançamento do romance *Le Petit Prince* (*O pequeno príncipe*), de Antoine de Saint-Exupéry.

Foi também no ano de 1943 que Breno Acciolly, primeiro escritor santanense a publicar, lançou-se na literatura com o livro *João Urso*, com o qual ganhou dois prêmios nacionais (o Prêmio Affonso Arins da Academia Brasileira de Letras e o Prêmio Graça Aranha, da Fundação Graça Aranha) e passou a se destacar como um dos melhores contistas de Alagoas. Acciolly atraiu as atenções do jovem Zé Marques porque em seus contos ele fazia desfilar personagens de Santana do Ipanema, tais como Agissé, Pony, João Urso e muitos outros. Ele escreveu quatro livros de contos (*João Urso*, *Cogumelos*, *Maria Pudim* e *Cataventos*) e dois romances (*Dunas* e *Pedras*).

Se o ano de 1943 pode ser conectado ao futuro do jovem Marques, no dia 15 de junho, dia em que ele nasceu, também aconteceram fatos interessantes, dos quais vamos destacar alguns que direta e indiretamente estão relacionados com Zé Marques ou com o trabalho por ele desempenhado. Por exemplo: em 15 de junho de 1965, estreou na TV Excelsior a novela “Aquele que deve voltar”, de Ciro Bassini, e que foi estrelada, entre outros, por Flora Geny e Fabio Cardoso. Anos depois, Zé Marques introduziu a prática de se estudar as telenovelas na Universidade de São Paulo (USP). Com relação a USP, vale lembrar que, como um presente de aniversário indireto, no dia 15 de junho de 1966 foi criada a Escola de Comunicações Culturais, cujo nome foi modificado depois para Escola de Comunicações e Artes (ECA).

A ECA/USP esteve muito ligada e marcou a vida profissional de Marques em todos os sentidos. Ele começou a trabalhar na

USP em 1966, quando estava com 23 anos de idade, como voluntário, a exemplo de toda a equipe fundadora da ECA. Dois anos após sua inauguração, Zé Marques, então com 25 anos, foi convidado para dirigir o recém-criado Departamento de Jornalismo da ECA, tendo permanecido no cargo no período de 1968 a 1972. Sobre o período em que atuou como chefe do Departamento de Jornalismo, o doutor José Salvador Faro, em depoimento publicado sobre Marques, disse: “O jovem nordestino que chefiava o Departamento de Jornalismo conduzia sua estrutura em processo com uma peculiaridade que o caracteriza ainda hoje: uma iniciativa depois da outra, sem tréguas, à revelia das adversidades; uma ansiedade permanente, criadora de fatos, comprometedoras dos outros” (FARO, 2001).

A ECA, criada no dia em que Marques comemorava 23 anos de idade, esteve diretamente ligada a este administrador pioneiro, pois anos mais tarde, já aos 46 anos de idade, foi empossado como diretor da Escola de Comunicações e Arte para o quadriênio de 1989/1992. Durante sua gestão desencadeou uma série de transformações didático-científica. Foi neste período que ele demonstrou também suas habilidades e experiência de gestor público, responsável por várias realizações e avanços tecnológicos e de expansão no número de publicações acadêmicas. Durante sua administração Marques, além de estimular a integração e produção docente, contribuiu diretamente para projetar a Escola internacionalmente. Sobre as qualidades de Marques como administrador público, o professor José Salvador Faro diz:

Se fosse possível, portanto, indicar uma primeira qualidade [...], apontaria a do dirigente universitário, do ad-

ministrador dotado de uma ousadia incomodadora, até porque suas iniciativas o colocavam em destaque num ambiente de timidez e silêncio, gerando as inevitáveis manifestações de contrariedade vindas das vaidades atingidas. Penso agora que a atuação de José Marques de Melo no nascimento e na implantação da ECA, por seu sentido polêmico e açodado, trouxe consigo uma oposição permanente, ainda que silenciosa, que o acompanharia durante toda a sua relação com a USP (FARO, 2001).

Todos estes fatos e eventos vinculados às letras e ao jornalismo parecem ter sido um prenúncio de que a vida de José Marques de Melo estaria direta e indiretamente vinculada à área das comunicações e que ele desempenharia, como realmente desempenha, um papel essencial para a consolidação do jornalismo e das comunicações no Brasil. Confirmação disso está na afirmativa de Cícilia Peruzzo, ex-presidente da INTERCOM: “Se a comunicação, como área do conhecimento, tem hoje presença consolidada na sociedade e reconhecimento firmado junto a agências de fomento como CAPES, CNPq, a FAPESP e a FINEP, é porque Marques de Melo trabalhou para abrir as primeiras portas nessa direção”. Na área do jornalismo, a influência de Marques está registrada no depoimento do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, que afirma: “A contribuição de José Marques de Melo para o jornalismo brasileiro é tão vasta que estimá-la se constitui tarefa impossível [...]. José Marques de Melo é, sem dúvida, a pessoa a quem o jornalismo brasileiro mais deve no que diz respeito ao seu autoconhecimento”.

O nascimento de um obstinado

Iveta Marques, filha de Eufrosina, casou-se com Leuzinger Alves de Melo no dia 25 de agosto de 1935. Depois de ter morado em Palmeira dos Índios e passado uma temporada em São Paulo, o casal passou a viver em Santana do Ipanema. Cidade fundada em 24 de abril de 1875 e que é considerada como a principal cidade do sertão alagoano, contando, em 2013, segundo o IBGE com uma população de 44.932 mil habitantes. Originalmente o nome da cidade era Santana da Ribeira do Ipanema, por estar situada à margem do Rio Ipanema,⁸ palavra de origem indígena que significa água imprestável. Posteriormente o nome foi simplificado e até hoje é conhecida por Santana do Ipanema.

José Marques de Melo nasceu no dia 15 de junho de 1943, uma terça-feira, às 6 horas da manhã, pelas mãos de dona Eufrosina que serviu de parteira aparando o neto, por acaso, na cidade vizinha de Palmeira dos Índios, onde o pai dele mantinha atividades comerciais. Permaneceram em Palmeira dos Índios por muito pouco tempo. Depois de haver perdido dois filhos,

8. O Rio Ipanema é o maior rio do semiárido de Alagoas. O município de Santana do Ipanema está inserido na bacia hidrográfica do Rio Ipanema, que o atravessa no sentido NW-SE, banhando sua sede. Seu principal afluente é o Riacho João Gomes e deságua no Rio São Francisco. O município de Santana do Ipanema está localizado na região centro-oeste do Estado de Alagoas, limitando-se com a norte com Poço das Trincheiras e o estado de Pernambuco, a sul com os municípios de Carneiros, Olho d'Água das Flores e Olivença, a leste com Dois Riachos e a oeste com Senador Rui Palmeira e Poço das Trincheiras. Santana do Ipanema é a principal cidade do sertão alagoano. Tem uma população de aproximadamente 45 mil habitantes e um território de 439 quilômetros quadrados.

quando Zé Marques nasceu, imediatamente sua avó Eufrosina foi buscar a filha e o neto, que passaram a residir em Santana do Ipanema. “O meu nascimento, adotando o nome de José, certamente agradou minha avó Eufrosina, que fez as pazes com meu pai e foi a Palmeira dos Índios buscar minha mãe. Ela viveu na casa da mãe durante algum tempo, pois tinha a ajuda das irmãs para me criar. Tanto assim que meus padrinhos de batismo são os irmãos mais novos da minha mãe: Marina e Clovis”. Ele foi batizado na Igreja de Santana pelo Padre Bulhões.⁹

Reconciliado com a família Marques, seu Leuzinger continuou trabalhando em Palmeira dos Índios, onde manteve uma ‘república’ para se alojar quando pernoitava na cidade, começando a construir a sua própria residência [em Santana do Ipanema]. Papai encarregou meu primo Dermeval, hoje octagenário, de supervisionar a construção da casa, para a qual minha mãe se mudou quando havia condições de habitação. Ela sempre contou com os irmãos ou sobrinhos para dar segurança diurna e noturna, pois o casarão idealizado por papai ficava longe do centro da cidade, no bairro alto, chamado Monumento, onde hoje vive a elite santanense. A festa do meu 4º aniversário foi o pretexto para a inauguração da casa, mas na verdade nós já a habitávamos há mais tempo.

9. O Cônego José Bulhões nasceu em Entre Montes, Alagoas, e ordenou-se no dia 8 de dezembro de 1912 na catedral de Maceió. Assumiu a paróquia de Senhora Santana, em Santana do Ipanema no dia 26 de janeiro de 1919. Padre Bulhões, que foi um vigário muito respeitado, inclusive por Lampião, nasceu no dia 3 de junho de 1886 e morreu no dia 17 de outubro de 1952, na cidade de Santana do Ipanema.

A festa tinha, portanto, dois objetivos: comemorar o quarto aniversário de Zé Marques e a inauguração da casa. A festa acabou sendo motivo para uma das maiores traquinagens do aniversariante que em vez de presentes ganhou uma tremenda surra, que ele não lembra, mas sabe do ocorrido por meio do relato das babás dele:

minhas amas contavam que eu me pendurei na toalha da mesa e trouxe para o chão todas as iguarias preparadas pelas irmãs Marques. Diz a lenda que só escapei das chibatadas comandadas pela minha mãe porque o principal convidado era o coronel Lucena, amigo dos meus tios. E tio Abdon intercedeu para me salvar a pele, pedindo a Dona Eufrosina para acalmar a filha Iveta, certamente insuflada pelas irmãs Marques e pelas Cunhadas Melo, que sempre nos consideraram crianças insuportáveis. Diziam as empregadas que Mamãe ficou desolada porque eu quebrei peças da louça que ela trouxera de São Paulo.

Enquanto a casa estava em construção, Leuzinger fazia uma espécie de “ponte aérea” entre Palmeira dos Índios e Santana do Ipanema, intermediando o comércio de laticínios e outros produtos, até que se estabelecesse definitivamente na cidade onde Zé Marques cresceu:

papai havia construído uma casa no Bairro do Monumento, em Santana do Ipanema, convencendo a sogra a mudar-se para um casarão existente nas proximidades, que ele reformou inteiramente para abrigar minha avó

Eufrosina e suas quatro filhas solteiras, com as quais minha mãe, Iveta, tinha convivência estreita e harmoniosa, que a ajudaram a pajar os quatro sobrinhos irrequietos.

Leuzinger acreditava em numerologia e esperava que o filho tivesse o mesmo destino de John Rockfeller,¹⁰ que também era regido pelo número 8, a partir da decomposição e soma dos números do ano em que nasceu. Zé Marques confessa, entretanto, que esperou em vão pela concretização dos sonhos de seu pai, pois “nunca me aproximei do que o ilustre banqueiro amealhou em vida”. Porém, ele esquece que a riqueza nem sempre representa dinheiro e, exatamente por isso, ele é um homem rico, pois tem uma fortuna de ideias que soube cultivar e plantar em inúmeros livros, que seus discípulos, amigos e admiradores estão ampliando ao espalhá-las, como sementes que estão germinando mundo a fora.

Dona Iveta também acreditava no mundo místico. Como relembra Zé Marques “minha mãe também era fissurada nessas coisas. Adorava consultar cartomantes e nunca se eximiu de dar a mão para as ciganas lerem a sorte. Papai já era mais científico, preferindo a numerologia”. Mas foi Iveta quem anotou, na página em branco do livro de orações dela, a data e detalhes do nascimento de cada um dos filhos com o objetivo de estas particularidades permitirem “a decifração dos sinais astrológicos”.

10. John Davison Rockfeller Nixon foi fundador da primeira empresa de petróleo norte-americana, responsável por 90% de toda a produção de petróleo e derivado da época. Ele monopolizou o mercado e, em sua época, foi considerado como o homem mais rico do mundo.

Levando em consideração o fato de que tanto o pai como a mãe acreditavam na força dos astros e da numerologia sobre o destino das pessoas, realizamos uma pesquisa no mundo místico, com a finalidade de identificar como o mundo esotérico traçara o perfil de Zé Marques a partir dos indicadores milenares da numerologia, da astronomia e o que as faixas do Zodíaco lhe destinara. Consultamos também os Orixás. Reconhecemos que esta prática não é comum em trabalhos desta natureza, mas esta derivação acabou por nos revelar, coincidentemente, algumas características que casam perfeitamente com as do biografado neste livro.

O ano de 1943 começou numa sexta-feira e, de acordo com o sincretismo religioso, foi regido por Oxalá, o primeiro orixá concebido por Olodumaré, o encarregado de criar o universo, os seres e todas as coisas no mundo. Ao incorporar-se poderá assumir duas formas: Oxaguiã, um jovem guerreiro, ou Oxalufã, um velho experiente. Como José Marques de Melo nasceu numa terça-feira, ele nasceu sob a proteção de Ogum, o santo guerreiro, deus do ferro e da tecnologia. O Orixá que rege o signo de Gêmeos no Zodíaco é Ossâim, o orixá das ervas medicinais, que tem a característica de ser muito crítico, irônico, meticuloso, sensível e super criativo. Ossâim corresponde a Mercúrio, associado pelos antigos astrônomos chineses ao elemento Água.

Segundo a tradição da mitologia Celta, o dia 15 de junho era consagrado à deusa Aine de Knockaine, uma deusa-fada que ajudava os viajantes e exatamente por isso Marques sempre contou com uma proteção extra em suas viagens. No dia 15 de junho também é festejado o dia de Santo Amós, o terceiro dos chamados profetas menores do Antigo Testamento. Santo Amós foi o

autor do Livro de Amós – aquele que ajuda a carregar o fardo. Assim, como viajante, cidadão do mundo das ideias, Zé Marques conta também com a ajuda básica de uma deusa-fada que lhe mostra os caminhos e tem a ajuda de Amós para carregar o fardo, que para muitos pode parecer pesado, mas não para ele.

De acordo com o horóscopo chinês, o signo de Zé Marques é Carneiro, cujas características apontam para um indivíduo íntegro, sincero e que se emociona com facilidade. O nativo de Carneiro apresenta a tendência de ser uma pessoa gentil e compassiva e que sabe perdoar com grande facilidade. Estas características, somadas a um coração grande, contribuem para que a sorte sempre sorria para os nativos de Carneiro, e quanto a isto Zé Marques não pode se queixar, pois sua trajetória, apesar de muito trabalho e renúncias, demonstra que ele foi um dos poucos escolhidos.

Ainda sobre o signo de Zé Marques no horóscopo chinês, o principal elemento de Carneiro é a Água. Tal como ele, a Água é muito difícil de ser detida, pois com seu jeitinho quieto, sabe escorrer entre as rochas mais resistentes, e, com muito jogo de cintura, vencer e contornar todos os obstáculos que se apresentam aos seus projetos. Zé Marques consegue seguir em frente, sempre abrindo novos caminhos. Persuasão é a mais forte característica do nativo deste signo, que sabe usá-la tão sutilmente que as pessoas raramente percebem que estão sendo influenciadas. O nativo de Carneiro também detém um grande potencial intuitivo.

Num estudo de numerologia mais completo do que o que usaram na pesquisa que Leuzinger encomendou, decompondo e somando todos os números de sua data de nascimento, con-

siderando dia, mês e ano, $(1+5+6+1+9+4+3 = 29 = 2 + 9 = 11)$ encontra-se o número 11, o número correspondente ao mestre. Assim, pela numerologia, Zé Marques é extremamente intuitivo, de vanguarda, idealista e visionário. Como pessoa que carrega o número do mestre, ele tem o poder da compreensão das coisas que não estão ao alcance dos outros. Ele pode se tornar, como na vida real se tornou, uma pessoa interessante, incomum, com muito a oferecer à sociedade. E isto pode ser constatado em sua vida, pois ele soube, como nenhum outro, direcionar sua energia para uma área que se desenvolveu e cresceu como ele mesmo: a comunicação, a educação e o jornalismo.

Diz ainda a numerologia que a pessoa portadora do número 11 é especial, é um canal de luz para os outros. Por isso fadada à fama e ao sucesso, uma vez que possui grande capacidade de concretizar projetos, bastando para isso que concentre tempo e atenção nos seus planos. E nisso a numerologia acerta 100% em relação a Zé Marques, que desde criança demonstrou ter muitos talentos e criatividade. Dizem ainda os resultados da pesquisa numerológica que o portador do número 11 é uma pessoa diferente devido às ideias progressistas. Com uma mente original, esta pessoa poderá ter sucesso na vida em qualquer iniciativa. Poderá, porém, servir melhor à sociedade se realizar trabalhos nos quais possa utilizar suas habilidades de aconselhamento e orientação, iluminando o caminho das outras pessoas.

Estas previsões casam perfeitamente com a trajetória de vida escolhida pelo educador Zé Marques, uma referência na área de conhecimento, que tem contribuído com seu exemplo, suas ideias, sua produção e orientação, na formação de inúmeras gerações. O portador do número 11 tem também uma tendência,

quando frente a uma nova situação ou desafio, de reagir procurando manter o controle da situação. Uma pessoa disposta que não desiste facilmente, enquanto não encontrar uma solução para o problema. O portador do número 11, como Zé Marques, é o tipo do “deixa que eu resolvo”, pois sempre tem a solução para os problemas como também sabe executar, fiscalizar, decidir, dirigir e supervisionar. Zé Marques se enquadra nesta tendência e se completa mais ainda, pois além de ter a atitude, ele também detém o conhecimento sobre o que faz.

Pelo horóscopo tradicional, Zé Marques nasceu sob o signo de Gêmeos (20 de maio a 19 de junho). O indivíduo deste signo é reconhecido pelo fato de saber se movimentar e se comunicar em todos os níveis em que opera, sendo que sua atenção está voltada não para uma, mas para várias direções. O aconselhamento geral para o nativo de Gêmeos diz: “faça bom uso de seus atributos, dos dons, e espalhe a boa nova sempre que puder. Vez em quando, detenha-se em alguma coisa e observe, vá mais fundo, especialize-se e terá muito que ensinar. O mundo está precisando muito do seu humor e versatilidade, e das suas curiosas observações, mas não se esqueça que existe um propósito debaixo dos céus. Sua curiosidade o levará a descobrir esse propósito”.

3.

Processo de Aprendizagem

*Quando houveres aprendido a querer, e souberes o que
desejas, não te detenhas em procurar fora de ti os meios
para o executar.*

José Ingenieros

Como milhares de crianças nordestinas nascidas na primeira metade do século passado, quando não havia ainda a televisão, Zé Marques nasceu e cresceu no sertão alagoano, em municípios pequenos e castigados pela falta de infraestrutura educacional. Apesar de rústicas, as manifestações culturais e as tradições folclóricas mantidas formaram verdadeiros elos, primeiro com o menino e, depois com o jovem Zé Marques, levando-o, já na idade adulta, a se dedicar ao resgate de suas raízes simbólicas

por meio de pesquisas sobre a folkcomunicação no Nordeste e, em especial, em Alagoas e Pernambuco.

Como toda criança nordestina, antes de ser alfabetizado, o imaginário dele foi enriquecido por fantasias, estimuladas pelos contadores de histórias e pelos desafios dos cordelistas nas ruas, praças e feiras-livres da cidade. Em Santana do Ipanema, todas as quartas-feiras e sábados, os poetas santanenses estendem seus cordéis¹¹ e cantavam versos ao som dedilhado das violas. Um dos mais famosos cordelistas santanense é João Alexandre Sobrinho que entre muitos outros escreveu: *Frei Damião chorou que fez Piedade* e *A Canção de Carmelita*. Barbosa Leite, outro cordelista, escreveu *O jumento que ganhou uma estátua*: “Em Santana do Ipanema/ no sertão alagoano/deu-se o acontecimento/ que agora aqui explano/ foi erguido um monumento/ em homenagem ao jumento/ um ato justo e humano”.

A literatura de cordel enquanto instrumento de expressão oral continua fazendo parte da contestação das classes populares principalmente no Nordeste brasileiro. Zé Marques diz que o cordel o fascinava, mas nunca memorizou os versos: “confesso que nunca tive muita predileção pela poesia, sou um prosador inveterado. Ouvei e li muitas histórias da literatura de cordel, porém só memorizei a ação e as personagens. Nunca memorizei

11. A literatura de cordel é um tipo de poesia popular no Nordeste brasileiro. Ela é publicada em formato de folhetos, impressos em papéis rústicos, cujas capas são ilustradas por xilogravuras. Os poetas populares, que se apresentam em praças e feiras-livres, declamando ou cantando seus versos, são chamados de cordelistas. O nome tem origem na prática dos poetas exporem seus produtos à venda pendurados em cordas ou cordéis.

versos. Minhas estórias preferidas eram as lendas do cangaço”. Conta ainda que devido às sabatinas de análise lógica na escola, por não gostar de apanhar, levar bolos de palmatória, memorizava os versos de Camões, mas devido ao fato de não gostar muito de poesia, sua memória, extremamente seletiva, como reconhece, hoje já não consegue lembrar nenhum verso completo.

Apesar de afirmar que o gênero não lhe atraía, ele não deixou de ler e se impressionar com os versos de Vinicius, Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Talvez por influência deles, na adolescência, chegou a escrever alguns poemas, que ele reconhece como “horrríveis e por detestá-los nunca guardei os originais”. Apesar disso, ele chegou a publicar alguns deles, “mas nunca encontrei as cópias. Meus poemas foram publicados como tarefa num jornal fora de circulação, editado pelo Curso Torres [cursinho pré-vestibular], do Recife”. Os poemas eram peças telúricas que cantavam a beleza do rio Ipanema, bem como a paisagem sertaneja. Zé Marques não os guardou: “creio que desapareceram nas mudanças de cidades e de residências” e, acrescenta:

Confesso que fiz raras incursões literárias. O que escrevi e publiquei não me agradava. Os contos da juventude me pareciam mimetismo, espelho dos autores que lia. Ao publicá-los, no recente [livro] *Vestígios da Travessia*¹² surpreendi-me com a boa acolhida que encontra-

12. MARQUES DE MELO, José. *Vestígios da travessia: Da imprensa à Internet – 50 anos de jornalismo*. São Paulo: Editora Paulus, 2009. Livro de memórias.

ram nos leitores de hoje. Talvez seja uma motivação para retomar, na maturidade, uma linha que abandonei na mocidade.

Com relação aos “menestréis caboclos”, como ele se refere aos cordelistas, que entoavam versos ao som de violas, é possível, que na época ele tenha ouvido e lido cordéis como os de Luiz Gonzaga de Lima, conhecido como Gonzaga de Garanhuns, que escreveu *O exemplo da mulher que visitou o inferno porque zombou de Frei Damião* ou o cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante intitulado *A Chegada de Lampião no Céu*, ou ainda, o de José Pacheco Rocha *A chegada de Lampião no Inferno*, que circulavam e faziam sucesso em todo território brasileiro.

Os dois títulos dos cordéis sobre Lampião são provas inconteste que os delitos do rei do cangaço fascinavam os cordelistas e a seus leitores, inclusive a Zé Marques. No céu, segundo Rodolfo Cavalcante, Lampião desafiou até São Pedro: “São Pedro desconfiado/ perguntou ao valentão/ quem é você meu amigo/ que anda com este rojão?/ Virgulino respondeu:/ Se não sabe quem sou eu/ vou dizer: sou Lampeão [sic].// São Pedro estremeceu/ quase que perdeu o tino/sabendo que Lampeão [sic]/ era um terrível assassino/ respondeu balbuciando/ O senhor ... está ... falando/ com ... São Pedro ... Virgulino!”. No inferno, na versão de Luiz Gonzaga de Lima: “Lampeão [sic] é um bandido/ ladrão da honestidade/ só vem desmoralizar/ a minha propriedade; E eu [diabo] não vou procurar/sarna para me coçar/ sem haver necessidade” (CARDOSO, 2010).

O universo imaginário da criança e do adolescente Zé Marques foi construído também ao lado dos valores cristãos e das

festas e tradições populares disseminados na região por meio dos pastoris, reisados, cheganças, marujadas, quadrilhas, toadas, novenas, “incelências”, penitências e romarias, além de muitas outras formas de manifestações culturais (MARQUES DE MELO, 2009).

O hábito de ir à missa aos domingos só foi cultivado em nossa casa até o início dos anos 50. Lembro que nesse período, minha tia Marina, que morava nas proximidades, nos acordava às 4 da manhã, para assistirmos a missa das 5. Geralmente sonolentos, pouco entendíamos do ritual. O melhor da festa era o café da manhã servido na casa de Mãe Eufrosina [como todos chamavam a avó], no retorno da igreja, com direito a bolo, biscoitos, pastéis e algumas vezes a chocolate com leite quando minhas tias recebiam presentes de lata de Toddy vindas de Recife. Quando Papai cessou a atividade de viajante, o regime mudou. Sendo agnóstico, ele não aprovava a devoção religiosa das minhas tias. Ficamos, portanto, liberados do sacrifício de acordar de madrugada para ir à missa, frequentando eventualmente a missa das 9 ou das 6 da tarde (Depoimento ao autor, 2010).

Dona Iveta não frequentava a igreja com assiduidade, comparecendo apenas em datas especiais. Mas, como devota de Santa Rita de Cássia, mantinha um oratório em casa, onde promovia novenas e rezava o terço diariamente em companhia dos empregados e colaboradores.

E assim, a infância de Zé Marques transcorreu no bairro do Monumento, na avenida Dr. Arsênio Moreira, onde seu

pai construiu o casarão que habitaram até meados dos anos 1950, quando ele decidiu transformá-la em hotel, construindo outra casa, ao lado, para servir de residência da família. É interessante transcrever aqui o que a antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, que também viveu em Santana do Ipanema, escreveu em uma das obras de Zé Marques sobre fatos e coincidências que envolveram a vida deles:

Em 1946, mudando-se para um dos tantos povoados do município, de nome Capim, meu pai vendeu a Leuzinger, pai de José Marques, nossa casa de morada no Monumento, a parte mais alta de Santana do Ipanema, bem em frente ao Grupo Escolar, no antigo prédio onde funcionou o quartel do Segundo Batalhão, de combate ao cangaço no sertão de Alagoas. Coincidência incrível, em épocas diferentes Zé Melo e eu ocupamos a mesma casa, pisamos as mesmas ruas calçadas de pedras brutas enormes e irregulares da velha Santana do Ipanema, medindo cada um de nós o tamanho do mundo à nossa volta, impressionados com a quantidade de jumentos à nossa volta, impressionados com a quantidade de jumentos às dezenas, na marcha cheia de algazarra dos botadores de água e dos maloqueiros, saindo do “Panema” para abastecer todas as casas da cidade. Depois da chegada da água encanada do São Francisco, suprindo as principais “urbes” do sertão, o prefeito Adeildo Nepomuceno Marques ergueu estátua em tamanho natural ao jumento na entrada da cidade, atestando a importância desse animal na história de Santana do Ipanema.

Porém, o coeternal de nosso conhecimento se revelou quando fiquei sabendo que José Marques de Melo é sobrinho neto de Seu Hermídio – o maior encarnador (restaurador) de santos do sertão alagoano! Inspirado e humilde, deslumbrava as crianças e os jovens e velhos matutos que viajavam de longe para ver a “lapinha de seu Hermídio” com camelos, manjedoura, com o “Menino Deus”, o povo e o casario de Belém de Judá¹³.

Em Santana do Ipanema Zé Marques participava junto com seus colegas das brincadeiras infantis, tipo cabra-cega, boca de forno, amarelinha e disputava partidas de bola de gude, dama, xadrez e dominó. Teve, portanto, uma infância sadia e cresceu cercado de muitos amigos, vizinhos e parentes. De acordo com as lembranças dele, “quem organizava tudo para os sobrinhos era Tia Marina, uma espécie de Anjo que poupava as irmãs e cunhadas de pastorear os sobrinhos. Ela organizava passeios, excursões e brincadeiras”.

Na primeira infância, quando em visitas à área rural, gostava de brincar de fazendeiro juntamente com os primos. Munidos de pequenos ossos (selecionados, lavados e polidos pelas tias) que representavam bezerros, bois, vacas e cavalos, eles organizavam as peças em suas respectivas fazendas imaginárias e brincavam criando histórias e negociações de compra e venda de

13. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O segundo Chamado (posfácio). In MARQUES DE MELO, José. *Vestígios da travessia – da imprensa à intenet – 50 anos de jornalismo*. São Paulo/Maceió: Editora Paulus, Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2009:295-303.

animais, abastecimento, alimentação e transporte dos animais. Esses ossinhos, mais tarde, foram substituídos por peças produzidas artesanalmente pelos índios fulni-ô e ou produzidas pelos caboclos de Carrapicho (Sergipe). As peças eram adquiridas nas feiras-livres de Santana do Ipanema aos sábados.

Um pouco mais crescido, Zé Marques, quando em visitas à área rural, passou a participar de caçadas que empreendia juntamente com primos e vizinhos. Armados com baladeiras¹⁴ caçavam rolinhas nas matas próximas de casa. O produto da caça era preparado pelas empregadas domésticas e as iguarias consumidas sempre escondidos dos pais. Munidos de alçapões, apreendiam também pássaros, depois engaiolados para ficar ouvindo, desfrutando do canto e “nos deleitar com seus vôos limitados entre as traves das gaiolas”. Dentre as brincadeiras urbanas prediletas, destacava-se o jogo de ximbra, quando, com bolas de gude,¹⁵ a criançada exercia suas habilidades com o dedão, para

14. A Baladeira é conhecido por diversos nomes no Brasil, entre eles atira-deira, badogue, baliadeira e estilingue. Trata-se de uma arma primitiva usada para lançar pedras ou pequenos projéteis. É montada usando-se uma forquilha de madeira, um galho bifurcado em formato de Y. A parte de baixo é usada como cabo e nas pontas se prende uma tira elástica. A forquilha mais usada é a da goiabeira, árvore com uma boa resistência. Esta é uma arma de baixo poder e exatamente por isso é usada por crianças como brinquedo na caça de passarinhos, calangos, lagartixas e outros pequenos animais.
15. Outros nomes para bola de gude: baleba, bilosca, bila, birosca, bolita, bugalho, buraca, búrica, butre, cabiçulinha, clica, firo, guelas, nica, peteca, piroasca, ximbra, boleba e bolega.

colocar a ximbra num dos triângulos¹⁶ formados por pequenas covas abertas em terrenos baldios. Vale salientar que as brincadeiras com bolas de gude possuem várias regras e mudam de cidade para cidade de acordo com a criatividade das crianças envolvidas.

Um dia depois do sétimo aniversário de Zé Marques, 16 de junho de 1950, foi inaugurado, no Rio de Janeiro, o Estádio Jornalista Mario Filho, conhecido popularmente como Maracanã, que no mesmo ano sediou os jogos da Copa do Mundo, quando o Brasil foi derrotado na final pela seleção do Uruguai. O futebol viria a ser praticado por Zé Marques durante a adolescência, quando passou a participar de esportes coletivos (futebol, vôlei e basquete), na escola ou na vizinhança, disputando peladas intermináveis.

Seus companheiros de infância mais próximos foram os primos Zé Abdon, Zé Carlos, Zé Gentil, Zé Geraldo e Zé Ceciliano. Dentre os vizinhos, ele recorda apenas do prenome deles: Dimas, Byron, Aminadab, Zé Alfredo, João Airton. Da turma do ginásio lembra bem do Djalma, Isnaldo, Tereza Marluce, Irene,

16. O jogo de ximbra ou de bola de gude é praticado em todo o país com várias modalidades e nomes diferentes. A modalidade da ximbra com triângulo consiste um triângulo desenhado no chão e depois de acertado a quantidade de bolas de gude colocadas por cada participante dentro do triângulo, cada jogador, alternadamente tenta retirá-las do triângulo, impulsionando com o polegar uma outra bolinha. O vencedor é aquele consegue reunir mais bolas de gude do que aquelas pré-estabelecidas no início. Vence, portanto, quem ficar com as bolinhas do outro competidor.

Salete, Terezinha, Conrado e Luís Abílio¹⁷. Avaliando suas amizades de infância e adolescência, Zé Marques diz:

Sempre me relacionei com vários amigos ao mesmo tempo. Talvez meu melhor amigo da infância tenha sido o vizinho Dimas, que perdi de vista e nunca mais o encontrei. Na adolescência, tive um amigo com quem compartilhei moradia em Recife, Zé Wilson, lamentavelmente falecido em acidente na Austrália. Ultimamente, tive o prazer de reatar algumas dessas camaradagens, por intermédio de Luís Abílio, que chegou a reunir os companheiros da nossa geração num encontro memorável no Palácio dos Martírios, quando era Governador de Alagoas, aconselhado por outro santanense da geração subsequente à nossa, o engenheiro Márcio Pinto. Quase todos os anos, quando passo as férias em Maceió, almoço em companhia desses amigos e contemporâneos (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

17. Luis Abílio de Souza assumiu o governo do Estado de Alagoas no período de março a dezembro de 2006, quando Ronaldo Lessa deixou o mandato para concorrer ao Senado da República. Ele é Engenheiro Civil, diplomado pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), de onde é professor desde 1972. É também funcionário da Secretaria Estadual de Educação, desde a década de 60. Na administração pública municipal, durante a gestão do ex-governador Ronaldo Lessa à frente da Prefeitura de Maceió, Luis Abílio foi secretário de Governo, presidente do Instituto Municipal de Planejamento e Articulação Regional (Impar) e superintendente Municipal de Transportes e Trânsito. Já no Estado, ele foi Chefe do Gabinete Civil e da Secretaria de Planejamento, de onde se afastou em abril de 2002 para pleitear o cargo de vice-governador na chapa vitoriosa de Ronaldo Lessa.

Vivendo numa cidade sem muitas opções de lazer, Zé Marques acabou por desfrutar de tudo o que lhe era oferecido e permitido, o que acabou criando um lastro de experiências que lhe permitiu na vida adulta sistematizar em pesquisas e livros todo o fascínio que tinha pelas festas e tradições populares e o que as mídias, eletrônica e impressa, da época ofereciam. Não perdia as sessões dominicais do Cine Glória, que ficava próximo da casa dele, no meio da ladeira que separava o Bairro Monumento, onde morava, do centro da cidade, também identificada por “rua” ou “comércio”. Zé Marques também não perdia as audições em família dos programas radiofônicos noticiosos, humorísticos e, principalmente, as radionovelas. Lia e colecionava revistas em quadrinhos, ouvia as notícias locais pelo serviço de alto falante municipal e não perdia shows circenses ou em praça pública, fosse de artistas de fora ou as apresentações da Banda Santa Cecília¹⁸ nos coretos de Santana do Ipanema, executando dobrados, galopes e marchinhas. Nos festejos juninos participava das quadrilhas organizadas e na Semana da Pátria marchava pelas ruas da cidade.

Apesar do interesse pela música, Zé Marques e os irmãos nunca tiveram pendores musicais. Ele nunca aprendeu a tocar nenhum instrumento, mas tem um sobrinho que é músico. A

18. Entre os anos de 1935 e 1936 surgiu a banda Santa Cecília, idealizada por Nicodemos Nobre e que era regida por Abílio Mendonça. Essa banda substituiu a Filarmônica Santanense, formada em 1922, que desapareceu, conhecida por “Aratanha”, aproveitando parte dos músicos. A Banda Santa Cecília teve um funcionamento irregular e só se tornou mais regular a partir de 1956, durante a administração do prefeito Helio Cabral.

curiosidade do menino Zé Marques era tão grande que, ainda de calça curta não deixava de ir à feira-livre para ouvir os desafios dos cordelistas ou as histórias dos camelôs, que exibindo cobras, vendiam remédios milagrosos, que serviam para eliminar de simples calos às doenças mais complicadas.

A feira dos sábados constituía, para minha geração, o maior espetáculo da terra. Além da variedade de produtos alimentícios, tínhamos os produtos artesanais do Vale do São Francisco ou do sertão pernambucano, vendidos pelos caboclos. Mas, sobretudo, as atrações grotescas: o homem da cobra, a mulher barbuda, o anão cantor, a vidente das cartas etc., etc. Todas as crianças da cidade a frequentavam. Os cordelistas constituíram atração permanente na feira dos sábados. Recitavam versos dos folhetos para seduzir os matutos. Quem não comprasse na hora ficava a ver navios, pois não havia pontos de venda na cidade (Depoimento ao autor, 2010).

Como homem que estava sempre viajando por outras cidades e capitais, Leuzinger, pai de Zé Marques, personificava a figura do inovador, além de ser identificado na comunidade como homem muito criativo e que sabia como resolver problemas. Ele sempre teve automóvel e sempre estava levando para casa as novidades e utilidades domésticas recém lançadas no mercado e uma delas foi um dos primeiros aparelhos de rádio a bateria da cidade. Um aparelho da marca Philips, um potente rádio a bateria, que permitia captar os sinais da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, facilitando as audições radiofônicas coletivas em sua casa. Leuzinger era um aficionado da radiodifusão na fase do rá-

dio a bateria, pois os primeiros receptores de rádio chegaram a Santana do Ipanema ainda na década de 1920, com os rádios de galena. As lembranças de Zé Marques sobre o rádio na vida da família dele são dos anos 1950 do século passado. Sobre a importância do rádio para sua formação, ele escreveu:

Minha casa tinha o privilégio de ostentar um potente receptor de rádio, em ondas curtas. Éramos uma espécie de comunidade auditiva, em que familiares se misturavam aos vizinhos e agregados. A audição era silenciosa, para compensar as deficiências da sintonia. Mas a sequência das discussões era ruidosa e interminável. Quais os conteúdos preferidos? Os boletins do *Repórter Esso* [...] as radionovelas [...] os programas de auditório, [...] O humorismo das duplas sertanejas como Jararaca e Ratinho (MARQUES DE MELO, 2009).

Zé Marques se lembra vagamente de duas radionovelas específicas da época: *O direito de nascer*, a preferida de sua mãe e de suas tias e primas, e de *Jerônimo, o herói do Sertão*. A primeira, com texto original do cubano Felix Cagnet com tradução de Eurico Silva, foi ao ar pela primeira vez em 1951 pela Rádio Nacional, transformando-se no maior fenômeno de audiência em radionovelas em toda a América Latina. O texto original de *O direito de nascer* possuía 314 capítulos, o que correspondia a quase três anos de irradiação. No elenco da época destacavam-se Nélio Pinheiro, Paulo Gracindo, Talita de Miranda, Dulce Martins, Iara Sales entre outros.

Já a novela *Jerônimo, o herói do sertão*, era um produto nacional, criado por Moysés Weltman, em 1953, e que se constituiu

como a radionovela brasileira de maior sucesso em todos os tempos. Seu roteiro foi, posteriormente, como aconteceu também com *O direito de nascer*, adaptado várias vezes para a televisão. *Jerônimo, o herói do Sertão* também era transmitida pela Rádio Nacional e tinha como artistas Milton Rangel (que interpretava Jerônimo), Cauê Filho (o Moleque Saci) e Isis Oliveira (que interpretava Aninha, a namorada de Jerônimo). Na época, *A canção de Jerônimo*, música de autoria de Getúlio Macedo e Lourival Faissal, era entoada no início e no final de cada capítulo. A toada tinha uma letra simples e exatamente por isso era muito popular junto à garotada: “Quem passar pelo sertão/ vai ouvir alguém falar/ no herói desta canção,/que eu venho aqui cantar.// Se é pro bem vai encontrar/ um Jerônimo protetor. /Se é pro mal vai enfrentar/um Jerônimo lutador.// Filho de Maria Homem, nasceu./ Cerro Bravo foi seu berço natal./ Entre tiros e tocaias cresceu. /Hoje luta pelo bem contra o mal. //Galopando está em todo lugar,/ pelos pobres a lutar sem temer./ Com o Moleque Saci pra ajudar, / ele faz qualquer valente tremer”.

Outras radionovelas que faziam sucesso na época, mas que Zé Marques não recorda de tê-las acompanhado eram *O sombra* e *O anjo*.

Apesar de servir para congregar a família e amigos em torno do aparelho receptor, Zé Marques conta que seu pai não gostava de ter a casa invadida pelos vizinhos. Por isso, quando ele viajava, sua mãe costumava receber em casa suas irmãs, parentas e agregadas para ouvir as radionovelas. “Papai às vezes chegava de viagem em dias imprevistos, mas não ousava contrariar minha mãe, que mantinha seu grupo de amigas até o final do capítulo, para só então dispensá-las discretamente. Nos momentos de

comoção nacional papai abria as portas do nosso casarão para os amigos interessados em política. Lembro particularmente do suicídio de Getulio Vargas” (Depoimento ao autor, 2009).

O rádio Philips era o meio de obter informações de fora de Santana do Ipanema, atualizando-se com o que se passava no Brasil e no mundo. Para saber o que se passava na cidade, Zé Marques e os demais membros da comunidade desfrutavam do serviço de alto-falantes que a prefeitura do município fez instalar nos principais pontos da cidade:

A história do jornalismo em Santana do Ipanema teve início com o serviço de alto-falantes em pontos estratégicos na sede do município. Era a década de cinquenta, no século passado. Governava a cidade o prefeito Helio Cabral Rocha de Vasconcelos, e, sob a coordenação do funcionário Darras Noya, o primeiro serviço de difusão instalou-se em Santana, Capital do Feijão em Alagoas (RICARDO, 2008).

Zé Marques foi alfabetizado e fez o curso primário no Grupo Escolar Padre Francisco Correia, integrante do sistema municipal de educação. Ele e os irmãos iam para a Escola sempre em companhia de algum empregado doméstico apesar da pouca distância entre sua casa e a escola. Aliás, a distância entre a casa dele e a Igreja Matriz, por exemplo, podia ser percorrida com uma caminhada de 10 ou 15 minutos. Zé Marques só passou a se locomover sozinho depois que ingressou no ginásio e passou a usar calça comprida. Mesmo assim era vigiado “por parentes e aderentes que exerciam o controle social pelos postigos das casas em que viviam”.

Desde o primeiro instante, Zé Marques procurou ser um aluno aplicado, destacando-se com boas notas e com os prêmios que recebia dos concursos que participava. Sobre o sistema de aprendizagem de sua época, ele comenta:

Talvez minha geração tenha sido a última do tempo da palmatória. Do ABC, passando pela tabuada e chegando até a conjugação de verbos franceses, havia sabatina. Quem mostrasse bom desempenho (talvez memorizasse melhor) dava bolos nos colegas. Fazendo as contas, creio que dei mais bolos do que levei. As notas eram medidas de zero a dez. Não me lembro dos castigos porque sempre me esforcei para tirar notas elevadas. O pior castigo era repetir o ano com colegas atrasados (Depoimento ao autor, 2010).

No período em que ainda cursava o primário, Zé Marques começou a mania de fazer coleções, que ele conserva ainda hoje, mantendo uma valiosa coleção de livros em suas bibliotecas. Aliás, o hábito de colecionar impregnou a geração dele e as seguintes. Ele começou colecionando adesivos e panfletos dos políticos distribuídos em comícios nos anos eleitorais. Quando tomou parte da Cruzada Eucarística, mantinha uma coleção de santinhos, que eram distribuídos na Igreja pelos missionários. Considerando que na Cruzada Eucarística, a “ascensão se dava pelo tamanho das coleções de santinhos ou pela coleta de doações para as missões na África” e o fato de que ele chegou ao posto de General, presume-se que a coleção de santinhos que ele possuía e que as cartelas de arrecadação de fundos missionários devem ter sido avaliadas positivamente pelas catequistas. As

estampas Eucalol foram colecionadas no período do exame de admissão ao ginásio. Os gibis são dos tempos de ginásio: “transitei pelos gibis até chegar à fase não ficcional: revistas *O Cruzeiro* e livros de aventuras, viagens ou biografias”. No colegial, Zé Marques passou a colecionar peças do artesanato nordestino. Na universidade, começou a colecionar livros, mantendo o vício ainda hoje com uma predileção pelas obras raras.

Foi durante o primário que Zé Marques começou a dar sinais de sua inclinação de prosador obstinado, como ele se define. Ainda cursava o 3º ano primário, em 1953, quando, em concurso escolar para a escolha da melhor redação, foi classificado em primeiro lugar com o texto intitulado *Alagoas*. Esse foi o primeiro de inúmeros prêmios que ele continua recebendo ao longo de sua trajetória de vida intelectual. Em 1958, tornou-se o vencedor do Prêmio Machado de Assis, em concurso promovido pela Biblioteca Pública Municipal, com o texto intitulado *Progresso*.

Nessa época, quando cursava o ginásio, ele estava começando a ler romances nacionais e ao mesmo tempo tentava copiar ou reproduzir o estilo dos autores que lia: “Jorge Amado foi um deles, mas também José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, para me limitar aos nordestinos. O mais difícil de ser imitado na época era Graciliano Ramos”, confessa Zé Marques, acrescentando que os professores dele, no ginásio e no colegial, o ajudaram “a jogar fora essas muletas” e a encontrar seu próprio estilo para redigir “com simplicidade e altivez”.

A partir do ginásio ele se transformou num leitor compulsivo e, além dos já citados, leu de Camões a Euclides da Cunha, além de Machado de Assis, Eça de Queiroz, José de Alencar, Érico Veríssimo e, os autores santanenses, Breno Accioly, Oscar

Silva e Tadeu Rocha. Destaque-se que Tadeu Rocha é responsável por um dos mais completos relatos da história literária do Nordeste, no livro *Modernismo e regionalismo*, de 1964, além de ter escrito a mais completa biografia de Delmiro Gouveia. Mais tarde enveredou pela leitura de livros de cunho econômico, filosófico e ideológico, destacando-se então autores como Ortega y Gasset, José Ingenieros, Tristão de Athayde, Gustavo Corção, Agripino Grieco, Ruy Barbosa, Guedes de Miranda e Octavio Brandão entre outros. Um livro que muito impressionou o jovem Zé Marques foi *O Caminho*, de Octávio Brandão.

No Bairro do Monumento, na Avenida Dr. Arsênio Moreira, onde morou durante a infância e a adolescência, Zé Marques conviveu e se relacionou com vizinhos que mais tarde ganharam notoriedade:

Nossos vizinhos eram principalmente as autoridades locais, que alugavam as casas com varandas e quintais construídas por famílias abastadas que se mudaram para Maceió. Vou citar dois exemplos de vizinhos que adquiriram notoriedade. Um deles é o da antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, que viveu no casarão em frente ao grupo Escolar, depois comprado, pela minha família, para abrigar minha avó Eufrosina e suas filhas, conhecidas como as Marques. Outro caso é o do engenheiro Luis Abílio de Souza Neto, que foi meu vizinho e com ele joguei muitas peladas, posteriormente político destacado em Alagoas, ocupando o cargo de Governador do Estado (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

4. O mundo no Templo da Cultura

Faça o que puder, com o que tiver, onde estiver.

Theodore Roosevelt

Foi no Grupo Escolar Padre Francisco Correia, uma escola pública de Santana do Ipanema, onde Zé Marques foi alfabetizado e concluiu o primeiro grau (primário e ginasial). Foi ouvindo as emissões noticiosas do serviço de alto-falantes que Zé Marques começou a despertar para a importância da informação, ou de estar bem informado, pois ao tomar conhecimento do que acontecia na cidade (nascimentos, batizados, aniversários, casamentos, bodas, velórios, enterros, festas, jogos de futebol programados e seus respectivos resultados entre outras coisas) ele podia participar das conversas com seus vizinhos, amigos e familiares. Os serviços de alto-falantes, instalados nas pequenas cidades e até mesmo nos bairros das capitais, foram precursores das

emissoras comunitárias. Além de programas noticiosos, como *A Voz do Município*, o serviço também servia para a divulgação dos novos lançamentos musicais e para dar o clima na época das festas tradicionais, como os festejos juninos, quando eram transmitidos forrós, xotes e outros ritmos nordestinos.

Nessa época, com o auxílio do rádio da família, Zé Marques podia acompanhar os programas de auditório da Rádio Nacional e ouvir os cantores de sucesso tais como Dalva de Oliveira, Linda Batista, Chico Alves, Dick Farney, Orlando Silva entre outros. Mas, o importante é que a comunicação não estava limitada ao serviço de alto-falantes e ao rádio Philips, pois Zé Marques se transformou num cinéfilo e, aos domingos, não perdia os seriados e os filmes hollywoodianos: dos banguê-banguês às aventuras de Tarzan, dos filmes de guerra aos musicais; dos filmes italianos e franceses às chanchadas nacionais exibidos no Cine Glória, de Santana do Ipanema.

O cinema era um *point* de encontro onde os jovens podiam também efetuar trocas das revistas em quadrinhos, figurinhas, santinhos e adesivos que colecionavam, mas ele lembra que a troca das peças repetidas eram feitas durante as férias escolares. Aos 12 anos, aos sábados, dia da feira-livre, ele começou a trabalhar como empacotador na loja do primo Adeildo Marques e com o dinheiro que ganhava, fruto de seu trabalho, comprava os gibis preferidos. Conforme revela Zé Marques ele lia muita revista em quadrinho:

Eu traçava tudo, de *Pafúncio* a *X-9*, passando pelos meus heróis preferidos: *Tarzan*, *Fantasma* e *Mandrake*, além dos cowboys, principalmente os que protagonizavam as

séries cinematográficas. Os mais populares eram Alan Ladd e Roy Rogers. Houve um tempo em que meus pais ficaram preocupados com o meu interesse pelos gibis, mas depois que Gilberto Freyre publicou um artigo na revista *O Cruzeiro* defendendo sua potencialidade educativa, eles deixaram de vigiar minhas leituras.

A partir daí, Zé Marques começou a desenvolver o gosto pela leitura, apesar do fato de sua família não manter uma biblioteca em casa. Seu pai possuía uma pequena coleção de livros aos quais ele nunca teve acesso: “imagino que se tratava de literatura maçônica ou de livros anticlericais que, em respeito ao catolicismo de minha mãe, ele sonegava aos filhos”.

Alfabetizado, Zé Marques começou a frequentar a Biblioteca Pública Municipal instalada na gestão do prefeito Hélio Rocha Cabral de Vasconcelos no início da década de 1950 do século passado, cuja direção foi confiada a Nilza Nepomuceno Marques, que foi devidamente preparada para assumir o cargo, tendo feito um curso intensivo de gestão de bibliotecas na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Nilza, uma das primas de Zé Marques, “foi treinada para atender a públicos diferenciados, especialmente o infanto-juvenil, tendo em vista a ausência de bibliotecas escolares naquela ocasião”. Assim, ela soube transformar a biblioteca pública numa extensão da própria escola, atraindo e preservando o interesse dos jovens pela leitura. Inicialmente a biblioteca funcionou num sobrado da Rua do Comércio que antes abrigava a loja O Forrageiro. Anos depois foi batizada com o nome do contista alagoano: Biblioteca Pública Municipal Breno Accioly, que foi o primeiro escritor santanense a publicar livros.

A biblioteca está instalada na Rua Cel. Lucena Maranhão, 141, no Centro de Santana do Ipanema, e foi de fundamental importância para desenvolver em Zé Marques o hábito da leitura, a ponto dele, ainda jovem ter classificado a biblioteca como sendo “o templo cultural de Santana do Ipanema”.

Na biblioteca de Santana do Ipanema, Zé Marques teve acesso à literatura juvenil, principalmente às histórias de Monteiro Lobato. Leu também as biografias dos santos católicos e livros adultos. Dentre as leituras da juventude, lembra de ter lido Leão XIII, Padre Lebrecht e outros pensadores católicos, tais como Vieira, Santo Tomás, Jackson Figueiredo, Tristão de Athayde, Gustavo Corção, Dom Vital, Frei Caneca, Plínio Salgado. “Sempre fui eclético, evitando os dogmatismos. A essas leituras [tempos depois] contraponho autores marxistas – Engels, Marx, Trotsky, Gramsci, Althusser. Ou liberais como Dewey, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro”. Na verdade, era nas Bibliotecas públicas, tanto de Santana do Ipanema, como de Maceió e Recife, que Zé Marques se refugiava, pois como ele mesmo frisa,

os espaços públicos em Santana do Ipanema eram escassos e inóspitos pelo clima árduo. Só havia a Praça da Matriz e a pracinha do Monumento. Insuportáveis durante o dia, pelo calor sufocante devido à falta de árvores frondosas. Restavam a Igreja, durante os ritos do calendário católico, a biblioteca pública, que abria durante a noite, e os clubes sociais (Depoimento ao autor, 2010).

No dia 8 de março de 1953, o Banco do Brasil inaugurou uma agência em Santana do Ipanema, abrindo novas perspecti-

vas de desenvolvimento para a terra dos escritores e, ao mesmo tempo, terra da produção de feijão. No dia 20 de março de 1953, Graciliano Ramos, o maior escritor alagoano, morreu. Ao final do mesmo ano, o jovem Zé Marques presta exame de admissão ao ciclo ginásial. A partir daí, ele passou a usar calça comprida, um símbolo de que estava deixando a infância e ingressando na adolescência, fase das grandes descobertas e de autoconfiança. Apesar disso confessa que “naquele tempo não sonhava com o futuro. Talvez seja a sina do sertanejo: viver o presente com intensidade e deixar que a vida nos vá levando”.

No período de 1954 a 1957 ele esteve matriculado no Ginásio Santana. Essa foi uma época conturbada pela disputa política que, no dia 24 de agosto de 1954 culminou com o suicídio do então presidente Getúlio Vargas. Zé Marques, curioso e assustado ouviu as transmissões dramáticas da Rádio Nacional em sua casa, ao lado de dezenas de pessoas, pois seu pai, diante da crise nacional, abriu as portas de sua casa para que todos os amigos, vizinhos e familiares pudessem ouvir os relatos e os problemas políticos. As transmissões, carregadas de dramaticidade, acentuada pela voz grave dos locutores, geraram uma comoção nacional, atingindo também a população de Santana do Ipanema. Ainda nesse período ocorreu a eleição de Juscelino Kubitschek com o seu Plano de Metas e o slogan desenvolvimentista de fazer 50 anos em 5, com a previsão de muitas obras públicas, inclusive a construção de Brasília.

O Brasil vivia um momento de euforia e desenvolvimento, durante o governo de Juscelino Kubitschek, considerado como um dos mais liberais até aquela data.

Um período marcado também por mudanças positivas na imprensa. [...] Nos anos JK, a mídia impressa – jornais e revistas – teve um período áureo. O jornalismo político e o jornalismo popular, de então, passou a abandonar suas tradições de combate, de crítica e de opinião, passando a se preocupar com a linguagem e com a objetividade da informação (MATTOS, 2008, p.21-22).

Como Zé Marques concluiu o ciclo ginásial em primeiro lugar, ele obteve o direito de participar de um concurso promovido pelo MEC, em todo o país, com o objetivo de selecionar os melhores candidatos ao ciclo colegial: “Fiz a prova e fui um dos primeiros classificados no Estado de Alagoas. Graças a isso, pude liberar meu pai do ônus de financiar minha formação secundária”. Com a bolsa do MEC ele foi estudar em Maceió, começando a romper o cordão umbilical, saindo de perto dos pais para descobrir o mundo com suas próprias pernas, correndo riscos e abrindo seus próprios caminhos.

Já rapazinho, seu pai passou a tratá-lo como um homem, estimulando sua independência. Ao concluir o ginásio, Zé Marques lembra que teve o que ele classifica como o primeiro diálogo com o pai, que o orientou no sentido de que fosse estudar em Maceió:

Não quis me acompanhar, pois dizia que eu já tinha 15 anos e devia começar a tomar rumo próprio. Deu-me carta de apresentação para seu amigo Eustáquio, dono do Parque Hotel, em Maceió, que me hospedou e nunca quis cobrar nada. Papai não queria que os filhos homens estudassem em colégios de padres – ele cultivava uma

idiossincrasia anticlerical, que amenizou com o tempo. Por isso, optei inicialmente pelo colégio público mais conceituado, na época, o Liceu Alagoano, mas acabei me transferindo para o Colégio Batista Alagoano, no fim do primeiro semestre, pois o corpo docente dos dois estabelecimentos era quase idêntico, com uma diferença: no Batista, os professores compareciam regularmente às aulas (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

A bolsa do MEC dava para cobrir apenas a mensalidade do colégio e por isso Zé Marques continuou recebendo uma mesada de seu pai para os lanches, além de ajudar no ingresso do cinema. Mesmo assim o dinheiro era curto e ele “vivía na pindáiba, com pouco dinheiro no bolso”. O dinheiro dava para ir ao cinema nos fins de semana, mas o teatro só quando ganhava convites. Comprar livro, nem pensar, mas podia desfrutar do acervo literário das bibliotecas públicas. Ele costumava se divertir nas festas populares que frequentava juntamente com os colegas da pensão. Frequentava ainda as sessões culturais do Instituto Histórico Geográfico de Alagoas e da Academia Alagoana de Letras.

Meu tempo de lazer era dedicado principalmente à leitura, que foi crescendo quando me mudei para Recife, onde continuei frequentando as bibliotecas Públicas. Fartei-me, nesse momento, na literatura brasileira, especialmente os autores nordestinos. Comecei a incursionar, ainda em Maceió, pela literatura marxista, através do alagoano Octavio Brandão, e depois avançando pelas obras de divulgação do marxismo-leninismo. Mas tam-

bém me interessava pela literatura cristã – Alceu, Gustavo Corção, Leão XIII. Um autor que marcou minha geração foi o filósofo argentino José Ingenieros. Outro foi o espanhol Ortega Y Gasset. Na fase pernambucana, os arautos do nacionalismo: principalmente os autores do Iseb. E nessa conjuntura os autores russos – Gogol, Dostoievsky, Tolstoi – até chegar aos filósofos de vanguarda francesa – Sartre especialmente. Confesso que nunca fui um leitor seletivo – traçava tudo o que me atraía – muitas vezes motivado pelos suplementos literários (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Durante a adolescência, entre o ginásio e o colegial, Zé Marques começou a participar das paqueras da juventude que ocorriam durante as festas populares, na praça onde se instalavam o parque de diversões e as barracas da quermesse, ou nos bailes promovidos pelos clubes sociais de Santana do Ipanema. Como relembra Zé Marques: “A elite frequentava o Tênis Clube e a classe remediada frequentava o Clube dos Artistas, enquanto a pobreza ficava no sereno, ou seja, apreciando os privilegiados pelas brechas dos muros que isolavam os dois clubes, situados um na frente do outro”.

Foi no Tênis Clube, onde a juventude de sua época se dava aos namoricos, que ele aprendeu a dançar com as primas e irmãs, para só depois se aventurar a convidar “as moças que ficavam em suas mesas, na companhia de familiares, lançando olhares furtivos aos pares preferidos. Aprendi a dançar samba, valsa, bolero, mas o mais comum era cairmos no frevo, pois toda festa terminava em carnaval. Nunca fui um dançarino exemplar”.

Sua primeira namorada, não platônica, data do período quando estudava em Maceió, quando também aconteceu sua iniciação sexual, num dos bordéis da cidade. Zé Marques mostra-se constrangido em falar sobre particularidades picantes, alegando que “o pudor sertanejo impõe garantia de privacidade, porque envolve pessoas vivas”, ele prefere manter discrição quanto aos assuntos do coração, até porque afirma: “Depois que casei com Silvia, em 1964, passamos uma borracha na vida pretérita. Ela nunca me perguntou sobre minhas aventuras anteriores e eu mantenho a mesma diplomacia em relação a ela. E desta maneira, vivemos em paz e harmonia”.

5. Assumindo a vocação

O jornalismo é a chamada teoria da escada: são poucos os que têm vocação e não sobem a escada; mas os que sobem passam para a política ou para as empresas.

Max Weber

Lendo com avidez as reportagens da revista *O Cruzeiro*, jornais diários e os poucos livros sobre jornalismo, quando ainda secundarista, na biblioteca pública de Santana do Ipanema, Zé Marques começou a ser atraído pelo jornalismo. Foi durante uma de suas visitas à biblioteca que o jovem se defrontou com o texto de uma das conferências de Ruy Barbosa: *A imprensa e o dever da verdade*, que lhe causou grande impacto, descortinando a possibilidade de vir a trilhar o caminho do jornalismo. Já estudando em Maceió, começou então a escrever no que se pode de-

nominar de imprensa estudantil, tanto nos periódicos escolares, como *O CBA*, órgão de divulgação cultural do Colégio Batista Alagoano, quanto em jornais do movimento estudantil, como a *Tribuna do Secundarista*, que era editada pela União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas. Vale destacar que o espírito empreendedor começava a se manifestar no jovem Zé Marques que refundou o jornalzinho *O CBA*, de seu Colégio, dando assim o primeiro passo em direção do jornalismo. O retorno de *O CBA* mereceu um registro no *Jornal de Alagoas*, identificando Zé Marques como o responsável pela ressurreição do jornalzinho. O artigo, assinado pelo professor J. Silveira Camerino, acabou dando visibilidade ao jovem, principalmente, no meio estudantil, tendo sido de imediato convidado para ser redator-chefe da *Tribuna Secundarista* de Alagoas.

Eu sempre tive o meu pendor pelo jornalismo. Já em Maceió, eu editava os jornais, editava jornais no meu colégio; participei da edição do *Jornal da União dos Estudantes Secundaristas* e, na Faculdade de Direito, eu comecei logo no primeiro ano editando um jornal intitulado *O Pare-dão*. Eu lancei, com um grupo de amigos, esse jornal na faculdade e, em seguida, passei a trabalhar na revista do diretório, revista *Estudantes* (FERNANDES, 1986).

Daí para começar a colaborar em jornais profissionais foi um pulo. E assim, no início do ano de 1959, aos 15 anos de idade, não hesitou: dirigiu-se à redação da *Gazeta de Alagoas* e apresentou-se como candidato a correspondente do jornal em Santana do Ipanema. Começou então a exercer a função de correspon-

dente do jornal de propriedade do ex-governador e ex-senador Arnon de Mello: “ingressei na profissão como repórter comunitário, fazendo a cobertura dos acontecimentos da cidade sertaneja em que vivi os tempos de juventude”. Nesse mesmo período ele foi também assessor cultural da Prefeitura de Santana do Ipanema, onde exerceu a primeira atividade no serviço público.

Seu primeiro texto jornalístico foi publicado na *Gazeta de Alagoas*, do dia 15 de março de 1959, e tratava sobre “A Biblioteca Pública Municipal”. Para redigi-lo, como não obteve nenhuma orientação prévia, procurou ler e captar o estilo usado pelos redatores do jornal e “mimetizando textualmente aqueles que já pontificavam no diário maceioense, redigi o artigo, que foi publicado sem correções”. A partir daí, durante um ano, passou a colaborar semanalmente, geralmente nas edições dominicais. A rotina só era quebrada quando, fatos imprevistos, considerados excepcionais, o obrigavam a enviar matérias no meio da semana. Ele lembra alguns desses fatos: o pouso forçado de um teco-teco, que transportava um emissário do governo federal, no campo de futebol de Santana e a chegada de uma brigada do Batalhão de Construção do Exército, sondando onde poderia instalar uma unidade.

É importante salientar que foi no ano de 1959, quando ele estava se iniciando no jornalismo que o *Jornal do Brasil* completou a reforma gráfica editorial iniciada em 1957. Foi em 1959 que o *JB* mudou radicalmente sua primeira página e passou a ser uma referência para todos os jornais brasileiros. Foi em março de 1959, que a revista *Senhor* foi lançada no Rio de Janeiro e, devido as suas características gráficas e atenção especial às inovações artísticas e culturais, tidas como ousadas para a época, foi

considerada como um marco da evolução das revistas brasileiras. Foi também em 1959, quando o “Cinema Novo” inaugurava o diálogo com o neo-realismo urbano, que surgiu uma de suas grandes expressões: Glauber Rocha, com o curta-metragem intitulado *O Pátio* (MATTO, 2008). Internacionalmente, o fato do ano foi a Revolução Cubana, com Fidel Castro assumindo o governo de Cuba no dia 15 de fevereiro de 1959.

Da *Gazeta de Alagoas* transferiu-se, como convidado, para integrar a equipe do *Jornal de Alagoas*, vinculado aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, onde atuou durante dois anos sob a orientação do jornalista e editor da página dos municípios Carvalho Veras, de quem recebeu as primeiras orientações utilitárias. Foi nesse jornal que Zé Marques ganhou o primeiro troféu jornalístico, com uma série de reportagens sobre bandas de músicas do interior. Entretanto, na época, ele não foi admitido com carteira assinada, recebendo por seu trabalho “jetons pelo sistema de vales, mesmo assim a duras penas”.

Como um principiante do jornalismo, suas matérias eram motivos de elogios ou críticas dos santanenses. Como correspondente, Zé Marques sofreu pressões, ameaças, ironias e achincalhes em decorrência de suas matérias publicadas, “um misto de jornalismo de denúncia e ufanismo municipal”, nas quais, o então aprendiz de repórter, refletia suas preocupações com as questões sociais e o desenvolvimento de Santana do Ipanema. Ao mesmo tempo cobrava atitudes das autoridades para resolver problemas da comunidade, denunciava a falta de um sistema de ensino e de saúde de qualidade, como exaltava o que tinha de bom em Santana do Ipanema. E tudo isso com um espírito de independência jornalística em busca da verdade

como aconselhava Ruy Barbosa e logo “aprendi que a verdade incomoda a muita gente”.

Ele constatou também que o “exercício do jornalismo independente e o engajamento político são inconciliáveis”. Cedo ele verificou que, para ser realmente jornalista, o amadorismo e o voluntarismo não seriam suficientes, o que o levou a buscar um aperfeiçoamento por meio do estudo direcionado. O primeiro texto que causou impacto no jovem Zé Marques foi “A imprensa e o dever da verdade”, uma conferência de Ruy Barbosa. Mas ele começou mesmo a saciar sua sede de conhecimento jornalístico a partir do contato com o livro de Luiz Beltrão intitulado *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, de 1960, hoje considerado como um dos clássicos da área.¹⁹

Esclarecendo as reações da comunidade em relação às suas primeiras matérias jornalísticas, Zé Marques cita algumas de suas reportagens consideradas polêmicas e a tese que ele defendia:

Vou citar três casos: 1) Matéria sobre a construção de igrejas. Minha tese era a de que Santana já tinha várias igrejas, tendo carência de asilos para velhos e abrigo para crianças abandonadas. O clero local se indignou e me reprovou. Como eu estudava em colégio batista, fui

19. Este livro de Luiz Beltrão recebeu o “Prêmio Orlando Dantas, outorgado pelo *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. As pesquisas de Luiz Beltrão são consideradas como uma das principais contribuições brasileiras à Teoria da Comunicação Latino-Americana, pois ele lançava mão das teorias e metodologias norte-americanas do Jornalismo e as ‘transportava’ para o contexto sociopolítico e cultural do nordeste” (MATTOS, 2008:27).

acusado de haver ingressado nas hostes protestantes. Só muito mais tarde, descobri que a motivação para as novas igrejas era justamente desestimular as igrejas evangélicas que surgiam na cidade. 2) Matérias sobre o clube de mães. Escrevi sobre o abandono do clube de mães, sinalizando para a festa dedicada às mães pobres tinha sido descontinuada pela senhora que ocupava a presidência honorária da entidade. Mereci reprimenda pelo jornal adversário, insinuando que eu agia por inspiração do chefe político municipal, meu parente. Revidei a acusação e não houve tréplica. 3) Fui cobrir a eleição municipal, disputada por dois candidatos, um deles meu tio. Para cumprir a regra de ouvir os dois lados, optei por não fazer reportagem, publicando entrevistas com os dois candidatos. Mereci desaprovação geral do meu *clã*, que esperava favorecimento do parente. Meu tio foi derrotado e até recentemente eu ainda era responsabilizado pela derrota (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2009).

Seu Leuzinger orgulhava-se da ascensão intelectual do filho quando ele começou a exercer o jornalismo incentivando-o, “embora advertisse em relação aos problemas daí decorrentes”. Zé Marques lembra que quando decidiu fazer vestibular para Jornalismo ele teve uma conversa muito difícil com o pai:

Nosso diálogo mais difícil ocorreu quando, no vestibular, eu decidi não cumprir sua predileção de que me formasse engenheiro. Acredito que, tendo sido um engenheiro nato, perito em mecânica e eletrônica, ele pretendia que o filho mais velho seguisse os seus pas-

sos. Mas respeitou minha decisão de optar pelo campo das Humanidades, Direito/Jornalismo. Esse episódio marcou minha independência em relação à autoridade paterna. Preservei os laços afetivos, dele recebendo constante orientação, através de cartas e eventuais visitas ao Recife. Na verdade, ele transferiu essa vigilância paterna ao meu tio e padrinho Clovis, irmão da minha Mãe, que foi uma espécie de Cônsul Santanense em Recife e super protetor dos Marques que estudavam em Pernambuco (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

E assim, no ano de 1959, mudou-se para Recife, onde concluiu o segundo grau (o curso científico) no Colégio Batista Americano, que é famoso porque teve Gilberto Freyre como aluno. Como o curso do Colégio tinha uma grande dose humanística, não foi difícil para Zé Marques prestar vestibular e ser aprovado em cursos da área de humanas. Ele estava se preparando, frequentando até um cursinho, para fazer o vestibular de Engenharia, como queria o pai dele, mas na verdade o que ele queria mesmo era fazer Jornalismo, cujo curso não era oferecido em Pernambuco, o que dificultaria suas pretensões. Como desde garoto vinha demonstrando inclinação para o campo das humanidades e das letras, a pressão familiar para que fizesse Engenharia o estava levando a uma crise vocacional. Em consequência, resolveu enfrentar a autoridade paterna expondo sua decisão. Foi um diálogo duro, como Zé Marques lembra, mas o pai acabou cedendo.

Então, Zé Marques, ainda no terceiro ano colegial, se inscreveu no vestibular de Direito. Para adquirir um maior co-

nhecimento das matérias clássicas ele frequentou um cursinho pré-vestibular, o Curso Torres, e acabou se dando bem, tendo sido aprovado. Depois de ter escolhido Direito e de ser aprovado no vestibular, leu nos jornais que a Universidade Católica de Pernambuco ia abrir o curso de Jornalismo. De imediato o sangue de jornalista que corria em suas veias falou mais alto e correu para se inscrever. Após a inscrição comunicou o fato à família com a vibração de quem tinha encontrado o caminho de realizar o sonho. Esse novo passo foi motivo para que Leuzinger o advertisse: “você está arrumando encrenca como jornalista, que não é profissão; mas se decidir mesmo isso, faça também o curso de Direito para ter opção alternativa no mercado de trabalho”. Zé Marques seguiu o conselho paterno, conciliando o curso de Direito pela manhã e o de Jornalismo pela noite, além de começar a trabalhar no turno vespertino, pois prestou concurso público para a SUDENE, instituição que estava sendo implantada naquele período de grande desenvolvimento do país.

Em Recife, enquanto cursava a universidade, Zé Marques se engajou no projeto de implantação do jornal Última Hora-Nordeste, de Samuel Wainer. O jornal “UH-Nordeste foi criado para apoiar a candidatura de José Ermírio de Moraes ao Senado por Pernambuco, mas acabou dando sustentação política a Miguel Arraes candidato a governador. Eu acompanhei todo o processo de implantação do jornal, onde trabalhavam muitos amigos, mas só participei da redação na minha fase de estágio no final do curso de Jornalismo”. O jornal UH-Nordeste foi totalmente desmantelado pelo Golpe Militar de 1964 que também

provocou o colapso da cadeia nacional de Samuel Wainer.²⁰ Durante a experiência no Última Hora, ele trabalhou com o Milton Coelho da Graça, chefe de redação, e com Múcio Borges da Fonseca, chefe de reportagem.

O Milton era aquele tipo “pedagogia do grito”. Pegava a pauta e quanto voltava com a matéria berrava: ‘Não presta! Volte lá e faça tudo de novo’. Mas era um meio de fazer com que a gente aprendesse direito. E olha que eu já era jornalista profissional [referindo-se à sua experiência como correspondente da *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*] e estava terminando o curso de Jornalismo. Quer dizer, [na *UH-Nordeste*] era um estágio que estava fazendo na prática (Entrevista publicada no *Protagonistas da Imprensa Brasileira*, 2009).

Zé Marques acrescenta que aprendeu a fazer jornalismo antes mesmo de ingressar na Universidade e dá crédito às pessoas que o ajudaram neste sentido:

20. Samuel Wainer, que nasceu em 1912 e morreu em 02/09/1980, foi responsável pela fundação do jornal Última Hora no dia 12 de junho de 1951, no Rio de Janeiro. A *UH* foi responsável pela introdução da diagramação no jornalismo brasileiro, causando uma verdadeira revolução com a valorização da fotografia e do repórter. O sucesso foi tão grande que em seis meses transformou-se no jornal mais vendido no Rio de Janeiro. A *UH-Nordeste*, em Recife, foi invadida à meia noite do dia 18 de abril de 1964, por uma tropa de choque que entrou atirando e quebrando tudo. O desmantelamento da rede acabou determinando o fechamento do jornal, no Rio, em 1971. Entre 1977 e 1980 Samuel Wainer foi colunista da *Folha de S. Paulo*, colaborando até a véspera de sua morte.

Meu primeiro editor, o jornalista Carvalho Veras, no tempo em que trabalhava no *Jornal de Alagoas*, deu-me as lições básicas. Procurei supri-las e ampliá-las lendo a bibliografia disponível no Brasil. Depois, fiz o curso superior de Jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco. Ali completei minha formação teórica com os ensinamentos de Luiz Beltrão. Mas não os considerei suficientes. Procurei atualizar-me. Por um lado, continuei tomando lições práticas. Aprendi muito com Múcio Borges da Fonseca e Milton Coelho Graça, quando trabalhei na edição nordestina do jornal Última Hora, editada na cidade do Recife. E procurei acompanhar o trabalho dos grandes jornalistas da minha juventude. [...] Também enveredei pelos clássicos do jornalismo, lendo autores nacionais e estrangeiros (LOPES & GOMES, 2000).

Durante o período em que estava na Universidade, Zé Marques também teve uma passagem rápida pelo *Jornal do Commercio*, do Recife, como *freelancer*, que lhe foi muito gratificante, por ter lhe dado “reconhecimento público como jornalista”. Isto porque a reportagem intitulada “Revolução cassa no São Francisco Maria Fumaça”, que foi contemplada com o Prêmio Esso de Jornalismo. A reportagem foi inscrita no Prêmio Esso à sua revelia pelo professor Luiz Beltrão, “que teimava em incentivar profissionalmente seus ex-alunos e dessa maneira promover o curso que coordenava”. Zé Marques recebeu uma Menção Honrosa. Sobre esta etapa Zé Marques registrou em livro:

Minha reportagem, como certamente outras matérias publicadas na imprensa da época, atingia o limite da de-

núncia possível. [...] Apesar do bom desempenho como repórter, eu havia sido mordido pela mosca azul da pesquisa. [...] Criei um departamento de pesquisa no Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), convencido de que o bom jornalismo deve alicerçar-se na criatividade editorial e na intuição profissional. Mas suas decisões estratégicas precisam estar alavancadas em sondagens periódicas junto aos consumidores. Um dos primeiros clientes que persuadi a comprar os nossos serviços foi o *Jornal do Commercio*. [...] A sondagem foi feita em julho de 1966. Talvez tenha sido a primeira pesquisa científica que o jornal financiou com a intenção de conhecer as demandas do seu público leitor. [...] A experiência que partilhei com o *Jornal do Commercio* foi decisiva para a minha carreira profissional. Eu sentia que tinha uma vocação jornalística mais direcionada para a pesquisa científica do que para a reportagem. Tanto assim que, ao emigrar para São Paulo, tive duas oportunidades de emprego. Trabalhar como jornalista nas revistas da Editora Abril ou atuar como pesquisador do INESE (Instituto de Estudos Sociais e Econômicos). Não vacilei em optar pela segunda oferta (MARQUES DE MELO, 2009, pp. 215-221).

Sintetizando sua experiência como jornalista atuante, pode-se listar que, em 1959, foi repórter-correspondente do interior, na *Gazeta de Alagoas*, passando pelo *Jornal de Alagoas*, dos Diários Associados, chegando a repórter da editoria de cultura do jornal *Última Hora-Nordeste*, entre 1962-1964. Ele foi repórter freelancer do *Jornal do Commercio* e *Diário da Noite* no período de 1965-1966. A partir de 1967 iniciou outra etapa, que persiste até os dias de hoje, que é a do articulista, colaborando em jor-

nais tais como *A Gazeta*, *Diário do Grande ABC*, *A Tribuna de Santos*, *Zero Hora*, *São Paulo*, *Diário de Pernambuco*, *Folha de S. Paulo* entre outros. Até o ano de 1992 ele exerceu a função de articulista não remunerado, contribuindo com artigos nos quais refletia sobre temas diversos, política e cultura principalmente, mas privilegiando as questões jornalísticas ou comunicacionais.

Entre 1975-1976 trabalhou como editor de Cultura do jornal *O São Paulo*, da Arquidiocese de São Paulo, onde tinha “o encargo de pautar a página 2, selecionar as matérias a serem publicadas, inclusive as escritas pelos colunistas e fechar a página. Meu editor-chefe era o Frei Romeu Dale, mas na verdade o processo era sempre discutido com o Cardeal Arns e sua equipe assessora. O mais difícil era lidar com a censura em Brasília, pois sempre havia cortes e vetos.” Quando foi demitido da USP, em 1974, além do jornal *O São Paulo*, ele trabalhou também na revista *Construção* e realizou tarefas como redator especializado em projetos de empresas públicas e privadas. Desde 1993, até os dias atuais, ele é colunista titular da seção *Campus*, na revista *Imprensa*. Saliente-se que desde a fundação da revista, Zé Marques atuou, voluntariamente, como conselheiro editorial, só passando a ser remunerado quando iniciou a coluna *Campus*, após sua aposentadoria na USP, em meados de 1993.

Ao conceder uma longa entrevista ao *Jornal da ANJ*, em outubro de 2009, Zé Marques fez, ao responder uma das perguntas, um resumo de sua trajetória como jornalista, além de dar uma aula sobre história do jornalismo contemporâneo:

A minha vida como jornalista foi truncada. Quando fui estudar Jornalismo no Recife, eu pretendia ser um gran-

de repórter, e cheguei até mesmo a verificar que eu tinha potencial para isso quando a matéria que eu produzi, logo depois de formado, recebeu menção honrosa no Rio de Janeiro, no Prêmio Esso, a matéria chamada 'Revolução cassa no São Francisco Maria Fumaça', mas em seguida fui fazer pós-graduação no exterior. Fui para o Centro de Formação de Jornalistas que a UNESCO mantinha na Universidade Central do Equador e quando voltei eu fui mordido pela mosca azul da pesquisa. Então, na verdade, eu passei a fazer o jornalismo sobre o jornalismo, com alternância, porque eu também nunca interrompi minha habilidade escrevendo artigos e matérias de pequena monta, porque quando entrei na Universidade de São Paulo eu tive de optar pelo regime de dedicação exclusiva à docência e à pesquisa. Isso impedia que eu trabalhasse na imprensa. Então, essa foi uma fase muito interessante do ponto de vista de ver o jornalismo por dentro. Eu comecei a fazer essas pesquisas nos anos 60, e acho que houve muitas mudanças no Brasil, sobretudo com relação à importação de modelos e padrões. Acho que isso começou nos anos 20, quando Gilberto Freyre foi para Recife. Por exemplo, Gilberto Freyre foi produtor do primeiro Manual de Redação da imprensa brasileira, mas não vingou, porque houve muita oposição na época. Isso só vingou com o *Diário Carioca* dos anos 50. Logo, os anos 50 são os anos-chave para entendermos o jornalismo brasileiro, porque é o momento em que nós vamos importar o chamado padrão norte-americano, quando nós substituímos o jornal de opinião – que predominava até então – pelo jornal de informação. O jornal se transforma em uma indústria. O jornal vai se desamarrando dos partidos políticos ou das correntes

organizadas da sociedade, e vai se tornando, em verdade, em um prestador de serviço ao leitor; é quando se profissionaliza a categoria – quando os cursos de Jornalismo ganham ênfase no país – e de lá para cá a gente tem tido altos e baixos (*Jornal ANJ*, out./ 2009).

A formação político-ideológica e intelectual de Zé Marques aconteceu no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1970. De certa forma, suas raízes simbólicas foram impregnadas pela cultura popular e sua identidade foi construída por meio dos canais folkmediáticos, que o transformaram no que ele mesmo define como sendo “um intelectual culturalmente mestiço”. Naturalmente, sua iniciação política deu-se em Santana do Ipanema, onde a família dele tinha participação ativa e histórica na política local. Além disso, ele foi atraído pelas ideias progressistas apresentadas nos livros que lia. Formalmente ele nunca chegou a participar de nenhum movimento, mas transitou como simpatizante junto aos grupos da Juventude Estudantil Católica (JEC) Juventude Universitária Católica (JUC) e da Juventude Comunista quando de seu ingresso na Universidade. Por outro lado, nunca foi simpatizante dos seguidores de Dom Geraldo de Proença Sigaud, fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) “ainda que com eles fosse obrigado a conviver, em São Paulo, pois a TFP dominou durante um certo tempo a Faculdade Cásper Líbero. Nunca os endossei, mas também não os enfrentei, por respeitar os pontos de vista diferentes dos meus”.

Zé Marques diz que sempre vacilou diante de compromissos organizacionais, de direita ou de esquerda, “porque tenho horror à tutela intelectual”. Ele afirma ter aprendido com o pai a ser

liberal e pluralista. Proveniente de uma família católica (parte materna), ele foi educado em colégios protestantes e se deixou seduzir pelas ideias socialistas. Foi recolhendo um pouco de todas as tendências e ideias que ele se transformou num “cidadão ecumênico”. Sobre amigos religiosos ele recorda os nomes do Padre Aloísio Mosca de Carvalho, com quem estudou ética e doutrina social, e o Frei Romeu Dale, assistente nacional da JUC e depois assessor de comunicação da CNBB. Sobre o amadurecimento político ele diz:

Em Maceió, passei a militar no movimento estudantil, mas sem vinculação partidária. Minha experiência, primeira e única, nesse universo deu-se em Recife, quando fui recrutado pelos meus colegas de universidade para ingressar na Juventude Comunista. Minha militância foi puramente intelectual e organizativa. Confesso que fiquei motivado pelas narrativas da revolução cubana. Mas li as principais obras do marxismo-leninismo e frequentei cursos ministrados por Apolônio de Carvalho e Jacob Gorender. Acreditei no princípio democrático até que percebi que não passava de engodo para esconder o autoritarismo de dirigentes inescrupulosos. Tive muitos conflitos com os militantes comunistas que atuavam no Movimento de Cultura Popular, até que decidi romper meus laços com a turma do Partidão. Desliguei-me da militância poucos dias antes do Golpe de 1964. Desde então, preservei meus ideais socialistas, mas me mantive distante da militância política (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2009).

6. Primeiro emprego formal

Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado.

Ruy Barbosa

Foi com 12 anos de idade que Zé Marques teve sua primeira experiência com o trabalho remunerado. Foi trabalhando no armazém de seu primo, como empacotador, durante os dias de feira-livre em Santana do Ipanema, que ele começou a ganhar o dinheiro que usava na compra de gibis. A partir de então descobriu que para ganhar dinheiro tinha que trabalhar. Aos 15 anos iniciou sua carreira jornalística e ao mesmo tempo atuou como assessor cultural do Museu Histórico e de Artes, mantido pela Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema, que foi inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1959. Seu primeiro emprego formal realmente só aconteceu em 1961 quando foi empossado como

Oficial Administrativo e, posteriormente, após o Golpe de 1964, passou a Supervisor Editorial na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), à qual esteve vinculado até 1966.

A SUDENE foi criada por meio da Lei 3.692, de 15 de dezembro de 1959, promulgada por Juscelino Kubitschek, como resposta do poder público à questão da seca que assolou a região nordestina no ano de 1958, levando então o governo a empregar milhares de flagelados em frentes de trabalho na região. Em 1959, JK enviou Celso Furtado²¹ para o polígono da seca e ele apresentou um relatório que foi divulgado pela imprensa e ficou conhecido como “Operação Nordeste”. Assim, as bases para a criação da instituição foram formuladas por Celso Furtado, no documento-relatório intitulado “Uma política de desenvolvimento para o Nordeste”. Na concepção do economista, o governo usaria a SUDENE como elemento de planejamento

21. Celso Monteiro Furtado, nordestino nascido na Paraíba em 26/07/1920, concluiu o doutorado em economia na Universidade de Paris – Sorbonne em 1948. Em 1949, no Chile, integrou a equipe do CEPAL, órgão das Nações Unidas. Na década de 1950 elaborou um estudo sobre a economia brasileira que serviu de base para o Plano de Metas do Governo JK. Em 1959/1960 participou da criação e implantação da SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, sendo nomeado seu primeiro dirigente. Em 1962 foi nomeado Ministro do Planejamento do Governo João Goulart, retornando à SUDENE em 1963 quando implantou a política de incentivos fiscais. Em 1964 teve seus direitos políticos cassados por dez anos. Exilado só retornou ao país em 1979 com a lei da Anistia, retornando então à militância política. É autor de inúmeros e valiosos livros de economia, que o transformaram num dos maiores economistas latino-americanos. Morreu em 20 de novembro de 2004.

e de administração dos recursos públicos para promover o desenvolvimento do Nordeste. A estratégia dele era resolver os problemas regionais, corrigindo as desigualdades por meio de planejamento regional e o uso de incentivos fiscais.

A partir do documento houve um amplo processo de conscientização popular sobre os problemas econômicos enfrentados pelo Nordeste. Celso Furtado, nomeado como primeiro superintendente da SUDENE, começou a exercer uma liderança carismática no sentido também de atrair a juventude para o desafio de combater o subdesenvolvimento da região. Suas ideias e seus projetos começaram a atrair os jovens engajados e Zé Marques foi um dos jovens atraídos. Por meio do Curso de Formação de Técnicos em Desenvolvimento Econômico (TDE), promovido com o apoio do CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina –, uma agência das Nações Unidas, a SUDENE se transformou num verdadeiro celeiro de talentos e os sudeneanos treinados passaram a ser colocados à disposição dos governos da região, contribuindo para estimular o desenvolvimento.

Apesar de não se recordar exatamente quanto ganhava na SUDENE, aquele emprego representou a independência financeira de Zé Marques, no sentido de não depender mais da família. “Foi a minha libertação. Papai deixou de mandar mesada, mas sempre procurava complementar meu orçamento com doações alimentícias. Mamãe também me abastecia, desde os tempos de Maceió, com biscoitos, bolos e doces, enviados através de portadores amigos”. O salário era suficiente para pagar a mensalidade da Universidade Católica, onde fazia Jornalismo, e o aluguel de um apartamento que compartilhava com primos e colegas. Zé Marques economizava fazendo suas refeições em

restaurantes estudantis – primeiro na Casa do Estudante de Pernambuco, depois no bandeirão da Faculdade de Direito.²² O que sobrava do salário era destinado à compra de livros, pois “eu já começava a formar minha biblioteca. Assim sendo, morei muito tempo em pensão – dormitório coletivo – e só no fim da Universidade, em apartamento alugado, mesmo assim compartilhado”.

Seu ingresso na SUDENE se deu por concurso público e de imediato “fui submetido a estágio probatório e a um curso de administração da Fundação Getulio Vargas”. Sobre a capacitação em administração e planejamento público ministrado por professores da Fundação Getulio Vargas, Zé Marques afirma que o curso

foi decisivo para o meu aprendizado gerencial. A equipe que nos treinou na SUDENE foi a mesma que Fidel Castro contratou para fazer a cabeça da nova geração de administradores cubanos. Era uma turma formada na

22. José Marques de Melo obteve os títulos de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco no ano de 1964 (na época o curso de Jornalismo tinha duração de três anos) e de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, no ano de 1965. Após a graduação ele obteve os seguintes títulos: de especialista em Ciências da Informação Coletiva (1966), Doutor em Jornalismo (1973), Livre-Docente em Jornalismo (1983), *Professor Titular de Jornalismo* (1987), *Catedrático UNESCO* (1992), *Tinker Professor* (1996), *Prêmio Wayne Danielson* (Texas, 1997) *Professor Emérito* (ECA, 2001), Doutor *Honoris Causa* (UFAL, 2003), Doutor *Honoris Causa* (UFM, 2010), *Pesquisador Paradigmático* (Câmara Municipal de São Paulo, 2010), *Prêmio Iberoamericano de Teoria da Comunicação* (Universidade de Oviedo, Espanha, 2010), *Professor Emblemático* (UMESP, 2012).

escola francesa do pós-guerra, já influenciada pelo *manager* norte-americano que a Europa assimilou por obra e graça do Plano Marshall. Mas eu já tinha adquirido habilidades administrativas em Santana do Ipanema. Trabalhei no balcão da loja de meu primo Adeildo, ainda menino, como empacotador e depois como balconista, aos sábados (dia de feira) e, depois fui nomeado funcionário municipal, ajudando em atividades culturais (feiras de livros, museu histórico, eventos literários etc.). Aprendi desde cedo a gerir projetos auto-sustentáveis e de interesse coletivo (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

O vínculo de Zé Marques com a SUDENE começou em 1961 e se estendeu até 1966. Na SUDENE começou a trabalhar como funcionário administrativo. Atuou na assessoria técnica, então chefiada pelo próprio Celso Furtado, e, nas suas ausências, pelo economista Francisco de Oliveira. Naquela ocasião ocupava o cargo denominado Oficial de Administração. Mas ali permaneceu pouco tempo, pois foi requisitado pelo governo de Miguel Arraes²³, no qual desempenhou a função de chefe de ga-

23. Miguel Arraes derrotou os candidatos Armando Monteiro Filho e João Cleofas nas eleições de 1962, assumindo o Governo do Estado de Pernambuco em Janeiro de 1963. O golpe militar de 1964 depôs o presidente João Goulart no dia 31 de março. Em Pernambuco, como Arraes não concordou em renunciar foi deposto e preso no 14º Regimento de Infantaria em Recife, sendo transferido para Fernando de Noronha e depois para a Fortaleza de Santa Cruz, em Niterói, no Rio de Janeiro. Foi solto por *habeas corpus* concedido pelo STF em 21 de abril de 1965. Por críticas formuladas aos inquéritos policiais–militares do regime, ele

binete do Secretário de Educação e, em seguida, foi coordenar o projeto de consolidação do Movimento de Cultura Popular. Naquela época, a SUDENE cedeu vários funcionários para ajudar na implementação de projetos de desenvolvimento comunitário do governo do Pernambuco.

Zé Marques estava com 19 anos de idade quando seu professor de Economia Política, na Faculdade de Direito, Germano Coelho, que havia sido nomeado secretário de Educação, o convidou para ser chefe de gabinete. Já naquela época ele demonstrava sua capacidade de lideranças e de organização a ponto de ter despertado a atenção do professor que não hesitou em requisitá-lo. Sobre a experiência vivida como chefe de gabinete, quando ainda adolescente, ele diz:

Foi nesse posto que eu aprendi a tomar decisões por conta própria, usando o bom senso e voltando atrás quando cometia injustiças. Ao tomar posse, o Governo Arraes enfrentou o fisiologismo da máquina administrativa re-manescente. A isso acresce a inexperiência da nova equipe. Eu tentei aplicar os métodos de racionalização assimilados com os professores da Fundação Getulio Vargas/

foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional e, sob ameaça de nova prisão, asilou-se na Embaixada da Argélia, para cujo país viajou no dia 16 de junho de 1965. Retornou ao Brasil em 15 de setembro de 1979, beneficiado pela Lei da Anistia. Em 1982 foi eleito deputado federal por Pernambuco. Em 1986 foi eleito novamente governador do Estado de Pernambuco. Em 1994 vence mais uma vez as eleições e assume o governo do Estado pela terceira vez, em primeiro de janeiro de 1995. Em 13 de agosto de 2005, Miguel Arraes morreu. Estava então no exercício da presidência do Partido Socialista Brasileiro.

SUDENE, mas fui vencido pela inércia da Secretaria de Educação. Só obtive algum resultado no MCP – Movimento de Cultura Popular – que possuía uma estrutura não calcificada. Mesmo assim, tive que enfrentar também o anseio de revanchismo dos “vencedores” situados à esquerda. Por exemplo, muitos correligionários de Arraes pediam ao secretário da Educação para transferir do litoral para o sertão ou vice-versa professoras cujos maridos eram cabos eleitorais dos partidos derrotados nas eleições. Essa era uma prática comum na administração pública. Examinando caso por caso, verifiquei que os pleitos eram vingativos e dei parecer contrário, homologado pelo secretário, o que motivava a peregrinação dos algozes ao Palácio, reclamando ao Governador. Arraes, sabiamente, escutava a todos e fazia ouvidos de mercador... Mas foram tantas as reclamações que ele não resistiu às pressões e na mudança do secretariado descartou Germano Coelho e pôs no lugar Anita Paes Barreto, que, acredito, manteve a mesma linha de conduta, mas foi atropelada logo depois pelos golpistas de 1964 (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor 2010).

Foi na chefia do gabinete da Secretaria de Educação que Zé Marques constatou como é difícil produzir, fazer, inovar ou transformar coisas dentro de engrenagens burocráticas solidificadas. O período foi de aprendizado político, onde ele afirma ter aprendido a remar contra a maré. Como chefe de gabinete da Secretaria de Educação Zé Marques diz ter vivido uma experiência espantosa:

Cada dia de trabalho nos dava a impressão de que era, se não impossível, difícilimo, mudar, inovar, fazer qual-

quer coisa, porque a máquina administrativa, inteiramente cristalizada é incapaz de qualquer reação. Havia um boicote permanente a toda atividade de renovação. [...] Foi um período rico do ponto de vista do conhecimento dessa engrenagem burocrática que preservava uma estrutura oligárquica, incrustada lá na Secretaria de Educação, durante muitos anos. Eu acho que a riqueza maior foi estar em contato com uma organização formal como era a Secretaria de Educação, tentando fazer alguma coisa diferente nesse contexto. Esse aprendizado me serviu muito, até hoje me auxilia a remar contra a maré dentro da Universidade. Desempenhando, depois, funções dirigentes na engrenagem universitária, nunca tive muitas ilusões. Sabendo como funciona essa engrenagem, [sabia que] é preciso muita determinação e vontade política para corresponder às aspirações da sociedade (FERNANDES, 1986).

Ao deixar a chefia de gabinete da Secretaria de Educação, Zé Marques foi convidado por Miguel Newton Arraes,²⁴ então presidente do MCP – Movimento de Cultura Popular²⁵ –, para ser

24. Miguel Newton Arraes, médico sanitário, era primo do Governador Miguel Arraes. Depois do Golpe de 1964 ele regressou ao Ceará, retomando suas atividades profissionais.
25. MCP – Movimento de Cultura Popular foi criado inicialmente no Recife quando Miguel Arraes era prefeito da capital. Depois, quando ele assumiu o governo do estado, o movimento foi estendido a várias outras cidades do interior de Pernambuco. Registre-se que as experiências-piloto do sistema de alfabetização e conscientização de Paulo Freire aconteceram no Movimento de Cultura Popular do Recife, em 1962.

diretor administrativo com o objetivo de reestruturar a entidade, que estava em fase de transição, ou seja, deixando de ser um movimento para se transformar numa instituição. No entanto, vale salientar que os contatos de Zé Marques com o MCP foram iniciados bem antes, quando ele ainda era estudante de Jornalismo e tinha como tarefa de campo, produzir reportagens sobre o Movimento de Cultura Popular, então presidido pelo professor Germano Coelho. Assim, sua presença no MCP teve dois momentos distintos: na transição de Arraes da Prefeitura para o Governo do Estado, ele colaborou com Norma Coelho e Josina Godou, como gestor do convênio, entre o MEC e o MCP, para aplicação do Método Paulo Freire. Até então, o MCP usava o método das escolas radiofônicas: no segundo momento, em fins de 1963, quando Arraes fez uma reforma no secretariado, ele assumiu a diretoria administrativa do MCP, com a missão de incorporar o Serviço de Promoção Social, autarquia mantida pelo Estado de Pernambuco: “Minhas tarefas eram de natureza gerencial. Competia-me mediar os educadores e os administradores. Para tanto, institui ali a metodologia do Orçamento-Programa, subordinando os gastos às metas e à previsão de recursos orçamentários”. Ainda sobre o seu envolvimento com o MCP, Zé Marques revela que

José Marques de Melo ao esclarecer as dúvidas sobre quem fundou o MCP, se Abelardo da Hora ou Germano Coelho, disse em depoimento ao autor deste livro: “Essa é uma controvérsia irresoluta. Abelardo, líder dos comunistas, reivindica o posto. Germano, líder dos católicos, também. Na verdade o fundador do MCP foi Miguel Arraes, que juntou os dois grupos e os fez trabalhar em frente única”.

já participava do Movimento de Cultura Popular como usuário, como consumidor dos produtos culturais: o teatro, o cinema, as festas populares. Posteriormente, tive uma aproximação orgânica com o MCP, no momento em que havia a transição do Movimento de Cultura Popular no âmbito da prefeitura para o âmbito do Estado. Quando Arraes é eleito governador, o MCP iniciava a grande campanha de alfabetização, utilizando o método Paulo Freire. Havia o recrutamento, a convocação dos estudantes, intelectuais, para participar desse avanço da Campanha de Alfabetização. E, nesse momento, eu fui convidado para participar da organização do primeiro curso de alfabetizadores que ocorreu em Pernambuco [...] Norma Coelho e Josina Godoy eram as coordenadoras do curso destinado aos novos alfabetizadores. [...] A parte pedagógica era responsabilidade das duas, enquanto eu me ocupava da parte administrativa. Diziam elas que eu tinha uma tendência para ser gerente. [...] E comecei a me envolver intensamente com o Movimento de Cultura Popular. Mas esse envolvimento vai se dar já na última fase. Com a eleição de Arraes para Governador, Germano Coelho foi escolhido Secretário de Educação. Meu professor de Economia Política na Faculdade de Direito, Germano Coelho, era marido de Norma, e me convidou para trabalhar com ele na Secretaria de Educação, como chefe de gabinete. Foi um período curto, a administração de Germano Coelho. Mesmo assim, tivemos uma ligação intensa com o MCP, porque as atividades de educação de adultos da Secretaria se faziam em convênio com o MCP (FERNANDES, 1986).

Na interpretação de Zé Marques, o Movimento de Cultura Popular, que o marcou profundamente, foi um projeto que deu certo e que deveria ser retomado. Entre os objetivos do MCP estavam o resgate dos valores populares e o de construir métodos de comunicação para transmitir conhecimento ao povo. Sobre seu envolvimento mais direto com Paulo Freire e com o Movimento de Cultura Popular, Zé Marques detalha:

Quando ingressei no MCP já havia se produzido o racha que motivou o distanciamento de Paulo Freire. Eu o encontrei na Universidade Federal de Pernambuco, quando frequentei um dos seminários preparatórios ao Método Paulo Freire. Mas sempre estivemos num mesmo circuito cultural, frequentado também pelo meu ex-concunhado Luis Costa Lima e também pela prima-irmã de Paulo Freire, Maria Adozninda. Depois, quando Arraes, já governador, decide aplicar o Método em todo o Estado de Pernambuco, em certo sentido reconstruindo a aliança seminal do MCP, eu tive a chance de conviver com Paulo Freire e sua equipe, pois fui encarregado de montar uma estrutura para formar os supervisores da Campanha de Alfabetização em Pernambuco. Mas ele já se encontrava em Brasília, comandando o programa nacional. Depois do golpe, só voltei a encontrá-lo no exílio, em Santiago (1965), onde ele me recebeu afetuosamente e me pediu para ler o original do seu livro *Educação como prática da liberdade*, [e avaliar] os itens referentes aos processos comunicacionais. (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2009)

Com o golpe de 31 de março de 1964, as tropas ocuparam o Sítio da Trindade, no bairro Casa Amarela, onde funcionava o Movimento de Cultura Popular. Zé Marques que estava viajando, foi tomado de surpresa com a movimentação militar, que era previsível, mas na época se acreditava que a legalidade seria mantida. Ele não retornou ao MCP, que foi fechado e, naquele momento, como todos os outros, tratou de se esconder, mas

poucos dias depois, eu fui preso como muita gente que havia participado do governo deposto, em Recife. Submetido a interrogatório, prestei depoimentos no DOPS. Em seguida fui liberado, na medida em que a repressão inicial não era tão violenta, ou melhor, era seletiva. Tornou-se mais violenta com as lideranças populares, aquelas pessoas mais comprometidas partidariamente. Como eu não tinha uma participação decisiva, jovem ainda, fui liberado alguns dias depois. Eu não me lembro quantos dias eu fiquei na Secretaria de Segurança. Aliás, não fui ‘preso’, naquele tempo chamava-se “detido para averiguações” (Depoimento a FERNANDES, 1986).

Depois do Golpe, Zé Marques retornou à SUDENE, trabalhando como jornalista, no setor de editoração e divulgação, juntamente com Milton Coelho Graça e o professor Cristiano Cordeiro, que foi um dos fundadores do PC no Brasil. Enquanto Zé Marques esteve no DOPS, retido para averiguações, Silvia, então sua namorada, que tinha acesso ao Palácio do Governo, porque trabalhara com Miguel Arraes, procurou o governador em exercício, Paulo Guerra, conseguindo que este, por ofício, devolvesse Zé Marques ao órgão de origem, a SUDENE, tendo

em vista que ele estava à disposição do Governo do Estado. E assim, em seu retorno ao órgão de origem ele teve uma passagem curta no setor porque logo depois foi para São Paulo. Sobre seu retorno à SUDENE, numa conjuntura muito conturbada após o Golpe de 1964, Zé Marques relata:

Logo depois de liberado, em 1964, reassumi meu cargo, esperando quase um mês, que o general superintendente da SUDENE decidisse o meu destino. Na antessala havia uma fila de “subversivos”, ali postados como castigo pela adesão ao governo anterior. Cada um usava suas influências pessoais para ser requisitado por um departamento ou serviço. No meu caso, como estava no último ano do curso de Jornalismo, fui designado para o Serviço de Editoração e Divulgação, onde passei a editar o *Boletim Econômico*, uma revista de divulgação científica. Foi nessa conjuntura que conheci [Manuel Carlos] Chaparro, chegado à SUDENE como assessor de imprensa do sucessor do general interventor, um economista chamado João Gonçalves de Sousa. Ele naturalmente foi recebido com reservas, por integrar a equipe do dirigente escolhido pela turma do Presidente Castelo Branco. Mas depois, tudo mudou, quando Chaparro foi denunciado como subversivo em represália dos jornalistas credenciados na SUDENE, quando o novo assessor de imprensa proibiu que os setoristas, da imprensa local, atuassem também como corretores de anúncios (Depoimento ao autor).

Na verdade, Manuel Carlos da Conceição Chaparro só foi para a SUDENE depois da retomada da instituição pelos civis, o

que ocorreu, segundo ele, graças a uma campanha liderada por Dom Helder Câmara²⁶, que pleiteava a substituição do general superintendente por um técnico de competência reconhecida e identificado com os interesses nordestinos. De acordo com Chaparro, “o Presidente Castelo Branco, conterrâneo de Dom Helder, resistiu alguns meses, mas acabou cedendo às pressões. Em setembro daquele mesmo ano, nomeou e empossou na Superintendência o agrônomo João Gonçalves de Sousa, também cearense, que ocupava a função de secretário-geral da OEA. E João Gonçalves me convidou para ser seu assessor de comunicação, não sei por que nem indicado por quem” (CHAPARRO, depoimento ao autor, 2010).

Na época, Chaparro trabalhava no semanário *A Ordem*, da Diocese de Natal,²⁷ Rio Grande do Norte, e atuava como correspondente, nessa cidade, da revista *Visão* e do *Jornal do Brasil*, sendo praticamente uma figura desconhecida em termos regionais, apesar de haver conquistado três prêmios Esso (1962, 1963

26. Dom Helder Câmara foi empossado como Arcebispo de Olinda e Recife um pouco antes do Golpe Militar, mais precisamente no dia 12 de março de 1964. Dom Helder Câmara nasceu em Fortaleza em 07/02/1909 e morreu em Recife no dia 27/08/1999. Foi Arcebispo-emérito de Olinda e Recife e um dos fundadores da CNBB. Defensor dos Direitos Humanos manteve vários embates com o Regime Militar de 1964, que chegou a proibir a imprensa de mencionar o nome dele. Dom Helder, indicado algumas vezes ao Prêmio Nobel da Paz, pregava a não-violência e uma igreja voltada para os menos favorecidos.
27. Em Natal se encontrava um movimento social considerado o mais importante da Igreja Católica no País, chamado Movimento de Natal. Lá nasceu o sindicalismo rural, a CNBB, a primeira Campanha da fraternidade. O Cardeal Dom Eugênio Sales era o então administrador da Diocese de Natal.

e 1964) o que pode ter influenciado para sua indicação. Chaparro reconhece que a indicação de seu nome, naquele momento, incomodou a muita gente, tanto aos jornalistas de Recife, que eram candidatos naturais ao cargo, como também ao grupo de esquerda sobrevivente dentro da instituição. Por conta disso, ele foi submetido a uma vigilância desconfiada que só terminou quando ele foi preso pelo DOPS dentro da própria SUDENE e aí “todas as desconfianças ideológicas desapareceram” (CHAPARRO, 2010, depoimento ao autor).

Após o Golpe de 1964 o ambiente na SUDENE não era dos melhores, pois como o próprio Zé Marques já disse, os considerados “subversivos” faziam filas aguardando a reintegração nos setores produtivos do órgão. Quem, com muita propriedade, conhecimento de causa e visão crítica, descreve a situação interna da SUDENE após o golpe é Manuel Carlos Chaparro, que estruturou e chefiou a Assessoria de Comunicação e Relações Públicas da instituição:

O ambiente na SUDENE era marcado por colisões e ajustamentos entre quatro vertentes principais: a **vertente dos desenvolvimentistas**, que, em boa parte apoiados no discurso desenvolvimentista de Dom Helder Camara, colocam as razões do desenvolvimento regional acima das querelas ideológicas, dialogando e aceitando alianças à esquerda e à direita; a **vertente dos ideólogos herdeiros das ideias de Celso Furtado**, falantes e coerentes defensores do “projeto nordeste” original, fiéis, portanto, a uma visão política humanista, de matriz socialista (o vice-superintendente, Dr. Fernando Mota, era o ícone expressivo desse grupo; e creio que

desta vertente fazia parte o José Marques); a **vertente dos silenciados** pela repressão ou pelo medo, em alguns casos com histórias vividas de prisão e tortura, mas protegidos por uma simbólica áurea de respeito devido; e a **vertente dos pró-militares**, uns infiltrados (alguns deles militares) outros metamorfoseados, todos vagando como sombras potencialmente ameaçadoras. No geral, porém, a SUDENE era ainda uma instituição séria. Trabalhava-se muito pelo Nordeste, e de forma idealista (CHAPARRO, depoimento ao autor, 2010).

Quando Manuel Carlos Chaparro chegou à SUDENE, Zé Marques já tinha reassumido suas funções após o Golpe de 1964. Foi ali que se conheceram pessoalmente, pois já se conheciam de nome. Atuaram juntos em alguns eventos. Dessa época, Chaparro guarda lembranças: “A ideia que guardo desses contatos iniciais com o Marques na SUDENE é a de um jovem mais prudente do que retraído, mas ativo, já com evidente capacidade empreendedora e de coordenação. E que, no relacionamento com alguém (eu) que não conhecia, escondia e protegia a sua identidade política, que eu sabia enraizada em ideais de esquerda. Entretanto, os curtos momentos de relacionamento sempre foram de agradável cordialidade. Mas lembro-me da sensação de que, no início, ele me observava e avaliava, porque, afinal, eu era um estranho no ninho” (CHAPARRO, depoimento ao autor 2010).

Entre agosto e outubro de 1965, com 22 anos, Zé Marques afastou-se da SUDENE para cumprir programa de pós-graduação no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina – CIESPAL, mantido pela UNESCO em Quito, no Equador. Foi se especializar na área das Ciências

da Informação Coletiva, tendo, entre outros, como professores os norte-americanos Bruce Westley e Malcolm Maclean e o francês Joffre Dumazedier. Concluído os créditos das disciplinas cursadas em regime de tempo integral, Zé Marques teve que realizar dois trabalhos para a obtenção do título de especialista. A primeira tarefa, cumprida ainda no Equador, foi a de realizar pesquisa bibliográfica e produzir um ensaio teórico. A segunda, realizar uma análise de morfologia e conteúdo de três jornais brasileiros, sendo um de circulação nacional, um regional e outro local. O produto final, realizado no Brasil, foi apresentado no início de 1966 tendo sido aprovado. Essa foi uma fase de transição intelectual.

No ano de 1965, já formado em Jornalismo, ele acumulava o serviço público (diurno) com as aulas noturnas na Faculdade de Direito e atividades de pesquisa no ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco –, em Recife, onde iniciou suas atividades de pesquisador ainda como estudante em 1962-63. No ICINFORM,²⁸ Zé Marques criou um departamento de pesquisa e o *Jornal do Commercio* foi o primeiro cliente a contratar seus serviços de sondagens junto

28. De acordo com Sérgio Mattos “a partir de 1963, o ICINFORM passa a desenvolver, sob coordenação de Luiz Beltrão, atividades de extensão e de pesquisa sistematicamente. Em 1964, promoveu, em Recife, o I Curso Nacional de Ciências da Informação. Uma das primeiras pesquisas enfocou os reflexos da falta de jornais diários no Recife, durante a greve dos gráficos, que ocorrera no período compreendido entre 21 de março a 9 de abril de 1963. Os resultados dessa e de outras pesquisas foram publicados, posteriormente, na revista *Comunicação & Problemas*, editada pelo ICINFORM e que se caracteriza como o primeiro periódico científico da área. O primeiro número da revista data de março de 1965” (MATTOS, 2008, p. 28).

aos consumidores: uma pesquisa sobre os hábitos de leitura do jornal e sua imagem junto à comunidade. Essa experiência foi registrada por Zé Marques em seu livro de memórias: “a experiência que partilhei com o *Jornal do Commercio* foi decisiva para a minha carreira profissional. Eu sentia que tinha uma vocação jornalística mais direcionada para a pesquisa científica do que para a reportagem” (MARQUES DE MELO, 2009, p. 221).

Vale salientar que a carreira acadêmica de Zé Marques foi iniciada logo nos primeiros anos do Curso de Jornalismo quando foi responsável pelo primeiro projeto de Iniciação Científica no campo do Jornalismo, desenvolvido sob orientação do professor Luiz Beltrão, fundador do curso na Universidade Católica. Sob o título de “A crônica policial na imprensa do Recife”, esse trabalho foi publicado no volume 1, número 2, da revista *Comunicações & Problemas*, em julho de 1965. Em seu último ano no curso de Jornalismo, 1964, Zé Marques exerceu a função de monitor da disciplina “Técnica e Prática de Jornalismo”, ministrada por Luiz Beltrão.²⁹ No ano de 1966, Luiz Beltrão, que

29. Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) nasceu em Olinda (PE). Foi o primeiro doutor em comunicação do Brasil, pela UnB, em 1967. Foi fundador do ICINFORM e responsável pelo lançamento da primeira revista brasileira de ciências da comunicação, *Comunicações & Problemas*, da UNICAP, Pernambuco. Sua obra ganhou reconhecimento nacional e prestígio internacional. Sua bibliografia na área da comunicação está subdividida em três segmentos: 1) Teoria da Folkcomunicação; 2) Fundamentos Teóricos da Comunicação de Massa; e, 3) Teoria e pesquisa do Jornalismo. Beltrão foi responsável pela criação do ICINFORM, primeiro centro acadêmico nacional de estudos midiáticos e pela formação de toda uma geração de professores e pesquisadores de comunicação dentre os quais se destaca José Marques de Melo.

havia sido convidado para o cargo de diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, indicou Zé Marques como seu substituto na Universidade Católica de Pernambuco e assim ele iniciou sua carreira como docente.

Posteriormente, em julho de 1966, Zé Marques entrou em gozo de férias, embarcando para São Paulo onde, após conseguir um emprego de carteira assinada no INESE – Instituto de Estudos Econômicos –, supervisionando pesquisas de veiculação de anúncios para a televisão, solicitou licença sem vencimentos à SUDENE. Foi nessa época, que ele também prestou concurso para professor da USP e, no período de agosto de 1966 a março de 1967, trabalhou voluntariamente na ECA-USP, que preparava o primeiro vestibular, o que ocorreu no início do primeiro semestre de 1967. Como as aulas só foram iniciadas em maio, ele também só foi empossado naquele mesmo mês com um contrato inicial em regime de tempo parcial. Foi também no primeiro semestre de 1967, quando ele começou a dar aulas na Cásper Líbero como professor responsável pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Social, que ele promoveu um estudo exploratório de recepção das telenovelas na cidade de São Paulo, constatando, baseado nos conceitos formulados por Morin (“concepção lúdica da vida”), Riesman (“multidão solitária”) e por Marcuse (“apatia política”), que a telenovela tinha se transformado “numa espécie de ‘ópio do povo brasileiro’ numa conjuntura tipicamente repressiva (o período compreendido entre o Golpe Militar de 1964)” (MARQUES DE MELO, 2010).

Antes de assumir suas funções da ECA-USP, ele solicitou sua exoneração do cargo que ocupava na SUDENE, do qual estava em licença não remunerada. No fim desse mesmo ano, ele foi no-

meado Regente de Cátedra, “sendo obrigado a desistir da Cásper Líbero e do INESE, para assumir a dedicação exclusiva na USP”.

Em São Paulo reencontrou Manuel Carlos Chaparro e firmaram as bases de uma amizade graças a diversos e providenciais atalhos que os aproximaram em áreas de convergência: a USP e a INTERCOM. Chaparro explica:

As minhas relações de convívio e amizade com o Zé Marques deram-se em São Paulo, principalmente depois que entrei na ECA, em 1979, para fazer a graduação (tardia) em Jornalismo. E foi o ambiente acadêmico que mais solidamente nos aproximou especialmente depois que me incorporei à INTERCOM. Uma amizade que nenhuma divergência (naturalmente, algumas aconteceram...) enfraqueceu ou ameaçou. Quanto aos elos comuns, dois se tornaram particularmente fortes: o interesse pela pesquisa em Jornalismo e a rede (pequena, mas fortíssima) de amigos comuns. Depois que a amizade se consolidou, sempre conversamos muito de política, tema no qual, naturalmente, a Comunicação e o Jornalismo se inserem. E partilhávamos uma visão crítica da realidade e dos movimentos da sociedade, em longas conversas de encontros familiares, envolvendo a tal rede fortíssima de amigos comuns. Mesmo nas divergências, sempre nos entendemos e nos respeitamos, reciprocamente. E, como aliados, participamos de lutas importantes na ECA, na INTERCOM, e, mais recentemente, em 2009, na ABI, quando, como conselheiros da representação da entidade em São Paulo, nos aliamos a Audálio Dantas, em defesa da dignidade da histórica instituição (CHAPARRO, depoimento ao autor, 2010).

7. Constituindo família

*O valor das coisas não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem
momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas
incomparáveis.*

Fernando Pessoa

No dia 12 de dezembro de 1964, José Marques de Melo, filho de Leuzinger e de Iveta Marques de Melo, então com 21 anos de idade, casou-se com Maria Silvia Briseno, filha de José Briseno Milfont³⁰ e Maria José Pereira Briseno. Foi uma união nordesti-

30. De acordo com Zé Marques, o nome de seu sogro é José Briseno Milfont e ele desconhece a razão da preferência pelo uso do sobrenome Briseno, de origem italiana: “A família tinha uma ala que usava o sobrenome Milfont. A atriz da Globo, Denise Milfont, era sobrinha do meu sogro. De origem francesa, a família Milfont era numerosa. Conheci aqui em São Paulo, sua irmã Silvia Milfont, que passou a se chamar Madre Verônica, depois de ingressar na vida religiosa, e Laurêncio Milfont, primo de am-

na, uma vez que Silvia nasceu em Missão Velha, uma pequena cidade do Ceará, no Cariri, em 15 de novembro de 1938. Os pais dela tiveram onze filhos, sendo oito mulheres e três homens. Todas as mulheres são Marias. Silvia, como é mais conhecida por todos, depois da formação básica secundária obtida em colégios religiosos (no Colégio São José e no Colégio das Dorotéias) cursou Contabilidade e Finanças numa escola particular do Recife. Como naquele tempo, os cursos dessa natureza habilitavam ao exercício profissional, ela trabalhou na Pfizer, no MCP e no Escritório de Apoio ao Governador Miguel Arraes³¹.

A cerimônia do casamento foi realizada na Igreja do bairro Espinheiro, às 11 horas da manhã, na presença de familiares e de amigos. A recepção, simples e íntima, foi realizada na casa dos pais dela quando foi servido um almoço para todos. Silvia conta que entre namoro, noivado e casamento eles gastaram exatamente um ano, pois o dia em que escolheram para casar “o dia 12 de dezembro é a mesma data em que começamos a namorar e nos casamos um ano após, por isso a data é tão comemorada. O nosso namoro - noivado foi muito perturbado pelo momento político do Brasil. Tive uma irmã, um tio e amigos presos. Al-

bos, que foi funcionário das Lojas Pernambucanas. Desconheço a razão da preferência pelo uso do sobrenome Briseno, de origem italiana, pelo meu sogro”.

31. Quem dirigia o Escritório de Apoio ao Governador Miguel Arraes era Liana Aureliano, amiga de Silvia desde a mocidade, e que acabou fazendo carreira acadêmica na CEPAL e na UNICAMP. Silvia geria as finanças do escritório, do qual também participaram Heron de Alencar, Fausto Cupertino e outros colaboradores de Miguel Arraes. Esse foi seu último emprego e terminou em 1964 com o golpe.

guns tiveram que deixar o país”. Silvia revela que o primeiro encontro dela com Zé Marques ocorreu no dia em que ele recebeu o Prêmio Anibal Fernandes, na Universidade Católica, mas que o conheceu mesmo na casa dos pais dela, em 1963, quando ele foi convidá-la para trabalhar no Movimento de Cultura Popular (MCP). A partir daí acabaram se envolvendo emocionalmente e começaram a namorar na cidade de Caruaru, quando ele foi fazer uma reportagem sobre o artesanato do Nordeste, com o filho de Vitalino.

Zé Marques, pragmático e direto, revela que não houve o tradicional ato de pedir a mão da noiva,

pois isso estava fora de moda. Eu e Silvia havíamos decidido nos casar e eu a levei para conhecer meus pais. Aproveitei uma viagem de férias ao Sertão, quando fizemos, com um grupo de amigos, uma excursão pelo São Francisco, de Penedo a Piranhas, de navio, de Piranhas a Delmiro Gouveia, de Maria-Fumaça, e depois, de ônibus. Papai ficou preocupado com o nosso namoro e me perguntou se eu havia pedido autorização do pai da Silvia para ela viajar comigo. Eu disse que não, e ele se exasperou, recomendando-me conversar com José Briseno, meu futuro sogro, assim que chegasse a Recife. Mas não deu tempo. Nesse ínterim, veio o Golpe de 1964, eu fui preso, e nesse momento papai veio a Recife para agir junto aos amigos e conhecidos. Informou-se com tio Clovis sobre José Briseno, tranquilizando-se em relação à sua posição como comerciante bem conceituado na praça recifense. Eu ainda estava no DOPS quando ele tomou a iniciativa de visitar José Briseno Milfont,

através de terceiros, amigos comuns, quando acertaram apressar o nosso casamento. Os dois eram de opinião que o casamento dos filhos os afastaria da política. Seu Briseno já se encontrava às voltas com outro casamento – o da filha Zélia com Luis da Costa Lima, nas mesmas circunstâncias que o nosso. Eu nada sabia dessa conversa dele com o Velho Briseno, [ocorrida] no primeiro domingo depois da minha liberação (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Após o casamento, o jovem casal morou por quase um ano, em um apartamento, na rua Jornalista Paulo Bittencourt, no Bairro do Derby, em Recife. Nesse período, em 1965, Zé Marques viajou para o Equador para cumprir o programa de pós-graduação no CIESPAL. Maria Silvia não o acompanhou porque engravidou, mudando-se para a casa dos pais, “aguardando o meu retorno, o que significa que estive ausente na fase dos enjôos, impossibilitado de acompanhá-la nas visitas ao médico da família”. Quando chegou a hora do parto, Zé Marques, já no Brasil, levou a esposa ao hospital em companhia de toda a família:

o nascimento [de Fabiana] demorou. Ela [Silvia] tinha um problema genético, chamado estreitamento de bacia, o que indicava a necessidade de recorrer à cesariana. Mas, o médico preferiu esperar um pouco mais, argumentando que só a operaria em caso extremo. E quando tomou essa decisão, depois de uma espera penosa para parturiente e o bebê, já era tarde. Logo depois de examinar Fabiana, constatou que ela necessitava de imediata

cirurgia, por causa da embolia provocada pela falta de oxigênio, no retardamento do parto. Enfim, uma tragédia. Ficamos desesperados. Foram dois dias de tragédia, só minorados pela assistência familiar. Sedados, ela no hospital e eu em casa dos meus sogros, não partilhamos a alegria de embalar a primeira filha. A menina faleceu e eu sequer tive condições de ir ao enterro. Dopado, só me refiz dias depois, pois meu pai tomou a frente das despesas imprevistas, ficando Silvia aos cuidados de minha mãe, minha sogra, irmãos, cunhados e sobrinhos. Foi difícil superar essa depressão, no meu caso com o complexo de culpa por não haver constatado que o médico da família tinha formação conservadora e deveria ter sido substituído a tempo. Assim sendo, não tive a chance de exercer a paternidade junto à primeira filha. Esse sentimento de ausência e de perda me martirizou bastante (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

A morte de Fabiana gerou um clima de pesar: “Eu e Silvia ficamos desolados, quase fora de combate. Papai e mamãe saíram de Santana do Ipanema e vieram ao Recife, assumindo o comando de tudo, inclusive a parte financeira. Eles sentiram muito a perda da primeira neta, mas foram recompensados, depois, com a chegada de Silvana e Marcelo, que os visitavam periodicamente enquanto eles viveram. Talvez o momento de maior aproximação com papai tenha se dado no nascimento de nossa primeira filha, Fabiana.”

Recordando a fase difícil, Silvia diz: “Tivemos momentos cruéis. No início do nosso casamento perdemos nossa primeira filha e eu quase perdi a vida. Foi difícil superar, mas ficamos ain-

da mais unidos. Sou ativa e corajosa. Enfrentamos juntos todas as perdas e as dificuldades. Tivemos outras perdas de pais, amigos..., mas isso é a vida”. Após a tragédia, eles decidiram apressar a mudança para São Paulo, onde logo a seguir nasceu Silvana e alguns anos depois Marcelo. A mudança para São Paulo fez com que Silvia desistisse temporariamente do cursinho pré-vestibular de Medicina, carreira que queria abraçar, mas com a chegada dos filhos desistiu definitivamente da pretensão. Sobre a transferência para São Paulo, Zé Marques recorda:

Em julho de 1966 eu entrei de férias da SUDENE e viajei para São Paulo. Mas a decisão de mudar já havia sido tomada, até mesmo em função da perda da filha recém nascida. Cheguei a Sampa no início de julho e um mês depois já estava empregado, com carteira assinada. Imediatamente, entrei com pedido de licença sem vencimentos na SUDENE. Silvia, que estava à espera de um chamado, embarcou, num avião, em agosto, e com sua chegada nos estabelecemos num apartamento no bairro da Vila Mariana (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

A ida para São Paulo foi uma fuga da vigilância política a que estava submetido em Recife. Como naquela época ainda não existiam os sistemas integrados de computadores interligados pela internet, Zé Marques pôde se submeter a concurso público na USP e ficou sem ser incomodado até “que comecei a exercer a atividade de cidadão”. Aí passou a ser perseguido e acabou processado pelo Decreto 477, editado em 26 de fevereiro de 1969, e que foi muito utilizado para prender e afastar da universidade

estudantes e professores que ousavam desafiar as limitações impostas à liberdade de pensamento pela ditadura militar.

Chegada dos filhos e netos

Pouco tempo depois de chegarem a São Paulo, Silvia engravidou novamente. O nascimento de Silvana ocorreu no dia 6 de junho de 1967, quando Zé Marques estava em plena atividade na ECA/USP. Foi uma dádiva, uma alegria completada por sua nomeação como Diretor do Departamento de Jornalismo. Com o nascimento de Silvana,

procedemos como pais corujas. Eu mais que Silvia. Lembro que, nos primeiros dias, ela chorava muito à noite e eu ficava movimentando o carrinho em que dormia. Quando movia ela se calava, quando parava ela berrava. No dia seguinte, eu estava com olheiras, insone, tendo que levantar cedo para trabalhar. [...] Silvana foi criada com muito carinho e cuidados, cercada pelo pai, mãe e tia [Terezinha, irmã de Silvia, que foi para São Paulo ajudá-la na criação de Silvana], além da babá contratada. Compensamos na criação de Silvana o que não tivemos oportunidade de realizar com Fabiana. Felizmente ela revelou uma personalidade autosuficiente e logo foi andando com as próprias pernas. Meu relacionamento com ela, na infância, foi intenso, sem sufocá-la, o que construiu um clima de grande afetividade, respeito mútuo e compreensão (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Ainda dirigia o Departamento de Jornalismo da ECA-USP quando Marcelo nasceu no dia 13 de julho de 1972. Marcelo chegou cinco anos depois de Silvana, sendo acolhido e superprotegido por quatro mães: Silvia, Terezinha (a tia), Silvana (a irmã) e Zefinha (a babá). Zé Marques avalia que sua postura “como pai foi menos dengosa do que com Silvana, até mesmo porque tivemos que contornar os ciúmes que a primogênita ensaiava, sentindo que perdera o trono, tendo que compartilhá-lo com o irmãozinho”. Zé Marques lembra que a infância dos dois passou muito rápida e que era durante os períodos das viagens, para realização de cursos, incluindo a temporada em Madison, Wisconsin, quando Silvana estava com cinco anos e Marcelo com um ano, que ele curtia mesmo os filhos. Zé Marques reconhece que os momentos de maior aproximação com os filhos ocorriam mesmo durante as viagens:

A primeira em Madrid se deu em 1988. Eu fui primeiro para providenciar alojamento. Nessa ocasião, Silvana estava em Londres, estudando e passeando. Por telefone, pedi que ela viesse a Madrid para me ajudar a procurar apartamento, porque eu me senti incompetente para essa escolha. Silvana veio imediatamente e pouco tempo depois já tínhamos tudo resolvido. Ela me ajudou, optando por um apartamento arejado, no fim de uma linha de metrô – Aluche – onde tínhamos área verde e muito espaço. Silvia e Marcelo vieram logo a seguir. Esse foi um período que convivemos intensamente com Marcelo, sozinho, pois Silvana retornou a Londres para terminar o curso de inglês. Marcelo reagiu de início à viagem, pois não queria ir para a Europa. Adolescente,

enturmado e entrosado com amigos que preservou desde a infância, isolou-se no apartamento, lendo incansavelmente. Dia sim, dia não, ia à biblioteca do bairro e trazia um monte de livros para passar o tempo. Mas eis que Silvana decide encurtar a temporada londrina e um dia chega a Madrid, dizendo que queria curtir com a família o resto do tempo. Nosso plano era ficar na Espanha dois anos, pois a minha bolsa de pós-doutorado fora concedida pelo CNPq por 24 meses. Os dois [Silvana e Marcelo] alternavam períodos de grande entrosamento e ela conseguiu despertar Marcelo para o mundo lá fora. E começaram a viajar juntos, de trem, ônibus, dentro e fora da Espanha. E nos acompanharam em várias excursões que eu e Silvia tínhamos planejado. Assim, fomos juntos para Paris, Roma e Riviera francesa e italiana. Rússia e Romênia, Inglaterra e Alemanha. A cada 15 dias ficávamos fora uns cinco ou seis dias. A viagem mais longa foi para a Romênia, um presente de aniversário de Marcelo. Ele tinha paixão pela Rota do Conde Drácula. E ficou muito alegre quando eu e Silvia compramos um pacote de 15 dias, percorrendo todos os lugares onde Drácula viveu na Transilvânia e uns dias de descanso no Mar Negro. Essa viagem para a Romênia foi muito boa para Marcelo, porque matou a sua sede de conhecimento sobre o personagem principal do horror (tema que ele vem pesquisando desde a adolescência e escolhendo para sua tese de doutorado – José do Cai-xão, considerado o Drácula brasileiro) e entrosando-se com os jovens espanhóis que acompanhavam os pais na excursão. Quando voltamos a Madrid, ele saiu da clausura a que se condenara no início e passou a ter vida própria, saindo com as namoradas e os amigos que fez

nas excursões. Silvana aproveitou para fazer viagens que adiará em Londres, onde conviveu com brasileiros e europeus. Mochila nas costas, ela percorreu toda a cortina de ferro e os países nórdicos, além de percorrer toda a geografia portuguesa. Mas, como tudo que é bom não pode durar eternamente, aconteceu o inesperado: Fui chamado pelo reitor Goldenberg a São Paulo, que me convenceu a interromper o pós-doc ao fim do primeiro ano e me candidatar a diretor da ECA (MARQUE DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Zé Marques retornou ao Brasil, ganhou a eleição para diretor da ECA e ao final de sua gestão foi convidado a atuar como Catedrático UNESCO da Universidade de Barcelona. E assim, mais uma vez retornou a Espanha: “pensávamos reviver os períodos de completa integração familiar ocorridos em Madrid. Alugamos um carro para viajar, mas quando Silvana e Marcelo chegaram, seguiram seu próprio rumo. Eles começaram a pedir o carro emprestado para divertir-se nas discotecas de Barcelona e depois convenceram a mãe a permitir que dessem esticadas para a França. Resultado: Ficou claro que os dois filhos estavam independentes e tomavam seus próprios rumos, o que aceitamos tranquilamente”. Posteriormente, Zé Marques realizou outra viagem para os Estados Unidos, quando convidado para ser *Tinker Visiting Professor*, na Universidade do Texas, em Austin, e os filhos novamente acompanharam os pais, quando tiveram a oportunidade de visitar os lugares onde moraram durante a primeira infância no meio-oeste americano, quando Zé Marques esteve na Universidade de Wisconsin, na década de 1970, fazendo um curso de Pós-Graduação. Entretanto, Silvana e Marcelo

logo se fartaram do *american way of life* e decidiram voltar ao Brasil.³²

Silvia ficou desolada e permaneceu comigo, mas como eu me ocupava com o trabalho *full time* na universidade, ela começou a entristecer, cansada de percorrer *shopping centers*. [...] [Então], negocieei a redução do meu contrato de um ano para um quadrimestre, voltando ao Brasil na expectativa de conviver com os filhos. Pura ilusão: eles já estavam na deles, mais interessados nos namorados e turmas de amigos que nos pais corujas. Só depois de casados voltaram a incluir os pais em suas agendas, excetuados os cuidados com que nos tratavam nos aniversários e outros ritos de passagem. (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Falando sobre seu pai, Silvana diz que “somos muito parecidos no temperamento além de sermos do mesmo signo de Gêmeos. Meu pai sempre se mostrou presente quando foi necessá-

32. Tinker Visiting Professor – Com o apoio da Edward Larocque Tinker Foundation, a cada ano, o Centro de Estudos Latino-Americanos recebe pelo menos três pesquisadores sênior ou profissionais, da América Latina e/ou da Península Ibérica, para ensinar e conduzir pesquisas. A Universidade do Texas, em Austin, é uma das cinco principais universidades (Chicago, Columbia, Stanford e Wisconsin) a ter bolsas para professores concedidas pela Edward Larocque Tinker Foundation. O objetivo do programa tem sido o de levar eminentes pensadores latino-americanos para os Estados Unidos como um meio de estimular contatos e colaborações entre acadêmicos. Um Tinker Visiting Professor é um acadêmico ou profissional que seja reconhecido pelas contribuições dadas à área de conhecimento.

rio e demonstra claramente o seu carinho e amor pelos filhos”. Sobre quem dá a palavra final em casa (Silvia ou Zé Marques?), Silvana, demonstrando a mesma diplomacia, característica do pai, afirma que “na maioria das vezes prevalece o consenso dos dois, não me lembro dos dois se desentendendo sobre a relação deles com os filhos”. Silvana fez questão ainda de dizer que ela acredita que “os netos são as maiores alegrias dele, pois ele vibra com todas as fases, principalmente agora, que os três estão estudando e já escrevendo e lendo. Ele tem muito amor e paciência com os netos. Eu amo muito meu pai, para mim um exemplo de Homem, além de ser um profissional dedicado e competente”.

Zé Marques, como pai, foi sempre zeloso e nunca deixou de agir também como educador, acompanhando inclusive os boletins escolares dos filhos, além de incentivá-los e orientá-los no sentido de concluírem o que haviam começado, uma de suas mais fortes características. Silvana diz que “durante a minha Faculdade de Farmácia, ele foi fundamental para que eu terminasse, em um dado momento pensei em desistir e ele me ajudou e até chegou a estudar bioquímica comigo. Teve muita paciência e compreensão. Ensinou-se a ter amor pelos livros, educação e cultura”. O educador Zé Marques não perdia tempo para transmitir novos conhecimentos aos filhos, com quem realizou inúmeras viagens. Silvana lembra que “as nossas viagens de carro ao Nordeste, passando pelo Rio de Janeiro, Vitória, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sete Cidades no Piauí e ele, como educador, sempre aproveitando para nos fazer conhecer a história e cultura locais. Viajamos também para o sul, o roteiro eram as missões jesuítas, viajamos pela Europa, de carro, moramos na Espanha, e outras temporadas de estudo no exterior, em Madrid, Barcelona

e Austin, Texas. Foram viagens inesquecíveis”. Silvana recorda também dos momentos de integração e lazer quando a família (Zé Marques, Silvia, Silvana e Marcelo) se reunia em volta de uma mesa para jogar cartas, buraco/canastra, em duplas que variavam, “não era fixo, às vezes, filhos contra pais ou pai e filha contra mãe e filho ou homens contra mulheres. A gente se divertia muito jogando”.

Silvana Briseno Marques de Melo, farmacêutica, e Eduardo Guilherme Pereira Lima, médico, brindaram Zé Marques com o neto Arthur Marques de Melo Pereira Lima, que nasceu no dia 05 de maio de 2003.

Marcelo Briseno Marques de Melo nasceu cinco anos depois de Silvana, mais precisamente no dia 13 de julho de 1972. De alguma forma ele tem seguido os caminhos do pai, tendo optado também pela área das comunicações. Mas, para Zé Marques seu filho trilha os seus próprios caminhos, pois “eu me considero um cidadão gutemberguiano. Marcelo pertence à geração do audiovisual, apesar do seu fascínio pela leitura. [...] Apesar da excelente relação intelectual que mantenho com Marcelo, não creio que o tenha influenciado. Ele tem luz própria, sabe o que quer e está pronto para continuar caminhando com altivez e bonomia” (MARQUES DE MELO, 2009:149).

Por sua vez, Marcelo admite que o pai exerceu uma forte influência nas escolhas dele, devido ao exemplo: “Tenho meu pai como referência como pai, cidadão e profissional. Acabei seguindo a carreira acadêmica como ele. Tenho hoje uma família constituída nos moldes da que ele tão brilhantemente trouxe até hoje. Sou um pai melhor, um profissional que busca o sucesso graças à sua forte presença em minha vida. Agradeço por ele ter

me dado uma criação liberal e ter me ensinado desde cedo à leitura” (Depoimento ao autor, 2010).

Marcelo diplomou-se em Radialismo, atuando no mercado, tendo sido, entre outros, produtor do programa Business de João Dória Jr. Ele atua também como docente no Curso de Rádio e Televisão da Metodista, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Fez Mestrado no campo de Letras, no Mackenzie, e, no dia 15 de março de 2010, defendeu sua tese de doutoramento, intitulada “Zé do Caixão: Personagem de horror”, na UMESP, sob orientação da Dra. Sandra Reimão. Ele foi aprovado com nota 10 com louvor.

Do período da infância e da adolescência, Marcelo lembra que seu pai sempre trabalhou muito e dedicou muito tempo de sua vida à pesquisa acadêmica, mas que compensava as ausências durante os dias da semana, programando atividades para toda a família durante os fins de semana, feriados prolongados e período de férias:

Durante minha infância, em diversos momentos, como campeonatos e eventos escolares quem estava presente era minha mãe. Na verdade, a rotina do dia-a-dia, minha e de minha irmã, quem administrava e conduzia era Dona Silvia. Meu pai costumava sair cedo e voltar muito tarde. Rotina de professor que hoje também faço. Porém, ele sempre organizava nas férias ou feriados prolongados viagens em família onde podíamos desfrutar de sua companhia. Tenho muita saudade dessas viagens e aqui destaco algumas: Nordeste (cinco dias de carro), mais de uma vez; Sul do país (Blumenau, Joinville, Gramado, entre outras); Missões na América do Sul (Ar-

gentina, Paraguai e Uruguai), Peru e Bolívia com direito a Machu Pichu e ao Trem da Morte; Estados Unidos (temporada no Texas); Europa (temporada em Madrid e em Barcelona). Dos períodos na Europa, dentre as inúmeras viagens realizadas, destaco duas que foram marcantes: a viagem à antiga União Soviética e à Romênia, com passagem pela Transilvânia com o Castelo do Drácula e tudo. (Depoimento ao autor, 2010).

Marcelo casou-se com Priscila Zerbinato e o casal deu dois netos a Zé Marques: Gabriel Zerbinato Marques de Melo, que nasceu em 25 de agosto de 2000, e Beatriz Zerbinato Marques de Melo, que nasceu no dia 21 de março de 2005. De acordo com depoimento de Priscila Zerbinato Marques de Melo, sua única nora, “como sogro ele [Zé Marques] é um pai, amoroso, sempre presente e puxando a orelha quando precisa. Como avô nem se fala, é um caldeirão de amor pelos netos. Me sinto muito honrada de ser mãe de dois dos três netos dele.” Priscila foi apresentada a Zé Marques e a Silvia em 1998. De lá para cá, a convivência com o sogro foi estreitada com muitos almoços, jantares e aniversários e outros encontros que integram o ritual familiar. Segundo ela, Zé Marques está “sempre feliz, disposto, trabalhando muito, sua mente não para! Confesso que às vezes fico até envergonhada por não me lembrar de detalhes mínimos de trabalhos que só ele lembra”. Priscila, que teve a oportunidade de trabalhar com Zé Marques, recorda que a experiência não foi nada fácil, pois “ele é muito exigente, detalhista, mas tem muita paciência em explicar, pelo menos [tinha] comigo!”

Em seu depoimento, Priscila relatou um acontecimento que expressa o ser humano sensível e carinhoso que Zé Marques é e que além de ser uma referência na área acadêmica, também se transformou num exemplo dentro de sua própria família:

Certa vez, no trabalho, eu estava sob pressão há dias e acabei chorando, como qualquer ser humano. Ele se levantou da cadeira, veio até mim e me abraçou. Claro que me acalmei, mas fiquei ali ‘chorando’ mais alguns segundos para desfrutar daquele carinho. Estes momentos eu não esqueço nunca. Enfim, não tenho palavras para expor meus sentimentos por ele que são anos luz de muito amor e carinho, respeito acima de tudo. Ele é uma referência de figura paterna, sempre me apóia em todas as minhas decisões que me fazem crescer como pessoa. [Ele] é advogado como eu, por isso em alguns momentos, falamos a mesma língua. Fico extremamente feliz em poder, a qualquer momento, ir até sua casa, no seu escritório, e dar uma olhadinha para ver se ele está lá, no trabalho como sempre. Estamos [Priscila e Marcelo] educando nossos filhos para seguirem com este exemplo de família unida e feliz. Esta oportunidade na minha vida foi única, ele [Zé Marques] acima de tudo é um pai, não um sogro! (Depoimento ao autor, 2010).

Priscila relata, como uma lembrança singela e inesquecível, o que aconteceu durante uma festa natalina, quando Zé Marques se vestiu de Papai Noel pela primeira vez para agradecer aos netos. Foi no Natal de 2007: “quando eu o vi, todo trajado a caráter [como Papai Noel] não me contive. Eu era responsável pela gra-

vação e fotos [da festa] e posso dizer, não ficaram muito boas, pois eu não sabia se eu ficava admirando [ele brincar com os netos] ou se realizava minhas tarefas. Não contei para as crianças, elas não sabem que era ele!” (Depoimento ao autor, 2010).

Sobre o seu relacionamento com os filhos e netos, Zé Marques é enfático e resume de maneira pragmática: “São dois momentos distintos e duas situações peculiares. Os filhos chegaram muito cedo e os netos mais tarde. Assim sendo, não tive tempo de me preparar para ser pai e quando chegaram os netos eu já havia atravessado o cabo da boa esperança, ou seja, desfrutava a aposentadoria. A chegada dos netos mudou tudo. Agora temos uma maior aproximação com eles e com seus cônjuges”.

A relação de Zé Marques com os netos, como ele mesmo afirma, é “maravilhosa, porque eles sabem que a casa do vovô é território livre, onde eles gozam de completa liberdade de movimento”. Zé Marques não admite, por exemplo, durante as refeições, que qualquer pessoa, inclusive os pais, obriguem seus netos a fazer o que não querem e assim eles só comem o que lhes apetece. A cada dia que passa, ele aumenta a proximidade e a cumplicidade com os netos, às vezes mantendo até uma atitude permissiva, justificando-se no comportamento e filosofia da avó materna dele, Eufrosina, que dizia que “a função do avô é deseducar”, equilibrando o controle rigoroso exercido pelos pais. Zé Marques tem três netos: Arthur, filho de Silvana, que mora em Minas Gerais; Gabriel e Beatriz, filhos de Marcelo, que moram em São Paulo. Ele tem maior convivência com os netos de São Paulo, vendo-os diariamente, pois residem no mesmo edifício onde ele mora. Quanto a Arthur, eles se visitam com frequência para matar a saudade.

Repetindo o mesmo comportamento de Zé Marques, que quando fazia traquinagens corria para os braços da avó para fugir da ira dos pais, os netos dele fazem a mesma coisa:

qualquer rusga que têm com os pais, tomam o elevador e se refugiam no apartamento do vovô. Só lamento ainda ter tantas ocupações, pois em algumas ocasiões não posso atendê-los no momento em que demandam atenção. Gabriel, o mais velho, já me auxilia em tarefas computacionais. Ele entende mais de certos programas que eu. Outro dia me trouxe um livro de sua autoria, nove contos de horror, que deseja publicar. Li e fiquei impressionado com o texto correto e a narrativa atraente. Arthur tem mais propensão para a música: adora MPB e agora está vidrado no repertório de Ary Barroso. Adora viajar e conhece o Brasil e o mundo via televisão. Beatriz é a mais ligada à avó, invadindo, sempre que pode, suas gavetas com maquiagem e enfeites. Vaidosa, anda sempre bem vestida. (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Fazendo uma leitura do comportamento midiático dos netos, Zé Marques, de certa forma, confirma o interesse deles pela televisão, preanunciando a possibilidade de que, pelo menos um deles, seguirá o caminho do avô e do pai:

Os três são filhos e netos da mídia. Gabriel é grande observador e como mostra capacidade histriônica, mimetiza o que vê na TV e ouve no rádio, criando programas que só apresenta para os avós, porque diz que

os pais não prestam atenção. E os avós, naturalmente, aplaudem entusiasticamente. Beatriz ainda está na fase dos desenhos animados, mas gosta muito de ler historinhas em livros e revistas. Arthur é o mais midiático dos três, conhecendo toda a programação infantil, especialmente a da Globo, Cultura e Futura. Certo dia, recebi telefonema de Silvia Fiúza, diretora do programa Globo-Universidade, mas não atendi imediatamente e ele se atravessou entre o telefone e a empregada, conversando animadamente com a Silvia sobre a programação da emissora. Ela ficou tão impressionada com o conhecimento e o interesse dele pela programação da emissora que o convidou para visitar o Projac.³³ No ano passado [2009], ele foi com a mãe e avó visitar o Projac, demonstrando tamanha familiaridade com os cenários e os artistas que parecia viver aquele mundo. Agora ele vive me pedindo para visitar o “Projac” da Record e da Cultura ... Enquanto isso, pede para visitar o MAC, o Museu do Futebol e o Museu da Língua Portuguesa, atraído pelas exposições divulgadas na TV. [...] desfrutamos a companhia integral dos três netos nas férias de verão/inverno em Campos do Jordão e Maceió. Mas, o que eles mais gostam é de acompanhar o vovô à Fnac, onde desfrutavam de crédito ilimitado, até que a vovó limitou o meu cartão de crédito. Gabriel agora só quer

33. Projac é o Centro de Produções da rede Globo de Televisão instalado no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. O complexo possui vários estúdios usados para as gravações das novelas, séries e programas da Globo. O complexo Projac é composto também por cidades cenográficas, fábrica de cenários, depósito de cenários, camarins e um rico acervo de todos os produtos exibidos pela rede de TV.

livros importados (em inglês) e Arthur gostaria de ter uma videoteca dos principais compositores brasileiros. (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Segundo a opinião de Dona Silvia, Zé Marques “é um pai amigo dos filhos e um avô, à sua maneira, tranquilo e carinhoso. Não quer ver nenhum neto contrariado, [nem] Gabriel, Beatriz ou o Arthur”. A atitude dele como avô é de agir com muito carinho e a receita para a integração e interatividade “é o amor que sentimos pelos netos. Zé gosta de satisfazer os desejos, mas dentro de limites e da normalidade, sem estragar e para eles valorizarem tudo o que recebem. Fizemos isso também com os filhos. Quanto aos filhos, ele sempre os acompanhou e orientou quando necessário, porém, dando-lhes plena liberdade para seguir suas vidas”. Segundo depoimento do neto Gabriel Zerbinato Marques de Melo que fez questão de falar sobre Zé Marques: “Meu avô é bem legal, me incentivando a ler, escrever e me ensinando coisas novas a quase todo momento. Eu, agora, estou ajudando ele a arrumar os livros que ele escreveu. Ele é um avô muito legal comigo” (Depoimento ao autor, 2010).

Por trás do agitador cultural, do dirigente universitário e intelectual respeitado em todo o mundo existe um homem simples que se sensibiliza e se mostra agradecido com as homenagens que tem recebido, mas que continua sendo “a mesma pessoa simples, nunca mudou com todas as homenagens que recebe”, diz sua esposa. Zé Marques sente orgulho de dizer que é sertanejo e, ao mesmo tempo, um glutão que gosta das comidas nordestinas. Silvia enumera os pratos e iguarias preferidos: sarapatel, carne do sol, cozido, baião de dois, camarão na moranga e sopa

de feijão, bolo de rolo e goiabada, além de cuscuz e beiju. “Tudo isso e comidas mais sofisticadas, porém nada de peixe, sempre diz que é sertanejo e no sertão não tem água”.

Quem corrobora para explicar que não se deve convidar Zé Marques para comer peixe é o professor doutor Adolpho Queiroz, que passou por essa situação e relata o ocorrido:

Quando convidei o prof. Marques para uma conferência no Curso de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba, convidei-o – e a Dona Silvia que o acompanhava! – para um jantar no restaurante *Flamboyant* em Piracicaba. Tentava dizer a ele que a especialidade de Piracicaba era o peixe, quando Dona Silvia já foi informando: “Zé Marques não come peixe!” Pedimos camarão. Fiquei intrigado com aquela história. E anos mais tarde, já com mais liberdade, perguntei a ele o porquê daquela rejeição. Marotamente, me explicou que, criado e crescido no agreste nordestino, o peixe não fazia parte do cardápio alimentar da família e que ele cresceu desacostumado de comer aquela iguaria. Preferia “um sarapatel, miúdos de galinha embebidos no sangue! Vixe, que gosto! Ou enfim, como dizia minha avó: uns gostam dos zoio... outros da remela”. (QUEIROZ, depoimento ao autor, 2010).

Na visão da esposa, Zé Marques não é muito ciumento: “ele é só um pouco ciumento! Eu não sou ciumenta, sou zelosa com ele. Temos um ótimo relacionamento e sempre priorizei a sua carreira, seu trabalho e suas realizações profissionais. Fiz uma escolha: administrar tudo e deixar o seu tempo para a produção

e realizações”. Segundo ela, Zé Marques sempre foi obstinado e gosta de realizar tudo com perfeição. Como ele está sempre trabalhando em casa, produzindo, “sempre me faço presente, nunca reclamo do tempo que passa trabalhando. Jamais quis ser inoportuna, pois também gosto de fazer outras coisas que me realizam e tenho o seu total apoio. Sou alegre e divertida com ele, com os filhos e com os netos. Estamos sempre que possível juntos com eles. É uma fase feliz da vida”.

Zé Marques afirma que Silvia tem luz própria e é exatamente por isso que eles se dão tão bem. Por sua vez, Silva, com orgulho, proclama que “ele é um grande comunicador, um intelectual e eu sou a sua principal admiradora”. A receita para a união duradoura, segundo ela, é que “nossa vida tem sido de companheirismo e sempre procuramos cultivar os bons e verdadeiros amigos. Quanto aos bajuladores e traidores, são logo reconhecidos e espero que se modifiquem e fiquem à distância”.

A presença de Silvia ao lado de Zé Marques é uma marca. A professora doutora Marialva Barbosa, por exemplo, diz que mesmo quando ela não viaja com ele, ela se faz presente, pois ele está sempre se lembrando dela: “Ao seu lado, numa mesa [do Café Majestic, na cidade do Porto], escutei vários casos. Dona Silvia tomava corpo na conversa. Naquela viagem ela não estava presente e, quando ela não está, ele lembra dela a cada minuto. Fala de muitas coisas: dos filhos, dos netos e da companheira de quase meio século. Sempre tem pouco dinheiro na carteira, pois é Silvia que cuida das finanças. Silvia também dirige. Silvia cuida de tudo e sobretudo dele com desvelo. [Zé Marques] sempre conta e apresenta Silvia, nas conversas, como alguém que está presente, mesmo quando está ausente”.

Questionado sobre o fato de não dirigir e levado a explicar porque Silvana, sua filha, teria sugerido que ele não andasse com cartão de crédito, Zé Marques foi incisivo:

Nunca gostei de dirigir. Talvez por ter sido mal educado para o ofício. Como desde muito jovem trabalhei em lugares que tinham motoristas para nos servir, nunca me preocupei em tirar a carta [carteira de motorista]. Só tomei essa decisão ao retornar dos Estados Unidos, em 1974, quando Silvia me pressionou, pois com dois filhos e tantos afazeres domésticos ficava sem poder me levar e buscar na Universidade, como fazia antes. [...] Tirei a carta, mas toda a família se abstinha de me acompanhar no carro pela minha inabilidade ao volante. Além disso, costumo ficar sonolento após as refeições. A *siesta* entrou nos meus hábitos desde os tempos do sertão e foi legitimada depois de viver na Espanha. [...] Como tinha o apoio logístico das universidades, o carro com motorista me aliviava. Eu só pegava no volante raramente. E quando comecei a tomar remédios para a pressão alta, sentia que dava cochilos na direção. Realmente me surpreendi, um dia, transitando pela avenida 23 de Maio [em São Paulo], quando dei uma cochilada. Quando contei em casa, Silvia e os meninos me pediram para não dirigir mais [...] Há uns dez anos, o conselho de família tomou a decisão de passar meu carro para Marcelo, ficando minha carta de motorista engavetada. Aliás, hoje nem tenho mais carta, pois a anterior venceu e eu ainda não fiz o exame. Sobre o cartão de crédito, só o uso em viagens. No dia a dia, tenho algum dinheiro no bolso, que Silvia me fornece quase automaticamente

ou eu peço quando necessito. O caso do uso do cartão acima do limite previsto por Silvia se dava nas livrarias, pois ultimamente vou acompanhado dos netos e compro quase tudo o que eles querem. Aliás, ultimamente não me deixam ir só com eles, por motivos óbvios. Mas o recolhimento do cartão se deu quando contei em casa o caso de um professor, meu colega na Metodista, que foi assaltado em sua sala, as 7h30 da manhã, por dois ladrões mascarados que o espancaram porque ele não sabia a senha do banco. Só depois que ele telefonou para a mulher, pedindo a senha, um dos ladrões foi ao caixa, sacou o saldo e o outro ficou na vigília, para finalmente deixá-lo amordaçado e amarrado na sala fechada. Sabendo desse episódio, Silvana me pediu para não sair de casa com cartão de crédito. Por vias das dúvidas, fiquei sem cartão, que Silvia me empresta em casos de viagens. Confesso que não fiquei chateado porque me liberto dessas operações mercantis. Sempre tenho algum dinheiro, no bolso, para o taxi e para eventualidades. (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor 2010).

Quem, com muita propriedade, dá um depoimento sincero, revelando um outro lado de Zé Marques é o professor doutor Sebastião Squirra, que além de trabalhar com ele foi também um de seus orientandos que marcam presença no cenário acadêmico nacional. Sobre ele, Squirra diz:

Como poucos, Zé Marques dedicou sua vida ao ensino e à pesquisa em comunicação. Todos que com ele conviveram sempre entenderam claramente que suas marcas são a personalidade forte, a memória invejável, a disposição infa-

tigável para o trabalho e os argumentos consistentes, que o definem, destacam e individualizam. Todavia, é oportuno revelar que anda junto ao pesquisador destemido e exigente uma alma sedenta de cultura, disposição e fértil sociabilidade. Adianto isto, pois pude compartilhar, além da experiência acadêmica com o pesquisador com fôlego e números expressivos, o ser humano disposto que se abre facilmente para as atividades sociais e culturais. José Marques de Melo anima-se juvenilmente para uma boa conversa informal, se esforça para encontrar parceiros para uma comidinha com bom papo amigo ou até uma boa dança, como aconteceu nas inúmeras vezes que se dispunha a juntar amigos da USP para uma noitada no Bar Avenida, em São Paulo, sempre junto de Silvia, sua animada companheira. Ou ainda, arrumar tempo para assistir a uma boa peça de teatro, como fizemos uma noite em Chicago, o que provocou um jantarzinho com bom vinho, demonstrando disposição memorável para os prazeres da vida noturna. Outras incursões impagáveis se deram no Senadinho, exclusivo bar que lhe apresentei em Campos do Jordão, onde inúmeras vezes tem ido jantar, cantar e dançar ao som da boa música popular brasileira, embalada por músicos simples e com temática romântica dos anos 1960 e 1970. Reconhecido pela onipresença acadêmica, avalio que esta seja uma faceta que, realmente, poucos conhecem e mesmo sabem que José Marques de Melo adora e pratica (SQUIRRA, 2010, depoimento ao autor).

Para demonstrar o quanto Zé Marques é simples e está sempre disposto a ajudar, Marialva Barbosa relata o comportamento dele em relação aos jovens estudantes de comunicação:

Ele gosta de encontrar e conversar com estudantes, mas o momento de maior alegria é quando os jovens alunos, iniciantes na graduação, pedem, todos alegres, para tirar uma foto. Aí o seu sorriso fica iluminado. Ao lado dos jovens sente-se bem, fica também mais jovem, ganha força. Adora conversar com cada um deles. Nos Congressos quando tem tempo fica o tempo todo ao lado dos jovens. Atende cada um deles. Dá autógrafos, tira foto ao seu lado, atende cada um com enorme dedicação e alegria. Vi muitas dessas cenas e pude presenciar o sorriso no seu rosto e a alegria nos seus olhos. Os encontros com os jovens são momentos mágicos em sua vida. Lembro ainda hoje quando o vi pela primeira vez. Os anos 1970 estavam chegando ao final e ele veio participar de uma banca para Livre Docente na Universidade Federal Fluminense. Eu ainda não era professora lá, onde ingressei em março de 1979. Lembro dele, ativo, vivo, conversando, jovem, mas de cabelos já inteiramente brancos. Fiquei apenas escutando, pouco falei, mas como ainda faz aos jovens de hoje me deu toda a atenção. Já naquela época ficava contente quando encontrava um jovem estudante! (BARBOSA, depoimento ao autor, 2010).

O professor doutor Adolpho Queiroz também revela outra faceta de Zé Marques: a do jardineiro:

Convidado certa vez a conviver com ele e Dona Sílvia na casa de campo em Campos do Jordão, percebi outra faceta que poucos conhecem. A do jardineiro, que apara as hortênsias tão bonitas e floridas como as que

ocorrem na cidade de clima frio. Usei a figura do ‘homem que cultivava hortênsias’, certa vez num discurso em sua homenagem no Congresso da INTERCOM que fizemos no Rio de Janeiro. O artigo foi publicado. Acho que o convenci. Alguém que o acompanhava na mesa naquele dia me segredou que os seus olhos ficaram marejados. Dias depois lhe perguntei se era verdade e ele prontamente respondeu: ‘Nordestino verga, mas não chora!’ Acreditei nas palavras dele, mas que ele chorou, chorou! (QUEIROZ, depoimento ao autor, 2010).

No artigo de Adolpho Queiroz, intitulado “José Marques, o jardineiro que cultivava Hortênsias” ele diz ter descoberto um aspecto da personalidade de Zé Marques:

Surpreendi-me, certa vez, vendo-o cultivar hortênsias em sua casa de campo. Chapéu de jardineiro, macacão – com o insubstituível suspensório! – tinha entre as mãos os apetrechos necessários para poder cultivar e aparar belas hortênsias azuis que mantinha nos seus jardins. E dá a elas, com o mesmo esmero, a quantidade necessária de água, distribui adubos para que fiquem mais vivas, aparar-lhes as arestas e dá-lhes formatos de beleza, arrancando-lhes com vigor, folhas secas, galhos e as praguinhas que surgem aqui e ali. Mais ou menos como faz em suas aulas: dá vida a Escola Latino-Americana, aquela escola sem janelas e portões que ajudou a construir no imaginário dos seus alunos, com a contundência dos textos dos pesquisadores que, pioneiros, como ele neste campo, tem procurado pensar as comunicações como instrumento de promoção humana e, principalmente,

da diminuição das desigualdades. Como jardineiro e como professor, [ele] sabe dos tempos de sol e de chuvas. E descobre na bonança que, pacientemente, seu jardim vai se expandindo das hortênsias e se transformando num belo jardim, por onde passeiam antigos e jovens aliados, que compartilham com ele os sonhos de um mundo melhor. (QUEIROZ, 2003: p.184).

Quem sintetiza a simplicidade e a figura humana de Zé Marques é sua esposa Silvia: “Ele nunca foi paquerador. Não fui sua primeira namorada e ele também não foi o meu primeiro namorado. Mas é o mais amado. Ele é muito bonito, por dentro e por fora, um pouco tímido e muito querido por seus alunos, amigos, familiares e principalmente por mim. Tem muita firmeza em seus propósitos e seus projetos e adora seus amigos e de estar rodeado por eles”.

Por sua vez, Zé Marques confessa que a economia doméstica sempre foi controlada por Silvia que “fez curso médio de contabilidade e finanças, pondo em prática seu conhecimento para poupar. Assim sendo, fica claro que ela não voltou a trabalhar, assumindo as rédeas da vida doméstica e dando-me a tranquilidade para realizar o que realmente pretendia em São Paulo, ou seja, ingressar na vida acadêmica”.

8. Resquícios do golpe de 1964

Poeta ou filósofo, apóstolo ou artista, tem confiança em ti mesmo, não sigas rotas alheias, não subordine a tua vontade a outras vontades, não te apóies em sombras que empanam, nem procures proteções que constroem.

José Ingenieros

Em seu mais recente livro, lançado em 2010, *Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção*, Zé Marques descreve como era o país, quando os militares deram o Golpe de 1964 e assumiram o controle do governo. Segundo ele:

O Brasil era um arquipélago cultural formado por regiões geoeconômicas semi-autônomas, não obstante o incremento das redes de transportes rodoviários e aéreos durante o surto desenvolvimentista de Kubitschek. O

sistema nacional de comunicação possuía características regionais ou locais, excetuando-se as revistas semanais e as emissões radiofônicas por ondas curtas, mesmo assim restritas a uma minoria. O contingente populacional majoritário vivia nas zonas rurais, acentuando mais ainda o distanciamento cultural pelo alto índice de analfabetismo e pela precariedade das condições de vida nas comunidades do interior (MARQUES DE MELO, 2010).

Zé Marques lembra que depois do golpe ele se manteve fora de circulação, mas naquele período seu apartamento ficou sob vigilância até que a suspenderam, por entenderem que ele havia se evadido. Marques permaneceu em Alagoas, até que seu tio Clovis, um influente comerciante em Recife, negociou, com o diretor do DOPS, Álvaro da Costa Lima, contraparente da sua esposa, a sua apresentação “espontânea” para prestar depoimento. O combinado era que ele seria submetido a interrogatório e liberado em seguida. Aconteceu que o delegado não retornou do almoço e Zé Marques ficou no gabinete, esperando-o por toda a noite para ser atendido. Foi avisado que só seria interrogado no dia seguinte:

Formalmente, fiquei detido para averiguações. Mas não fui recolhido à cela, no andar inferior. Dormi numa poltrona do gabinete do delegado e no dia seguinte meu tio providenciou comida, contratando o serviço de um restaurante famoso, cujo garçom, vestido protocolarmente, inclusive com luvas, me trazia o cardápio para escolher o que desejava, retornando depois com as iguarias, que eu comi sem sentir o sabor... Essa situação exótica

se prolongou durante o fim de semana. Meu tio ficou irritado, sentindo-se ludibriado, e recorreu aos seus amigos do Exército, que interferiram para que eu fosse liberado na segunda-feira. Sequer cheguei a ser interrogado, pois no fim da tarde da segunda-feira, Silvia e meus primos fizeram plantão no corredor e pressionaram para que eu fosse ouvido. Resultado: pelas tantas, chega o funcionário civil, me dá um maço de papel e me pede para dizer do próprio punho quais as minhas funções no governo deposto. Ele voltou algum tempo depois, leu o documento e se disse satisfeito. Deu-me autorização para retornar ao meu apartamento, advertindo que me chamaria para depor, se necessário. Depois disso, nunca me convocaram, apesar de ameaças veiculadas indiretamente pela imprensa. Fui, isto sim, convocado para depor em vários IPMs [Inquérito Policial Militar]. Moral da história: naquele momento, quem não tinha participação ostensiva em atividades clandestinas e não pertencia aos escalões superiores do governo deposto, não sofreu constrangimentos maiores (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Comentando sobre personagens pernambucanos que sofreram com o Golpe de 1964, em Recife, Zé Marques disse que conheceu Francisco Julião mais como intelectual do que como político, pois “frequentava a casa do Luiz e Zita Beltrão, juntamente com outros escritores nordestinos. Seus livros, *Irmão Juazeiro*, deixou-me profundas emoções literárias; e *Até Quarta, Isabela*, produziu empatia pelo sentimento paterno coibido pela prisão” (Depoimento ao autor, 2010). Em depoimento para o Projeto Nordeste-1964, concedido em 1986, ele traçou

o seguinte perfil de Francisco Julião: “é uma figura muito controvertida. O homem afável no trato pessoal, excelente escritor, ao levantar a bandeira das Ligas Camponesas pautou-se pelo radicalismo, atitude que o marcou politicamente. Por isso mesmo, provocou uma série de atritos, advogando a tese da reforma agrária na ‘lei ou na marra’. [...] Foi uma figura polêmica e permanece controvertida até hoje” (FERNANDES, 1986).

Dos fatos mais marcantes do período do golpe, Zé Marques relembra a prisão de Gregório Bezerra, acorrentado, ensanguentado, desfilando pelo Bairro de Casa Forte, em Recife, como um Cristo em direção ao Calvário. Sobre a prisão de Gregório, ele relata:

O episódio da prisão de Gregório Bezerra, eu testemunhei pela televisão, no telejornal noturno. As cenas foram exibidas com a finalidade de intimidar os resistentes ao Golpe de 1964. Meu sentimento foi de revolta, pois o que fizeram com um septuagenário em praça pública foi dantesco. Sempre tive asco às injustiças e às humilhações. Na minha cabeça ficou a certeza de que os propósitos alegadamente democratizantes dos ‘revolucionários’ eram falsos. Eles tomavam o poder pelo poder... E denunciavam que usariam a violência para nele se perpetuar (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Depois de haver sido intimado para depor em vários IPMs, sem ter sido condenado, Zé Marques transferiu-se para São Paulo em 1966 porque “o ambiente político dominante em todo o Nordeste era assaz opressivo, o que determinou a migração de vários colegas de minha geração para o Sudeste” (FIGUEIREDO, 2004). Depois de ter prestado concurso na USP, de ter

integrado a equipe fundadora da Escola de Comunicações Culturais, de ter estruturado e dirigido o Departamento de Jornalismo da ECA, a partir de 1970, Zé Marques começou a sofrer uma intensa perseguição dentro da USP, que culminou com sua “cassação branca”: “Fui demitido sumariamente do serviço público, sem direito a indenização e a trabalhar em universidades mantidas pelo Estado” (FERNANDES 1986).

O meu processo foi baseado no Decreto-Lei 477, editado para punir docentes e estudantes universitários. A acusação formal era a de que eu havia publicado uma apostila “subversiva”, na qual incitava meus alunos a se opor ao governo militar. A apostila, que circulou em várias universidades brasileiras e ganhou destaque internacional por sua inovação pedagógica, se intitulava ‘Técnica do Lead’.³⁴

34. Sobre essa aula, Zé Marques fez o seguinte registro no livro *Jornalismo, Forma e Conteúdo* (2009:164): “Uma aula que eu havia dado na ECA sobre a técnica do *lead*, quando ensinava aos meus alunos como fazer notícia. E a minha técnica de dar aula era a vigente na academia internacional: trabalhar com o jornal do dia. Em 1968, fui dar a minha aula levando os jornais do dia. O tema era ‘como escrever um *lead*’: uma técnica norte-americana. Recortei os jornais do dia e passei os exemplos para os alunos. As notícias reproduziam a rebelião estudantil que estourara no Rio de Janeiro no dia anterior. Claro que os jornais espelhavam a atmosfera de insatisfação com o regime militar. Apesar da censura existente, as manchetes não escondiam o conflito entre o governo e a sociedade. Os alunos, de modo geral, transformavam minhas aulas e as de outros professores em apostilas e essas apostilas circulavam amplamente. Então, por causa dessa apostila sobre o *lead*, quatro anos depois eu fui processado e o reitor da USP chegou a propor a minha expulsão. Só não fui condenado porque o ministro da Educação na época, Jarbas

Ela continha as anotações de aulas registradas pelos meus alunos do Curso de Jornalismo, tendo como ilustrações as notícias publicadas pela imprensa de prestígio nacional (que, aliás, estava sob o regime de censura prévia). As autoridades alegavam que, circulando fora do país, aquelas notícias “denegriam” a imagem internacional do nosso governo. O processo foi instaurado pela Reitoria da USP, que recomendou minha punição. Mas o ministro da Educação, Jarbas Passarinho, a quem cabia a decisão final, verificando que a denúncia era improcedente, me absolveu. Aqueles eram tempos conturbados, em que as instâncias inferiores nem sempre obedeciam as decisões superiores. Em São Paulo, os agentes de segurança vinculados à chamada “linha dura” desdenhavam as normativas do Governo instalado em Brasília. Acobertadas pelo comando do IV Exército elas agiam nos porões da ditadura, contando com a conivência das autoridades civis, intimidadas, atemorizadas, acovardadas. Foi assim que, em 1974, dois anos depois de absolvido pelo Ministro da Educação, eu fui surpreendido com o Ato assinado pelo então Reitor da USP, prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, cancelando a vigência do meu contrato de trabalho na universidade. De nada adiantaram os recursos impetrados. Outros colegas da instituição foram vítimas de arbitrariedades semelhantes, sem direito a defesa, a indenização pecuniária

Passarinho, examinou o processo, verificando que na verdade haveria extrapolação legal. Mesmo absolvido pela instância superior, não escapei às garras do Regime Militar. Tanto que, depois do doutorado na USP, fiz o pós-doutorado nos Estados Unidos e, ao retornar em 1974, fui sumariamente despedido. [...] Então, durante cinco anos, no período de 1974 a 1979, eu fiquei fora da USP”.

e a ressarcimento dos direitos trabalhistas. Essa situação perdurou até 1979, quando foi aprovada a Lei da Anistia. Os colegas do Departamento de Jornalismo fizeram um abaixo-assinado, dirigido ao reitor da USP, reivindicando a reintegração dos docentes cassados. Fui reintegrado no primeiro lote, juntamente com Jair Borin³⁵ e Thomaz Farkas.³⁶ Depois, foram reintegrados Sinval Medina³⁷ e José Freitas Nobre³⁸ (RODRIGUES, 2003).

35. Jair Borin (1943-2003) foi professor titular e chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Docente do curso desde 1971, Borin foi preso político entre março de 1974 e dezembro de 1975. Cassado na USP, Borin dedicou-se ao jornalismo, tendo sido repórter, redator e editor de jornais como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Movimento*. Chegou a disputar eleições para ser Reitor da USP por duas vezes e apesar de ganhar na apuração dos votos, em eleições paritárias, nunca chegou a ocupar o posto.
36. Thomaz Farkas, nascido em Budapeste, Hungria, chegou ao Brasil em 1924 com cinco anos de idade. Graduou-se em engenharia mecânica e trabalhou como fotógrafo, professor, produtor e diretor de cinema. Foi responsável pelo projeto de instalação de laboratórios fotográficos em várias instituições, inclusive na ECA-USP, onde a partir de 1969 passou a ensinar fotografia nos departamentos de Cinema e Jornalismo, na qual obteve o título de doutor em Comunicação em 1977.
37. Sinval Freitas Medina era professor de Redação e Edição na ECA-USP. Cassado em 1975 passou a trabalhar como jornalista profissional, tendo trabalhado em veículos ligados aos Diários Associados, à Editora Abril e à Editora Azul. Desde 1977 passou a dedicar-se, em tempo integral, à literatura. É autor, dentre outros, do livro *O herdeiro das Sombras* (2001).
38. José Freitas Nobre (1921-1990) era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP e doutor em Direito e Economia da Informação pela Faculdade de Direito da Universidade de Paris, França. Foi professor

Durante aquele período, a partir de 1964, as universidades brasileiras funcionaram sob o temor das possíveis intervenções e prisões de professores e alunos. As primeiras cassações foram amparadas pelo Ato Institucional nº 1. Depois de 1968, as cassações, principalmente de políticos e funcionários públicos, e as prisões de intelectuais eram respaldadas pelo AI-5. Durante toda a década de 1970, os serviços de Segurança e Informação, implantados nas universidades, exerceram uma vigilância cerrada contra possíveis subversivos. Delações e investigações eram estimuladas e processos secretos instaurados com base no Decreto Lei 477, foram usados para punir professores e alunos. Zé Marques considera que “os maiores prejuízos foram determinados pelo afastamento de grandes pensadores [dos quadros da USP] como Florestan Fernandes, que deixaram de contribuir cotidianamente para a formação de novos intelectuais”.

titular de Direito da Informação e História da Imprensa da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero na época em que a Escola integrava a PUC-SP. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, presidente da FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas, e membro do IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Foi vice-prefeito e vereador da cidade de São Paulo e deputado federal pelo Estado de São Paulo.

9. O migrante

Eu não me envergonho de corrigir meus erros e mudar as opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender.

Alexandre Herculano

No cenário internacional, o ano de 1966 foi marcado pela Revolução Cultural de Mao Tse-Tung, na China. No Brasil, o programa Jovem Guarda, produzido pela Record e apresentado pelo cantor e compositor Roberto Carlos batia todos os recordes de audiência. Só na cidade de São Paulo o programa chegou a atingir a audiência de três milhões de espectadores. Ainda em São Paulo, com a destituição de Adhemar de Barros, Laudo Natel assumiu o governo paulista no período de junho de 1966 a julho de 1967. E foi Laudo Natel quem assinou o Decreto nº 46.419, de 15 de junho de 1966, criando a Escola de Comunica-

ções Culturais, onde Zé Marques fez carreira acadêmica. Ainda em 1966, foi inaugurado o Edifício Copan, projetado por Oscar Niemeyer, considerado como um marco da arquitetura moderna da cidade de São Paulo. Em forma de “S”, o prédio, com linhas arrojadas, era o símbolo da maior cidade brasileira.

Em maio de 1966, Zé Marques e Silvia começaram a preparar a mudança de Recife para São Paulo. Sem alarde, começaram a vender os móveis e outros utensílios. O que não foi vendido foi depositado no casarão construído pelo sogro, José Briseno Milfont, no bairro do Torreão, para onde também se mudaram, aguardando a transferência para São Paulo. Lembrando de sua chegada a São Paulo, Zé Marques, então com apenas 23 anos de idade, descreve:

No princípio de julho de 1966, embarquei bem cedo no Aeroporto dos Guararapes, viajando num dos aviões de carreira em operação para fazer uma viagem que durou todo o dia, com paradas em várias cidades – Maceió, Aracaju, Salvador, Ilhéus, Vitória, Nanuque, Montes Claros e Rio de Janeiro. Ninguém me esperava. Também ninguém tinha sido avisado. Tomei um táxi e me dirigi ao hotel, no centro da cidade, próximo ao edifício do jornal *Folha de S. Paulo*. Cheguei à noite e fiquei impressionado com a vastidão da cidade iluminada. Aquele espetáculo de luz oscilante me lembrou Buenos Aires, onde estivera no ano anterior. Não foi viagem improvisada, mas prevista com antecedência. A intenção de sair do Recife foi tomada durante o ano de 1965, tendo em vista as oportunidades escassas que antevia no campo intelectual. O ambiente opressivo da região e as per-

seguições sofridas pela vinculação ao governo deposto foram as causas da decisão que tomamos consensualmente, eu e Silvia, apesar das tristezas dos familiares, que sempre foram solidários. Eu havia decidido mudar-me para Brasília, pensando em trabalhar com Pompeu de Souza na Faculdade de Comunicação da UnB.³⁹ Mas essa alternativa furou, com a demissão em massa dos professores daquela universidade. O plano B era São Paulo e nele me fixei, mas existiam dois obstáculos a superar: 1) a conclusão do meu curso de bacharelado em Direito; b) o nascimento da nossa filha Fabiana. O primeiro obstáculo foi superado em dezembro/65, com a formatura em Direito. O segundo foi mais dramático – o nascimento e a morte de Fabiana no início de 1966 – acelerou mais ainda o desejo de procurar novos ares. Eu não tinha emprego garantido em São Paulo e a mudança podia resultar numa aventura. Inclusive porque eu precisava sair discretamente para escapar da vigilância política. Contando com a cumplicidade dos colegas e amigos, programei férias funcionais na SUDENE para o mês de julho. Também não abri o jogo na Universidade Católica, onde assumi as aulas de Luiz Beltrão, então residindo em Brasília (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

39. O interessante nesse caso é que com a demissão do grupo de Pompeu, Luiz Beltrão foi convidado para coordenar o centro de pesquisa da UnB e convidou Zé Marques, que declinou do convite, preferindo ficar em São Paulo, desapontando seu professor, que ficou magoado. Zé Marques diz que escrevia para ele e não obtinha resposta e que os contatos só foram retomados quando Silvana nasceu e Luiz Beltrão foi visitá-lo em São Paulo.

Na manhã do dia seguinte, munido de cópias datilografadas do *curriculum vitae*, ele iniciou sua odisséia pelas ruas largas e movimentadas de São Paulo em busca de emprego, visitando empresas, marcando entrevistas e testes. Suas reservas financeiras eram suficientes para mantê-lo por pelo menos dois meses até conseguir uma colocação. Nesse período inicial, ele contou com muita solidariedade, principalmente de seu primo, o advogado José Nepomuceno Marques, que tirou férias no Rio de Janeiro e foi para São Paulo ajudá-lo. O primo “fez questão de me acompanhar em várias entrevistas e puxou os cordéis da mçonaria para abrir portas”. Outro que o ajudou, foi o jornalista Flávio Tiné, que havia trabalhado com ele na *Última Hora-Nordeste* e estava empregado na Editora Abril. Flávio o convidou para “economizar o hotel, ficando hospedado num apartamento de quarto e sala, onde, ainda solteiro, ele morava na Rua Frei Caneca. Arrumou um colchonete e ali permaneci por umas duas semanas”.

Outra pessoa que o ajudou nos primeiros momentos em São Paulo foi o também jornalista Aluizio Falcão, com quem havia trabalhado também na *UH-Nordeste* e no MCP. Aluizio, que havia sido secretário do governo Miguel Arraes, “me recomendou ao mundo publicitário e agências de pesquisa. Um mês depois eu já estava trabalhando”. Zé Marques foi aprovado em vários testes que fez, inclusive na Editora Abril, mas, em função do salário, o dobro do que pagava a Abril, preferiu aceitar a proposta para trabalhar como analista de pesquisa no INESE – Instituto de Estudos Sociais e Econômicos –, que funcionava como uma agência de pesquisa de mídia:

Octavio da Costa Eduardo me entrevistou, apreciando meu perfil profissional, por reunir dois atributos: domínio da redação jornalística e conhecimento de metodologia da pesquisa em comunicação, fruto do meu aprendizado com os mestres Danielson, McClean e Dumazedier, na pós-graduação feita no CIESPAL. Ele me propôs uma contratação por tarefa, pelo período de um mês, findo o qual assinaria minha carteira, se meu desempenho fosse suficiente. Fiquei seduzido pelo salário (não recorro os valores da época, sobretudo considerando a diferença existente em relação ao mercado de trabalho do Nordeste, em período inflacionário. Mas o coração me vinculava ao jornalismo, onde eu aguardava os resultados dos testes feitos. Com salário inicial garantido, agradei a acolhida de Flávio Tiné e aluguei um quarto no apartamento de uma senhora viúva, septuagenária e metódica, residente na Avenida Amaral Gurgel. Vi o anúncio no jornal, em inglês, pois a proprietária preferia hóspedes estrangeiros. Gostei do ambiente e da higiene do local, pagando adiantado o primeiro mês de aluguel. Enquanto isso, comecei a escrever relatórios de pesquisa para o INESE. Ao contrário dos vaticínios que me fizeram na “praça”, rotulando Octavio da Costa Eduardo, dono do INESE, como patrão insuportável, nós nos relacionamos muito bem. Ele sempre foi cortês comigo e me pagou muito bem. Eu enfrentei o pico de trabalho, ganhando por produtividade, e fui pondo em dia os relatórios atrasados. O problema é que os analistas contratados, oriundos das ciências sociais, escreviam lentamente e nem sempre produziam peças do seu agrado ou dos clientes, obrigando-o a reescrevê-los. No meu caso, assimilei rapidamente o modo de relatar os dados

confiáveis e aliviei sua carga de trabalho (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Quinze dias depois de estar trabalhando no INESE, Zé Marques foi convidado para almoçar com Octávio da Costa Eduardo, que depois de se certificar que ele havia ido para São Paulo para ficar, durante a sobremesa fez uma proposta irrecusável: “assumir o cargo de Diretor de Projetos e Análises da empresa, com carteira assinada e salário superior às propostas das empresas jornalísticas”. Não houve tempo para pensar, era pegar ou largar e assumir a função na segunda-feira da semana seguinte. Além de coordenar a equipe de analistas, Zé Marques ficaria encarregado das contas da Editora Abril, *Folha de S. Paulo* e agências de propaganda que atendiam a clientes multinacionais como Shell, Nestlé e Ford.

Topei na hora, para surpresa dos amigos que militavam no *front* jornalístico. Eles se consideravam engajados na resistência ao regime, enquanto eu era visto como alguém cooptado pelo sistema. Não dei importância a esse tipo de patrulhamento, pois tinha a consciência tranquila sobre a natureza do meu trabalho. Quando me apresentei na segunda-feira para assumir a função, deparei-me com uma dificuldade – eu não possuía carteira de trabalho para ser registrado imediatamente, pois atuava no serviço público e ganhava jetons nas empresas jornalísticas do Nordeste. Tive que ir para a fila do Ministério do Trabalho, numa madrugada fria e plúmbea, na Rua Major Quedinho, dando entrada na petição e aguardar um mês para receber o documento. Assim sendo, con-

tinuei remunerado no INESE por serviços prestados e só a partir de setembro fui registrado (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

No INESE, uma grande escola prática para o aprendizado da pesquisa empírica, Zé Marques trabalhou de agosto de 1966 a março de 1968. O INESE “me deu grande vantagem em relação aos colegas procedentes das ciências sociais, que pouco sabiam o caminho das pedras pelo viés teórico da sua formação. Aprendi muito com clientes e concorrentes, lembrando do Renato Jardim Moreira, do Arthur Cesar, do Dalton Manzo, do Pergentino Almeida, entre outras cobras da pesquisa de propaganda. Quando fiz *votos de pobreza* para me dedicar exclusivamente à universidade, senti falta do ambiente do INESE, mas estava impedido de exercer funções profissionais, em vista do regime de dedicação exclusiva. Mas nunca perdi o contato com o Dr. Octavio” (Depoimento ao autor, 2010).

Logo depois de sua chegada a São Paulo, Zé Marques leu uma notícia publicada no *Jornal da Tarde* na qual dizia que a USP estava instalando a Escola das Comunicações Culturais e entre os cursos estava o de Jornalismo e estava selecionando professores. Para lá, então, se dirigiu. Prestou concurso e passou a integrar a primeira equipe de docentes fundadores da ECA/USP, ao lado de profissionais mais velhos e experientes como Flavio Galvão e José Freiras Nobre. Sobre esta opção, Zé Marques diz:

apostei todas as minhas fichas na recém-criada Escola de Comunicações Culturais da USP. Tomando conhecimento da sua criação, pedi uma entrevista ao Prof.

Julio Garcia Morejón, com quem me relatei empaticamente, por duas razões: além de possuir formação acadêmica (pós-graduação em Jornalismo), eu dominava o idioma espanhol, falando fluentemente e escrevendo com relativa elegância. Ele me anunciou a realização de concurso público para ingressar na instituição, mas logo me convocou para o trabalho voluntário. Passei a integrar o Grupo de Assis, ou seja, os docentes da Faculdade de Filosofia de Assis, que constituíram o núcleo fundador da ECC, hoje ECA. A diferença era que eles eram remunerados pelo Estado e eu estava investindo no futuro, trabalhando voluntariamente. As contratações estavam previstas para março de 1967, quando a escola fosse instalada. (Depoimento ao autor, 2010).

Sem parentes na metrópole, Zé Marques e Silvia tiveram que se virar sozinhos. Zé Marques tinha alguns parentes paternos que viviam no litoral paulista, mas sem grandes afinidades e por isso não os procurou na época. Na cidade de Santos residia um casal amigo de seu pai, que os recebia eventualmente durante os fins de semana. Entretanto, Silvia tinha uma tia residente em São Paulo, Silvia Milfont, irmã do pai dela, mas que vivia enclausurada no Convento das Carmelitas Descalças. Quando Zé Marques chegou em São Paulo, Silvia, que foi batizada com o mesmo nome da tia freira, escrevera para ela comunicando que o marido estava chegando a São Paulo para tentar a vida e que logo que ele estivesse estabelecido ela também migraria para lá, quando gostaria de encontrá-la pessoalmente. Silvia insistiu muito para que Zé Marques fosse visitá-la no Convento de Coitia e foi a partir dessa visita que, durante os primeiros tempos

em São Paulo, além da ajuda de ex-colegas, Zé Marques e Silvia contaram também com a ajuda providencial e a proteção de Madre Verônica⁴⁰, Madre Superiora do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha, em Cotia, São Paulo. Depois de tanta insistência, Zé Marques cedeu aos pedidos da mulher e foi visitar a tia freira:

Num domingo de julho tomei um ônibus e fui a Cotia visitar a tia carmelita. Fiquei espantado com o ambiente, porque a visita se deu num locutório gradeado, permitindo apenas ouvir vozes, sem ver as pessoas. Só vimos o rosto da tia muito tempo depois, quando o Papa João XXIII liberalizou a vida em clausura, estimulando a abertura para o mundo. A Madre Verônica, era este seu nome religioso, me cravou de perguntas e quis saber notícias de toda a família Briseno Milfont. Eu correspondi na medida do possível, pois era neófito na engrenagem familiar. No fim da visita, ela manifestou preocupação porque eu ainda não estava trabalhando,

40. Em 13 de fevereiro de 1947, sete carmelitas partiram, do Convento de Santa Tereza em São Paulo, para Cotia. Quatro eram conventuais do Carmelo de São Paulo, duas de Mogi das Cruzes e uma postulante. A fundadora, Madre Verônica de Nossa Senhora das Dores e da Santa Face, requisitara, do Carmelo de Mogi, Madre Raimunda dos Anjos para ser a primeira Priora do Carmelo Cotiano. Com sua companheira Irmã Regina da Imaculada Conceição prestou valiosos serviços à fundação durante três anos, voltando em seguida a seu convento de origem. E assim o Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha foi inaugurado em Cotia, no dia 24 de novembro de 1949, numa localização privilegiada e propícia à vida contemplativa. O Carmelo está situado no cimo de uma colina.

prontificando-se a me ajudar. Agradei polidamente, mas não acreditava que alguém enclausurada há 50 anos pudesse interferir no mercado de trabalho. Não deixei o endereço porque sairia do hotel para alojar-me no apartamento de Flávio Tiné, redator da revista *Intervalo*, da Editora Abril. Ela pediu para eu voltar na semana seguinte, mas fiquei sem jeito, até mesmo porque tive a impressão de falar com fantasmas (Madre Verônica se fez acompanhar da vice-priora, Irmã Terezinha). A Madre me deu uma demonstração de como alguém, mesmo fora do mundo, pode se comunicar facilmente. Na segunda ou terça após o domingo em que ela me esperou e eu não voltei ao Carmelo, estava dormindo no apartamento de Tiné, quando ouço o timbre da campanha. Tiné já havia saído, sem fazer ruídos, porque pegava no serviço logo cedo e eu me dei ao luxo de dormir até mais tarde. Olhei pelo visor e vi uma figura estranha, vestida de marrom. Perguntei quem era e ele me respondeu: Frei (não lembro o nome), que trazia um recado da Madre Verônica. Abri a porta e o frade pediu para entrar, explicando que, a pedido da Superiora do Carmelo de Cotia, se informara na Editora Abril onde morava Tiné e ali estava para me dizer que a tia Silvia estava apreensiva, perguntando se eu necessitava de alguma ajuda etc. Tranquilei-o, prometendo voltar a Cotia na semana seguinte. Escrevi a Silvia contando o incidente e ela me respondeu, dizendo que seu pai fora acionado no Recife, também para me localizar. Conto esse detalhe para demonstrar como os laços de família são fortes na sociedade brasileira. A Madre Verônica foi nossa grande protetora em São Paulo. Quando Silvia chegou, em agosto, logo quis visitar a tia, num encon-

tro muito emocionado para a velhinha. Ela retomava o contato com a família, depois de muitos anos, distante e incomunicada. Foi com sua ajuda que alugamos nosso primeiro apartamento. Precisávamos de fiador e eu não conhecia ninguém que tivesse propriedade para avaliar o aluguel. Silvia lhe escreveu pedindo ajuda, quando ainda estava em Recife, mas não me disse nada. Quando voltei ao Carmelo pela terceira vez – desta vez para levar as fotografias que tinha comigo, repassadas através de uma roda instalada no locutório – a madre me disse que não me preocupasse com a fiança, pois já tinha obtido o consentimento de um velho amigo. Antes de sair do Carmelo, ela me deu um envelope com uma cartinha dirigida ao diretor do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, dizendo: leve o contrato que ele vai endossar. Passei o nome e o endereço ao corretor de imóveis e ele não acreditou na indicação. Eu ia alugar o apartamento na Vila Mariana por um ano, mas ironicamente ele alterou para 2 anos, justificando: quem tem um fiador desse porte, pode comprar o que quiser. Mas, advertiu: duvido que você consiga o aval. Fui à Rua 15 de novembro procurar o Dr. Vicente de Paula Azevedo e Azevedo fiquei surpreso ao me identificar na portaria. O porteiro disse que já estava à minha espera e mandou um contínuo escoltar-me até a sala da presidência do Banco. Lá estava o Dr. João Vicente de Azevedo e Azevedo, acompanhado do seu pai ou tio (não recorro ao detalhe), pedindo o contrato para assinar. Antes, telefonou à Imobiliária, checando a idoneidade da empresa e dizendo que o Banco se responsabilizava pelo aluguel, em caso de inadimplência. Muito amável, o Dr. João se apresentou como cunhado da Irmã Terezinha do Me-

nino Jesus, irmã da sua mulher, Flora. E disse que fazia questão de conhecer a sobrinha da madre Verônica, quando ela chegasse a São Paulo. Isso foi feito quando Sílvia chegou para se reunir comigo, até mesmo porque ela desaprovou o apartamento alugado (muito escuro e barulhento). Com toda a razão ela entrou em campo, conseguindo passar o contrato para uma terceira pessoa interessada e logo escolheu um apartamento mais ensolarado e confortável, nas proximidades do Largo Ana Rosa. Mas necessitávamos de avalista para o novo aluguel. Ela não perdeu tempo e procurou o casal Azevedo e Azevedo, em sua mansão do Pacaembu, para expor a situação, imediatamente contornada. Durante muito tempo, não tivemos problemas com fiança em São Paulo, pois a família, proprietária do Banco do Comércio e Indústria, endossava tudo (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Além do apoio abençoado de Madre Verônica, Zé Marques contou também com a ajuda da família Tenório, sogro do primo dele José Nepomuceno Marques:

A família Tenório, uma família alagoana, foi a nossa família paulistana, onde almoçávamos aos domingos e participávamos das festas rituais – natal, semana santa, aniversários e casamentos. Quando a família Tenório regressou a Maceió, já tínhamos laços fortes na metrópole. Logo fizemos amigos no INESE, na Cásper Líbero e na USP, convivendo com paulistas e com as diáporas aqui acantonadas. Contamos também com a afetividade dos colegas de vida universitária em Pernambuco,

que mudaram para São paulo por motivos políticos. Essa era a turma da boemia, com a qual nos encontrávamos nos bares da Galeria Metrópole, nos restaurantes de Moema, nos Festivais da Record, nas sessões do Cinema Novo e nos espetáculos de teatro alternativo (Depoimento ao autor, 2010).

A mão invisível e protetora de Madre Verônica se fez presente também na contratação de Zé Marques na então Fundação Cásper Libero, que na época era vinculada à Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo. Ele soube que a escola deveria implantar em 1967 a cadeira de Teoria da Comunicação e resolveu se candidatar à mesma. Sabendo do interesse de Zé Marques por essa cadeira, Madre Verônica tomou a iniciativa de se comunicar com um dos muitos amigos influentes que possuía. Ela entrou em contato com o ex-diretor da Faculdade, Dr. José Pedro Galvão de Souza, que frequentava o Carmelo de Cotia, solicitando que ele recebesse o marido de sua sobrinha. Um encontro foi marcado para um fim de semana, após a missa dominical na Capela do Carmelo, conta Zé Marques:

Pessoa extremamente sofisticada, intelectual respeitado e figura de proa do catolicismo, ele me recebeu atentamente e me deu uma carta de apresentação para o diretor da Faculdade Cásper Libero. Quando me apresentei ao diretor, ele já tinha em mãos meu currículo, pois recebera informação direta do Dr. José Pedro, uma espécie de guru da turma católica da faculdade. Fiz uma entrevista com o Dr. Clóvis Lema Garcia e na semana seguinte fui chamado à secretaria da Faculdade por

D. Gina de Martino, secretária administrativa, que me confidenciou: a vaga é sua, mas o senhor é muito moço! Introduziu-me na sala do Secretário Acadêmico, Fernando Góes, antigo colaborador de Mário de Andrade no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Ele me cumprimentou como futuro colega, advertindo: você passa a integrar o reduto dos ‘baianos’, do qual já fazemos parte eu e José de Freitas Nobre. Logo me enturmei na instituição, apesar da idade. Fiz amizade com vários professores, entre eles o jovem Fernando Costella e o veterano Carlos Rizzini. No início de 1967, instalei a cadeira de Teoria da Comunicação e logo depois fundei o Centro de Pesquisas da Comunicação Social (Depoimento ao autor, 2010).

Apesar de concursado na USP, Zé Marques não foi contratado de imediato e quando sua contratação foi efetivada, em maio de 1967, foi feita em tempo parcial, o que lhe permitia permanecer no INESE e na Cásper Líbero⁴¹. Coube a Zé Marques a presidência da Comissão de Reforma Curricular do curso da Cásper e, então, com muita ousadia, baseado em pesquisa que realizou junto aos alunos e empresários do setor, ele propôs uma reforma radical e acabou encontrando resistências porque “a atualização da grade curricular deixava muitos docentes sem aulas e os prejudicados formaram uma frente para barrar a apro-

41. Na Cásper Líbero, além de Fernando Goes, Carlos Rizini e Antonio Costella, Zé Marques se aproximou também de José Geraldo Vieira, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Hércio Carvalho de Castro e José Hely de Campos Freire.

vação. Resultado: a grade aprovada manteve a antiga, acrescida das novas disciplinas”.

Ainda na Cásper Líbero, os métodos ousados de Zé Marques e a sua dinâmica de trabalho consistente, com a promoção constante de eventos e publicações, acabaram gerando constrangimento, entre aqueles que nada faziam, e ciúme com o sucesso que ele tinha com os alunos. O caso que provocou a saída de Zé Marques da Cásper foi uma situação kafkiana típica. Ele promoveu um seminário sobre o livro de Viollete Morin – *Erotismo, um mito moderno* – e as alunas Arlete Roveri e Claudia Bozzo prepararam uma síntese crítica da obra, que ele editou no Centro de Pesquisas em Comunicação Social. Então, apresentando a obra “como uma contribuição para o surgimento de novas análises e novas pesquisas sobre o erotismo nos meios de comunicação no país. Mas alguns docentes conservadores acusaram a publicação como ‘pornográfica’ e o diretor determinou a apreensão dos exemplares restantes no estoque”. Zé Marques protestou, mas não conseguiu reverter a decisão da direção. Ele reconhece que “essa foi a gota d’água que me levou a abandonar a Cásper Líbero, aceitando o contrato em tempo integral na USP” (Depoimento ao autor, 2010).

A precocidade de Zé Marques causava constrangimentos, mas ele sempre conseguiu contornar problemas devido ao fato de ser detentor de conhecimento:

a minha contratação na USP foi de certo modo atribulada. Dos candidatos que concorreram ao Jornalismo, dois professores foram selecionados. Eu contava com a preferência do diretor Morejón, pois tinha formação

acadêmica e já estava participando voluntariamente do planejamento do curso, que deveria adaptar-se ao novo currículo mínimo aprovado pelo CFE. Mas o outro escolhido, Flávio Galvão, era jornalista e advogado do jornal *O Estado de S. Paulo*, contando com o apoio do reitor Gama e Silva, que pressionou o diretor da ECC para dar-lhe prioridade, na expectativa de reduzir as tensões entre o jornal e a USP (Depoimento ao autor, 2010).

Então Zé Marque foi chamado à diretoria da ECC, quando o professor Morejón, um tanto quanto constrangido, lhe comunicou que embora ele tivesse sido aprovado em primeiro lugar, a primeira vaga seria ocupada pelo segundo colocado, porque alguns conselheiros alegaram que ele era muito jovem e poderia “esperar um pouco mais”. Foi-lhe então proposto continuar como docente voluntário, com a garantia de sua contratação seria efetivada no segundo semestre. Zé Marques, por motivos óbvios recusou-se a continuar o voluntariado, distanciando-se da ECC. Quando recomeçaram as aulas em maio/1967, no entanto, os alunos, que não simpatizaram com a pedagogia de Flávio Galvão, identificado com o Regime Militar, pressionaram o diretor a afastá-lo da sala de aula. Então, Zé Marques foi chamado para contornar a situação:

Atendi ao apelo do diretor, mediado pelo meu orientador de doutorado, Rolando Morel Pinto, aceitando um contrato temporário, como instrutor didático. Mas terminei assumindo o conteúdo jornalístico da disciplina Introdução ao Jornalismo, ficando o professor Galvão responsável pelos itens relacionados com a legislação

da imprensa. Foi uma situação muito delicada, até mesmo porque no final do ano fui nomeado Regente de Cátedra, depois de entrevistado por um dos membros do CTA [Conselho Técnico Administrativo] da ECC [Escola de Comunicações Culturais], o Dr. Alfredo Buzaid, diretor da Faculdade de Direito, que recomendou minha imediata contratação. A entrevista foi muito formal, focalizando conhecimentos jurídicos, pois o conselheiro identificou minha dupla formação – Direito e Jornalismo – e considerou-se atendido nas respostas que lhe dei sobre o conteúdo das disciplinas cursadas em Recife. O meu entrevistador, depois guindado ao Ministério da Justiça, não tomou conhecimento dos meus antecedentes políticos, limitando-se a examinar os aspectos acadêmicos. Disse-me o Prof. Morejón que na reunião do CTA em que meu currículo foi analisado, o Dr. Buzaid emitiu parecer favorável, justificando que eu era muito jovem, mas tinha muito potencial acadêmico. O diretor Morejón aproveitou o ensejo e propôs minha nomeação para o cargo de diretor do recém-criado Departamento de Jornalismo (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

10. O dirigente universitário e a Usp

Em toda luta por um ideal se tropeça com adversários e se criam inimizades; O homem firme não os ouve e nem se detém a contá-los. Segue sua rota, irreduzível em sua fé, imperturbável em sua ação. Porque quem marcha em direção de uma luz não pode ver o que ocorre na sombra.

José Ingenieros

Em meados dos anos 60 do século passado, o Brasil vivia uma conjuntura histórica na qual as comunicações e as novas tecnologias passaram a ter um papel estratégico para o desenvolvimento do país. O governo militar estava investindo no setor e criando uma infra-estrutura voltada para as comunicações. Em 1965 fundou a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações; em 1967 criou o Ministério das Comunicações; em 1969 estabeleceu a Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes.

Outros fatos correlatos à imprensa e à profissão de jornalista também ocorreram nesse período, tais como: foi no dia 9 de fevereiro de 1967 que o presidente Castelo Branco assinou uma nova Lei de Imprensa, a Lei nº 5.250 que foi revogada por decisão do Supremo Tribunal Federal⁴² no ano de 2009. Ainda em 1967, a imprensa brasileira começa a dar um salto de qualidade no que diz respeito à modernização de seus equipamentos de impressão. No dia 9 de julho de 1967, o jornal *Cidade de Santos* torna-se o primeiro jornal brasileiro a adotar o sistema offset, uma revolução tecnológica pela qual os fotolitos e as chapas substituíram o molde de chumbo das páginas. O jornal *Folha de S. Paulo*, dias depois, em 19 de outubro de 1967 também passou a circular em offset. Começou aí o desaparecimento do uso dos moldes de chumbo, da calandra e da linotipo, substituídos pelo uso do fotolito, das chapas de alumínio e pela foto-composição. Em 1969, mais precisamente no dia 17 de outubro, foi editado o Decreto-Lei nº 972, quando o exercício da profissão de jornalista passou a ser exclusividade de diplomados em curso superior de Jornalismo. A obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para o exercício da profissão foi revogada, 40 anos depois, pelo STF no dia 17 de junho de 2009⁴³, numa decisão equivocada.

42. Por 7 votos a 4, o Supremo Tribunal Federal (STF) revogou, no dia 30 de abril de 2009, toda a Lei de Imprensa (5.250/67), conjunto de regras criadas durante o Regime Militar (1964-1985) que previa atos de censura, a apreensão de publicações e a blindagem de autoridades da República contra o trabalho jornalístico.

43. O Supremo Tribunal Federal decidiu, no dia 17 de junho de 2009, por 8 votos a 1, que o diploma de jornalismo não é obrigatório para

Foi nesse contexto que a ECA, então denominada Escola de Comunicações Culturais, foi criada por meio do Decreto nº 46.419, de 15 de junho de 1966, assinado pelo então governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel, e pelo então Reitor da USP, Gama e Silva. O decreto de criação da escola, que dava guarida às graduações em Jornalismo, Rádio e Televisão, Relações Públicas, Teatro, Cinema, Biblioteconomia e Documentação foi assinado no dia em que José Marques de Melo festejava o seu 23º aniversário de vida e acabou sendo como um presente que a vida lhe reservou, pois de imediato passou a integrar o quadro da nova escola, sendo um dos seus docentes fundadores. A ECA/USP está ligada diretamente à trajetória profissional de Zé Marques. Ela foi criada em 1966, mas as aulas só começaram no ano seguinte. Zé Marques começou a ensinar em 1967 na ECA e no mesmo ano se matriculou no curso de doutorado na Universidade de São Paulo.

De acordo com o depoimento do professor Virgílio Noya Pinto, da Escola de Comunicações e Artes da USP,

o exercício da profissão. Votaram contra a exigência do diploma o relator Gilmar Mendes e os ministros Carmem Lucia, Ricardo Lewandowski, Eros Grau, Carlos Ayres Britto, Cezar Peluzo, Ellen Gracie e Celso Melo. O ministro Marco Aurélio defendeu a necessidade de curso superior em jornalismo para o exercício da profissão. Os ministros Joaquim Barbosa e Carlos Alberto Menezes Direito não compareceram à sessão. O STF considerou como um dos argumentos, para a decisão tomada, o fato de que o decreto-lei 972/69, que regulamentava a profissão de jornalista, ser um resquício do regime militar de 1964.

A instalação da nova escola se deu através da realização de concurso público de títulos para a constituição do corpo docente inicial e da realização do primeiro vestibular em março de 1967. A procura da sociedade pelas novas áreas se fez sentir de imediato quando se inscreveram 247 candidatos para apenas 200 vagas, aumentadas posteriormente para 300, em função da matrícula de mais 100 excedentes que obtiveram média no exame de seleção. Criada num momento de contestações e convulsões nacionais e internacionais a Escola sofreu, primeiro o impacto do movimento dos excedentes e depois, frágil ainda, ao iniciar seu segundo ano de vida, mergulhou na crise estudantil de 1968, na violência do Ato Institucional nº 5 e na Reforma Universitária de 1969. Por esta reforma passou a ser denominada de Escola de Comunicações e Artes (ECA). [...] Por ser uma Unidade profundamente relacionada com os movimentos sócioeconômicos, a ECA vive cotidianamente a pressão do processo histórico e sofre o impacto das novas tecnologias. Comunicações e Artes são, hoje, campos decisivos no gerenciamento das mutações tecnológicas e suas relações com o comportamento cultural, seja no âmbito nacional, seja no internacional. (PINTO, 1994).

José Marques de Melo foi professor-fundador, em 1966, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, quando tinha apenas 23 anos de idade. Aos 25, continuou numa trajetória precoce, pois, de imediato, no ano de 1968, mesmo sendo o docente mais jovem, foi escolhido e nomeado como Diretor do

Departamento de Jornalismo⁴⁴ da ECA. Foi um ano difícil e que exigiu muito jogo de cintura e equilíbrio do jovem dirigente universitário. O ano de 1968 foi marcado por protestos estudantis contra o autoritarismo do governo e também contra a política educacional adotada. Naquele ano foi implantada a Reforma Universitária, com reflexos diretos inclusive sobre os cursos de Jornalismo. A professora doutora Maria do Socorro Nóbrega, que escreveu um perfil de José Marques de Melo, retratou sua escolha com as seguintes palavras:

Embora muito jovem, era ele, já então, considerado um especialista na área de Jornalismo, não só no que se refere a professor, mas em tudo que a expressão comporta de autoridade, confiança e respeito. Isso lhe garantiu assumir o primeiro desafio de sua carreira, o de instalar um dos principais cursos de Jornalismo do país, trabalho em que se engajou entre 1968 e 1972. Superando limitações de várias ordens, liderou um grupo de professores, de ex-alunos e profissionais, elaborou pro-

44. Em 1971, a Escola de Comunicações e Artes era dirigida pelo Prof. Dr. Antonio Guimarães Ferri e o vice-diretor era o Prof. Dr. Erwin Theodor Rosenthal. A comissão diretora do Departamento de Jornalismo e Editoração era composta pelos professores José Marques de Melo (coordenador), Hércio Deslandes (vice-coordenador), José Freitas Nobre, Flávio Galvão e os discentes José Coelho Sobrinho (titular) e Carlos Marcos Avighi (suplente). Integravam ainda o corpo docente os professores Gaudêncio Torquato do Rêgo, Thomaz Farkas, Gileno Fernandes Marcelino, Juarez Bahia, Antonio Fernando Costella e Edison Rodrigues Chaves. Na condições de Auxiliar de Ensino, àquela época, estavam Cremilda Medina, Sinval Freitas Medina, Jair Borin e Walter Sampaio.

gramas, selecionou e treinou docentes, monitores e funcionários, implantando a infra-estrutura técnica e os primeiros projetos experimentais. Ergia-se, assim, um dos primeiros departamentos da Escola de Comunicações e Artes, alicerçado na valorização da pesquisa científica e da atitude crítica, uma visão pedagógica praticada por Marques, autor de vasta produção no plano do ensino de jornalismo. O êxito dessa sua primeira gestão são marcas que balizam até hoje a história do Departamento de Jornalismo e Editoração. A verdade, conforme atestam os arquivos e as publicações internas, a maior parte das primeiras atividades da instituição relacionava-se diretamente com as inquietações de sua personalidade, com sua liderança acadêmica (NÓBREGA, 2002).

Zé Marques ocupou o cargo de Diretor do Departamento de Jornalismo até 1972, quando foi iniciado contra ele o processo por atividades subversivas, baseado no Decreto-Lei 477, editado com a finalidade de enquadrar professores e estudantes considerados perniciosos ao Regime Militar. Zé Marques explica as razões que levaram os órgãos de segurança a usarem o Decreto-Lei 477 contra ele: “Tudo começou [em 1970] quando coordenei a II Semana de Estudos de Jornalismo sobre o tema ‘Censura e Liberdade de Imprensa’”, que foi promovido pelo Departamento de Jornalismo e aprovado pelo Conselho de coordenação sob sua presidência. O país vivia o clima da censura prévia aos livros, aumentando o controle que os militares já vinham impondo aos jornais e revistas desde o AI-5.

Zé Marques comunicou ao diretor da ECA a realização do seminário e ele encaminhou a proposta à Reitoria da USP, onde

funcionava também o serviço de segurança. Demonstrando ousadia e visão política, Zé Marques passou um telegrama ao então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, convidando-o para participar do evento. O ministro declinou do convite, mas enviou um telegrama a Zé Marques desejando êxito ao evento. E foi com base nessa autorização implícita do ministro que o seminário foi realizado apesar das pressões do serviço de segurança que havia recomendado o cancelamento da semana de jornalismo.

Com a presença de figuras de renome nacional, tais como os do jornalista Julio Mesquita Neto, que era Presidente da Associação Interamericana de Imprensa; de Danton Jobim, então Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; do Cardeal Avelar Brandão, responsável pelo Departamento de Opinião Pública da CNBB; e dos escritores Paulo Emílio Salles Gomes e Lígia Fagundes Telles, o seminário foi um sucesso de público e teve ampla repercussão na imprensa. Presentes no auditório da ECA estavam, também, vários agentes policiais infiltrados entre os alunos e professores. Relembrando o episódio, Zé Marques diz:

Isso se confirmou quando, na semana seguinte ao evento, recebi a visita de agentes policiais, requisitando as fitas gravadas. Prevendo aquela possibilidade, havíamos providenciado cópias dessa documentação, que foi preservada e mantida até o fim do Regime Militar, quando publicamos, anos depois, os anais daquela semana de jornalismo. Mas, desde então, fui advertido informalmente de que minha vida estava sendo vasculhada pelos agentes policiais. Eu sempre respondi que nada tinha a temer, por estar desvinculado de atividades clandestinas. Aliás, esse tipo de intimidação foi-me reiterada

várias vezes, inclusive nos episódios que marcaram o desligamento arbitrário do Prof. José Freitas Nobre do quadro docente do nosso departamento e a prisão e posterior demissão do Prof. Thomaz Farkas, ensejando atos de resistência simbólica no âmbito do Curso de Jornalismo. Mas a pá de cal foi jogada somente em 1972, quando fui processado por atividades subversivas, com base no famigerado decreto 477. [...] Sintomaticamente o processo foi aberto logo após a IV Semana de Estudos de Jornalismo (FIGUEIREDO, out./ 2004).

Sobre a IV Semana de Estudos de Jornalismo, o estopim para o processo, vale fazer o registro de que, na condução dos trabalhos, Zé Marques demonstrou prestígio pessoal ao trazer pesquisadores e docentes da América Latina, dos Estados Unidos e da Europa para participar do evento, dando visibilidade ao departamento que dirigia. Ele já demonstrava suas habilidades diplomáticas e jogo de cintura, trazendo renomados pesquisadores da comunicação para discutir o tema “O ensino de Jornalismo no Brasil”. Dentre os participantes estrangeiros convidados destacavam-se os professores Marco Ordoñez Andrade (Ciespal-Quito), Mário Vilches (Escuela de Periodismo – Universidad de Concepción), Delia Maria Croui (Facultad Catolica de Humanidades – Argentina), Moisés Arroyo Huani-ria (Escuela de Periodismo da PUC – Peru), Julio Zapata (Universidad de Chile – Valparaiso), Frederic M. Litto (University of Kansas), Ambert Bovy (Universidad Gregoriana de Roma), além de outros estrangeiros e brasileiros (VIANNA, 2004).

Do processo de subversão instalado logo após a realização da IV Semana de Estudos de Jornalismo, no entanto, Zé Marques

foi absolvido pelo Ministro da Educação, mas passou a ser *persona non grata* junto à cúpula da USP. Na época da instauração do processo, ele foi intimado pela comissão processante, depondo formalmente.⁴⁵ Como o diretor da ECA na época, Prof. Dr. Antonio Guimarães Ferri, era candidato a Reitor, ele não queria atrair problemas para sua candidatura e ponderou que seria melhor que Zé Marques não ocupasse nenhum cargo de gestão acadêmica. Àquela altura, ele já havia implantado o Curso de Jornalismo e estava concluindo a instalação do Curso de Editoração.

Livre das obrigações gerenciais, Zé Marques, que não se dava por vencido, concentrou sua energia na elaboração de outros projetos e na conclusão de sua tese de doutorado, intitulada “Fa-

45. De acordo com levantamentos realizados pela Revista ADUSP, nº 33, out./2004, edição especial dedicada ao tema “Segredos da Ditadura Militar”, foi encontrado, entre documentos do DOPS, um pedido do MEC às diversas agências de inteligência para obter um histórico de informações sobre Zé Marques. Nas respostas obtidas fazem referência a uma suposta ligação dele com as Ligas Camponesas e com Miguel Arraes. Na Reitoria da USP funcionou um órgão intitulado Assessoria Especial de Segurança e Informações (AESI), que era responsável pela vigilância dos “subversivos” dentro da Universidade e responsável pelas informações que levaram Zé Marques a ser “cassado” na USP. Zé Marques confessa ter tomado conhecimento da existência deste órgão dedicado a segurança e informações na Reitoria da USP desde 1970 e que ela se tornou mais visível durante a gestão de Manuel Nunes Dias na ECA, que passou a exercer um controle ideológico inclusive nos conteúdos das disciplinas, tentando evitar que os professores incluíssem autores marxistas em suas bibliografias. O próprio Zé Marques foi vítima desse controle, tendo recebido reprimenda pública do Dr. Nunes Dias, durante a defesa de seu doutorado, por ter citado autores esquerdistas como Nelson Werneck Sodré.

tores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil”, orientada pelo Prof. Dr. Rolando Morel Pinto, que foi concluída em dezembro de 1972. Nesse trabalho Zé Marques defendeu a tese que, de alguma maneira, contrariava as teorias vigentes até então:

Nós tínhamos duas teses circulando na sociedade, a de que a imprensa não surgiu no Brasil por razões políticas, porque os portugueses eram os vilões da história e não queriam que o Brasil adquirisse independência. Essa era a tese mais comum; e havia a tese que foi um pouco iconoclasta lançada por Nelson Werneck Sodré, que numa interpretação a meu ver enviesada do marxismo, quis dizer que no Brasil não havia imprensa porque não havia capitalismo. Então procurei contrariar isso trabalhando com a tese dos fatores socioculturais, como é desenvolvida por várias figuras importantes, entre elas Darcy Ribeiro, para as quais se analisar esses fenômenos era indispensável considerar os fatores de natureza cultural. O social, o cultural, embora, é claro, os políticos e econômicos também influam. Hoje continuo verificando que, realmente, esses fatores são fundamentais no desenvolvimento da imprensa. No Brasil de hoje, nós só temos jornais nas proximidades das cidades, nos locais onde há um intenso desenvolvimento, em primeiro no que diz respeito às relações de produção, e em segundo do Estado na implantação de redes escolares com o hábito da leitura. [...] Aliás, a imprensa ainda não se desenvolveu o suficiente no País. [...] Nós somos um país que aumentou um pouco a tiragem dos jornais, mas, em relação a outros países, à nossa população e às condições

de desenvolvimento, nós temos uma situação ridícula. O Brasil hoje [2009] não chega a 10 milhões diários de exemplares de jornais, uma situação que se alterou pouco. Nos anos 50, nós já tínhamos cinco milhões diários de exemplares, Nos últimos 50 anos, aumentou a capacidade aquisitiva da população, melhorou o nível de alfabetização e uma série de outros fatores, mas a imprensa não cresceu (*Jornal ANJ*, 2009).

A defesa da tese⁴⁶, que foi realizada em 26 de fevereiro de 1973, obteve grande repercussão na imprensa nacional por ter sido o primeiro doutorado em Jornalismo do Brasil. Assim, Zé Marques passou a ser o primeiro doutor em Jornalismo diplomado em uma universidade brasileira. A repercussão na imprensa nacional e a solidariedade que ele recebeu de dezenas de amigos e colegas, que lotaram o auditório, desagradaram mais uma vez aos agentes de segurança da linha dura instalados na Reitoria. Parecia até que Zé Marques havia “cutucado o cão com vara curta” e as pressões foram tantas que ele foi aconselhado a sair do país, o que fez, naquele mesmo ano, fugindo da perseguição ostensiva que se anunciava. Foi para os Estados Unidos onde cumpriu um programa de pós-doutorado, na Universidade de Wisconsin, com bolsa da FAPESP. Nos Estados Unidos ele re-

46. A conquista do título de Doutor em Jornalismo foi outorgado pela USP, no dia 26 de fevereiro de 1973, mediante defesa pública da tese, que foi avaliada e aprovada pela banca examinadora constituída por Antonio Soares Amora, Julio Garcia Morejón, Manuel Nunes Dias, Virgilio Noya Pinto e Rolando Morel Pinto. Sua tese alcançou a média 9,5 (nove e meio) e a aprovação com distinção.

alizou uma pesquisa sobre os cursos de pós-graduação naquele país. Em seu retorno, no segundo semestre de 1974, Zé Marques retomou suas aulas quando foi surpreendido pelo ato da reitoria da USP que, pressionada pelos órgãos de segurança do II Exército, decidiu demiti-lo sumariamente (FIGUEIREDO, 2004; RODRIGUES, 2003).

Foi o diretor da ECA, Prof. Dr. Manuel Nunes Dias que lhe apresentou o ato publicado no *Diário Oficial*, determinando o seu afastamento sumário da instituição.⁴⁷ Aquela situação deixou Zé Marques transtornado,

pois como fora absolvido no processo regularmente instaurado dois anos antes, me considerava imune a situações dessa natureza. Pedi explicações. Não me foram dadas pelo diretor, que me dizia estar cumprindo ordens superiores. Pedi audiência ao reitor, que, a muito custo, me foi concedida. Ele me disse que não tivera alternativa, senão baixar o ato da minha demissão, juntamente com outros docentes incluídos numa lista elaborada pelos órgãos de segurança. E assim ficou a situação. Depois de sete anos de serviços prestados à universidade não recebia qualquer indenização. Tive que reiniciar minha carreira acadêmica fora do sistema público (RODRIGUES, 2003).

47. Um documento do II Exército, assinado pelo general Ednardo D'Ávila Mello, datado de maio de 1975, diz: "Em fins de 1974, alertada pelos órgãos de segurança, a direção da Escola [USP] não renovou os contratos dos professores José Marques de Melo e Paulo Emilio Salles Gomes. Tal atitude não provocou reação dos professores, possivelmente por se tratarem de elementos comunistas moderados".

Em uma entrevista concedida a Cecília Figueiredo, falando ainda sobre a “cassação branca” que sofreu, Zé Marques fez questão de registrar que: “depois de ‘cassado’, passei a ser evitado por pessoas que temiam comprometer-se pela simples saudação acadêmica.⁴⁸ No território nacional, como meu nome constasse de uma espécie de ‘lista negra’, carimbada pelos órgãos de segurança, fui impedido de proferir conferências, dar aulas e participar de bancas examinadoras em universidades públicas. Fui também impedido de ser contratado para lecionar em universidades privadas que se mostravam dóceis aos aparatos de segurança mantidos pelo governo militar no setor universitário” (FIGUEIREDO, 2004).

Mesmo assim, Zé Marques, que sofreu constrangimentos, em 1964, por ter participado do governo de Miguel Arraes, refugiando-se, então, em São Paulo, registra o episódio no livro *Jornalismo, forma e conteúdo*, dizendo: “quando fui demitido da Universidade de São Paulo, em 1974, decidi resistir pacificamente, onde estava enraizado, apesar das oportunidades oriundas do exterior. A crise que eclodiu com o assassinato de Vladimir Herzog, no ano anterior, acabou por justificar a abertura política, culminando com a anistia em 1979, que me permitiu reiniciar o projeto interrompido” (MARQUES DE MELO, 2009: 161).

48. Zé Marques foi detido para averiguações em abril de 1964 no Recife, tendo sido liberado depois de prestar depoimento no DOPS. Em São Paulo não foi vítima de coerção física como ocorreu com seus colegas da ECA-USP, Thomaz Farkas e Jair Borin. Segundo ele mesmo, durante os episódios vividos entre 1972 e 1974, “recebi inúmeras manifestações de solidariedade, inclusive de colegas com os quais não partilhava identidades políticas”, mas passou a ser evitado por outros.

Mas, após o afastamento da USP, ele também recebeu alguns convites: Fernando Góes, que era membro da Academia Paulista de Letras e ocupava função importante na faculdade, convidou Zé Marques a retornar à Cásper Líbero. Na ocasião o diretor do curso era o Prof. Erasmo Nuzzi, que não se opôs ao retorno dele. Outro que ao tomar conhecimento de que ele tinha sido “cassado” na USP não hesitou em convidá-lo para retornar ao INESE foi o Dr. Octavio da Costa Eduardo, mas ele já havia feito sua opção pela área acadêmica.⁴⁹ Com a Lei da Anistia Política, o corpo docente do Departamento de Jornalismo reivindicou a reintegração de todos os seus docentes vitimados pelo Regime Militar, mas a USP foi reintegrando o pessoal por meio de novos contratos, ou seja, sem reconhecer o direito ao tempo em que permaneceram impedidos de exercer suas funções. A contagem do tempo da “cassação branca”, para fins exclusivos de aposentadoria, sem qualquer direito a indenização, foi concedida durante a gestão do reitor José Goldenberg, o mesmo que incentivou Zé Marques a se candidatar a Diretor da ECA e que

49. Durante o período de 1974 a 1979, Zé Marques exerceu várias funções acadêmica. Em 1974 foi Diretor de Ensino e Professor do Curso de Turismo da Faculdade Ibero-Americana, atual Centro Universitário Unibero. Entre 1974 e 1978 foi professor do Departamento de Jornalismo e do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo Brasileiro da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e no período de 1975 a 1979 foi professor da Faculdade de Comunicação Social e pesquisador do Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior, atual Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, onde desde 1993 além de ser diretor titular da Cátedra UNESCO de Comunicação atua também como professor e pesquisado do Programa de Pós-Graduação.

lhe deu posse como o candidato mais votado pela comunidade universitária para o quadriênio 1989-1992.

Antes de assumir a Direção da ECA, Zé Marques retornou à diretoria do Departamento de Jornalismo, que ele fundara, tendo sido eleito para três biênios seguidos: 1983-1985, 1985-1987, e, 1987-1989. Segundo a Profa. Maria do Socorro Nóbrega (2002), no retorno de Zé Marques em 1979 “o departamento viu-se na presença de alguém que não se havia deixado intimidar antes os reveses da vida. Ao contrário, expandira-se com uma extraordinária folha de serviços prestados a várias instituições. [...] Voltando a dedicar-se integralmente à universidade, obteve sua livre-docência em 1984. [...] Em 1987, fez o concurso de professor titular e dois anos mais tarde seria conduzido ao cargo de diretor da ECA”.

Os tempos eram outros, a nova Constituição do país tinha sido promulgada em outubro de 1988. O país vivia o clima da redemocratização e em seu discurso de posse, Zé Marques, então com 46 anos de idade, em plena maturidade intelectual e física, comunicou a todos sua pretensão: “desejo implantar na ECA, conforme meu compromisso de campanha, um modelo de gestão que fortaleça os departamentos e valorize a participação dos docentes e pesquisadores, atribuindo-lhes capacidade de decisão, muitas vezes usurpada pela burocracia”. E, em outro trecho de seu discurso, lançou o desafio-meta a ser alcançado: “a ECA precisa urgentemente superar o modelo de escola que vive em torno de si mesma, neutralizar as tendências elitistas que certamente constituíram um mecanismo de defesa frente ao complexo de rejeição sofrido dentro da USP”.

A cerimônia de sua posse teve ampla repercussão na imprensa e foi bastante concorrida com uma audiência de qualidade.

Além disso, Zé Marques recebeu inúmeras manifestações de apoio de autoridades constituídas, a exemplo dos governadores Franco Montoro, de São Paulo; Miguel Arraes, de Pernambuco; de Moreira Franco, do Rio de Janeiro, do presidente da Câmara Federal, Deputado Ulisses Guimarães, para citar só alguns. Recebeu também o apoio do mercado, por meio das manifestações dos publicitários Mauro Salles e Roberto Muylaert; e dos jornalistas Octavio Frias Filho (Grupo Folha), Roberto Civita (Grupo Abril) e Marcos Wilson dentre muitos outros.

Segundo Maria Cristina Gobbi, uma de suas mais ativas biógrafas, a administração de Zé Marques à frente da ECA

foi marcada por intensa transformação didático-científica, modernização laboratorial, crescimento e atualização dos acervos documentais, expansão do programa de publicações, incentivo à titulação dos docentes, reciclagem dos funcionários, incentivo aos movimentos culturais promovidos pelos alunos. [...] No quadriênio em que dirigiu a ECA, o Prof. José Marques de Melo estimulou fortemente a integração dos seus docentes e pesquisadores à comunidade internacional da área. Da mesma forma, atraiu para a instituição eventos nacionais e internacionais que ajudaram a projetar amplamente suas metas de inovação e modernização (GOBBI, 2001:45-48).

Quando concluiu sua gestão, como diretor da ECA, Zé Marques decidiu aposentar-se voluntariamente da instituição. Questionado porque não solicitou aposentadoria e indenização por perseguição política, Zé Marques afirmou que “não solici-

tei por entender que não tenho vocação para mártir ideológico. Quem entra na chuva é para se molhar”.

Contrariando a expectativa de muitos que acreditavam que ele na época estava com a bola da vez, podendo se candidatar a Reitor da USP, Zé Marques preferiu se aposentar, explicando que:

Eu nunca pretendi ser Reitor. Aposentei-me logo depois da missão cumprida como diretor da ECA justamente para não ser enlaçado pela engrenagem da burocracia universitária. Confesso que me dediquei à administração acadêmica por razões estratégicas: construir um espaço de trabalho para minha geração e as subsequentes. Até então, era uma operação de risco dedicar-se ao campo da comunicação em tempo integral. E como o fiz ousadamente, tomei a decisão de não abandonar o *front* gerencial enquanto as condições não fossem razoáveis e o campo estivesse legitimado. Acredito que hoje a realidade é completamente diversa e o espaço acadêmico irreversível (MARQUES DE MELO, depoimento ao autor, 2010).

Zé Marques aposentou-se da USP em 1993, mas, como contam seus amigos da ECA, “sempre ficou por perto”. Com sua aposentadoria da ECA-USP, ele passou a lecionar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e como Professor-Visitante na Universidade do Texas, Estados Unidos, e na Universidade Nacional Autônoma do México e a Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha). Em dezembro de 2001, recebeu o título de Professor Emérito. Na época vários amigos deram depoimentos sobre

a importância da presença dele na USP. Quando de outra homenagem que ele recebeu, no Museu de Arte Contemporânea, no encerramento do Ciclo de Conferências “Os Caminhos Cruzados entre o Jornalismo, as Ciências e as Tecnologias”, a Profa. Dra. Cremilda Medina fez o seguinte relato:

Cheguei a São Paulo em dezembro de 1970. Era professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e vim porque fiquei sabendo da abertura do curso de pós-graduação na ECA. Fui conversar com o professor José Marques de Melo e ele me convidou para ajudar a montar o curso de Editoração. Entrei na USP no mês seguinte, porém, para ensinar Jornalismo Comparado. Devo ao carinho de Zé Marques pelos migrados e migrantes toda a minha trajetória em São Paulo e na USP. Sua presença é importante para sacudir a nossa angústia, nos dar ânimo para superar as dificuldades atuais e sair firme em busca do futuro (*Jornal da USP*, dez./2004).

Atualmente, Zé Marques é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP e titular da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Depois que deixou a ECA/USP, ele dirigiu a Faculdade de Ciência da Comunicação da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, no triênio 1997/2000, quando realizou ampla reforma pedagógica, sintonizada com as novas diretrizes curriculares do Ministério da Educação, Nessa mesma entidade, já havia atuado antes, durante o período em que esteve afastado da USP, oportunidade em que exerceu o cargo de coordenador do Centro de Pós-Graduação, nomeado pelo então reitor N. P.

Bittencourt. E, desde 2003, na condição de professor emérito da Escola de Comunicações e Artes passou a coordenar, no Departamento de Jornalismo da ECA, o Grupo de Estudos Pensamento Jornalístico Brasileiro e a orientar teses de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Além disso, dirige também o Portal do Jornalismo Brasileiro, um espaço digital produzido pelo Grupo de Estudos Pensamento Jornalístico Brasileiro.

Exerceu ainda os cargos de presidente da Comissão de Especialistas em Comunicação Social do Ministério da Educação nos anos de 1986, 1989 e, em 2009, presidiu a Comissão de Especialistas que apresentou proposta de mudança das Diretrizes Nacionais para o Curso de Jornalismo⁵⁰, apresentando sugestões para melhorar a qualificação dos profissionais formados pela Universidade para atuar nas organizações jornalísticas. Foi membro do Comitê Assessor da área de Comunicação, bem como do Conselho Deliberativo do CNPq – Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasília, 1985/1992).

Ter feito carreira acadêmica na USP, sendo um dos fundadores da ECA, montar e dirigir o Departamento de Jornalismo

50. A Comissão de Especialistas de 2009 foi nomeada no dia 19 de fevereiro para rever as diretrizes curriculares do curso de jornalismo. Sob a presidência do professor doutor José Marques de Melo era integrada pelos seguintes doutores: Alfredo Vizeu, Carlos Chaparro, Eduardo Meditsch, Luiz Gonzaga Motta, Lucia Araújo, Sérgio Mattos e Sonia Virginia Moreira. O relatório da comissão foi entregue ao ministro da Educação Fernando Haddad no dia 18 de setembro de 2009. As Novas Diretrizes Curriculares para Jornalismo foram aprovadas pelo CNE e homologadas pelo Ministro da Educação em fins de 2013.

e o de Editoração, ter sido “cassado”, reintegrado e dirigido a ECA, envolve um período no qual ele obteve vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, revolta e ufanismo.

Coincidentemente, foi no mesmo ano, 1967, quando começou a ensinar na USP que sua filha Silvana nasceu (06/06/1967). Começa a sofrer uma perseguição, que teve perfil kafkiano, movido por agentes de segurança infiltrados na USP, em 1972, coincidindo com o nascimento de seu filho Marcelo (13/07/1972). Dirigir a ECA foi marcante na carreira profissional de Zé Marques, mas o período que lhe proporcionou tantas alegrias com as vitórias obtidas, marcou-lhe também na vida pessoal com perdas valiosas. Sua mãe, Dona Iveta Marques de Melo, morreu no mesmo ano em que Zé Marques assumiu a diretoria da ECA, em 1989. Ela morreu no dia 17 de setembro de 1989. Ao término de seu mandato, ele resolveu se aposentar da USP, em 1993, quando sofreu outra perda valiosa, pois seu pai, Leuzinger Alves de Melo, morreu no ano de sua aposentadoria, mais precisamente no dia 15 de setembro de 1993. Sobre a morte dos pais Zé Marques registra:

Eles morreram de morte natural, em casa, assistidos pelos familiares. Mamãe tinha pressão alta. Papai não se queixava de nada. Ambos eram assistidos por Clodolfo, o médico-amigo da família. Mamãe chegou a ser internada no Hospital de Palmeira dos Índios e Papai no Hospital de Santana do Ipanema. Mas os médicos recomendaram que ficassem em casa quando estavam moribundos. Mamãe foi enterrada de acordo com o ritual das devotas de Santa Rita de Cássia e Papai, de acordo com o ritual da Maçonaria, entidade a que pertenceu

durante anos a fio e na qual ocupou funções relevantes. Mamãe com a sua mortalha reproduzindo o hábito de Santa Rita, confeccionada pelas irmãs Marina, Landelina e Carmelita. Papai fez sua viagem para o Santa Sofia em terno escuro (Depoimento ao autor, 2010).

11.

O construtor de instituições

Os pequenos atos que se executam são melhores que todos aqueles grandes que se planejam”.

George C. Marshall

Para muitos estudiosos Zé Marques é um visionário, um agitador cultural, um criador de instituições, formador de gerações e responsável por transformar o Jornalismo como atividade de ciência, ou como diz a professora Maria do Socorro Nóbrega, sintetizando a opinião de muitos: “Ele é um personagem da moderna história da universidade brasileira, por sua militância acadêmica em prol do avanço dos estudos das comunicações que marcaram o Brasil nestes últimos 30 anos”. Para o Prof. Dr. César Bolaño “ele representa um paradigma de construtor de instituições, o que é uma das grandes funções do intelectual, especialmente em países como o Brasil. O maior intelectual bra-

sileiro nessa linha, reconhece-se, foi Celso Furtado. No campo da Comunicação é, com certeza, José Marques de Melo” (BOLLAÑO, depoimento ao autor, 2010). Complementando, o prof. Dr. Sebastião Squirra afirma:

José Marques de Melo não é uma figura comum, muito menos pessoa que passou imperceptível pelos inúmeros espaços científicos por onde esteve, boa parte deles, tendo sido o fundador e/ou seu maior incentivador. Pela perspicácia e dedicação de toda uma vida, participou de praticamente todas as iniciativas acadêmicas do Jornalismo e da área das Comunicações no Brasil nas últimas décadas. Pela cultura, visão e contatos sociais de toda ordem que sempre teve não mediu esforços em inúmeras iniciativas de peso, mesmo sabendo que poderia angariar desafetos durante sua inquietante, inovadora e dinâmica trajetória. Corajoso, seguro e determinado enfrentou elenco expressivo de situações difíceis, superando embates constantes com personalidades acomodadas, pesquisadores ineficientes, docentes descompromissados e adversários incomodados com sua garra e efetividade, tanto acadêmica quanto administrativa. (SQUIRRA. Depoimento ao autor, 2010).

UCBC

Além de ter ajudado a criar e fundar escolas e cursos de Jornalismo, Zé Marques é responsável direto, ou indiretamente, pela criação de várias instituições que atuam na área das comu-

nicações. Neste capítulo nos deteremos a apresentar o envolvimento e participação efetiva dele nas principais instituições da área. Para quem acredita que a obra de Zé Marques, como incentivador e criador de instituições da área de comunicação, começou com a INTERCOM, vale lembrar o que escreveu o padre jesuíta Pedro Gilberto Gomes sobre a participação dele no que se refere ao campo da Comunicação Cristã:

A criação da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação nasce [em 1969] [...] com a participação importante de Marques de Melo. [Ele] dirigiu a reunião que estruturou o perfil da nova entidade e participou da comissão provisória, encarregada de fazer o regimento e consolidar a nova entidade. A identidade da UCBC, aberta, ecumênica e comprometida com a resistência ao autoritarismo brasileiro, tem muito a ver com a participação de José Marques de Melo. Depois da eleição da primeira diretoria, em 1970, Marques de Melo acompanhou de dentro os passos da nova organização. Foi seu segundo presidente (1974-1975). [...] Marques de Melo influenciou fortemente no redimensionamento da comunicação religiosa. Ajudou a estabelecer parâmetros para a comunicação da Igreja Católica no Brasil. No campo da teoria, ajudou a colocar as bases para a compreensão da comunicação como processo, aberta, participativa e ecumênica. No campo da prática, contribuiu para o desenvolvimento de uma mentalidade profissional para aqueles que atuam na comunicação da Igreja. (GOMES, 2003: 173).

É ainda Padre Pedro Gilberto Gomes quem afirma que “não se pode, no Brasil, falar de comunicação cristã sem falar de José

Marques de Melo. Ele, Frei Romeu Dale e Frei Clarêncio Neotti, estão na origem daqueles que cimentaram a compreensão de comunicação esposada pela CNBB” (GOMES, 2003: 174). A participação de Zé Marques também se deu com ele realizando seminários, palestras e cursos de comunicação para bispos, sacerdotes, religiosos e demais agentes de pastoral, desde que chegou a São Paulo, em 1966.

No ano de 2005, Zé Marques publicou um livro intitulado *Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade*, uma coletânea de textos sobre suas reflexões acumuladas ao longo de quatro décadas. Cada capítulo do livro reflete uma determinada conjuntura, nos quais ele propõe esquemas de análise e formula diagnósticos sobre fenômenos típicos dos processos de envolvimento da Igreja com a cultura midiática. No livro Zé Marques ressalta:

Ao inventariar o conjunto dessas incursões investigativas ou especulativas, na tentativa de explicar a linha de raciocínio que vem marcando minha percepção crítica sobre o comportamento eclesial no campo da comunicação, dei-me conta da coerência, consistência e continuidade existentes, mas também de algumas rupturas, lacunas e interrogações. Reconheço que muitos desafios lançados aos gestores religiosos e aos comunicadores eclesiais continuam pendentes na agenda institucional. Essa vacilação nutre-se invariavelmente dos preconceitos e temores cultivados por autoridades episcopais, congregacionais ou monasteriais, muitas delas poucos sensíveis aos apelos modernizantes de Karol

Wojtyła⁵¹ e outras lideranças carismáticas. (MARQUES DE MELO, 2005:12).

Centro e núcleo de pesquisa

Inspirado na experiência no ICIMFORM,⁵² onde Zé Marques criou um departamento de pesquisa, com o apoio do Prof. Luiz Beltrão e baseado no que aprendera no curso de pós-graduação do CIESPAL, ele instalou, em 1967, o Centro de Pesquisas da Comunicação Social, mantido pela Faculdade de Jornalismo Cás-

51. Karol Józef Wojtyła nasceu na Polônia em 18 de maio de 1920 e morreu no dia 2 de abril de 2005. Ficou conhecido como o Papa João Paulo II. Ele comandou a Igreja Católica Apostólica Romana, como Sumo Pontífice, no período compreendido entre 16 de outubro de 1978 e a data de sua morte. Foi o primeiro Papa de origem Polaca.
52. O ICINFORM – Instituto de Ciência da Informação – foi criado pela ousadia do Prof. Luiz Beltrão, no ano de 1963, na Universidade Católica de Pernambuco. Segundo Zé Marques o “ICINFORM foi idealizado num momento em que prevaleciam as teses terceiro-mundistas ascendentes nos fóruns internacionais, sendo praticamente atropelado pelo retrocesso institucional brasileiro. O Golpe Militar de 1964 terminou por desagregar a equipe formada inicialmente por Luiz Beltrão, na cidade do Recife. [...] Se, institucionalmente, o ICINFORM foi tragado pela avalanche autoritária que perdurou no Brasil até o fim da década de 1980, seu carisma coletivo (mas não anárquico, nem populista) se reproduziu em diversos movimentos que deram substância e sobrevivência ao campo comunicacional na academia brasileira. Foi essa filosofia que Luiz Beltrão legou às novas gerações e, por isso mesmo, obteve o reconhecimento da nossa comunidade acadêmica como pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil” (MARQUES, 2009: 103-104).

per Líbero, então vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O Centro de Pesquisa funcionava como um “laboratório destinado à aplicação dos conceitos teóricos disseminados em sala de aula”. Ao retornar à Cásper Líbero, em 1974, quando “casado” da USP, Zé Marques surpreendeu-se pelo fato de que, com a desativação do Centro de Pesquisas que ele fundara, toda a sua documentação desaparecera quando da transferência da Cásper da PUC para a sede da Avenida Paulista, fato que o impossibilitou de dar continuidade à pesquisa iniciada, mas ele não esmoreceu e partiu para o desenvolvimento de novos trabalhos.

Anos depois, já então diretor da ECA/USP, em 1989, estranhando o fato de que o curso de Rádio e Televisão não incluía a Telenovela como componente curricular, Zé Marques tomou a iniciativa de criar o NPTN – Núcleo de Pesquisa da Telenovela, que foi implantado sob a direção da Profa. Dra. Anamaria Fadul, que permaneceu à frente do núcleo até a aposentadoria, quando foi substituída pela Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega. O NPTN conseguiu se manter ativo e formar um acervo composto por 2.224 registros bibliográficos, 1.500 fotografias, 1.098 cartazes de atores e cenários, 700 fitas de vídeo, 122 discos de vinil com trilhas sonoras, além de centenas de revistas, suplementos de jornais, boletins do IBOPE, roteiros e sinopses de telenovelas. Infelizmente, esse acervo foi queimado, no dia 3 de outubro de 2001, por um incêndio que destruiu a parte superior do edifício principal da ECA-USP. Atualmente, a equipe responsável pelo NPTN, sob a coordenação da Profa. Dra. Solange Couceiro, vem tentando, por meio de uma campanha, reconstituir o acervo destruído. Em seu livro de memórias, *Vestígios da Traversia* (2009), Zé Marque lamenta:

É louvável o gesto dos pesquisadores do NPTN, buscando reconstruir a memória perdida. Mas os aficionados das telenovelas nem sempre agem como os seus personagens desmemoriados. Eles vão pensar duas vezes antes de entregar suas ‘reliíquias’ a depositários que não contam com respaldo institucional suficiente para preservar acervos públicos sob sua guarda e proteção! Cabe às autoridades acadêmicas reverter esse processo de descrença, atestando que a telenovela já não mais desempenha o papel de ‘gata borralheira’ no campus... (MARQUES DE MELO, 2009).

ABEPEC

Em 1972, Zé Marques foi diretamente responsável pela criação da ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação, que promoveu uma pesquisa nacional sobre a televisão brasileira. A ABEPEC era composta por dois tipos de filiados: instituições, com direito de voto superior, e pesquisadores ou professores com direito a voto unitário. A instituição não sobreviveu porque perdeu legitimidade e foi desaparecendo gradativamente e seu espaço acabou sendo ocupado pela INTERCOM (1977), ABECOM (1980) e COMPÓS (1990). Zé Marques registra a criação da ABEPEC da seguinte maneira:

A ABEPEC foi fundada em maio de 1972 na ECA-USP. Ao promover a IV Semana de Estudos de Jornalismo na ECA-USP, eu consegui mobilizar professores e pesquisadores de todo o país. Sentindo necessidade de um

espaço articulador nacional para lograr a melhoria dos estudos de Comunicação, tomei a iniciativa de reunir as lideranças presentes e houve um consenso para a criação da entidade. Convocamos uma assembleia geral de fundação, agendada para o Rio de Janeiro, pouco tempo depois. Eu integrava a equipe eleita para liderar a instituição. Mas eis que me vi emaranhado num cipoal político-burocrático que me trouxe sérias consequências políticas. Eu não tinha consciência de que as atividades promovidas pelo Departamento de Jornalismo vinham sendo monitoradas pelos órgãos de segurança da ditadura. Tinha indícios, mas não percepção da ruptura que se deu a partir daí. Ao final da semana, que foi um êxito, reunindo estudantes e professores de todo o país e de países latino-americanos, fui surpreendido com a abertura de um processo pela reitoria da USP, enquadrando-me no Decreto-Lei 477. Fui imediatamente afastado da diretoria do Departamento de Jornalismo e submetido a uma *via crucis* que me alijou da liderança acadêmica da área. Assim sendo, fui aconselhado a não comparecer à assembleia de fundação da ABEPEC, cuja presidência me seria naturalmente atribuída pelos colegas. Articulei nos bastidores a eleição de Lélío Fabiano dos Santos, jovem diretor da Faculdade de Comunicação da PUC Minas. Depois ajudei a realizar o I Congresso da ABEPEC em Belo Horizonte, mas a condição de processado pelo governo militar me causou dificuldades de atuação nacional. Logo fui incluído no índice de “subversivos” e passei a ser evitado pelas instituições que diziam amém ou temiam represálias de órgãos de segurança (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

E assim Zé Marques ficou sem participar diretamente das atividades da ABEPEC, mas continuou inscrevendo e apresentando trabalhos durante os congressos realizados, como o que ocorreu em Fortaleza, sob a liderança da professora e jornalista Adísia Sá, sua amiga. Mesmo afastado da USP ele continuou participando esporadicamente dos eventos da ABEPEC que “perdeu o rumo previsto pelos fundadores e passou a ser manipulada por dirigentes de escolas privadas [...] e pouco a pouco foi morrendo. O último projeto consistente foi a pesquisa sobre televisão. [A ABEPEC] sobreviveu no papel até o começo da década de 1980, quando foi desativada, em Belo Horizonte”.

O projeto consistente a que Zé Marques se refere foi realizado no ano de 1978 pela ABEPEC que procedeu um levantamento em todo o território nacional sobre a televisão brasileira, levando em conta sua programação, sua estrutura organizacional e sua dependência aos centros de produção. O levantamento foi executado por 320 pesquisadores, de várias regiões do País, que mapearam a estrutura de 81 emissoras de televisão e os respectivos sistemas de funcionamento durante o período de 6 a 12 de março de 1978. Sobre esse levantamento da ABEPEC, Zé Marques escreveu dois ensaios: *O Complexo Brasileiro de Televisão* (1979) e *Escapismo e Dependência na Programação da TV Brasileira* (1981). No primeiro, ele analisa as tabelas estatísticas que registram as informações da pesquisa. No segundo, ele discute aspectos do conteúdo da programação da amostra mapeada pela ABEPEC e analisa algumas das características tecnológicas das emissoras pesquisadas (MATOS, 1990, 2000). Vale salientar que Zé Marques integrou a equipe que fez o primeiro inventário crítico da televisão brasileira na condição de consultor metodológico.

Intercom

Mas, o seu espírito irrequieto não lhe permitia ficar parado, sem fazer nada, vendo a banda passar, e logo se articulou e criou uma nova instituição no ano de 1977: a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM,⁵³ que se constitui hoje como a maior e principal entidade da área de comunicação no Brasil e respeitado internacionalmente pelo trabalho realizado em favor do desenvolvimento do ensino e da pesquisa das comunicações.

Segundo explicou Zé Marques, em entrevista concedida à Profa. Dra. Rosa Nava, em 1977, a ideia da constituição da INTERCOM surgiu em julho de 1977, quando se realizou em São Paulo o Congresso anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A INTERCOM foi criada no final de 1977, em Santos, quando foi realizado o I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Sobre a criação da INTERCOM, Zé Marques diz:

A iniciativa de criar a INTERCOM foi minha. Reuni um grupo de ex-alunos que frequentavam meus cursos de

53. Em 36 anos de existência, a INTERCOM teve 11 presidentes: José Marques de Melo (1977 a 1979; 1979 a 1981; 1981 a 1983; 2005 a 2008); Anamaria Fadul (1983 a 1985); Gaudêncio Torquato (1985 a 1987); Margarida Maria Krohling Kunsch (1987 a 1989 e 1991 a 1993); Manuel Carlos da Conceição Chaparro (1989 a 1991); Adolpho Carlos Françoso Queiroz (1993 a 1995); Maria Immacolatta Vassalo Lopes (1995 a 1997); José Salvador Faro (1997 a 1999); Cicília Maria Krohling Peruzzo (1999 a 2002); Sônia Virginia Moreira (2002 a 2005); e Antonio Carlos Hohlfeldt (2008 a 2011 e 2011 a 2014).

pós-graduação e propus a eles criarmos um espaço para aglutinação de cientistas da Comunicação. Carlos Eduardo Lins da Silva, José Salvador Faro, Anamaria Fadul, Carlos Alberto Di Franco, José Manoel Morán, Francisco Morel, mesmo que não estivessem nas reuniões iniciais, os consultei diversas vezes por telefone. Mas a reunião de fundação, tem uma grande lista. Assim, o primeiro encontro realizado em Santos, em dezembro de 1977, foi precedido de diversos encontros com alunos e ex-alunos, orientandos, colegas que trabalharam comigo. Convoquei uma assembleia de fundação e pedi ao colega Francisco Marinho, professor da USP e advogado, para elaborar o estatuto. Criado um estatuto bem enxuto, passamos a produzir um boletim que hoje é a *Revista Brasileira de Comunicação*. Esse Boletim foi o primeiro fórum de discussão dos problemas nacionais de Comunicação. [...] A INTERCOM nasceu na Cásper Libero, espaço onde eu era professor. Mas o espaço físico, a nossa sede, quem nos abrigou foi a Associação Brasileira de Imprensa [...] seção regional em São Paulo (NAVA, 2001).

Para não cometer os mesmos erros de sociedades anteriores, Zé Marques criou a INTERCOM como um espaço democrático, onde todas as correntes de opinião pudessem se manifestar, sem privilegiar determinada “linha teórica ou determinada postura ideológica”. Segundo ele, “esse é fator fundamental para o êxito da INTERCOM, uma entidade pluralista, aberta ao debate, à discussão”. Sobre a ousadia de Zé Marques, em criar a entidade, na época em que o país ainda vivia sob a influência da ditadura militar, a Profa. Dra. Cicília Peruzzo, diz:

Ousadia foi, também, vislumbrar a necessidade de uma associação que ajudasse na articulação pró-ativa da área da Comunicação, em termos de pesquisa, de debates, de documentação da produção científica e de disseminação do conhecimento gerado no âmbito da academia. A sociedade civil e a universidade ainda se achavam fortemente presas à ‘cultura do silêncio’, ao medo da repressão e à submissão ante a coerção política e ideológica. [...] A liderança dessa iniciativa coube a José Marques de Melo, o que ilustra uma de suas grandes qualidades: a capacidade de percepção das oportunidades e de detectar perspectivas a partir de acontecimentos aparentemente insignificantes. [...] Ao longo de sua existência, a INTERCOM contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa e para o aperfeiçoamento do ensino, tendo-o feito de múltiplas formas. [...] Ninguém ignora que Marques de Melo foi o grande mentor intelectual e esteve à frente do processo (PERUZZO, 2003).

Falando sobre a INTERCOM, com orgulho, Zé Marques desabafa:

Sempre fomos uma sociedade científica discutindo os temas da realidade, mas sem engajamento político ou militância. [...] Nunca houve ninguém que tivesse participação cerceada na INTERCOM [...] Há vinte anos eu dizia que nós éramos uma comunidade de envergonhados. Queríamos ser sociólogos, psicólogos, e nos dias de hoje já assumimos que somos pesquisadores, cientistas da comunicação. [...] Sou uma pessoa que sempre procurei fazer da INTERCOM uma sociedade nacional, mas sem xenofobia. Nunca

assumi um nacionalismo vesgo e estreito e sempre procurei animar meus colegas a dialogar com pesquisadores de outros países, porque na verdade a ciência é uma atividade universal. Não tem fronteiras (NAVA, 2001).

Desde que desembarcou em São Paulo, em 1966, Zé Marques não parou e além de criar inúmeras instituições foi mentor de várias outras. Tantas foram as instituições que ele criou ou ajudou a fundar que se diz incapaz de lembrar de todas elas, mas recomenda que estão registradas nos memoriais que produziu durante sua carreira acadêmica. Quando perguntado sobre quais eram suas preocupações com o funcionamento dessas instituições respondeu:

Nunca encarei as instituições de forma egoísta, sempre as concebi como de interesse público. Por isso não me apego a elas como propriedades minhas. Quando termino minha missão, vou adiante. Alguns me criticam dizendo que não faço discípulos para dar continuidade aos meus projetos. Os discípulos que eventualmente fiz são agentes capazes de ter vida própria. Como nunca aceitei ser mata-borrão dos meus mestres, nunca quis fazer papel-carbono dos meus alunos e assistentes. Orgulho-me do sucesso alcançado pelos que ajudei a formar. E não guardo mágoas dos que se esqueceram disso (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2009).

No seu modo de entender, para que uma instituição da área de comunicação tenha um bom funcionamento, inclusive a INTERCOM, a maior de todas elas, é necessário “ter um projeto institucional capaz de garantir sua permanência no tempo. Isso

corresponde a dizer que as instituições não devem se esclerosar, buscando atualizar-se constantemente. Não me agrada tutelar as instituições que ajudei a criar. Por isso rejeito o continuísmo. Agrada-me contribuir para essa renovação, sempre que sou consultado. Felizmente os novos dirigentes de algumas dessas instituições, como a INTERCOM, me requisitam. Procuo responder às expectativas e, sempre que encontro espaço, apresento um novo projeto” (Depoimento ao autor, 2009).

A INTERCOM, tal como ela é hoje, é fruto da persistência e teimosia de Zé Marques. Como diz o doutor e jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, “A INTERCOM virou ponto de referência para o continente, modelo para o mundo todo de entidade acadêmica vibrante, produtiva, democrática” (LINS DA SILVA, 2001).

Uma das obsessões de Zé Marques é tentar sistematizar o conhecimento da área, visando a qualidade do ensino e da pesquisa em comunicação. Com a criação da INTERCOM ele se dedicou a cultivar a documentação, publicando inicialmente suplementos bibliográficos no *Boletim INTERCOM*. Depois, já na *Revista Brasileira de Comunicação*, ele comandava as edições anuais da *Bibliografia Brasileira de Comunicação*, por meio da criação do Centro de Documentação da Comunicação em Países de Língua Portuguesa (PORT-COM) com o objetivo de preservar e disseminar os conhecimentos gerados no âmbito da comunicação.

Labjor

A convite do Prof. Carlos Vogt, então reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), José Marques de Melo e o

jornalista Alberto Dines⁵⁴ foram corresponsáveis pela estruturação e criação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo daquela Universidade, onde colabora como pesquisador sênior, vinculado ao projeto de Estudos de Jornalismo Científico apoiado pelo PRONEX - CNPq. O LABJOR, como é conhecido, começou a ser discutido pelos três (Dines, Marques e Vogt) em fins de 1993, sendo definitivamente implantado como órgão integrante da estrutura do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade em abril de 1994. O Laboratório foi apresentado publicamente à sociedade em um seminário patrocinado pela IBM, como um centro de pesquisa e acompanhamento crítico da mídia. Falando sobre a criação do LABJOR, Zé Marques diz:

Naquela ocasião, eu já tinha requerido a aposentadoria na USP e buscava espaço alternativo para trabalhar. Quem me aproximou da UNICAMP foi meu amigo Fernando Perrone, por sua vez amigo de Martin de Moraes, então diretor do IFHC da UNICAMP, unidade que pretendia criar um instituto de jornalismo avançado. Várias vezes nos encontramos aqui em São Paulo.

54. O estudo do Jornalismo no Brasil teve vários momentos. Nos anos 1950, as principais figuras foram Danton Jobim e Pompeu de Souza no jornal *Diário Carioca*. Depois vieram Luiz Beltrão e Alberto Dines. Segundo Zé Marques, “nos anos 60, nós temos na verdade, dois pólos de desenvolvimento de estudos de jornalismo no Brasil. Um se dá no Recife, com o professor Luis Beltrão, que ao publicar seu livro *Iniciação à Filosofia do jornalismo* desencadeia uma reflexão ética e política sobre o jornalismo, e outro no Rio de Janeiro, quando Alberto Dines cria os *Cadernos de Jornalismo*, do *Jornal do Brasil*, e mobiliza em torno dele toda uma equipe que vai pesar no jornalismo mais do ponto de vista técnico-profissional” (*Jornal ANJ*, out. 2009).

Sugeri que a UNICAMP ocupasse o vácuo existente no Brasil, promovendo estudos jornalísticos de alto nível, em síntese, atuando na fronteira da pesquisa com a pós-graduação. O projeto contava com o apoio do reitor Carlos Vogt, ele próprio interessado em compor o quadro de pesquisadores da unidade acadêmica em fase de gestação. Assim, a ideia que nascera no IFHC logo tomou rumos interdisciplinares, com a participação do pessoal de letras e linguística. Numa das minhas viagens à Europa, durante o período em que atuei como vice-presidente da IAMCR [International Association for Media and Communication Research], fiz uma escala em Portugal. Acompanhava-me nessa missão o Prof. Fernando Perrone, conselheiro internacional da IAMCR, que durante o seu exílio na França fizera muitas amizades políticas. Em Lisboa, fomos convidados para um jantar na Embaixada do Brasil, promovido pelo amigo comum José Aparecido, que reuniu um grupo seletivo de brasileiros e portugueses vinculados ao jornalismo, entre eles o ex-presidente Mário Soares, que nos tempos difíceis do exílio fora sócio de Perrone, numa livraria montada no Quartier Latin. Também estavam presentes Alberto Dines e Norma Couri, a quem contamos o projeto em discussão na UNICAMP. Dines nos convidou para um jantar em seu apartamento lisboeta, ocasião em que manifestou o seu interesse em vir integrar a equipe do laboratório de jornalismo. Eu e Perrone acenamos positivamente, pondo-o em contato com Carlos Vogt, reitor da UNICAMP. Na volta a São Paulo, informamos o reitor da vontade manifestada por Alberto Dines e ele naturalmente acolheu a ideia (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

Segundo Zé Marques a aceitação do nome de Alberto Dines já era esperada, pois ele “é uma instituição do jornalismo brasileiro e seria cobiçado por qualquer Universidade interessada em programas de vanguarda”. Um dos desdobramentos da criação do LABJOR foi a criação do *Observatório da Imprensa*. Sobre isso, Zé Marques esclarece:

O *Observatório da Imprensa* corresponde na verdade a uma matriz disseminada a partir da França por vários países europeus, sendo replicado também em Portugal por uma cooperativa de jornalistas, da qual participava Alberto Dines. Quando começam as atividades do LABJOR em Campinas, Dines sugeriu a criação de um projeto de crítica da mídia, ainda sem configuração definida, mas capitalizando sua própria experiência como pioneiro desse campo no país. Ajudei a formatar o piloto do projeto, que consistia em sessões periódicas de debates, focalizando um tema de impacto. A iniciativa de difundi-lo através da internet é de Carlos Vogt, que na ocasião era presidente do UNIEMP – Instituto Universidade-Empresa – e deu toda força para a sua implementação. Nessa fase de migração do *Observatório da Imprensa* do campus para a net, eu fui me distanciando do projeto, pois na distribuição de funções dentro do LABJOR me coube a orientação de projetos de pesquisa e a organização dos cursos de especialização que antecederam o atual mestrado multidisciplinar em Divulgação Científica, devidamente legitimado pela CAPES. [...] Saímos [Zé Marques e Alberto Dines] do quadro da UNICAMP na mesma época (permanecemos colaborando com o LABJOR durante quase dez anos),

quando a Universidade requereu dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa. Eu já estava engajado nos programas da Metodista e Alberto Dines criara uma ONG que absorveu o projeto do *Observatório da Imprensa*,⁵⁵ à qual vem se dedicando exclusivamente (MARQUE DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

Cátedra Unesco

Marques retornou para o Instituto Metodista de Ensino Superior no ano de 1994, após sua aposentadoria na USP, quando iniciou os trabalhos de instalação da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. A UNESCO e o

55. De acordo com artigo de Alberto Dines, postado no *Observatório da Imprensa (OI)* no dia 5 de maio de 2008, ele registra que o “A primeira edição do *Observatório da Imprensa* entrou na rede mundial de computadores em abril de 1996. Fomos uma das primeiras iniciativas de interesse social veiculada exclusivamente pela Internet (e por isto incentivada pelo seu Comitê Gestor). O *OI* começou efetivamente dois anos antes, em 12 de abril de 1994, com a realização do evento-fundador do Labjor da Unicamp (na gestão do Reitor Carlos Vogt). Título do semanário: *A imprensa em Questão*. Durante dois dias, o jornalismo brasileiro foi examinado por correspondentes no exterior, empresários, jornalistas veteranos, corporações, profissionais, anunciantes, consultorias, sociedade civil e críticos (os primeiros ouvidores). Os anais foram publicados pela editora da Unicamp (DINES, Alberto; VOGT, Carlos & MARQUES DE MELO, José (orgs.). *A Imprensa em Questão*. Campinas: Unicamp, 1997). Título e escopo do seminário definiram nos dois anos seguintes a agenda de trabalho do Labjor e o caráter do seu primeiro spin-off (filhote): o legítimo questionamento da imprensa deve ser público, aberto e com a participação ativa dos destinatários do processo jornalístico – leitores, ouvintes, telespectadores e acessadores da web”.

IMES, de comum acordo, estabeleceram a data de 21 de maio de 1996 para a realização da sessão solene de instalação da Cátedra em São Bernardo, com sede na Universidade Metodista de São Paulo, com o objetivo de promover atividades destinadas a fomentar o uso dos meios de comunicação em programas de desenvolvimento regional. E desde então, sob a égide de Zé Marques, tem privilegiado o ensino, a pesquisa e a extensão, estimulando o intercâmbio e a aproximação entre a academia e o mercado (setores empresariais/profissionais), além de proporcionar a cooperação internacional.

Sobre a criação da Cátedra UNESCO, numa entrevista concedida a Cosette Castro, Zé Marques deu o seguinte depoimento:

Criada em 1996, a Cátedra UNESCO/UMESP tem sido um fator de dinamização acadêmica dos seus cursos de graduação e de pós graduação em comunicação através dos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Ao mesmo tempo, a cátedra tem contribuído para fomentar o intercâmbio científico entre instituições brasileiras e suas congêneres estrangeiras. As redes MERCONSUL, FOLKCOM e COMSAUDE traduzem claramente essa diretriz de trabalho cooperativo e solidário, consentânea com a fisionomia da globalizada sociedade da informação que emerge no bojo histórico deste novo século. [...] O principal instrumento aglutinador e mobilizador da cátedra tem sido o *JBCC – Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*, informativo semanal *on line* editado por Maria Cristina Gobbi, que difunde, desde 1998, os fatos e as ideias que circulam na comunidade acadêmica da área, respaldando conexões nacionais e internacionais.

Como desdobramento desse projeto, surgiu a revista científica eletrônica *PCLA – Pensamento Comunicacional Latino-Americano*, com periodicidade trimestral, dedicada ao estudo das contribuições da América Latina para o conhecimento comunicacional do mundo contemporâneo. Os próximos projetos são a ENCIPECOM-AL – Enciclopédia do Pensamento Comunicacional na América Latina – e o BIOCCOM-BR – Dicionário Biobibliográfico dos Pesquisadores Brasileiros de Ciências da Comunicação (CASTRO, 2001, pp. 133-153).

Redes de comunicação

Zé Marques é o inspirador intelectual de três Redes Internacionais – CELACOM, LUSOCOM e MERCOSUL – e de três Redes nacionais: REGIOCOM, FOLKCOM e COM-SAÚDE, entre outras, das quais se destaca a Rede ALCAR - Rede Alfredo de Carvalho para o Resgate da Memória e Construção da História da Imprensa no Brasil, liderando um consórcio de instituições que desenvolveram estudos e pesquisas destinados a subsidiar o programa comemorativo dos 200 anos de implantação da imprensa em território brasileiro, comemorado no ano de 2008. A Rede ALCAR⁵⁶ foi instalada em reunião presidida

56. O Objetivo da Rede ALCAR era o de retomar o trabalho realizado no início do século XX, pelo historiador pernambucano Alfredo de Carvalho, que realizou a primeira pesquisa integrada sobre a imprensa brasileira. Ele delineou o inventário documental da imprensa brasileira. Além da ABI, participaram da Rede ALCAR, como fundadores, a UMESP,

por José Marques de Melo, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, no dia 5 de abril de 2001. Segundo professor José Luiz Proença, da ECA, Zé Marques “foi o responsável por mostrar o jornalismo como uma atividade da ciência” (In *Jornal da USP*, nº 710).

A presença de Zé Marques na criação ou como mentor de entidades, além da sua efetiva participação em várias entidades internacionais de comunicação, ocupando cargos diretivos, demonstra a influência que ele tem exercido no cenário internacional. Zé Marques não foi fundador da ALAIC – Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação –, mas ocupou sua presidência no período de 1989 a 1992, reconstruindo totalmente a instituição que estava em crise e praticamente parada, dando-lhe uma nova perspectiva e ativa participação no cenário internacional.

Segundo depoimento do Dr. César Bolaño, que também teve a oportunidade de acompanhar parte da trajetória de Zé Marques, a atuação, apoio e estímulo dele foram decisivos na criação da LUSOCOM, da ASSIBERCOM, da CONFIBERCOM, da

que tem a Cátedra da UNESCO de Comunicação, através de seu titular José Marques de Melo e os seguintes professores: Francisco Karan, titular da cátedra Fenaj/UFSC de Jornalismo; Sinval de Itacarambi, diretor da Revista Imprensa; Fernando Segismundo, presidente da ABI; Esther Bertoletti, do Projeto Resgate do Ministério da Cultura; Cybelle de Ipanema, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Marco Morel, da UFRJ; Marialva Barbosa, da UFF; Luis Guilherme Pontes Tavares, coordenador do NEHIB/Salvador; Carlos Cavalcante, do CVEICP/Recife; e Sebastião Jorge, da Universidade Federal do Maranhão.

SOCICOM, da SOPCOM, da AE-IC e da SEICOM,⁵⁷ acrescentando que

ele [Zé Marques] não esteve na origem da ULEPICC, mas nos apoiou e incorporou da forma mais generosa na SOCICOM (ULEPICC-Brasil)⁵⁸ e na CONFIBERCOM. Isto para não falar no papel que desempenhou na IAMCR e no diálogo no campo da Comunicação desde o início. [Zé Marques] é o intelectual brasileiro mais conhecido nesse campo e, é preciso enfatizar, não se coloca no plano mais estritamente acadêmico, como indivíduo, mas assume sempre a condição de representante de uma escola de pensamento latino-americano, da qual talvez seja o maior divulgador e estudioso. Assim, ajudou a construir o campo, do ponto de vista institucional, em níveis nacional e ibero-americano, levantou as pontes para o diálogo internacional mais amplo e, no interior deste, lutou sempre para o reconhecimento do pensamento latino-americano, enquanto coletividade acadêmica, pensamento esse que na sua definição, sem-

57. LUSOCOM – Associação Lusófona de Ciências da Comunicação; ASSISBERCOM – Associação Iberoamericana de Comunicação; CONFIBERCOM – Confederação das Entidades Acadêmicas Ibero-americanas da Comunicação; SOCICOM – Federação Nacional das Associações de Comunicação; SOPCOM – Sociedade Portuguesa de Ciência da Comunicação; AE-IC - Asociación Española de Investigadores de la Comunicación; SEICOM – Sociedade Ecuatoriana de Estudios Interdisciplinarios de La Comunicación.
58. ULEPICC – União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura.

pre foi e só pode ser crítico (BOLAÑO. Depoimento ao autor, 2010).

Em 1992, Zé Marques foi eleito vice-presidente da Associação Mundial de Pesquisadores da Comunicação – AIERI, uma função que exerceu durante quatro anos. Desde 1995, participa também da ORBICOM – Rede Mundial de Cátedras UNESCO para Comunicação e Entidades Associadas. Foi membro-fundador da World Network of Unesco Communication Chairs e copresidente do seu Comitê de Pesquisa, Paris/Montreal, no período de 1995 a 1997. No período de 1998 a 2001 ocupou a presidência da LUSOCOM – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, Lisboa/São Paulo. No mesmo período (1998/2000) foi presidente da ASSIBERCOM – Associação Iberoamericana de Comunicação, Madrid/Porto/São Paulo. Além de ocupar cargos de direção, ele também tem atuado como membro do conselho científico de várias instituições nacionais e internacionais. Sobre a atuação de Zé Marques no sentido de promover uma integração entre os pesquisadores e os veículos de comunicação brasileiros e portugueses, podemos ter uma ideia a partir do depoimento do jornalista Eloy Mendes, citado por Boanerges Lopes e Luciana Gomes (2000):

Melo realiza também um trabalho de intercâmbio entre os países de expressão portuguesa, ou seja, algo que não existia entre o jornalismo português e o brasileiro. Esse projeto está sendo coordenado por duas lideranças jornalísticas: José Marques de Melo e Alberto Dines. O esforço de integração engloba sete países de língua

portuguesa: Moçambique, Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde, São Thomé e Príncipe, Timor/Ásia (após a conquista da independência) e Macau/China (ex-colônia portuguesa). Estive com [José Marques de] Melo no ‘Congresso de Jornalistas de Países de Expressão Portuguesa’, há quatro anos [1996]. Ele foi o grande responsável pela vinda do José Ramos Horta, uma das principais lideranças na luta pela libertação do Timor e vencedor do Prêmio Nobel da Paz. Melo é um jornalista extremamente ético e preocupado com o ensino de qualidade. Agora a grande bandeira dos jornalistas é ampliar o espaço da língua portuguesa na Internet e Melo está à frente disso. Na Internet, há uma predominância maciça do inglês, sendo 2,8% em francês e apenas 0,8% em português (LOPES & GOMES, 2000).

No dia 2 de setembro de 2008, foi criada em Natal – RN, durante o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, a SOCICOM – Federação Nacional das Associações de Comunicação, com o objetivo de fortalecer a área de conhecimento da comunicação e representar a comunidade acadêmica no país e no exterior. Zé Marques, como representante da INTERCOM e mentor da Federação, foi eleito seu primeiro presidente.⁵⁹ Destaque-se que além da Federação brasileira,

59. A assembléia de fundação da SOCICOM elegeu a primeira diretoria, composta pelos professores José Marques de Melo, presidente; Ana Sílvia Médola, vice-presidente; Margarida Kunsch, diretora de relações internacionais; Elias Machado Gonçalves, diretor de relações nacionais; e Anita Simis, diretora administrativa. A assembléia de aprovação do Estatuto de fundação da SOCICOM contou com a participação das se-

Zé Marques ocupou também no ano de 2010, a presidência da Confederação Ibero-Americana de Associações Científicas da Comunicação.

Para o Dr. César Bolaño, se homens como Zé Marques não tivessem criado os alicerces necessários, hoje não estaríamos vivendo esse momento “transcendental de reconstrução do pensamento crítico latino-americano, tendo de enfrentar a luta epistemológica em nível interno e externo e, para tanto, o edifício intelectual de Marques de Melo é fundamental. Ademais, ele tem mostrado, nesta nova situação, grande visão de futuro e espírito crítico, sabendo colocar-se ao lado das forças do progresso e comandando ainda a construção institucional” (BOLAÑO. Depoimento ao autor, 2010).

guintes instituições: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, representada pelo Prof. José Marques de Melo; Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – COMPÓS, representada pela Profa. Ana Silvia Médola; Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Corporativa e Relações Públicas, representada pela profa. Margarida Kunsch; Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ, representado pelo Prof. Gerson Martins; Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, representada pelo Prof. Elias Machado Gonçalves. União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, seção brasileira – ULEPICC-Brasil, representada pelo Prof. Cesar Bolaño; Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber, representada pelo Prof. Eugenio Trivinho; Associação Brasileira de Pesquisa em História da Mídia- Rede ALCAR, representada pela Profa. Marialva Barbosa; Associação Brasileira de Pesquisa em Comunicação – FOLKCOM, representada pela Profa. Betânia Maciel, e a Associação Brasileira de Jornalismo Científico – ABJC, representada pelo Prof. Adolpho Queiroz.

No dia 1º de março de 2010, a Universidade de Oviedo (Astúrias, Espanha), reconhecendo a importância e a contribuição da obra de José Marques de Melo anunciou que ele foi o vencedor do Prêmio Ibero-Americano de Teoria da Comunicação 2010. Este prêmio foi instituído por consórcio internacional formado pela Universidade de Oviedo (Espanha), jornal *El Universal* (México) e Asociación Iberoamericana de Comunicación (ASICOM) para reconhecer o mérito de “profissionais e acadêmicos que se destacaram nesta disciplina, dentro do contexto ibero-americano, contribuindo para construir e reconstruir esta região histórica”. Zé Marques foi o primeiro a ser agraciado com essa distinção, mas este não foi o primeiro prêmio internacional recebido, tendo em vista que no ano de 1997 ele foi agraciado com o Prêmio Wayne Danielson for Distinguished Contribution for Communication Scholarship, concedido pela Universidade do Texas. Em 2009 recebeu mais dois prêmios: o de Comunicador da Paz, concedido pelas Organizaciones Católicas Latinoamericanas de Comunicación, do Equador, e o Prêmio Adelmo Genro de Pesquisador Sênior em Jornalismo, concedido pela SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

Ainda no ano de 2009 ele foi homenageado como Patrono da IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas, além de ter sido também o principal homenageado do FLINORTE (Festival Literário Internacional do Litoral Norte de Pernambuco), coordenado pelo escritor e jornalista Carlos Cavalcante, presidente da Casa da Imprensa de Pernambuco, na cidade de Paulista, no Grande Recife. O evento teve como objetivo comemorar os 50 anos de Jornalismo de José Marques de Melo. Entre outras ho-

menagens recebidas por Zé Marques, podemos destacar que em 2005 ele recebeu o título de Cidadão Honorário do Recife e que em 2010 deverá receber o título de Cidadão Honorário do Estado de Pernambuco, que foi aprovado por unanimidade quando apresentado em 2006. Em abril de 2010, ele foi distinguido com dois títulos e Doutor Honoris Causa. O primeiro no Maranhão e o segundo em Recife. No dia 8 de abril de 2010, a Universidade Federal do Maranhão outorgou a José Marques de Melo o título de Doutor *Honoris Causa*. Ao agradecer, Zé Marques disse que interpretava a homenagem

como um apelo metafórico para não ‘pendurar as chuteiras’. Não desejo imitar o caminho escolhido por vários colegas da minha geração, hoje confortavelmente instalados na tribuna de honra dos estádios. Quero calçá-las, para reforçar, ainda que na retaguarda pensante, o time que vai derrotar o imobilismo e a inércia dominantes na vida intelectual brasileira. Este é o compromisso que assumo perante esta comunidade, no momento em que dela recebo a afetividade, o incentivo e o reconhecimento. Vamos à luta! Vamos recorrer às armas do conhecimento! Vamos convencer pela força da argumentação! Vamos triunfar pelo ardor da nossa paixão!

E no dia 22 de abril, foi a vez da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, em Recife, lhe entregar o título de Doutor *Honoris Causa*, durante a solenidade de abertura oficial do XIII Encontro do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo. Em seu discurso de agradecimento, Zé Marques aproveitou a oportunidade para chamar atenção da sociedade sobre o perigo

de retrocesso institucional decorrente da censura imposta pela justiça à imprensa brasileira:

O revertério institucional decorrente da decisão do STF, declarando inconstitucional a lei de imprensa e abolindo, na sequência, a obrigatoriedade do diploma para o exercício da nossa profissão, praticamente nos reconduz aos cenários que Luiz Beltrão vislumbrava no início dos anos de 1960, lutando pela formação dos jornalistas. Mais grave ainda é a postura adotada pelo nosso Judiciário, arvorando-se como árbitro da liberdade de imprensa, amordaçando jornais e jornalistas, em todo o território nacional. Apesar da vigência do preceito institucional que inibe o legislativo e coíbe o executivo para censurar a mídia, testemunhamos a profusão de sentenças judiciais que interferem no processo informativo, criando um ambiente emoldurado por grande perplexidade (MARQUES DE MELO, 2010).

12. Construindo a literatura básica

*Somos o que fazemos repetidamente. Por
isso o mérito não está na ação e sim no
hábito.*

Aristóteles

Segundo o jornalista e doutor Carlos Eduardo Lins da Silva:

José Marques de Melo não é apenas um dos mais importantes teóricos da comunicação da história do Brasil. Ele é a pessoa a quem esse campo de estudos mais deve no país. Incentivador de talentos acadêmicos, organizador incansável de entidades, idealizador e estruturador de departamentos de jornalismo e escolas de comunicação, metódico realizador na área da bibliografia e da documentação, sem Melo não haveria estudos científicos

da comunicação digno dessa denominação. [...] Antes de José Marques de Melo, não havia ciência na observação da comunicação social do Brasil; depois dele, este país [passou a ser] respeitado, internacionalmente, pelos mais importantes nomes e mais importantes instituições dessa área em todo o mundo. Muita gente ajudou a construir esse prestígio. Mas ninguém mais do que Melo (LINS DA SILVA, 2001: 245-246).

No entanto, Zé Marques, contrapondo de certa forma o que dizem dele, valoriza o papel de seu antigo mestre e afirma que

Luiz Beltrão é o pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. Ele foi o primeiro pesquisador a defender tese de doutorado na área de comunicação. Ele criou o primeiro instituto científico da área de comunicação no Brasil, nos anos 1960, e também [criou] a primeira revista científica da área da Comunicação. [...] Luiz Beltrão é uma referência no Jornalismo porque ele na verdade foi um jornalista que desde o início de sua carreira pautou os temas da cultura popular. De um modo geral, a comunidade jornalística é muito elitista e quando ela vai trabalhar com a cultura, ela se preocupa apenas com a cultura da elite, uma cultura erudita. E Luiz Beltrão teve muita sensibilidade com a cultura popular e pautou matérias sobre profissões, sobre literatura de cordel, o frevo, o carnaval... isso tudo são manifestações da cultura popular nordestina. Ele então, daí deu um salto para a academia e para a comunicação. Ele se converteu em um pesquisador de comunicação e em 1967 defendeu sua tese de doutorado sobre a Folkcomunicação, como

um sistema de comunicação das camadas marginalizadas da sociedade brasileira (*Jornal do Meio*, março/abril, 2006).

Zé Marques começou a estudar a teoria da comunicação na década de 1960, sob a orientação intelectual dos seus professores no Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo (CIESPAL), Bruce Westley, Wayne Danielson e Joffre Dumazedier, entre outros, quando confrontou-se com

o dilema da unilateralidade da mídia e da impossibilidade de se instaurar, por seu intermédio, autênticos processos de comunicação. [...] Inquietava-me a impotência dos comunicadores de massa (jornalistas, publicitários, radialistas ou cineastas) para captar as expressões e os sentimentos dos seus interlocutores, de forma a integrá-los dinamicamente ao fluxo midiático. [...] Nos últimos vinte anos a revolução informática adquiriu tremenda velocidade, impulsionando a convergência tecnológica, eliminando as fronteiras entre os meios tradicionais de comunicação e criando oportunidades interativas entre os agentes midiáticos. Mas, sem dúvida, a mais importante mudança no panorama vem se dando pelo avanço da digitalização, gerando novíssimos meios e articulando-os simultaneamente com os velhos transmissores de conteúdos. [...] No cenário brasileiro, a mídia digital começa a adquirir pujança, embora ainda permaneça como privilégio da minoria economicamente aquinhoada ou das vanguardas que estão na linha de frente dos movimentos sociais (MARQUES DE MELO, 2006- Inovcom)

Entre o final dos anos 1960 até meados da década de 1970, Zé Marques teve um papel fundamental no sentido de publicar obras de comunicação de autores brasileiros. Ele atuou junto a editoras religiosas, tais como a Editora Vozes, que de forma ousada para a época, abriu suas portas para a área da Comunicação, publicando jovens autores. Segundo o próprio Zé Marques, a Editora Vozes “representa um capítulo importante na minha vida acadêmica. Ali atuei durante os tempos áureos, sob a batuta do Frei Ludovico, assessorado pelos Freis Clarêncio Neotti e Leonardo Boff, bem como pela escritora Rose Marie Muraro. Quem me levou à editora foi meu ex-aluno Frei Márcio, recém formado em Jornalismo pela Cásper Líbero”. Na Editora Vozes ele começou colaborando na *Revista de Cultura Vozes*, assumindo posteriormente a direção de duas coleções: “Meio de comunicação social” e “Estudos Brasileiros”.

O primeiro livro editado pela coleção foi um livro de autoria dele: *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa*, publicado no ano de 1970. A carência de livros de Comunicação e de Jornalismo de autores brasileiros era muito grande. O livro de Zé Marques se converteu num verdadeiro *best-seller*, vendendo 20 mil exemplares em seis edições. No ano seguinte, 1971, foi publicado outro livro dele: *Comunicação, opinião, desenvolvimento*, que também ganhou várias edições. Sua participação na direção das duas coleções foi de fundamental importância, pois ele foi o responsável pela descoberta de novos autores e pelos lançamentos de suas respectivas obras. Entre os autores lançados por ele no mercado editorial, por meio da Editora Vozes, estão nomes como os de Adísia Sá, Marcelo d’Azevedo, Eclea Bosi, Mário Erbolato, Antonio Costella, Tereza Halliday.

Zé Marques também foi responsável pela projeção nacional de autores já conhecidos, tais como Luiz Beltrão, Egon Schaden, Hiroshi Saito e Maria Isaura Pereira de Queiroz. Coube a ele a responsabilidade pelo lançamento de autores emblemáticos como Antonio Pasquali, Herbert Schiller, Juan Beneyto e Bernard Miége. Ele permaneceu colaborando na Editora Vozes até a intervenção feita pelo Vaticano, que exigia a saída do Frei Leonardo Boff. A partir daí, “afastei-me da editora. Colaborei ainda com as Edições Paulinas e a Editora Loyola, mas as coleções ali dirigidas não tiveram o mesmo impacto dos livros da Editora Vozes. Contudo, o projeto editorial mais significativo que dirigi foi o conjunto de fascículos publicados pelas séries da Editora de Textos da ECA-USP, transformada depois em Editora Comunicações e Artes – COM-ARTE. Foram mais de 100 títulos publicados no início dos anos 1970, servindo como subsídio para as escolas de comunicação de todo o país” (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

Sobre a Editora de textos do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, no tempo de Zé Marques como diretor do departamento, a Profa. Dra. Ruth Vianna (2004) realizou um extenso levantamento nos relatórios de atividades, constatando que, em 1971, foram publicados 55 textos, num total de 27.500 exemplares. Esta ação foi registrada no relatório da seguinte forma: “começou a funcionar a Loja de Textos, efetuando um movimento de venda de textos tanto internamente como da Eca para outras Escolas”. Ainda segundo o levantamento de Ruth Vianna:

A safra de publicações do departamento de Jornalismo e Editoração em 1972 também foi bastante significativa:

Periódicos (Cadernos de Jornalismo e Editoração nº 7, março de 1972 (ECA-USP; Cadernos de Jornalismo e Editoração nº 8, junho de 1972 (ECA-USP) e Caderno de Jornalismo e Editoração nº 9. [...] A editora de textos que estava ligada diretamente ao Departamento de Jornalismo e Editoração, através da Resolução CJE 19 de 1972, transformou-se em Editora Comunicações e Arte – COM-ARTE, sendo que naquele ano de 1972 “desenvolveu um programa de edições compreendendo 45 textos, num total de 22.500 exemplares”⁶⁰ (VIANNA, 2004).

No que se refere à sua participação como multiplicador de conteúdos, pode-se listar também a quantidade de periódicos que ele dirigiu ou ainda dirige no país: diretor responsável da *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (INTERCOM), diretor responsável da revista *Idade Mídia* (Unifiam); diretor responsável da revista *Comunicação & Sociedade* (Umesp); Diretor da revista eletrônica da Rede Alfredo de Carvalho (Cátedra UNESCO); diretor responsável do *Jornal Brasileiro de Ciências*

60. A distribuição deste material publicado em 1972 é a que se segue: “Jornalismo (10 textos, com 5.000 exemplares); Editoração (1 texto, com 500 exemplares); Relações Públicas (02 textos, com 1.000 exemplares); Propaganda (2 textos, com 1.000 exemplares); Problemas Brasileiros (3 textos com 1.500 exemplares); Artes Gráficas (1 texto com 500 exemplares); Cultura geral (10 textos, com 5.000 exemplares); Turismo (2 textos, com 1.000 exemplares); Comunicação Rural (4 textos, com 2.000 exemplares); Comunicação Linguística (2 textos, com 1.000 exemplares); Especial (3 textos, com 1.5000 exemplares); comunicações (2 textos, com 1.000 exemplares); Pesquisa em Comunicações (1 texto, com 500 exemplares)” (VIANNA, 2004).

da Comunicação – JBCC (Cátedra UNESCO); coordenador da revista digital *Pensamento Jornalístico Brasileiro* (USP); diretor da revista digital *Pensamento Comunicacional Latino-Americano – PCLA* (Cátedra UNESCO/UMESP/ALAIC) e diretor da *Enciclopédia do Pensamento Comunicacional*, sessão América Latina (UNESCO, Cátedra UNESCO, ORBICOM, UMESP, ALAIC) (Brites, 2003).

Mas é importante também saber quantas revistas na área da comunicação ele criou. De memória, mas sem garantir precisão, Zé Marques enumera:

Além da revista *Comunicação & Sociedade*, que fundei na Metodista, e até hoje permanece circulando, criei o *Boletim Intercom*, depois transformada em *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Fundei também, na Cásper Líbero, os *Cadernos de Ciências da Comunicação*, descontinuados nos anos 1970. Na USP, fundei o *Boletim do Departamento de Jornalismo* e os *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, além do *Anuário de Inovações em Comunicações e Artes* e do *Brazilian Communication Yearbook*. Na INTERCOM, fundei ainda os *Cadernos Intercom*, que circularam nos anos 1980, em parceria com a Editora Cortez. Fundei ainda a revista *Idade Mídia*, quando fui diretor da Faculdade de Comunicação do Centro Universitário Alcântara Machado, em São Paulo, hoje desativada, e também o *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*. Das [revistas] eletrônicas, creio que foram apenas o *Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação*, a revista *Pensamento Comunicacional Latino-Americano*, que resultaram no portal *Enciclopédia do Pensamento Comunicacional Latino-Ameri-*

cano - *Encipecom* - estes últimos em parceria com Maria Cristina Gobbi. Quando retornei à USP, recentemente, como professor-visitante, criei a revista *Pensamento Jornalístico Brasileiro – PJ:Br* – que continua em circulação sob a direção de meus ex-alunos uspianos (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

Para a Profa. Dra. Ana Carolina Temer Pessoa, foi no decorrer dos anos 1960, que Zé Marques desenvolveu a maior parte das cinco linhas de pesquisa que fundamentaram os estudos por ele realizados. “O interesse em repartir seus conhecimentos como pesquisador já estava presente, e se consolida com a publicação do livro *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (1970), e se fortalece com a defesa da tese “Fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil”, em 1973. (Pessoa, 2003). O próprio Zé Marques acrescenta:

A Universidade só vai chegar seriamente mesmo em estudos de jornalismo na década de 1970, com [os cursos de] pós-graduações e os estudos que nós fizemos na USP, tanto a minha tese de doutorado quanto as teses do Gaudêncio [Torquato], do jornalismo empresarial, e a de Thomaz Farkas, de fotojornalismo. Essas três teses demarcam o desenvolvimento dos estudos nas universidades. De lá para cá nós temos tido um crescimento grande na pesquisa do jornalismo, mas com um viés que eu proclamo há muito tempo que é a dissociação da realidade profissional. Boa parte da pesquisa que nós fazemos na universidade não chega às empresas ou ao chamado mercado, por isso, a tendência agora é que a gente ten-

te ocupar o lugar que a universidade tem na sociedade, entendendo que é fundamental nós dialogarmos com o mercado. Quer dizer que a pesquisa feita pela universidade seja útil para a profissão. Se ela continuar dissociada, ela vai ser uma pesquisa abstrata (*Jornal ANJ*, out./2009).

De acordo com a Profa. Dra. Juçara Brites, as principais contribuições de Zé Marques à ciência da comunicação são: 1) Consolidação de um ambiente acadêmico no Brasil, permitindo a dinamização deste campo de estudos e de pesquisa no Brasil; 2) Inserção do país nos centros de pesquisa mundiais; 3) Difusão dos paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação; 4) Rompimento de tabus, entre eles a valorização exclusiva do pensamento acadêmico das escolas dos grandes centros europeus e norte-americanos; 5) Reconhecimento e estímulo de grupos de estudos no país, valorizando as distintas regiões; 6) Aperfeiçoamento e disseminação de métodos de pesquisa, principalmente no âmbito do jornalismo, onde se destaca o jornalismo comparado, atualmente aplicado a estudos no campo da midiologia comparada (BRITES, 2003: 176).

Na análise feita sobre a obra de Zé Marques, Juçara Brites diz:

Marques de Melo organiza suas linhas de pesquisa sob a temática da Midiologia Comparada. O tema pode ser comparado a uma espécie de arquivo principal de seus estudos, o qual abriga um número expressivo de pastas contendo subtemas ou, ainda, na condição de texto principal, sobre o qual descobre-se uma série de hipertextos, os quais se configuram em pesquisas complementares. A Midiologia Comparada abre um leque de

estudos amalgamados entre si pelo alinhamento teórico com a Escola Latino-Americana de Comunicação e pelo Método Comparativo (BRITES, 2003).⁶¹

O conjunto da obra de Zé Marques, como ele mesmo reconhece e classifica, é fruto dos desafios intelectuais que ele enfrentou ao longo de sua trajetória acadêmica. Assim sendo, a obra dele interage entre quatro grupos: 1) Obras Precursoras; 2) Obras de Formação; 3) Obras de Reflexão; e, 4) Obras de Síntese. Do primeiro grupo fazem parte livros como *Comunicação Social: Teoria e Pesquisa* (Editora Vozes, 1970) e *Estudos de Jornalismo Comparado* (Editora Pioneira, 1972). No segundo grupo estão, além de suas teses de doutorado e de livre-docência, os livros *Sociologia da Imprensa Brasileira* (Editora Vozes, 1973) e *Opinião no Jornalismo Brasileiro* (Editora Vozes, 1985). No terceiro grupo estão obras como *Comunicação: Direito à Informação* (Editora Papyrus, 1986), *As telenovelas da Globo* (Editora Summus, 1988) e *Comunicação e Modernidade* (Editora Loyola, 1991). Integra o quarto grupo obra do quilate de: *Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos*.

Referindo-se à relevância científica da extensa produção intelectual de Zé Marques, como pesquisador e pensador da área de

61. Ainda de acordo com a análise de Juçara Brites, a Midiologia Comparada desdobra-se em três sub-grupos: 1) Estudos Midiológicos: a) - Memória midiológica brasileira e, b) - Avaliação e Tendências da pesquisa em comunicação no Brasil; 2) Estudos Midiáticos: a) - Tendências editoriais e publicitárias de jornais brasileiros, b) - Impactos da globalização na cultura brasileira; e, c) - Imagens midiáticas (de eventos culturais) na imprensa nacional; 3) Pesquisas Temáticas.

Ciências da Comunicação, o Prof. Dr. Carlos Manuel Chaparro foi taxativo, em matéria publicada em seu blog, *O Xis da Questão*, quando disse: “O conjunto da obra constitui, sem dúvida, o nosso mais importante acervo organizado do conhecimento, na área da Comunicação. Portanto, uma bibliografia referência hoje essencial” (CHAPARRO, 2010).

Podemos ainda destacar as contribuições específicas de Zé Marques no campo do jornalismo. Sua tese de doutoramento, de 1973, foi um marco para o estudo do jornalismo no Brasil. Nela, Zé Marques demonstrou academicamente porque o Brasil só ingressou na civilização jornalística três séculos depois da Europa. Em seu trabalho ele nega que isso tenha acontecido por maldade dos nossos colonizadores, como defende a história oficial, afirmando que o que reprimiu a chegada de jornais e revistas no país foi a nossa formação sociocultural. Após a tese de doutorado ele passou a se dedicar ao estudo da natureza do jornalismo praticado no Brasil, identificando seus gêneros, formatos e tipos. Fundamentado na trilogia publicada por Luiz Beltrão – *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980) – Zé Marques se dedicou ao tema que se transformou em sua tese de livre-docência⁶², defendida em 1983. Na tese de livre docência ele concluiu que

62. A tese de livre-docência de Zé Marques foi defendida em 1983 e publicada na forma de livro, *A opinião no jornalismo brasileiro*, pela Editora Vozes em 1985. Este livro teve duas outras edições revistas e publicadas: a segunda, pela Editora Vozes, com o mesmo título no ano de 1994, e, a terceira edição, pela Editora Mantiqueira, no ano de 2003, sob o título a seguir: *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*.

o jornalismo brasileiro transplanta os modelos e padrões das culturas com as quais nos defrontamos historicamente (lusitana, francesa, inglesa, norte-americana), sem reproduzi-las. Ao contrário, trata de domesticá-las, nacionalizá-las, hibridizando-as. Ou seja, opera criativamente, produzindo novas formas de expressão jornalística, sintonizadas com os padrões hegemônicos, mas suficientemente autônomas em relação a eles. Esta é a constatação apresentada em minha tese de livre-docência (LOPES & GOMES, 2000).

Por muitos anos, o livro de Zé Marques sobre gêneros figurou solitariamente na bibliografia brasileira como referência e só a partir de 1998 começaram a parecer novas contribuições para o campo, refletindo sobre a tipologia do jornalismo, a partir de teses acadêmicas⁶³. Em 2010, Zé Marques e Francisco Assis, organizadores, publicaram mais um livro no campo: *Gêneros Jornalísticos no Brasil*, editado pela Universidade Metodista de São Paulo.

Em resumo, a obra de Zé Marques, de acordo com seu *curriculum vitae*, disponibilizado na Plataforma Lattes, do CNPq, até

63. Alguns dos livros que surgiram mais recentemente, dentre outros, são: ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004. *BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003. *CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Santarém: Jortejo, 1998. *CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008;

março de 2013, era composta por um total de 140 livros publicados e ou organizados, 127 artigos publicados em periódicos científicos, nacionais e estrangeiros, 134 capítulos de livros e 204 textos publicados em jornais e revistas de notícias de grande circulação no Brasil e na América Latina⁶⁴. Zé Marques acredita que, na elaboração de suas pesquisas, ele se manteve coerente dentro uma única linha de pesquisa ao longo de sua trajetória: Comunicação Comparada ou Midiologia Comparada.

Sobre o conteúdo de sua obra, a Profa. Dra. Maria do Socorro Nóbrega escreveu:

Marques escreveu milhares de páginas sobre os domínios das comunicações, examinou métodos e modelos europeus e norte-americanos para o estudo dos media, observou práticas diversas. O conteúdo desses estudos, no decorrer dos anos, é claramente o signo daquela vontade de projetar e explorar um campo fértil de estudo (Ciências da Comunicação) e de consolidar espaços de habilitação profissional. Um corte nessa produção confirma que o jornalismo (a práxis) com seus desdobramentos foi seu ponto de partida, formando um visível eixo num conjunto que se foi sedimentando a partir de *Comunicação: teoria e pesquisa*, publicado em 1972, seguido de *Sociologia da imprensa brasileira*, *A opinião no jornalismo brasileiro*, *Para uma leitura crítica da comunicação*, *Comunicação e Modernidade* entre outros livros. Coordenou dezenas de

64. Observe-se que do total de 140 mais de 30 livros foram publicados entre 2010 e 2013 e cerca de 40 capítulos de livros também foram publicados no mesmo período.

coleções de ensaios ou trabalhos de equipe, destacando-se : *Ideologia e poder no ensino das comunicações, Comunicação e transição democrática, Comunicación latinoamericana, Communication for a new world*. Uma obra que ilustra sua extrema devoção à pesquisa e sua vocação de bibliógrafo é o compêndio *Fontes para o estado da Comunicação*, trabalho hercúleo de investigação bibliográfica, que resgata, exaustivamente os estudos realizados na área ao longo do século XX (NÓBREGA, 2002).

Aliás, é bom frisar que mesmo indo de encontro com as ideias de outros acadêmicos, Zé Marques tem procurado demonstrar que existe uma Escola Latino-Americana de Comunicação. Enquanto outros acreditam em escolas de Comunicação localizadas, tais como as Escolas de Frankfurt, Toronto ou Chicago. Zé Marques argumenta que a Escola Latino-Americana precede às comunidades virtuais, produzindo uma ação acadêmica mestiça consciente, que mescla tradição e modernidade, confronta capitalismo e socialismo, além de aculturar valores. Para Zé Marques a Escola Latino-Americana assumiu a prática científica como prática política, depurando a politização eventual.

Sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação – ELA-COM –, esclarece ainda que ela foi resultado da ação dos pioneiros Luis Ramiro Beltrán, Luiz Beltrão, Antonio Pasquali, Jorge Fernandez entre outros e que ele, Zé Marques, pertence à segunda geração e que seu papel tem sido o de fortalecer a escola, difundindo e atualizando suas ideias.

Como seria impossível tratar de todos os livros publicados por Zé Marques nesta biografia, registre-se que no livro *História do Pensamento Comunicacional* (Paulus, 2003) em que reúne al-

guns de seus artigos e conferências, ele traça um amplo panorama do desenvolvimento a comunicação da Antiguidade aos dias atuais, com especial ênfase na Comunicação na América Latina e no Brasil. Nesse livro ele “esboça um amplo cronograma do pensamento ocidental sobre a comunicação, buscando raízes no pensamento e ideias desde Aristóteles até o século XX. Em outro livro, *A esfinge midiática* (Paulus, 2004), Zé Marques critica a inércia e as indecisões que marcam a discussão das questões no pensamento intelectual brasileiro. Ao falar da cultura brasileira ele afirma que vivemos o “pleno processo de transmutação da nossa identidade cultural, compelidos a continuar importando padrões oriundos das matrizes da indústria mundial de bens simbólicos, mas também participando desse mercado internacional potencializado pela cultura massiva”.

Sobre o livro, *Jornalismo, Forma e Conteúdo*, lançado em 2009, Manuel Carlos Chaparro registrou, em seu blog, que esta obra “é uma bela sinopse da vasta contribuição de ideias dada por [ele] aos estudos do Jornalismo. Nele estão claramente demarcados os itinerários intelectuais, políticos e culturais do professor, do pesquisador e do pensador de jornalismo José Marques de Melo. Incansável provocador de controvérsias. [...] é, na essência, um livro de ideias. E nessa faceta da obra [o] encontramos e identificamos – porque, sendo um livro de ideias, ele [o] expõe e [o] coloca em lugar próprio, acima das circunstâncias do tempo” (CHAPARRO, 2010).

Numa entrevista concedida a Adriana Morais, do jornal *O Mossoroense*, em outubro de 2008, respondendo a uma questão relacionada com a importância da pesquisa para a comunicação, Zé Marques disse:

A pesquisa é fundamental. Sem pesquisa você não tem renovação, não tem ensino de qualidade. Em muitas universidades, não se preocupam muito com pesquisa, são preocupadas apenas em dar aos alunos conhecimentos que os professores têm, isso empobrece muito. Acho que toda a Universidade deveria pesquisar. Não quero dizer que elas devam se dedicar só a pesquisa e que a pesquisa fique como uma atividade exclusiva dos cursos de pós-graduação. Mas é importante desde o começo do curso, despertar no aluno o interesse pela pesquisa, não que ele vá ser pesquisador profissional ou que ele vá utilizar a pesquisa na sua atividade profissional, mas devem desenvolvê-la. Acho que muitas universidades não valorizam isso e transformam a pesquisa em uma coisa absolutamente complementar na formação. A pesquisa em comunicação no Brasil tem se desenvolvido muito. Hoje [2008], nós somos um dos países com maior índice de produção no mundo. O que está faltando é uma maior disseminação dessa pesquisa em comunicação na comunidade internacional (MORAIS, 2008).

Falando sobre a produção acadêmica voltada para o jornalismo, Zé Marques diz que só agora, no início do século XXI é que estamos observando uma reação, tendo em vista que começaram a surgir vários projetos querendo estudar o jornalismo como uma identidade própria. Para ele, essa tendência

se materializa em duas associações que vêm tendo uma prática importante hoje: a Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Jornalismo (SBPJOR), que mantém congressos anuais, uma revista publicada em inglês (*Jour-*

nalism) – dialogando com a comunidade internacional e o Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo. Os estudos que a gente vem fazendo no Brasil, apesar do viés da distância em relação ao mercado, vem já chamando a atenção da comunidade internacional, tanto assim que, agora, neste ano [2009], uma das principais revistas teóricas sobre jornalismo, *The Journalism*, editada pela editora Fringe – que circula, simultaneamente nos Estados Unidos, na Austrália e na Inglaterra –, fez uma edição inteiramente dedicada ao Brasil, procurando compreender o jornalismo que vem sendo estudado aqui na nossa sociedade (*Jornal ANJ*, 2009).

Na verdade, Zé Marques sempre esteve preocupado com a formação de profissionais e de pesquisadores e tem desempenhado um papel importante na promoção e formação científica deles. Como ator decisivo e determinante na arena da formação científica e profissional, quem melhor sintetiza o trabalho realizado por ele é a Dra. Maria do Socorro Nóbrega que diz:

Como ninguém escolhe o papel histórico que deve representar, o de José Marques, a meu ver, consistiu em abrir caminho no Brasil para que se discutissem as complexas problemáticas da comunicação e dos média e para que se colocassem à prova seus instrumentos de descrição e análise. Com esse objetivo, dirigia ou executava diversas pesquisas, de cujas reflexões dava conta em conferências, seminários, colóquios e livros. Publicava dezenas de ensaios, embalado pelo entusiasmo de analisar o jornalismo brasileiro, sistematizar seus processos, criar ou adequar metodologias (NÓBREGA, 2002).

Em resumo, podemos dizer que, no início de sua vitoriosa trajetória acadêmica, ele foi incentivado por Luiz Beltrão, tendo assinado com o mestre, o seu primeiro texto científico (uma análise da crônica policial na imprensa de Recife) publicado na revista *Comunicação & Problemas*, considerado o primeiro periódico brasileiro na área da ciência da comunicação. A partir de então, Zé Marques passou a aprofundar, juntamente com outros pesquisadores, as ideias de Beltrão, já tendo publicado várias obras na área da folkcomunicação. Mas Zé Marques não se limitou a um único tema:

Eu abri muitos ‘caminhos’ no campo comunicacional, sem oportunidade para me dedicar em particular a um deles, até mesmo pela minha disposição de formar equipes, incentivando os mais jovens a pesquisar e em alguns casos a ceder-lhes objetos de estudos para os quais os motivei. Agora, na minha fase de maturidade, procuro recuperar o tempo perdido. Dedico-me a um objeto concreto, apesar de polifacetado, que é a construção da memória histórica do pensamento comunicacional na América Latina, particularmente no Brasil (LOPES & GOMES, 2000).

E assim, Zé Marques se transformou num dos mais fecundos autores latino-americanos, produzindo obras fundamentais sobre o jornalismo e a comunicação. A partir da observação dos fatos e da identificação dos sujeitos sociais envolvidos nos fenômenos comunicacionais, ele construiu a memória do campo, além de lhe dar uma maior legitimidade acadêmica. Dentre as inúmeras pesquisas que ele realizou, e/ou coordenou, destacam-se: o resgate das histórias de vida de personalidades e insti-

tuições da comunicação; o diagnóstico das tendências editoriais da imprensa regional; e, as análises do impacto da globalização nas culturais regionais. Um inventário da obra dele demonstra a transversalidade das reflexões e análises críticas. A interdisciplinaridade está sempre presente quando ele sistematiza evidências sobre a mídia ou sobre o pensamento jornalístico brasileiros.

Em sua obra, ele está sempre chamando a atenção dos pesquisadores sobre o descaso em relação a certas temáticas, como, por exemplo, à memória da imprensa, e não se cansa de lançar desafios, como o fez no livro *A esfinge midiática* (2004): “minha expectativa é a de que os fatos, ideias, hipóteses ou interpretações, constantes desta obra, possam, estimular o pensamento midiático brasileiro a superar criticamente a inércia e a hesitação com que se vem debatendo na passagem do século, acossado em parte pela velocidade das mutações tecnológicas que nos atarantam, mas fustigado também pela sensação de orfandade intelectual decorrente da crise das ideologias”.

No mesmo livro ele denuncia que “nossas pesquisas empíricas são escassas e insuficientes, e permanecerão importando teorias exógenas” se não mudarmos esta situação. E para tanto, ele aconselha: precisamos “observar, registrar e interpretar os fenômenos peculiares ao funcionamento das indústrias midiáticas em nossa sociedade para compreendê-los e regulá-los de acordo com o interesse público”. Em abril de 2010, ao receber o título de Doutor *Honoris Causa*, em São Luís do Maranhão, Zé Marques lançou outro desafio:

Temos o dever de batalhar por uma academia soberana, que não se isole da comunidade internacional, contri-

buindo para o desenvolvimento de outra sociedade, justa, fraterna e solidária, mas fiel ao patrimônio cognitivo construído pelas lideranças que nos precederam. [...] Somos um país estigmatizado pela cultura do silêncio, reflexo do mutismo dos cidadãos e da apatia da coletividade. Temos uma população formada por vastos contingentes famintos de leitura, sedentos de cultura e demandantes de participação. O que fazer para superar esse dramático impasse político-cultural, ultrapassando a barbárie e ingressando na civilização? Trata-se de uma dívida histórica que precisamos saldar com o nosso povo, construindo um futuro alentador. Do contrário, estamos condenados a permanecer na periferia da chamada sociedade do conhecimento, bestificados diante dos que se arvoram mandatários da vontade coletiva, como procederam as testemunhas oculares da proclamação da nossa República.

A obra completa de Zé Marques carece ainda de uma revisão criteriosa que demonstre para as novas gerações como ele sempre esteve em sintonia com as transformações da sociedade. A obra de Zé Marques apresenta coerência com as reflexões que ele vem fazendo ao longo dos últimos 40 anos sobre os fenômenos comunicacionais. Em cada novo trabalho publicado, as preocupações cognitivas dele são atualizadas levando-se em conta a conjuntura atual. A trajetória intelectual de Zé Marques foi motivada pelas circunstâncias, que ele soube enfrentar com ousadia. Essa característica foi destacada por Luiz Beltrão que, no prefácio do livro *Sociologia da Imprensa Brasileira*, estabeleceu um elo direto entre a origem sertaneja e a valentia acadêmica de Zé Mar-

ques. E graças a essa ousadia temos acesso à obra intelectual de Zé Marques, suas reflexões críticas e os resultados de pesquisas dedicados ao jornalismo e à comunicação, publicados através de todo e qualquer canal disponível, impresso ou eletrônico.

Em setembro de 2010, ao apresentar um trabalho em Bogotá, Colômbia, Zé Marques afirmou que sua obra era produto de suas próprias circunstâncias, pois foi elaborada como resultado das demandas que sempre desafiaram o trabalho intelectual dele ao longo desses anos. Na oportunidade ele confessou ainda que “muitas vezes tive que renunciar a projetos individuais, conjuntamente sedutores para me dedicar a trabalhos de interesse coletivo.” Na mesma oportunidade ele falou sobre a fundamentação teórica dele:

Desafiado a elucidar a natureza dos fenômenos comunicacionais, no tempo e no espaço, recorri inicialmente a fontes teóricas que remontam ao academicismo grego (Aristóteles) e ao iluminismo francês (Diderot). Mais adiante, tendo de fazer opções de natureza pedagógica, influenciado pelo ideário progressista, assimilei o pragmatismo norte-americano (Dewey), abraçado por Anísio Teixeira.

Posteriormente, sensibilizado pela conjuntura autoritária dos anos 60-80, matizei minha atuação didática incorporando a dialogicidade redimensionada por Paulo Freire, que se inspirou duplamente no transcendentalismo de Karl Jasper e na dialética de Karl Marx.

Quando tive que construir o referencial teórico-metodológico de minha tese de doutorado, me respaldei em

dois cientistas sociais brasileiros. Darcy Ribeiro me conduziu à teoria sociocultural, motivando a mestiçagem paradigmática na qual fundamentei meus argumentos (transitando entre os clássicos legitimados pelas ciências sociais: Karl Marx, Max Weber, Ruth Benedict, Georges Gurdoff, Fernand Braudel, sem esquecer dos clássicos emergentes no âmbito das ciências da comunicação: Marshall McLuhan, Wilbur Schramm, Daniel Lerner, Robert Escarpit, Fernand Terrou, além dos pioneiros latino-americanos Toribio Medina, Octavio de La Suarée, Carlos Rizzini, Luiz Beltrão.

Por sua vez, Florestan Fernandes me estimulou a empregar o método de interpretação funcionalista. Fundamentado em seus estudos antropológicos sobre os processos de dominação social na organização tribal dos tupinambás, resgatei as lições de investigação social ditadas por Durkheim, Malinowsky, Merton Boas y Margaret Mead, fortalecidas pelos métodos empregados por Otto Groth (discípulo de Weber), tentando compreender a natureza e os fenômenos jornalísticos nas sociedades modernas (MARQUES DE MELO, 2010).

Registre-se que o resgate da obra de José Marques de Melo começou com o lançamento de dois livros fundamentais no ano de 2013, quando das comemorações dos 70 anos de vida dele. A INTERCOM lançou a Coleção Fortuna Crítica, cujos dois primeiros volumes são dedicados a ele: *Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia*, e *Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Teoria e Pedagogia da Comunicação*.

13. Pensamentos sobre o jornalismo

O fundamental na vida do jornalista é o assunto. Se ele tem o assunto e o assunto se entrega a ele, ele deve tirar desse assunto as últimas consequências. O jornalista que mata ou trai a confiança de seu assunto é um médico que mata o seu paciente.

Samuel Wainer

José Marques de Melo tem sido identificado como formador de gerações de jornalistas, pesquisadores e professores de jornalismo e de comunicação e como tal tem recebido inúmeras homenagens e o reconhecimento público. A história de vida e a história profissional de Zé Marques estão cheias de determinação e de idealismo. Inúmeros são os depoimentos contados por ex-alunos, mas ele mesmo se definiu em entrevista recente como um “observador atento, leitor voraz, ouvinte seletivo e narrador responsável” (RICARDO, 2010).

Zé Marques já dirigiu escolas, cursos e laboratórios na USP, UNICAMP e UMESP, entre outras universidades, além de ter exercido cargos públicos e proferido palestras e aulas magnas em centros de estudos de países como Argentina, Austrália, Bolívia, Chile, Canadá, Estados Unidos, Escócia, Espanha, França, Hungria, Irlanda, México, Panamá, Peru, Portugal, Venezuela e Uruguai. Atualmente [2014], além docente do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo é titular da Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional.

Em 2009 ele comemorou os 50 anos de jornalismo com o lançamento de vários livros onde o jornalismo esteve em evidência (como por exemplo: *Vestígios da Travessia – Da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo* e *Jornalismo, Forma e Conteúdo*, entre outros). Em *Vestígios...* ele é taxativo na definição do que deve ser o ensino do jornalismo no século XXI:

O jornalismo é cada dia mais uma atividade social que exige competência e responsabilidade para o seu exercício. Fazer a mediação entre os acontecimentos que ocorrem diariamente e o desejo de informação dos cidadãos contemporâneos constitui uma tarefa que não pode ser improvisada. Exige habilidades técnicas, discernimento intelectual e conduta ética. [...] Avulta, portanto, a necessidade de que as novas gerações de jornalistas possuam preparo acadêmico, unindo teoria e prática, integrando tecnologia e crítica. É certo que persistem deficiências nos cursos de Jornalismo mantidos pelas nossas instituições de ensino superior. Sua superação depende da conjugação de esforços das em-

presas, dos sindicatos e dos órgãos educacionais. Afinal de contas, os problemas enfrentados pelas escolas de Comunicação são os mesmos que ocorrem nas outras áreas do ensino superior. E até onde sei, não se procura abolir a regulamentação das demais profissões universitárias para resolver a inadequação eventual dos graduandos que diplomam presentemente (MARQUES DE MELO, 2009: 186-187).

No livro *Jornalismo, forma e conteúdo*, Zé Marques reuniu 30 entrevistas concedidas a repórteres, pesquisadores e estudantes de jornalismo, nas quais aborda o desafio da profissão, que precisa mudar sem perder a identidade. Com esse livro, ele pretende “atender a expectativa das novas gerações, reunindo diálogos sobre a profissão e sua interface com outros campos do saber comunicacional”. Em uma das entrevistas, respondendo à pergunta relativa à ética no jornalismo, Zé Marques disse:

A ética não pode ser enclausurada nos limites das profissões. Trata-se de uma questão mais abrangente, envolvendo o estágio civilizatório de uma dada sociedade. No caso brasileiro, transitamos da ética da barbárie (durante o regime colonial) para a ética do jeitinho (durante o período independente, em que predomina a tática da esperteza corporativa). Precisamos confluir para uma ética do interesse público (fortalecendo a cidadania e os postulados republicanos). Lamentavelmente, os códigos de ética jornalística refletem mais a ética do jeitinho, figurando quase como retórica “pra inglês ver”... (MARQUES DE MELO, 2009: 175).

Segundo a professora e pesquisadora Esmeralda Villegas Uribe, ele tem uma capacidade excepcional para ensinar e ajudar seus alunos “a refletir sobre a razão de ser e o sentido da criação (leia-se obra) que estão gestando. Incentiva a pensar sobre a importância do tema e sua interconexão com o pensamento acadêmico de outros e outras”. Ao mesmo tempo, Zé Marques não deixa de advertir os incautos “do perigo de ficar refletindo eternamente, porque as ideias podem ser abordadas e os conceitos não se convertem em frutos”, acrescentando que “não é suficiente ter uma riqueza conceitual. Para tomar decisões acertadas (corretas), deve-se saber que a capacidade de gestão é fundamental dentro do mundo acadêmico, científico, profissional, empresarial e nos movimentos sociais” (URIBE, 2001).

Em uma das muitas entrevistas que concedeu perguntaram-lhe como ele se situava ideologicamente. Sua resposta curta e direta foi a seguinte: “como sempre estive. Eu me considero um cidadão progressista, mas não embrutecido pelos dogmas”. Baseado numa história de vida exemplar, onde a experiência e os embates mantidos lhe dão autoridade suficiente para falar, neste capítulo pretendemos apresentar, de maneira mais livre, uma série de pensamentos, declarações, definições e conselhos dados por Zé Marques, durante inúmeras entrevistas que concedeu e que nos leva a refletir sobre a situação atual do jornalismo e o papel do jornalista. As frases garimpadas são:

- “Se o jornalista não for honesto, humilde e persistente, pode fazer da profissão uma escada para o sucesso fácil ou decidir pela renúncia precoce. Sertanejo calejado, aguentei firme os primeiros dissabores. Pressões, ameaças, ironias, achincalhes” (*Jornal da USP*, dez./2004.)

- “O que se exige mundialmente dos jornalistas [não é um diploma] é a competência profissional. Ela [a competência] pode ser adquirida a curto prazo na Universidade, frequentando um curso de Jornalismo, ou através do aprendizado lento numa redação” (LIMA, 2003).

- “Um jornalista que não tem o hábito de ler constantemente e não cultiva isso acaba ficando embotado. [...] Pela leitura você tem capacidade de abstração. Você lê, para, reflete e volta à leitura [...] A leitura continua sendo fundamental para o jornalista abstrair a realidade e ir ao cerne da informação, do fato como ele é, e não das suas aparências” (*Protagonistas*, 2009).

- “Para quem quer ser jornalista eu tenho dois conselhos [anuncia Zé Marques]: Primeiro tem que estudar muito, estudar sempre. O jornalista que não se atualiza permanentemente, que não continua estudando, sobretudo lendo, pesquisando, abrindo os olhos e discutindo, na verdade ele vai emburrecer, vai ficar um jornalista limitado. Ele é capaz de ver o dia a dia, mas não é capaz de prever o futuro, nem se relacionar com o passado. Em segundo lugar é a questão de ter em mente o dever de respeitar a verdade. Acho que a geração de hoje muitas vezes embarca em canoas chamadas pós-modernas em que se dizem que tudo é comunicação e nada é jornalismo, e acabam se perdendo. Eu não vejo assim, eu acho que na verdade o jornalismo é a atividade que pressupõe a observação da realidade e essa realidade deve ser relatada verdadeiramente. Não estou dizendo imparcialmente, porque não existe jornalismo imparcial, existe jornalismo verdadeiro, no sentido de você mostrar que os fatos têm múltiplas dimensões, então compete ao jornalista mostrar todos os lados da notícia, do fato, do acontecimento e deixar

que o leitor tome sua posição, que o telespectador tome sua posição. Quando o jornalista tenta infligir o seu ponto de vista em um determinado fato, ele está deixando de ser um jornalista, para ser um publicitário, um propagandista” (MORAIS, 2008).

- [O maior pecado da imprensa brasileira é] “não cobrir a sociedade como um todo. A imprensa só cobre a burguesia, o sistema dominante político, as elites religiosas. As fatias médias da população ficam completamente desassistidas sob o ponto de vista de cobertura noticiosa” (RIOS, 2005).

- “No jornalismo em geral, na reportagem, na edição, é essencial que seja feito por profissionais que tenham a graduação [que possuam o diploma de nível superior em Jornalismo]. Pois há momentos em que você precisa ter maior detalhamento dos fatos, interpretação, análise profunda, que um jovem que tem formação em outra área do conhecimento não está habilitado” (MORAIS, 2008).

- “Os fatos devem ser apurados de maneira testemunhal, pessoalmente pelos repórteres ou através da mediação de observadores dotados de credibilidade. Os bancos de dados e as fontes bem informadas continuam a ser fundamentais para checar os dados coletados e prever o desenrolar dos acontecimentos” (LIMA, 2003).

- “O jornalismo não é uma coisa material. Na realidade, é uma coisa espiritual, quer dizer, o contato com os acontecimentos que você está presenciando e transformando em mensagens que vão ser difundidas. Isso é uma coisa que fascina qualquer pessoa. [...] [Jornalismo] é um estado de espírito e ao mesmo tempo uma capacidade de fazer parte do mundo. O jornalista vive o mundo e não no mundo. Essa é a diferença” (*Protagonista*, 2009).

- “Nossa categoria [jornalista] é arrogante. Ela acha que sabe tudo, que tem a verdade. E não está preocupada em dialogar com o seu público. Ela quer, na verdade, é fazer a cabeça do público” (*Protagonista*, 2009).

- “O agente multimidiático [a figura do novo jornalista], teve seu perfil dimensionado na metade do século passado, com o desenvolvimento da televisão e o aperfeiçoamento do rádio. Lamentavelmente as nossas escolas de Jornalismo mantiveram padrões pedagógicos sintonizados com a natureza do jornalismo gutenberguiano. Quando falo de jornalismo gutenberguiano refiro-me à hegemonia do jornalismo impresso no pensamento jornalístico brasileiro. A maioria dos livros-textos ou das teses acadêmicas sobre jornalismo contemplam o universo dos jornais e revistas. A reflexão sobre o jornalismo radiofônico ou televisivo é absolutamente minoritária” (LIMA, 2003).

- “Acho que temos um jornalismo de boa qualidade, em igualdade de condições com o jornalismo do chamado primeiro mundo, mas é um jornalismo para a elite. O grande problema do jornalismo brasileiro é que não chega à maioria da população. Nós precisamos saldar essa dívida com a população brasileira. Criar um tipo de jornalismo e de veículos, que cheguem ao cidadão comum” (*Protagonista*, 2009).

- “O ensino [da comunicação] não é apenas uma questão de recursos materiais [equipamentos e laboratórios], mas de recursos intelectuais. Se há uma boa equipe de professores e alunos [...], os cursos de comunicação vão se desenvolvendo. No conjunto eu quero dizer o seguinte: que os cursos de comunicação avançaram muito no país, sobretudo depois que passou a exigência do Ministério da Educação (MEC) de condições mí-

nimas de funcionamento, [...], pois não se pode fazer curso de comunicação no vazio, no abstrato” (MORAIS, 2008).

- “O Jornalismo brasileiro continua bem do ponto de vista de imagem. Trabalha bem a forma, mas o conteúdo, não. Há boa diagramação nas publicações, boas soluções gráficas e também na televisão e no rádio, mas o conteúdo continua sendo deficiente. Por quê? Porque as novas gerações não têm, digamos, aquela prontidão intelectual das gerações que eram autodidatas. Há uma coisa que é importante realçar nessa geração que entrou no jornalismo na metade do século passado: tinha, digamos, uma apetência cognitiva. Tinha tesão intelectual. Pessoas que liam muito. Os jovens jornalistas, hoje, lêem muito pouco, perderam aquele gosto pela leitura. A universidade também tem culpa nisso, porque não estimula a leitura” (*Protagonista*, 2009).

- “De bom, o jornalismo brasileiro tem a capacidade antropofágica, ou melhor, a vocação mestiça, de assimilar modelos forâneos e adaptá-los às demandas e singularidades nacionais. De ruim, tem o vício da superficialidade e da irresponsabilidade, seja difundindo fatos sem aprofundamento, seja divulgando versões sem apuração correta” (LOPES & GOMES, 2000).

- “Quem pauta a mídia? [Indaga Zé Marques, em resposta sobre a qualidade do jornalismo brasileiro]. No caso brasileiro ainda é o jornal diário que pauta toda a mídia. Quem é que pauta a televisão e o rádio? É ainda o sistema do *Gillette press*. Quer dizer que, de qualquer maneira, ainda se tem o jornal como um fator de liderança do ponto de vista de formação de opinião pública” (*Protagonista*, 2009).

- “O que mudou no Jornalismo ? Tenho a convicção de que não houve alteração na sua essência, motivação e funda-

mentos. A necessidade social da informação não apenas persiste, mas vem crescendo, de forma cada vez mais transparente. Logo, informação e opinião continuam a ser procuradas por todos os cidadãos. O que mudou foi a natureza das demandas: além do arroz-com-feijão – notícias e comentários –, os novos cidadãos reclamam a explicação dos fatos – interpretação – e querem valores agregados – divertimento e utilidade (MARQUES DE MELO, aula inaugural em Blumenau, 2014).

- “[O novo jornalista] necessita dominar todas as linguagens midiáticas, argumentando com segurança verbal, mas sendo capaz de expressar-se oralmente e visualmente com a mesma desenvoltura da escrita. Mas isso não é suficiente. Ele precisa também assumir atitude empreendedora, deixando de ser um funcionário típico das empresas industriais para se converter num prestador de serviço, ágil e reflexivo a um só tempo” (LIMA, 2003).

- “O declínio da imprensa, ou melhor, seu ocaso situacional, durante o período de convivência com os novos meios de comunicação – cinema, rádio, televisão – até a fase da convergência – simbolizada pela internet – gerou impasses, do pré ao pós-guerra, preenchendo o cenário do século XX e projetando-se no século XXI. Na verdade, estamos na esteira de um furacão provocado pela transmissão de sons e imagens a distância, o que vem alterando substancialmente a face original do jornalismo, sem que tenhamos clareza dos seus desdobramentos. Daí a metáfora do pós-jornalismo, que significa nada mais, nada menos, que o fim do primado do jornalismo impresso para dar lugar a uma outra modalidade de jornalismo multimídia” (MARQUES DE MELO, aula inaugural em Blumenau, 2014).

- “Os jovens jornalistas possuem hoje [2000] uma melhor formação porque passam pela universidade, onde adquirem conhecimentos culturais, técnicos e científicos sobre a profissão. No entanto, são vítimas do atual estágio da universidade brasileira, que explodiu quantitativamente e implodiu qualitativamente. De qualquer maneira, os mais talentosos e os que possuem vocação profissional buscam superar tais deficiências, estocando conhecimentos que lhes garantem sucesso ocupacional e recompensa intelectual” (LOPES & GOMES, 2000).

- O jornalismo adquiriu maior complexidade, principalmente em função da convergência midiática e das transformações da sociedade. Precisamos, imediatamente, vencer a secular batalha pela inclusão educativa das maiorias incultas e iletradas que povoam o território nacional. Trata-se de criar e experimentar formatos jornalísticos que, potencializando as novas tecnologias, sejam capazes de catalisar o saber popular, estimulando o apetite cognitivo dos que estacionaram à margem da cultura impressa (MARQUES DE MELO, aula inaugural em Blumenau, 2014).

- “Eu lastimo a reiteração apocalíptica que tem predominado na produção acadêmica da nossa área, neste início de novo século, limitando-se a constatar as mazelas do nosso sistema de comunicação de massa, sem, contudo, ousar na formulação de propostas alternativas, seja para edificar políticas públicas, seja para respaldar empiricamente soluções inovadoras que possa ser protagonizadas pelas empresas ou pelos movimentos sociais. A maior carência denotada na pesquisa brasileira de comunicação é justamente a concepção de novos sistemas, produtos, gêneros e formatos midiáticos capazes de superar a ‘baixaria’ simbólica

dos conteúdos hegemônicos. Mas isso não significa desdenhar as legítimas aspirações culturais das classes populares, abrangendo também os segmentos situados dos bolsões de exclusão sócio-econômica. Pois suas demandas midiáticas permanecem estacionárias em patamares que correspondem à precariedade dos referentes cognitivos que a sociedade lhes destinou” (MARQUES DE MELO, 2006).

- “Cabe a esse segmento da comunidade acadêmica [a nova geração de educadores e investigadores do jornalismo], em sintonia com o mercado e a sociedade civil, romper as paredes do gueto universitário, repensando o esgotamento do nosso modelo de jornalismo. Só assim poderemos incluir cognitivamente o vasto contingente que o jornalista venezuelano Eleazar Diaz Rangel com muita sensibilidade denominou ‘pueblos subinformados’. Formar profissionais capazes de superar essa situação-limite e pesquisadores engajados na produção de conhecimento empírico, socialmente utilitário e culturalmente relevante, constitui o ponto de partida. Trata-se, afinal de contas, de romper a servidão intelectual que nos tem condenado a mimetizar padrões estéticos e reproduzir modelos forâneos, sempre de costas para o legado das gerações que nos precederam (MARQUES DE MELO, 2014, aula inaugural em Blumenau).

- “A área de comunicação é muito vasta, envolve setores dos mais diferenciados como jornalismo, publicidade, relações públicas, rádio, televisão, cinema, editoração. Quer dizer, é um campo multifacetado. O que aconteceu no Brasil foi uma certa distorção, eu diria, ‘comunicologizante’. Por quê? Porque essas profissões não são muito respeitadas pela Academia, que sempre encarou essas profissões como trabalhos técnicos e há muitos

jornalistas que acham que o que eles fazem é um trabalho técnico. Não é. O que menos tem em jornalismo é técnica. O que tem mais é criação, intuição, invenção” (*Protagonistas*, 2009).

- Encerramos este capítulo com a interpretação positiva e recente que Zé Marques dá ao fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo, além transcrever, do livro *Jornalismo Forma e Conteúdo*, a definição do que ele pensa sobre jornalismo cibernético e o conselho que ele dá para os estudantes que sonham em entrar no mercado de trabalho:

- A decisão do STF não revogou o “diploma”, mas sim o privilégio dos jornalistas diplomados para o exercício profissional. Em outras palavras: o STF sentenciou a linha divisória entre os cursos que oferecem competência profissional aos novos jornalistas e os que somente outorgam diplomas (MARQUES MELO, aula inaugural em Blumenau, 2014).

- “O *ciberjornalismo* tem significação mais ampla, incluindo todas as manifestações noticiosas de natureza virtual, ou seja, mediadas por suportes cibernéticos. Já *webjornalismo*, por sua vez, compreende aquelas manifestações informativas que fluem através da Web, incluindo os conteúdos armazenados, que funcionam como uma espécie de memória ativa. E jornalismo *on-line* corresponde ao jornalismo em tempo real, ou seja, aquele jornalismo da internet difundido instantaneamente, em ritmo veloz, pressupondo atualização contínua” (MARQUES DE MELO, 2009: 178).

- “Recomendo que fortaleçam intensivamente a competência cognitiva, através de leituras e experimentos laboratoriais, tendo em vista que ingressam na profissão numa conjuntura tumultuada pelas inovações tecnológicas e pelos impasses

que marcam a fisionomia da sociedade brasileira em processo acelerado de globalização. Ao mesmo tempo, é fundamental compreender a cultura em que estão imersos, principalmente suas raízes populares, na tentativa de estabelecer sintonia com as maiorias excluídas que dramaticamente começam a desfrutar o seu “lugar ao sol” no cenário político, alterando a correlação de forças dentro da nossa sociedade” (MARQUES DE MELO, 2009: 175).

14. Dando a volta por cima

*Depois que eu me chamar saudade, não preciso de
 vaidade. Quero preces e nada mais.*

Guilherme de Brito

Zé Marques que na juventude leu a obra de José Ingenieros e absorveu muito dos conselhos do filósofo argentino que anunciava: “vacilar no meio do caminho, é trair o pensamento” ou ainda, “toda criação é fruto da livre iniciativa e alcança o seu fim apoiada pelo sentimento de independência”. Ao longo de sua vida, Zé Marques logo aprendeu com seu guru da juventude, Ingenieros, que “não se corrige o mal com o mal, com a complacência ou cumplicidade”.

Indagado sobre os seus novos planos, com muita franqueza Zé Marques respondeu que não faz planos para o futuro, porque

a partir de uma certa fase da vida, ele passou a adotar a filosofia do compositor popular: “deixo a vida me levar’... ou sigo o conselho do *Profeta Kardec* (um colega de universidade) que repetia diariamente aos colegas que reclamavam da vida: ‘piores dias virão!’ Em síntese, sua [de *Kardec*] filosofia era a de desfrutar tranquilamente o dia de hoje, porque amanhã não se sabe o que vem”. Após estas explicações passou a detalhar a filosofia adotada:

Quando me aposentei no serviço público, cogitei parar de trabalhar para ficar em casa fazendo aquilo que mais me apetecia. Alternamos os descansos em Campos do Jordão (montanha) e Maceió (praia). Mas logo me cansei de tanto descansar. E voltei a trabalhar como assalariado (docente) e empresário (consultor). A empresa que mantive durante dez anos já está fechada e agora só dou consultoria voluntária e gratuita para instituições que me parecem idôneas. A docência ainda me apetece, mas começo a sentir que preciso parar. O difícil é achar o momento adequado (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2010).

Nos últimos anos, Zé Marques vem enfrentando com muita garra, disposição e certa dose de humor, mais uma fase difícil de sua vida. Constatou que, além da pressão alta que já o impedia de dirigir automóveis, vem sendo perseguido por uma doença cruel para quem é tão produtivo quanto ele: o Mal de Parkinson. Com muita determinação, Zé Marques vem enfrentando a doença que provoca rigidez dos músculos, dificultando o ato de caminhar e de escrever, por exemplo. Como costuma dizer,

ele provém de uma cultura nordestina rústica e, por isso, desde cedo, aprendeu a gerar mecanismos de resistência para sobreviver com dignidade. Sobre sua reação ao tomar conhecimento da doença, Zé Marque relata:

Dr. Parkinson me abalou muito quando recebi o diagnóstico. Tive a impressão de que estava no fim da linha. Depois, respirei fundo e enfrentei o desafio. Tenho um médico excelente, que me anima, mas também não cavila. Li bastante sobre a doença e adquiri consciência de que quanto mais ativo eu me mantiver mais sobrevida terei. Sei que a dosagem dos medicamentos vai aumentando gradativamente e causando efeitos colaterais. Que fazer? Se a pesquisa das células-tronco avançar, novas perspectivas vão surgir. Enquanto isso, trato de “sacudir a poeira e dar a volta por cima”. Sinto-me motivado para o trabalho intelectual, que é a chave do tratamento para os que possuem tal enfermidade. E tenho encontrado inteira solidariedade da família, dos parentes, amigos e dos colegas. Vou tocando o barco. Graça a Deus, não me sinto carta fora do baralho. Todo dia, embaralho as cartas e aposto no melhor. O difícil tem sido compatibilizar corpo e mente. Felizmente vou encontrando forças para não desistir. Procedo como minha bisavó, que viveu 106 anos sem perder a fleuma, mesmo sem os anéis, porque os dedos [magros] já não os seguravam... (Depoimento ao autor, 2010).

Para continuar produzindo como ele faz, a receita está contida numa resposta simples, direta e que nos serve de lição de

vida: “Sou disciplinado e sistemático. Já tomei notas. Hoje, tenho dificuldade na caligrafia. Mr. Parkinson me atrapalha: o que anoto fica ilegível! Recorro ao computador, enquanto consigo digitar. Por isso, quando me vem uma nova ideia, trato de digitar, embora possa descartá-la amanhã... Continuo a ter planos para o futuro. Isso é o que me mantém vivo. Talvez quando escassearem as ideias e faltarem projetos esteja chegando ao fim desta vida. Mas não faço disso um projeto” (Depoimento ao autor, 2009).

Zé Marques, como confessou em entrevista concedida a *Protagonistas da imprensa brasileira*, continua fiel à sua rotina diária: “de modo geral acordo às 4 horas da manhã. Leio até às 8 horas os jornais na internet. Fico sabendo de tudo que está acontecendo no Brasil e no mundo. E faço leituras porque, como continuo dando aulas, preciso estar bem informado perante os meus alunos. E não sobra tempo, evidentemente, para ler o que eu mais gosto, literatura. Faço isso nos fins de semana e nas férias. E tenho preferência por três gêneros: memórias, biografias e relatos de viagens. Mas também gosto muito de ler novela e romance. E vou dormir cedo, logo depois da novela” (*Protagonista*, 2009).

Das lições que extraiu de sua longa e dinâmica trajetória, Zé Marques já revelava, em 2003, que sempre preservou “um sentimento de otimismo em relação ao futuro, embora me entristeça a lenta mudança da sociedade brasileira. Como acadêmico tenho me dedicado a realizar estudos dentro da linha do pragmatismo utópico. Gostaria de ampliar o contingente de pesquisadores solidários com essa postura na tentativa de fortalecer a jornada em direção a uma sociedade onde predomina

minem os princípios da justiça, liberdade e bem estar” (LIMA, 2003.)

No ano de 2010, já em plena maturidade, aos 66 anos de idade, apesar das ameaças de Mr. Parkinson, Zé Marques reuniu forças para organizar, juntamente com Rossana Gaia, um livro completamente diferente de toda a sua obra: *Sertão Glocal: um mar de ideias às margens do Ipanema*, editado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas.

O livro, que tem prefácio assinado pela reitora Ana Dayse Rezende Dórea, foi lançado em Santana do Ipanema, durante a inauguração do Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas. Nesse livro sobre literatura santanense, ele reúne os seguintes escritores convidados: Aguinaldo Nepomuceno Marques, A. Bastos Marques, Djalma de Melo Carvalho, Edilma Acioli Bonfim, Enaura Quixabeira, José Gentil Malta Marques, José Geraldo Wanderley Marques, José Malta Fontes Neto, José Pinto de Araújo, Luís Sávio de Almeida, Luitgarde Cavalcanti Barros, Lúcia Nobre, Maikel Marques, Magnólia Rejane dos Santos, Marcelo Ricardo Almeida, Marcos Marques Pestana, Maria do Socorro Ricardo, Virgílio Wanderley Nepomuceno Agra.

Esse livro reúne o que Zé Marques denomina de diáspora santanense, apresentando um panorama literário do município de Santana do Ipanema que é conhecido como terra de poetas, contistas, dramaturgos, romancistas, contadores de histórias. Biógrafos, cineastas e historiadores. Vale ressaltar que, em setembro de 2009 ele publicou em *O Jornal*, de Maceió, um ensaio intitulado “Diáspora intelectual santanense: a vanguarda da terra espinhosa”, no qual ele sistematiza o contingente literário de Santana do Ipanema em três grupos: Vanguarda Ser-

taneja, Retaguarda Litorânea e Diáspora Nacional.⁶⁵ No artigo ele afirma que

a formação de diásporas intelectuais só pode ser compreendida num quadro de penúria cultural, que induz os jovens à emigração. Seus integrantes preservam laços orgânicos muito tênues com a terra de origem. Mas ela permanece como fonte de inspiração ou matriz geradora dos componentes sociológicos e geográficos que configuram as suas criações em prosa e verso. Se a era da imprensa não foi auspiciosa para a cultura santanense, a idade da internet vem favorecendo e estimulando o florescimento literário. Tais condições foram criadas no processo de transformação socioeconômica que o município experimentou na segunda metade do século XX, ultrapassando o estágio agro-pastoril, para se converter em pólo terciário, dinamizando o setor de serviços (MARQUES DE MELO, 2009).

65. De acordo com a classificação de Zé Marques, o grupo Vanguarda Seretaneja é composto por escritores com conservam vínculos permanentes com o ambiente: Clerisvaldo Chagas, Francisca Soares Farias, Goretti Brandão, José Malta Neto, José Monteiro Pereira, Raul Monteiro, Remi Bastos e Valdemar de Souza Lima. O grupo Retaguarda Litorânea é composto por aqueles que se transferiram para metrópoles regionais; Djalma de Melo Carvalho, Helio e Fabio Rocha Cabral de Vasconcelos, José Geraldo Wanderley Marques, Lucia Nobre, Luiz Nogueira Barros, Manuel Constantino Filho, Rossana Gaia, Tadeu Rocha e Tobias Medeiros. No grupo da Diáspora Nacional, composta por escritores que migraram para regiões distantes: Aguinaldo Nepomuceno Marques, Breno Accioly, Emmanoel de Oliveira Cavalcante, Fernando Nepomuceno Filho, Floro de Araújo Melo, Ivone Bulhões, Luitgarde Cavalcante Barros, Marcello Ricardo Almeida, Maria do Socorro Farias Ricardo, Morche Ricardo Almeida, Nireu de Oliveira Cavalcanti e Oscar Silva.

Para organizar o livro de literatura e produzir o ensaio sobre a diáspora intelectual santanense, Zé Marques teve que reler a obra dos pioneiros da literatura de Santana do Ipanema, dentre os quais estão Valdemar Lima, Tadeu Rocha, Oscar Silva e Breno Accioly. Com essa releitura imprescindível ele realizou um antigo sonho, pois conseguiu encontrar tempo em sua agenda cheia de compromissos. Aliás, administrar o tempo é uma de suas principais características, o que comprova o que afirmamos nos capítulos iniciais quando dissemos que ele é um homem rico, pois rico é aquele que tem tempo, considerando o provérbio popular de que “tempo é dinheiro”.

Apesar de tudo o que ele já produziu, Zé Marques segue adiante: “Já realizei tantas coisas que foram me atropelando... e conduzindo a escolhas imediatas. Meu sonho é ler um montão de livros que vou acumulando para quando tiver tempo. Agora, preciso priorizar os que faltam ler. O que me falta é tempo. Penso em me aposentar da Universidade, para fugir da rotina acadêmica, mas vou adiando... Até quando? Gostaria ainda de registrar minhas memórias,⁶⁶ mas tenho dúvidas sobre o interesse que elas podem ter para as novas gerações” (Depoimento ao autor, 2009).

66. No livro intitulado *Vestígios da travessia – da imprensa à internet – 50 anos de jornalismo*, lançado em 2009, Zé Marques faz um relato autobiográfico, destacando episódios da sua trajetória, percorrida entre a comunidade sertaneja e a metrópole globalizada. Ele apresenta ainda diferentes fases da sua atividade jornalística, desde quando ainda aprendiz à maturidade. Com esse livro, ele deu início ao registro de suas memórias. Com a publicação desta biografia, para a qual se dispôs a longos depoimentos, ele continua dando sequência ao que deseja ainda realizar.

Para se ter uma ideia do montão de livros que ele ainda quer ler, devemos lembrar que Zé Marques começou a colecionar livros quando ainda era estudante de graduação. Essa coleção inicial ele a perdeu, pois foi obrigado a se desfazer do que havia acumulado, “pois a polícia política sequestrava os livros dos acusados de subversão como prova da ideologia professada”. Quando a situação política se acalmou ele procurou readquirir o que havia perdido e quando se transferiu para São Paulo levou consigo um bom acervo. Ele não se considera um bibliófilo, pois essa categoria é formada por colecionadores de livros raros, mas considera-se “um bibliógrafo, no sentido de guardião do livro, colecionando obras de interesse para as minhas atuações, como professor e jornalista”. E assim Zé Marques formou vários acervos, alguns dos quais ele doou:

A biblioteca que formei nos anos 50-70, período da minha formação intelectual, inclusive a coleção norte-americana que formei durante o pós-doutorado em Wisconsin, foi inteiramente incorporada ao patrimônio da UMESP, passando a constituir o Acervo do Pensamento Comunicacional Latino-Americano, instituído em 1996. Era constituída por 10 mil exemplares, hoje franqueada à consultada dos interessados. A parte que preservei era integrada pela bibliografia dos anos 80/90, colecionada no apartamento onde residimos em São Paulo. Hoje esse acervo pessoal está estimado em outros 10 mil exemplares, assim distribuído: São Paulo – biblioteca comunicacional; Campos do Jordão – coleção brasileira, destacando-se dois segmentos: coleção alagoana e coleção pernambucana, além de três outras coleções

cuja leitura me gratifica especialmente: memória, biografias e viagens; Gonçalves (MG) – no sítio onde vive minha filha Silvana – biblioteca de ficção – romances, novelas e contos. No apartamento de Maceió, guardo novos livros alagoanos, de História a Literatura. Livros raros são poucos, especialmente primeiras edições autografadas pelos autores. (Depoimento ao autor, 2010).

Outro sonho de Zé Marques é o de promover uma aproximação entre a academia e o mercado. Ele se confessa desgostoso com a falta de diálogo entre academia e mercado, que “não se falam por preconceitos recíprocos e pela arrogância de seus principais protagonistas”. Apesar de não saber ainda o que fazer para promover este diálogo e quebrar as resistências, Zé Marques diz manter a esperança de que as novas gerações possam mudar esse quadro. Sobre essa situação, ele diz: “Uma coisa é certa: mercado e academia precisam acabar com seus pruridos, calçar as sandálias da humildade e sentar em torno de uma mesa (e de ideias) para fazer o que deles a sociedade brasileira inteira espera: um jornalismo melhor. Enquanto isso não acontecer, continuaremos menores”.

Para que exista um diálogo entre academia e mercado, Zé Marques afirma que seria preciso “acabar com essa arrogância de parte a parte, porque ela infelizmente existe. Mas a quem interessa a pesquisa que nós fazemos? Se não interessar para o mercado, vai interessar a quem?” (Protagonistas, 2009).

Há certo receio do acadêmico em depender somente da indústria. Eu acho isso um cacoete que precisa ser

eliminado. Ele tem a ver, também, com certa obtusidade do empresariado brasileiro que, no geral, é muito imediatista e não valoriza muito o trabalho da universidade para resolver problemas. Por exemplo, quando os empresários têm algum problema para ser resolvido, ao invés de procurarem a universidade, contratam uma empresa especializada para dar uma resposta imediata. Empresas tipo Ibope, Marplan, essas que trabalham com pesquisas de mercado de opinião, mas acho que as coisas têm que ser resolvida de lado a lado. Os acadêmicos precisam atentar mais para a solução de problemas, que se não são problemas imediatos das empresas são problemas da população. Eu falei há pouco sobre a questão do jornalismo de elite, e acho que nós devemos estimular no Brasil uma imprensa – no caso, jornal impresso e revista – que seja instrumento para matar a sede de cultura e a fome de ilustração dessas massas que estão distanciadas da informação diária. Porque, na minha maneira de ver, alimentar de informação somente por meio de meios audiovisuais não é suficiente para formar cidadania. Porque o processo antissocial das informações da televisão e do rádio é compulsório e não permite reflexão. Ou você fecha questão com o que está se passando ali, com uma sucessão enorme de fatos e acontecimentos, você tem uma saturação da informação. E você tem de estar atento o tempo todo nos momentos seguintes, diferente da leitura do jornal e da revista, que é uma leitura limitada, pausada, você pensa, volta. Isso é o que alguns teóricos como Marshall McLuhan e o próprio Anísio Teixeira, aqui no Brasil, chamam de fator civilizatório, de que só tem uma população civilizada quando ela tem capacidade de abstração mediante lei-

tura. E, ao mesmo tempo, também, liberdade de pensamento. Quando se está lendo, a leitura é individual, não é controlada por ninguém, já uma audiência dos meios audiovisuais, muitas vezes, é feita de forma comunitária, familiar, e há certa pressão do ambiente para orientar a captação das informações (*Jornal ANJ*, 2009).

15. Respeito ao pensamento dos outros

Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disse, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las.

Voltaire

A maior contribuição e ajuda que Zé Marques tem dado a todas as gerações, sejam de amigos, conhecidos, desconhecidos ou adversários, são suas atitudes, sua disposição para o trabalho, sua maneira de conduzir, de liderar e de produzir, demonstrando um fôlego e uma capacidade de trabalho que serve de exemplo para todos. Zé Marques não desiste de lutar por seus ideais, avançando e recuando quando necessário, aceitando as vitórias ou derrotas como resultados naturais do ambiente democrático.

Até parece que ele incorporou o pensamento de Alexandre Herculano que diz “eu não me envergonho de corrigir meus erros e mudar as opiniões, porque não me envergonho de raciocinar e aprender”. Zé Marques também não é de ficar se vangloriando das vitórias obtidas, nem tão pouco de ficar se lamentando e tentando encontrar responsáveis por possíveis derrotas ou metas não plenamente alcançadas, pois como ele tem conhecimento, Sócrates já dizia que “é costume de um tolo, quando erra, queixar-se dos outros. É costume de quem procura instrução, queixar-se de si mesmo”.

Demonstrando consciência do seu papel na sociedade, Zé Marques declarou, em depoimento a Vera Rodrigues (2003 e 2005): “Nunca hesitei, como cidadão, em defender francamente o que desejava para a minha sociedade e para o meu povo. Tudo isso está contido nos livros que escrevi. Consequentemente, acho que fui perseguido injustamente pelo governo militar, uma vez que jamais fiz proselitismo em sala de aula, nem induzi meus alunos a pensar da mesma forma que eu. Sempre me pautei pelo respeito ao pensamento dos outros, mesmo que deles discordasse frontalmente.”

Ao longo de sua trajetória de vida ele foi ajudado por muitos, mas ele também ajudou a tantas pessoas que fica difícil listá-las. Algumas são gratas e reconhecidas, outras nem tanto. Como ele diz ter agido por solidariedade, sem cobrar e sem esperar receber algo em troca, deixa que os próprios beneficiários reconheçam. “O que me gratifica é saber que muitas pessoas prestaram e continuam prestando relevantes serviços ao país. É uma pena que algumas se comportem de modo narcisista, outras sejam interesseiras e até mesmo oportunistas. Não me arrependo da

ajuda que dei a essas pessoas. Afinal de contas, ainda não existe um cartório que providencie antecipadamente folha corrida de mau caratismo” (Depoimento ao autor, 2010).

A Profa. Dra. Cícilia Peruzzo, ex-presidente da INTERCOM, traça, em poucas palavras, um perfil síntese de Zé Marques, mesclando a figura do ser humano, com suas qualidades e defeitos, com a figura do acadêmico, brilhante, visionário e exigente:

O homem José Marques de Melo, na vida acadêmica, é um ser único, um exemplar síntese do ser humano. Revela, ao mesmo tempo, mansidão e bravura, calma e impaciência, alegria e tristeza, ingenuidade e astúcia... mas, sempre guerreiro. Não se contenta com o que está sendo feito, mesmo que seja muito, e sempre está criando novos projetos e movimentando muita gente na direção de novas iniciativas. Neste sentido ele provoca a ação, joga novatos no mundo e abre portas para muitas pessoas. Eu mesma passei por isso. Uma provocação que me fez – nos idos dos anos de 1980 – me escalando para organizar uma mesa e fazer uma palestra num congresso da UCBC, sobre as Relações Públicas Populares, uma perspectiva que para mim era desconhecida na época, me ajudou a descortinar uma realidade, cujo assunto continuo trabalhando, do ponto de vista teórico. É um exemplo para mostrar que ele também sempre projeta, é um visionário. Por outro lado, é capaz de se emocionar com pequenas coisas, valoriza o trabalho e a competência dos outros. Cultiva amizades e valoriza o lado humano das pessoas. Mas, é também sorrateiramente implacável com quem perde a sua confiança. A tolerância às ‘sacanagens’ acadêmicas é apenas aparente. Mas, é um

ser político e sabe bem movimentar-se nos entremeios dos sinuosos corredores acadêmicos (PERUZZO. Depoimento ao autor, 2010).

Considerado como um dos ícones do jornalismo brasileiro, Zé Marques confessa que só se arrepende “de ações [equivocadas] e de omissões no transcurso dos anos. Isso corresponde a dizer que a maturidade vem me conduzindo a uma permanente autocrítica e uma humildade sincera. Procuo ser cada vez mais tolerante. E sempre que me arrependo de algo, peço desculpas aos meus interlocutores.”

Em sua maturidade, a que ele sempre se reporta, ele admite que, ao longo de sua vida, tem sido coerente no plano ético, embora no plano político-ideológico venha fazendo ajustes de atitude, sempre que se convence de equívocos ou inadequações: “procuo não ser impermeável a novidades ou inovações, respeitando o desejo dos outros de pensar diferente ou proceder de modo distinto.”

Reconhecido internacionalmente por seu trabalho, uma bibliografia de referência fundamental, Zé Marques nunca demonstrou impaciência com seus alunos e sempre procurou identificar aqueles que possam ajudá-lo na construção de novos projetos e de dar contribuições ao campo do conhecimento das comunicações. No livro *Vestígios da travessia*, 2009, Zé Marques desafia a nova geração dos profissionais do jornalismo “a proceder radicalmente, no sentido de buscar alternativas que correspondam às aspirações dos contingentes de famintos de cultura e sedentos de informação”.

Todos que conhecem o Prof. Dr. José Marques de Melo costumam afirmar sem hesitação: “Zé Marques não para!” Qual

seria a explicação para tanta energia, ideias e continuar sempre criando? Ele mesmo responde: “Parar significa terminar. O que faço é alternar ações, mudar de rumos, renovar, resgatar, fruir a vida. Honestamente, deixo a vida me levar”. Ao responder uma pergunta, numa entrevista concedida a Rosemary Bars Mendez, sobre qual o livro que ele gostou mais de escrever ele se abriu, pois escrever é a sua maior paixão: “É difícil escolher um livro dentre os muitos que escrevi. Geralmente estou apaixonado pelo livro que planejo escrever. Tenho tantos planos irrealizados que me sinto caminhando contra o tempo, sem lograr concluir o que falta. Talvez essa seja a chama que me dá alento para prosseguir gerando conhecimento novo” (MARQUES DE MELO, 2009).

Na entrevista que concedeu a Vera Rodrigues ele desabafou: “Eu sou uma pessoa otimista, que não guarda rancores, nem coloca mágoas na geladeira. Assim sendo, contabilizo aqueles momentos de constrangimento [perseguição política do regime arbitrário] na rubrica do passado. Espero que eles não voltem a se repetir, sob qualquer signo ideológico. O Brasil tem experimentado um rico período de fortalecimento democrático, do qual venho participando com entusiasmo e esperança” (RODRIGUES, 2003). Para ele “é difícil contabilizar derrotas porque elas fazem parte do cotidiano. Toda vitória vem pavimentada por derrotas que nos animam a continuar lutando. Quando desistimos da luta, então assumimos a derrota como um fato e não como acidente de percurso” (MARQUES DE MELO. Depoimento ao autor, 2009).

Em outra entrevista, concedida a Niumizia Suzana, em 24 de abril de 2006, publicada originalmente no jornal estudantil *O Berro*, da Universidade Católica de Pernambuco, e incluída

no livro *Jornalismo, forma e conteúdo*, Zé Marques confessou que “considero minha maior conquista haver desbravado o campo acadêmico do Jornalismo, defendendo em 1973 a primeira tese de doutorado no Brasil”. Em outra entrevista, concedida aos então estudantes de jornalismo Rochelli Dantas e Dirceu Pinto, da Associação de Ensino Superior de Olinda (AESO), em 2005, ele revelou que na opinião dele, “a melhor matéria que escrevi, ainda na juventude, foi a reportagem ‘Revolução cassa no São Francisco Maria Fumaça’, que me garantiu um lugarzinho na galeria dos agraciados com o Prêmio Esso de Jornalismo” (MARQUES DE MELO, 2009).

Pelo sucesso e o reconhecimento alcançado, nacional e internacionalmente, Zé Marques, dizem os amigos, paga um preço: o de ser invejado pelos medíocres. No entanto, ele não esmorece, reformula seus projetos e segue adiante, ocupando novos espaços, abrindo novos caminhos e sempre lutando para realizar seus ideais. Como diz o Prof. Dr. Adolpho Queiroz, referindo-se ao Zé Marques orientador acadêmico, mas cuja atitude se aplica a todas as situações, “por maiores que sejam as divergências e contradições, por mais difíceis que se apresentem as conjunturas internas e externas aos ambientes por onde transita, ele [Zé Marques] consegue ser o dono da última palavra” (QUEIROZ, 2003).

Quem também prestou depoimento sobre a simplicidade de Zé Marques foi o jornalista e escritor alagoano Carlos Cavalcante, ex-presidente da Casa da Imprensa de Pernambuco, que afirmou ter ficado sempre

impressionado com a forma gentil com que [Zé Marques] atendia as nossas ligações telefônicas (a internet

ainda dava os primeiros passos), como respondia quase que de imediato às cartas, convites e ofícios. Sua atenção é um traço importante de sua personalidade. Essa gentileza não era apenas com as entidades e colegas de Pernambuco, Estado que marcou sua vida, pois foi aqui onde graduou-se em Jornalismo (UNICAP), de onde foi também professor e de onde recebeu, em abril de 2010, o título de Doutor *Honoris Causa*. Foi também em Pernambuco, onde praticamente iniciou suas atividades profissionais, como integrante da primeira equipe do Governo de Miguel Arraes. Essa gentileza era fato comum a todos os colegas jornalistas e escritores e entidades afins. Esse era um fato sempre discutido entre os participantes de congressos nacionais e internacionais de jornalistas. Sou testemunha desse fato, pois tive a oportunidade de participar de dezenas de encontros de jornalistas, no Brasil e no exterior. [...] O Prof. José Marques de Melo, apesar de todos os cargos e homenagens, continua com a mesma simplicidade, solidariedade e atenção. Lembro-me de muitos jornalistas e estudantes que afirmaram ter ficado assustados quando receberam pauta para entrevistar o Prof. José Marques de Melo, diante de seu prestígio internacional, diante da interminável lista de livros publicados, mas que, cumprida a missão, saíram fascinados com a humildade, com as gentilezas demonstradas pelo mestre (CAVALCANTE. Depoimento ao autor, 2010).

É também Carlos Cavalcante quem relata que quando o procurou para comunicar que havia conseguido apoio da Universidade Católica de Pernambuco, por meio do então Reitor

Theodoro Peters, para editar o perfil dele, Zé Marques “fez de tudo para recusar a homenagem”, sugerindo que fosse escrito o do Prof. Luiz Beltrão, o que também foi aceito, mas sem se descartar o dele. O Reitor da UNICAP aceitou patrocinar os dois perfis. E assim, “no dia seguinte, para surpresa do Prof. José Marques, estávamos [Carlos Cavalcante e o jornalista Olavo Mares, já falecido] na Cátedra UNESCO de Comunicação, a fim de transmitir o apoio da UNICAP para a publicação dos dois perfis. Diante desse fato, não tinha mais opção, a não ser aceitar a homenagem. Ficou com a Profa. Maria Cristina Gobbi a responsabilidade de escrever o perfil de Marques de Melo.⁶⁷ O pesquisador Roberto Benjamin⁶⁸ aceitou sem hesitar o convite para escrever a biografia de Luiz Beltrão” (CAVALCANTE, depoimento ao autor, 2010).

67. GOBBI, Maria Cristina (Org.). *Grandes Nomes da Comunicação: José Marques de Melo*. Recife: UNICAP: Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001.

68. Roberto Benjamin, além de ter sido discípulo direto de Luiz Beltrão de Andrade Lima, é pesquisador-docente da área. Ele é considerado um dos maiores teóricos da folkcomunicação, além de ser presidente da Comissão Pernambucana de Folclore e livre docente do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais estão: *A contribuição de Luiz Beltrão à teoria da comunicação* (1978); *Folkcomunicação no contexto de massa* (2000).

16. Moto perpétuo

Decepções e frustrações são corriqueiras às pessoas vitoriosas, porque tiram proveito de todas as situações contrárias ao seu sucesso.

Helgir Girodo

No ano de 2013 José Marques de Melo completou 70 anos de idade, dos quais 55 anos foram dedicados ao Jornalismo e à Comunicação Social. Para comemorar a data, a INTERCOM lançou dois volumes da *Fortuna Crítica de José Marques de Melo* (“Jornalismo e Midiologia” e “Teoria e Pedagogia da Comunicação”), contendo um inventário de sua produção em livros. Simultaneamente foi iniciada a preparação de uma publicação em formato e-book, da coleção do Instituto de Estudos Latino-Americanos (Ilas), da Universidade do Texas, em Austin, reunindo seus textos publicados em inglês.

Na introdução aos volumes da Coleção Fortuna Crítica, os organizadores da obra (Iury Parente Aragão, Osvando J. de Moraes e Sônia Jaconi) dizem:

Este primeiro volume apresenta-se com 37 textos de autores que escreveram sobre determinada obra de José Marques de Melo, priorizando dois pontos: o conteúdo do livro e o perfil biográfico do autor. Tal direcionamento objetivou atingir, no final, apresentar textos que apontam a relevância da obra comentada para o campo a comunicação e, conseqüentemente, e também a contribuição de Marques de Melo para o avanço das pesquisas e para a formação de fontes de consulta aos que delas desejam se servir.

[...] Nessa medida, os dois volumes ambicionam juntar a fortuna crítica das obras de José Marques de Melo e, dessa forma, tornarem-se mais uma fonte de consulta biobibliográfica a estudantes, pesquisadores e profissionais da área da comunicação. Neste volume [Vol. II], três áreas bastante observadas por Marques de Melo foram contempladas. Teoria da Comunicação, Pedagogia da Comunicação e Folkcomunicação. Portanto, os textos aqui agrupados ajudam a compor o mapa intelectual desse arauto da comunicação.

Entre 2010 e 2014 a produção acadêmica de José Marques de Melo foi tão intensa que seria impossível aqui registrarmos todos os livros, capítulos de livros, antologias organizadas e artigos publicados no Brasil e no exterior. Foram mais de 30 livros

e 40 capítulos de livros. E tudo isso representa, de fato, o que o título deste capítulo pretende transmitir, pois Zé Marques não para de produzir. Exatamente por isso, neste capítulo vamos nos concentrar em alguns dos livros, que marcam a presença paradigmática. Durante esse período ele também recebeu cerca de 20 homenagens, prêmios e honrarias. Dentre os mais importantes prêmios e homenagens destacam-se:

- Personalidade Brasileira do Ano 2011 no Campo da Comunicação – Premio outorgado pela Mega Brasil, baseada em pesquisa feita junto aos profissionais de todo o país;
- Presidente Honorário da Confederação Ibero-americana de Sociedades Acadêmicas e Científicas de Comunicação. Distinção aprovada por unanimidade pela Assembléia Geral da CONFIBERCOM, por ocasião do I Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana, realizada em São Paulo, em agosto de 2011;
- Prêmio Iberoamericano de Teoría de La Comunicación, outorgado pelo Consórcio de Instituições Acadêmicas e Empresariais da Espanha e da América Latina que atuam no campo comunicacional. Entrega pública feita pelo Reitor da Universidade de Oviedo, Espanha.
- Prêmio Braskem de Jornalismo 2012 – Medalha Denis Agra, a maior honraria dos jornalistas alagoanos. A indicação foi feita pelo Sindicato dos Jornalistas Alagoanos com o apoio da Braskem.
- Professor Emblemático – Diploma expedido pelo Diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo – São Bernardo do Campo, 2012.
- A Ordem do Mérito dos Palmares - comenda outorgada pelo Governo de Alagoas.

Dentre as inúmeras homenagens recebidas, com toda a certeza, o Prêmio Jabuti 2013, que lhe foi outorgado pela Câmara Brasileira do Livro (CNL), foi a que mais deve ter lhe emocionado pois é um reconhecimento a um dos seus filhos diletos, o livro *História do Jornalismo- Itinerário crítico, mosaico contextual*, considerado como o melhor do país na área da Comunicação, publicado pela Editora Paulus, em 2012. Observe-se que, por sua abrangência, o Jabuti é considerado como o maior prêmio concedido a um livro no Brasil.

Em *História do Jornalismo- Itinerário crítico, mosaico contextual*, o autor pretende subsidiar o trabalho didáticos dos professores e o aprendizado dos alunos. No livro premiado, Zé Marques

construiu três conjuntos narrativos que focalizam os processos jornalísticos, as conjunturas que os determinaram e os sujeitos que fizeram seu resgate. Sua aspiração é estimular a pesquisa histórica do jornalismo, tanto nos cursos de graduação quanto nos programas de pós-graduação, contribuindo para a interpretação comparativa das articulações entre o jornalismo e as demandas da sociedade.

Em 2013, no dia 27 de outubro, ele foi convidado especial da Bienal Internacional do Livro de Alagoas 2013, da qual já foi patrono na edição de 2009, para lançar e autografar o livro premiado com o Jabuti 2013. Uma mesa-redonda, denominada “JMM 70” foi realizada durante a Bienal com a participação dos escritores Luitgarde Barros e Douglas Apprato. Foi ainda durante a Bienal de Alagoas que Zé Marques também participou do lançamento

da obra de referência *Pens@acomalagoas – Dicionário Histórico Biobibliográfico de Pensamento Comunicacional Alagoano*.

Além destas e outras, no decorrer do ano de 2014, o professor doutor José Marques de Melo receberá homenagem da comunidade Ibero/afro/americana em abril pelos relevantes serviços prestados às ciências da comunicação. A homenagem será feita na forma do “Colóquio Marques de Melo” a ser realizado no dia 12 de abril de 2014, na Faculdade de Comunicação da Universidade de Vigo, na Espanha. Neste ano ele também receberá homenagem especial pelos 50 anos de formatura como Bacharel em Jornalismo pela UNICAP, em Recife.

O opúsculo da arrancada inicial

A partir dos 15 anos de idade Zé Marques iniciou suas andanças pela área da comunicação promovendo movimentos contínuos, com velocidade e produções cada vez maiores. Desde então, de modo constante, sua produção intelectual tem crescido como se infundável fosse. Todas as circunstâncias, passadas e atuais, que envolveram e envolvem aspectos da vida dele, contribuíram para nos revelar um homem brilhante, com capacidade invejável de perceber coisas que a maioria dificilmente perceberia. Ele sempre esteve preparado para aproveitar as oportunidades, pois, como disse Louis Pasteur “o acaso só favorece a mente preparada”.

Sua produção acadêmica começou com um opúsculo de 14 páginas, intitulado *Da Responsabilidade social do jornalismo*, pu-

blicado como o primeiro da Série Documentos, do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), em Recife, no ano de 1965. Nessa publicação está contido o discurso que ele pronunciou na condição de orador da Turma, durante a solenidade de colação de grau dos Bacharéis de Jornalismo de 1964, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

O opúsculo foi lançado durante a realização do I Curso Nacional de Ciências da Informação. Promovido pelo ICINFORM com a colaboração da SUDENE e de outros órgãos públicos do Nordeste. Apesar de não constar entre as obras do autor no currículo da Plataforma Lattes, podemos inferir que foi com a publicação deste livreto que a produção acadêmica de Zé Marques foi iniciada. De certa forma, foi a partir da publicação desse opúsculo, que Zé Marques de Melo foi estimulado por seu antigo mestre Luiz Beltrão, a tomar gosto pela pesquisa e principalmente pela publicação de livros.

Considerando o contexto político e social do país no ano de sua diplomação, ano do Golpe Militar de 1964, o discurso de formatura pronunciado por Zé Marques foi corajoso ao denunciar os atentados contra a liberdade de imprensa pelo poder político e as pressões econômicas no sentido de exercer o controle da mídia:

No momento atual [1964] o jornalismo brasileiro atravessa um período de crise. Crise, aliás, que é uma consequência da nossa condição de subdesenvolvimento, e que deriva de instabilidade política e econômica da nação. De um lado, vemos a pressão do poder político efetuando atentados à liberdade de imprensa, não obs-

tante o dispositivo constitucional que declara “É livre a manifestação do pensamento, sem que dependa da censura”. De outro lado, vemos a pressão dos anunciantes e o controle dos nossos veículos de informação por poderosos grupos econômicos estrangeiros, o que representa uma investida atentatória à soberania nacional. Aliás, fatos dessa natureza têm sido denunciados largamente, sobretudo a partir de exemplos palpáveis como o controle dos veículos de difusão nos períodos eleitorais, sem que o poder público tenha tomado quaisquer providências para sanar esse mal. Nesse sentido é que o economista Celso Furtado, reconhecendo as consequências nefastas provocadas pelo desvirtuamento dos objetivos da imprensa nacional, a serviço de grupos alienígenas, advertia com muito acerto: “Devemos ter um estatuto legal que discipline a ação do capital estrangeiro, subordinando-o aos objetivos do nosso desenvolvimento econômico e da independência política. Deve o governo dispor, ainda, de meios para conhecer os recursos aplicados nos órgãos que orientam a opinião pública (MARQUES DE MELO, 1965, pp. 12-13)

Nesse opúsculo, Zé Marques reconhece que a solenidade de formatura em jornalismo “significa também um marco para a própria vida social e política da região”, pois citando Walter Ramos Poyares, “nada contribuirá mais decisivamente para que a imprensa se torne respeitável do que o levantamento do nível da formação dos jornalistas”. Ao longo do texto Zé Marques deixa claro ter consciência de que o jornalismo brasileiro atravessava um período de crise como consequência do subdesenvolvimento, derivado da instabilidade política e econômica. E exatamente

por isso condenou as pressões e atentados políticos e econômicos contra a liberdade de imprensa.

Em seu discurso, ele identificou o período de sua formatura como o período de transição entre o jornalista boêmio e o jornalista profissional. O período no qual o jornalismo romântico entrou em declínio cedendo o espaço ao jornalismo mais técnico e destinado a informar e a formar opinião. Considerando-se como um Técnico em Informação, ele destacou mais uma vez a importância da formação de nível superior dos jornalistas ao exortar os novos jornalistas:

Meus colegas: a responsabilidade que assumimos neste momento histórico é de profunda significação. Ao dizer: “Eu creio no Jornalismo como profissão a serviço do bem comum, da justiça e da verdade”, cada um de nós aceita uma tarefa memorável na luta pela construção de uma sociedade cada vez mais justa e mais humana. Pois, como diz o prof. Raymond Nixon, catedrático de Jornalismo da Universidade de Minnesota, dos Estados Unidos: A influência da imprensa junto à opinião pública torna-se mais responsável e decisiva. O próprio desenvolvimento econômico e social dos povos está sujeito, em grande parte, à orientação criteriosa que lhes é proporcionada pelos homens que têm em suas mãos os recursos para a divulgação dos fatos e das ideias (MARQUES DE MELO, 1965).

O texto do discurso de formatura representa a gênese, o marco referencial, o início de um pensamento do qual se originou a maior parte dos estudos e publicações acadêmicas de Zé

Marques. Esse opúsculo, com o discurso pronunciado em 1964, evidencia ainda que, desde aquela época ele já tinha pleno domínio conceitual e teórico do campo do jornalismo e que dialogava com os principais autores nacionais e estrangeiros do setor, demonstrando intimidade com o conteúdo abordado em suas respectivas obras, inclusive os clássicos. Ele também tinha plena consciência da época de transição e expansão do jornalismo, da indústria cultural e a formação de cadeias e redes nacionais e regionais.

Desde o seu discurso de formatura que Zé Marques evidencia sua preocupação com a formação do jornalista e com o ensino do jornalismo. Duas coisas às quais ele tem dedicado sua vida profissional ao longo dos últimos 56 anos, o que demonstra coerência de pensamento e o quanto ele já estava consciente do problema àquela época. No ano de 2012, por exemplo, no livro de sua autoria, *História do Jornalismo*, ele continuou defendendo a opinião de que o ensino do jornalismo precisa ser repensado para superar distorções existentes nos processos de produção e difusão jornalística. Para ele, precisamos:

- 1) Romper a tradição gutenberguiana que nos tem mantido prisioneiros dentro de estruturas tecnologicamente anacrônicas que ainda governam a lógica dos processos de ensino-aprendizagem. Precisamos potencializar os recursos oferecidos pelas novas tecnologias digitais, formando profissionais vocacionados para produzir conteúdos jornalísticos de interesse das maiorias iletradas, que permanecem excluídas do banquete civilizatório [...] 2)- Ultrapassar a caricatura balzaquiana que nos tem induzido a privilegiar a forma-

ção aristocrática de jornalistas comprometidos com os interesses das elites cultas ou medianamente educadas. Precisamos engendrar estratégias discursivas sintonizadas com o repertório das populações subinformadas e aplicar táticas motivadoras do apetite cultural daqueles bolsões marginalizados da sociedade de consumo. [...] precisamos tomar como referência a Cultura Popular, ao invés de persistir no domínio exclusivo da Cultura Erudita (MARQUES DE MELO, 2012, p. 136).

Como discípulo de Luiz Beltrão, José Marques de Melo seguiu os passos dele no que diz respeito à sistematização do conhecimento estocado na literatura da área e como resultado disso hoje exhibe em seu extenso currículo inúmeros livros publicados e instituições criadas. Como Luiz Beltrão dialogava e transitava entre autores paradigmáticos de sua época, Zé Marques, também, de maneira mais intensa, passou a ser reconhecido internacionalmente pelo trabalho consistente em benefício da área da comunicação em geral e do campo do jornalismo em particular.

No discurso de formatura, pronunciado em 1965, ele evidenciava suas preocupações com o jornalismo. Em 2009, ao escrever a apresentação de um de seus livros, *Jornalismo Forma e Conteúdo*, ele registrou novamente suas preocupações com as tendências do jornalismo:

Vivemos uma conjuntura marcada pela presença de novos interlocutores interferindo na cena jornalística. Além da vigilância exercida pela cidadania, começa a ter peso a avaliação de desempenho feita metodicamente pelos observatórios midiáticos ou pelos ouvidores dos

usuários da mídia. Avulta também corrente que, ancorada nos espaços acadêmicos ou nos movimentos sociais, reivindica a hegemonia da crítica radical (MARQUES DE MELO, 2009: 15).

E assim ele continua transformando seus projetos em realidade, sempre desafiando os pesquisadores e amigos mais próximos realizar novos projetos, alguns tão amplos que podem fazer com que alguns não acreditem na possibilidade de realizá-los, mas quando se analisa sob o ponto de vista de que a proposta partiu de Zé Marques, ninguém tem dúvidas quanto à realização ou concretização do projeto, pois tudo é possível.

Como disse Albert Einstein “algo só é impossível até que alguém duvide e acabe provando o contrário”. E Zé Marques tem feito coisas impossíveis. Foi assim com o projeto da *Enciclopédia Intercom de Comunicação*, um mega projeto editorial no qual ele conseguiu mobilizar e comandar mais de mil pesquisadores por todo o país. A enciclopédia hoje é uma obra de referência, pois resgatou a singularidade do pensamento comunicacional do Brasil.

Outro projeto ambicioso, publicado em 2013, e que foi lançado durante o XXXVI Congresso da INTERCOM, em Manaus, foi o livro *Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira*⁶⁹, uma obra que ele idealizou e organizou juntamente com Guilherme Moreira Fernandes. Trata-se de um livro com 1.100 páginas, nas quais são apresentados textos clássicos sobre as re-

69. MARQUES DE MELO, José & FERNANDES, Guilherme Moreira. *Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013. Livro com 1.100 páginas no formato 16 X 23 cm.

lações entre cultura popular e processos comunicacionais, com introduções feitas por pesquisadores da folkcomunicação em atividade em diversas regiões do Brasil. Para Zé Marques este livro é uma prova de que “os estudos de Folkcomunicação têm se mantido em constante sintonia com o espírito do tempo. Sem perder de perspectiva sua vocação popular, seu compromisso com a superação da marginalidade social. A metamorfose tem sido, portanto, uma característica permanente da sua trajetória”.

Quem transita próximo da área de influência de Zé Marques sabe que além de senso crítico sintonizado com a realidade ele sempre tira uma ideia brilhante da algibeira e envolve todo mundo que queira trabalhar na concretização dos projetos sonhados. Agora, ele sonha em resgatar o pensamento comunicacional latino-americano, que se desataca pela capacidade inovadora e criativa. Como ele disse numa exposição em Bogotá, em 2010:

Sem assumir um comportamento xenófobo, chegou o momento de reconhecer que a América Latina possui um legado comunicacional de boa qualidade, reconhecido e respeitado internacionalmente. Se trata, agora, de fortalecê-lo e fazê-lo avançar, ocupando o espaço, que é nosso, no atlas mundial das ciências da comunicação.

A importância da televisão

Muito tem sido publicado sobre a participação de Zé Marques no que diz respeito ao jornalismo, mas ele tem a mesma

importância no que se refere especificamente à televisão. No ano de 2010, Zé Marques lançou um livro, intitulado *Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção*. Nesse livro ele reconhece que cresceu na civilização da palavra impressa, sentindo-se como se fosse “peixe fora d’água” ao trabalhar com a temática da imagem e do movimento. Primeiro, diz ter convivido com o cinema, depois, presenciou o desenvolvimento da televisão, observando a maneira de “sua inserção cada vez mais intensiva na vida cotidiana do planeta”, percebendo “como é difícil assimilar valores e rotinas que rompem com a linearidade”.

Seus estudos empíricos, com certeza privilegiaram o jornalismo impresso, mas com o tempo a televisão também se impôs na trajetória do pesquisador. Tenha sido ou não em função das circunstâncias, como ele sugere, o importante é que sua presença nos setores foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa sobre a televisão, o nosso maior veículo de massa.

Ao realizar um balanço de sua própria produção acadêmica, ele afirma ter constatado que os estudos que fez na área televisiva foram eminentemente conjunturais, “denotando intervalos periódicos, descontinuidade temática e algumas vezes ajustes analíticos”. Entretanto, os textos que ele reuniu no livro em questão traduzem o quanto a participação de Zé Marques foi importante no sentido de se também construir uma bibliografia especializada sobre a televisão brasileira. Ao ler o livro pode-se constatar que desde o primeiro momento ele esteve presente, envolvido, estimulando organizando, participando, propondo e orientando estudos sobre a televisão brasileira.

O interesse de Zé Marques pelo fenômeno televisivo no Brasil data da década de 1960 do século passado, quando realizou,

em 1967, um estudo exploratório de recepção das telenovelas na cidade de São Paulo, quando professor e responsável pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, constatando, baseado nos conceitos formulados por “Morin (“concepção lúdica da vida”), Riesman (“Multidão solitária”) e por Marcuse (“apatia política”) que a telenovela tinha se transformado “numa espécie de ‘ópio do povo brasileiro’ numa conjuntura tipicamente repressiva (o período compreendido entre o golpe militar de 1964 e o golpe dentro do golpe de 1968”.

O fato de ter trabalhado no Instituto de Estudos Econômicos, em 1966, supervisionando pesquisas de veiculação de anúncios para a televisão, permitindo-lhe compreender as implicações persuasivas da televisão, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do interesse de Zé Marques pelo veículo de massa. Ele também foi um dos primeiros professores a ensinar disciplinas de telejornalismo, na USP e na Cásper Líbero, além de ter sido também um dos responsáveis pela criação e implantação de um núcleo de estudos de telenovelas na USP.

Se isso não bastasse, foi ainda na década de 1960 que Zé Marques publicou seus primeiros livros abordando temáticas relacionadas com telejornal e telenovela, além de ter contribuído diretamente com a publicação de inúmeros outros livros, de autores variados, sobre televisão, quando dirigiu uma coleção de comunicação da Editora Vozes. Da década de 1960 para cá ele tem publicado livros e dezenas de artigos sobre vários aspectos da televisão.

Apesar de não ter sido a intenção dele, esse livro, acaba sendo também um resgate da contribuição e envolvimento pessoal

dele no desenvolvimento da produção acadêmica da área. Com esse livro sobre a televisão brasileira, Zé Marques faz uma reflexão crítica inteligente, onde se destacam o rigor argumentativo, a clareza das ideias e o valor didático.

O resgate da memória alagoana

Entre a primeira edição, lançada em 2010, e o ano de 2014, data da segunda edição deste *O Guerreiro Midiático – biografia de José Marques de Melo*, ele tem procurado, depois de ter construído nome nacional e internacional, saldar um “débito intelectual” para com o seu estado natal, Alagoas. Mesmo estando ausente do território caeté desde os anos 1960, ele não perdeu os laços efetivos com o seu povo e a sua cultura. Nos últimos anos, tem se dedicado a colocar Alagoas na agenda investigativa dele, tendo publicado inúmeros artigos e ensaios voltados à preservação do ethos alagoano.

O resgate do “débito intelectual” que Zé Marques tem procurado fazer nos últimos anos, atingiu o ápice, em 2013, com a publicação do livro *Alagoas na Idade Mídia*, que possui três eixos temáticos: 1) Província, no qual apresenta um inventário dos pensadores comunicacionais Alagoanos; 2) Aldeia, no qual ele resgata o passado, esboçando o presente; e 3) Tribo, no qual ele aborda a história da própria família. Os três eixos são constituídos por textos prioritariamente de origem jornalística, produzidos a partir de motivações as mais variadas. Os artigos e os eixos temáticos se completam de modo a configurar o título da obra.

Se reunir artigos e reflexões foi um desafio, o resultado se configura como um inventário prolífero e histórico, por meio do qual Zé Marques coloca Alagoas na geografia comunicacional do país, tendo em vista, principalmente, o fato de que ele resgata a identidade jornalística alagoana por meio da memória da imprensa e a construção da história da mídia de Alagoas, tendo como pano de fundo os perfis biográficos dos homens que participaram dessa história. A identificação do acervo bibliográfico e das personalidades que contribuíram para a construção da cultura alagoana, da identidade caeté, é como ele, mesmo diz: “o mapa da mina para o resgate do elo perdido”.

Além de fazer o resgate histórico e preservar a memória, um dos méritos desse livro, *Alagoas na Idade Mídia*, é o de inserir Alagoas, os jornalistas e intelectuais alagoanos no cenário nacional, fazendo o link de suas contribuições para com as ciências da comunicação. Com esse livro, Zé Marques enriquece conteúdos, contextualiza fatos e acontecimentos, além de motivar os mais jovens a dar continuidade à pesquisa por ele iniciada e ou estimulada. Com esse livro, ele mostra o caminho das pedras e nos dá o exemplo de como proceder no sentido de encontrar no passado a força para a construção de nossa identidade. Ele confirma o fato de que uma memória resgatada é a condição mínima para a manutenção da identidade cultural na nação caeté e da inclusão da sociedade alagoana no espaço midiático.

Como homem inquieto e perspicaz, que reflete e questiona, durante todo o tempo, sobre o que, como e por que fazer, Zé Marques, ao longo de sua vida e obra multifacetada, tem nos mostrado o que deve e o que ainda precisa ser feito no campo da comunicação. Ao denominar cada eixo temático com pala-

vas chaves (Província, Aldeia e tribo) ele nos remete a um dos ícones da comunicação, Marshall McLuhan, que já nos alertava com os seguintes pensamentos:

Quando confrontados com uma situação inteiramente nova, tendemos a ligar-nos aos objetivos, ao sabor do passado mais recente. Olhamos o presente através de um espelho retrovisor. Caminhamos de costas em direção ao futuro. [...] O nosso é um mundo inteiramente novo de simultaneidade. O “tempo” cessou, o “espaço” sumiu. Vivemos agora uma aldeia global... um acontecer simultâneo (MCLUHAN, 1969).

A leitura dos últimos livros de Zé Marques, publicados entre 2010 e 2014, nos obriga a navegar em múltiplos links que ele faz com suas obras anteriores e com a de outros autores, os mais variados. Ao lado de seus perfilados, Zé Marques é, ao mesmo tempo, observador participante, agente da narrativa e intérprete das leituras feitas a partir de seus condicionamentos, hábitos e experiências. Ele identifica a identidade cultural, os aspectos peculiares da diáspora caeté. A contribuição de cada intelectual/jornalista citado é construída a partir do reconhecimento de uma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos e pessoas, tendo em vista que a memória do grupo baseia-se na afirmação de sua identidade.

Ao mapear as características e tendências da memória caeté, Zé Marques alinha questões e levanta discussões a partir de um referencial intelectual local, que também é nacional e global. A maior contribuição da preservação da memória é o fato de que

só assim se pode construir e valorizar a história de pessoas e lugares. Ao resgatar as contribuições de cada personalidade abordada, ele constrói uma identidade alagoana consistente com a determinação da diáspora caeté. E para tanto, ele identificou raízes e penetrou no âmago da história, pois Zé Marques tem consciência de que a memória e um elemento constituído do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.

Como esse livro Zé Marques parece ter resgatado o “débito intelectual” que nutria com sua terra natal, além de ter identificado a cidade de Santana do Ipanema, onde tudo começou para ele, como o “espaço de confluência simbólica”, além de ter constatado os sinais positivos da tecnologia moderna, no tempo presente do sertão, um sertão glocal que está emergindo como espaço geocultural, no qual a internet tem ocupado espaço e contribuído para a modernidade. Em resumo, pode-se afirmar que Zé Marques conseguiu com esse livro atingir o que queria: resgatar a autoestima alagoana e santanense.

No entanto, ele continua querendo mais e possui outros livros no prelo. Tive acesso, por exemplo aos originais de *O Jornalista Arnon de Mello*, no qual Zé Marques consegue dar nova aula de jornalismo, usando o perfil de um jornalista “de fino trato”. De maneira sintética ele avança no tempo e na apresentação de fatos da vida desse jornalista e político alagoano que foi governador e senador. O conhecimento da personalidade e do labor jornalístico de Arnon de Mello realmente foi apagado ou desvirtuado por preconceito e vários outros motivos, mas Zé Marques resgata, em uma centena de páginas, o perfil e as contribuições dele ao jornalismo, pois “não pretendi fazer um perfil do político e sim focalizar uma etapa da trajetória do jornalista”.

O trabalho de Zé Marques atende perfeitamente ao que se propõe além de passar, quando publicado, a compor bibliografia obrigatória para futuros jornalistas e de todos aqueles que querem conhecer melhor a história do jornalismo brasileiro, seus principais mentores e, em particular, a história da imprensa alagoana. O original estava pronto em 2011 e o livro não foi ainda publicado pois, segundo o próprio autor, “como se trata de um personagem provinciano, creio que não haveria interesse de publicar em praças maiores, mas estou negociando em Alagoas”. Espera-se que ele consiga, pois é mais uma obra que virá para somar e esclarecer, além de completar o “débito intelectual” que ele assumiu para com Alagoas.

Obstinado ou predestinado?

Escrever a biografia de José Marques de Melo, buscando identificar o homem por trás de sua obra, foi o que tentamos fazer neste livro. Ele se considera gratificado pela vida. Mesmo distante da região onde nasceu, ele soube preservar a identidade cultural que contribuiu para o fortalecimento de sua personalidade, sem nunca ter se sentido compelido a renunciar ao legado de seus ancestrais. Como homem, a trajetória de vida de Zé Marques é o resultado da herança cultural, das experiências e das circunstâncias que ele viveu.

Podemos afirmar que a trajetória de vida de Zé Marques, um exemplo para todos nós, é a história vitoriosa de um sertanejo resistente que soube montar no *cavalo selado* que passou à

sua frente, não desperdiçando as oportunidades, pois, em sua cavalgada, se transformou num cientista, num líder acadêmico, produtor e organizador de conhecimento, contribuindo, com seu trabalho obstinado, para o desenvolvimento, consolidação e identidade da área das comunicações. O sucesso alcançado não modificou o seu modo simples de ser, de defender seus ideais e de se relacionar com a sua família, com autoridades, cientistas, pesquisadores, professores ou com os jovens estudantes, a quem sempre soube dedicar atenção e estimular o potencial

Apesar de Zé Marques negar, as evidências apresentadas nesta biografia nos levam a concluir que ele é um **predestinado** e não apenas um ser **obstinado** como ele acredita ser, a exemplo do que foi sua avó Eufrosina. Ele procura defender a livre circulação de ideias, garantindo a pluralidade e a diversidade de alternativas, mas “não abduco do direito à autodeterminação e do dever de projetar nossas identidades no cenário mundial”. Ele não se considera nem vencedor, nem derrotado, mas reconhece já ter sido mais combativo. A verdade é que ele, todos os dias, nos passa a noção exata sobre o que pode ser feito com dedicação e disciplina. O que se espera dele é que continue a ser o farol do campo comunicacional brasileiro e a produzir com a clareza consciência contextual que lhe é peculiar. Em síntese, este é José Marques de Melo, um guerreiro midiático, um líder, cuja história de vida deve ser conhecida, difundida e admirada por todos.

17. Iconografia

Caderno iconográfico: Legendas das fotografias para o livro da biografia de José Marques de Melo



Foto 1 – Maria José Rodrigues Firmo de Melo (94 anos) – bisavó paterna



Foto 2 – Eufrosina Wanderley Marques (80 anos) – avó materna



Foto 3 – Jorge Firmo de Melo
– avô paterno de José Marques
de Melo



Foto 4 – José Marques de Melo
aos 15 anos de idade.



Foto 5 – Iveta Marques de Melo
(59 anos) – mãe de José Mar-
ques de Melo



Foto 6 – Leuzinger Alves de
Melo (29 anos) – pai de José
Marques de Melo



Foto 7 – José Marques de Melo,
aos 45 anos de idade



Foto 8 – José Marques de Melo
aos 60 anos



Foto 9 – Residência da Família Marques de Melo, construída nos
anos 40 e transformada em hotel nos anos 50.
(Santana do Ipanema, Alagoas)



Foto 10 - Foto da turma do Curso de Admissão ao Ginásio (1953), tendo ao centro, na primeira fila, a professora Maria Audite Wanderley, ladeada pela secretária Melânia Oliveira (de óculos). Sentados, da esquerda para a direita: JMM (aos 10 anos de idade) e seus colegas: Byron Lucena e Gheisa Farias, bem como Junia (ao lado direito de D. Audite) e Maria Soares (na extrema direita). Em pé, na fila de trás, da esquerda para a direita: Maria Leite, Renilda, Bernardete, Marluce, Valdemar, Rubens Malta e Roberto Malta. (Santana do Ipanema, 1953)



Foto 11 – Edifício do Ginásio Santana, onde Zé Marques estudou de 1954 a 1957. (Santana do Ipanema, Praça do Monumento)



Foto 12 – Equipe de jornalistas formada por Carvalho Veras, no *Jornal de Alagoas*, para cobrir os acontecimentos dos municípios alagoanos, no final da década de 50. Em pé, na extrema direita, Zé Marques (de óculos), ladeado por José C. Lima. No meio, Antonio Sapucaia, tendo ao lado Rubem Cavalcante. Na extrema esquerda, o cartunista Manuel Nunes. (Maceió. 1958)



Foto 13 – Equipe de jornalistas brasileiros, agraciados com bolsas de estudos da UNESCO e da OEA, que cursaram pós-graduação no CIESPAL. No centro, de terno escuro Zé Marques, tendo à esquerda o jornalista espanhol Manuel Calvo Hernando, de terno claro. Na extrema esquerda, o gaúcho Bolívar Grisolia, ladeado pelo carioca José Henrique de Carvalho. Na extrema direita, o potiguar Newton Avelino dos Santos, ladeado pelo pernambucano Fernando Menezes. (Quito, Equador, 1965)



Foto 14 – Painel internacional organizado durante a IV Semana de Estudos de Jornalismo (USP, maio de 1972). Ao centro, Zé Marques (de óculos), ladeado por marco Ordoñez (Ecuador), à direita, e Moisés Arroyo (Peru), à esquerda.



Foto 15 – Zé Marques presta juramento, na presença do Reitor José Goldemberg, para o exercício do mandato de Diretor da ECA-USP, período 1989/1993. (São Paulo, janeiro de 1989)



Foto 16 – Zé Marques ao lado de Antonio Candido (direita) e de Margarida Schaden (esquerda). Nos extremos estão João Baptista Borges Pereira (direita) e Virgílio Noya Pinto (esquerda). Solenidade de inauguração da Sala Egon Schaden na ECA-USP. (São Paulo, 1990).



Foto 17 – Ao centro, sentado, Zé Marques com a turma de alunos que frequentou seu curso de História do Pensamento Comunicacional na pós-graduação da UMESP, ano letivo de 1995. Destacam-se ao lado Rosa Nava (sentada, à direita) e Fábíá Dejavite (abaixada, à esquerda) e na fila de trás, Juçara Brittes (em pé, de quase vermelho) e do outro lado, curvando-se, Guilherme Resende (de camisa listrada).



Foto 18 – Solenidade de entrega do Prêmio Wayne Danielson de Ciências da Comunicação, outorgado pela Universidade do Texas (USA). Da esquerda para a direita; Zé Marques, com o troféu conquistado; Malcolm McCombs, presidente do júri; Maria Silvia Brieno Marques de Melo (esposa do homenageado), Ellen Wartella, diretora da Faculdade de Comunicação da UT; Wayne Danielson, patrono do prêmio recebido.



Foto 19 – Zé Marques assina convênio na Argentina, com a Universidade Nacional de Rio Cuarto, para a realização de trabalhos com a Cátedra UNESCO. Ao lado, Gustavo Cimadevilla, direita, e Edgard Rios, esquerda.



Foto 20 – Zé Marques , ao centro, ladeado por Sinval Itacarambi Leão (direita) e Por Julio Zapata (esquerda). Ao lado deste, na extrema esquerda, Esther Bertoletti (MEC, 2001).



Foto 21 – Zé Marques , ao lado da Reitora da UNEB, da sessão de abertura do XXV Congresso da INTERCOM em Salvador (2002).



Foto 22 – Zé Marques entrega a D. Paulo Evaristo Arns, medalha comemorativa do cinquentenário de doutorado do Cardeal Emérito de São Paulo. São Paulo, Centro Universitário Alcântara Machado, 2002.



Foto 23 – Zé Marques recebe do Governo Chinês placa comemorativa da visita que a INTERCOM fez àquele país asiático. Macau, 2007.



Foto 24 – Zé Marques ao lado do Cardeal Avelar Brandão. São Paulo, ECA-USP, 1970.



Foto 25 – Zé Marques, proferindo conferência em Santiago do Chile, tendo ao lado o Reitor da Universidade Diego Portales e a Decana da Faculdade de Comunicação Social, Lucia Castellon. (1993)



Foto 26 – Zé Marques ,
em 1995, como *Thinker*
Visiting Professor, na
Universidade do Texas.



Foto 27 – Zé Marques ao lado do colega Kaarle Nordestreng, da
Universidade de Temper, Finlândia, durante sua permanência na
Universidade do Texas, em 1995.



Foto 28 – Zé Marques proferindo discurso no ato de outorga do Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2003.



Foto 29 – Zé Marques na casa paterna, em Santana do Ipanema, em companhia de toda a família, provavelmente em 1953. JMM é o primeiro da fila, em pé, à direita, ladeado pela irmã Elza, e depois pelos irmãos Maria José e Jorge. No fim da primeira fila, na extrema esquerda, sua avó paterna Cristina. Atrás, o pai Leuzinger e mãe, Iveta, ladeada pela cunhada Elita.



Foto 30 – A Família Marques de Melo reunida em São Paulo, comemorando o aniversário da vovó Silvia: a neta Beatriz, na extrema direita, abraçada pela mãe Priscila e ladeada pela tia Silvana. No centro, a aniversariante Silvia e o marido Zé Marques, ao lado do filho Marcelo. Sentados, à esquerda, o neto Gabriel (9 anos) e à direita, o neto Arthur (7 anos).



Foto 31 – A vovó Silvia, no fundo, abraçando os netos Gabriel (esquerda) e Arthur (direita). No centro, Beatriz. (2009)



Foto 32 – O casal Marques de Melo, Silvia e José, acompanhado dos filhos Marcelo e Silvana, desfruta o clima aprazível da Serra da Mantiqueira. Foto registrada no banco do jardim do restaurante da Pousada do Rio, Gonçalves (MG).



Foto 33 – O casal Marques de Melo em companhia dos três netos: Arthur, Beatriz e Gabriel, em fotografia tirada na Pousada do Rio, Gonçalves (MG).



Foto 34 – Durante as homenagens prestadas durante os festejos dos 70 anos de José Marques de Melo, as palavras do neto dele emocionaram a todos os presentes.



Foto 35 – A família cantou os parabéns juntamente com seus amigos e admiradores.



Foto 36 – Ex-presidentes da INTERCOM compareceram ao evento prestigiando as comemorações dos 70 anos do fundador da instituição. Na foto, da esquerda para a direita, estão: Maria Immacolata V. de Lopes, Margarida M.Krohling Kunsch, Adolpho Queiroz, Manuel C. Chaparro, Gaudêncio Torquato, Carlos Eduardo Lins da Silva, José Marques de Melo e Anamaria Fadul.



Foto 37 – José Marques de Melo recebendo os cumprimentos do casal Waldemar e Margarida Kunsch



Foto 38 – José Marques com a neta Beatriz, a esposa Silvia e o filho Marcelo

Bibliografia Consultada

Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional. São Bernardo do Campo: UMESP, ano 7, nº 7, 2003.

ARAGÃO, Iury Parente, MORAIS, Osvando de & JACONI, Sônia (Orgs.). *Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia*. São Paulo: INTERCOM, 2013 – Coleção Fortuna Crítica, vol. I

ARAGÃO, Iury Parente, MORAIS, Osvando de & JACONI, Sônia (Orgs.). *Fortuna Crítica de José Marques de Melo – Teoria e Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: INTERCOM, 2013 – Coleção Fortuna Crítica, vol. II.

BARBOSA, Marialva. Depoimento ao autor, 2010.

BRITTES, Juçara G. José Marques de Melo e a construção de espaços para a pesquisa em Comunicação no Brasil. In *Comunicação & Sociedade*, 25. São Paulo: IMS, 1996.

BRITTES, Juçara. Breve história de vida e síntese da trajetória intelectual de José Marques de Melo. In *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*, ano 7, nº 7, jan-dez.,2003,p.175-177. São Bernardo do Campo: Umesp.

CARDOSO, Tânia Maria de Souza. Literatura de Cordel sobre O Cangaceiro Lampião. Disponível em: WWW.marcolacerdapb.hpg.ig.com.br/romero/cordel.htm Acesso em 04-10-2010.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e o Cruzeiro*. São Paulo: SENAC, 2001.

CASTRO, Cosette. Percurso Acadêmico/Intelectual. In Gobbi, Maria Cristina (Org.) IN *José Marques de Melo*, Maria Cristina GOBBI (org.). Recife: UNICAP: Centro de estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001, série Grandes Nomes da Comunicação, v.5, pp. 133-153.

CAVALCANTE, Carlos. Depoimento ao autor, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Depoimento ao autor em 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Marques de Melo em dimensão ibero-americana. In O Xix da Questão: Blog do Prof. Chaparro, 18/03/2010. Disponível em : [HTTP://www.oxisdaquestao.com.br](http://www.oxisdaquestao.com.br) Acesso em 28/03/2010.

DINES, Alberto, VOGT, Carlos & MARQUES DE MELO, José (Orgs.). *A Imprensa em Questão*. Campinas,SP: Editora Unicamp, 1997.

FARO, José Salvador. Articulador incansável, um nome que vai se tornando uma instituição. IN *José Marques de Melo*, Maria Cristina GOBBI (org.). Recife: UNICAP: Centro de estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001, série Grandes Nomes da Comunicação, v.5, pp.167-175.

FERNANDES, Eliane Moury. Entrevista com José Marques de Melo para o Projeto Nordeste-1964. São Paulo, 20 de outubro de 1986.

FIGUEIREDO, Cecília. Crônica de tempos amargos: a perigosa apostila sobre a técnica do lead. In *Revista ADUSP*. São Paulo: Revista da Associação dos Docentes da USP, nº 33, outubro de 2004. Edição especial sobre o tema “Segredos da Ditadura Militar”. Disponível em www.marquesdemelo.com.br

FURTADO, Celso. A Operação Nordeste. Rio de Janeiro, ISEB, 1959.

GASPAR, Lúcia. *Índios Fulni-ô. Pesquisa Escolar On-Line*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 11.12.2009.

GOBBI, Maria Cristina. Jornalismo, atração vital. A trajetória comunicacional de José Marques de Melo. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional*, ano 7, nº 7, jan.-dez. 2003, São Bernardo do Campo, SP, pp.151-158.

GOBBI, Maria Cristina (Org.). *Grandes Nomes da Comunicação: José Marques de Melo*. Recife: UNICAP: Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001.

GOMES, Pedro Gilberto. *José Marques de Melo e a Comunicação Cristã*. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional/ Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, universidade Metodista de São Paulo. Vol.7, ano 7. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003, pp.171-174.

JORNAL ANJ. Entrevista com José Marques de Melo, falando sobre seus 50 anos de profissão. Brasília, edição nº 221, outubro de 2009. Disponível em: [HTTP://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/entrevistas/](http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/entrevistas/) Acesso em 15/11/2009.

JORNAL DO MEIO. Marques de Melo fala sobre Ciclo Luiz Beltrão, FAI e o título de cidadão Adamantinense. Entrevista publicada no *Jornal do Meio*, edição Especial de Março/Abril 2006, Faculdade Adamantinas Integradas (FAI). Disponível em: [HTTP://www2.metodista.br/unesco/GCSB/entrevista_marques_de_melmo.htm](http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/entrevista_marques_de_melmo.htm) Acesso em 26/02/2010.

JORNAL DA USP. O militante do jornalismo brasileiro. São Paulo, ano XIX, nº 710, dez. 2004. Disponível em: http://www.marquesdemelo.pro.br/referencias/midiaticas/ref_mid_10.htm

LIMA, Paulo. Desafios da comunicação e do jornalismo no Brasil: entrevista com José Marques de Melo, 2003. Disponível em: www.sergipe.com/balaiodenoticias e em www.metodista.br/unesco/GCSB/index.htm

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Jornalismo Brasileiro: contribuições de José Marques de Melo. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional/ Cátedra UNESCO de Comunicação para*

o Desenvolvimento Regional, universidade Metodista de São Paulo. Vol.7, ano 7. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003, pp.169-170.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Incentivador de talentos. In *José Marques de Melo*, Maria Cristina GOBBI (org.). Recife: UNICAP: Centro de estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001, série Grandes Nomes da Comunicação, v.5, pp.245-247.

LOPES, Boanerges & GOMES, Luciana. 40 anos de jornalismo: entrevista de José Marques de Melo. In *PCLA*, volume 1, número 3, abril/maio/junho 2000.

MARQUES DE MELO, José. *Da responsabilidade social no jornalismo*. Recife, INCINFORM, 1965.

MARQUES DE MELLO, José. *Alagoas na Idade Mídia*. Macaíó: Viva Editora, 2013.

MARQUES DE MELO, José. *A Esfinge midiática*. São Paulo: Paulus, 2004.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação Eclesial: Utopia e Realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção pastoral da comunicação. Série Comunicação e cultura).

MARQUES DE MELO, José. *Midiologia para iniciantes*. Caxias: EDUCS, 2005.

MARQUES DE MELO, José. Brechas digitais: as estratégias do Governo Lula. In *INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação*, vol.1, nº 1, p. 123-127, maio de

2006. Disponível em: [HTTP://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/inovcom/article/view/711/504](http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/inovcom/article/view/711/504)

MARQUES DE MELO, José. *Vestígios da travessia: da imprensa à internet- 50 anos de jornalismo*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARQUES DE MELO, José. *História do Jornalismo: Itinerário crítico, mosaico contextual*. São Paulo: Editora Paulus, 2012.

MARQUES DE MELO, José. *Metamorfose do Jornalismo: da Idade Média à Idade Mídia*. Texto da aula inaugural do Curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (SC), proferida no dia 06/03/2014.

MARQUES DE MELO, José. Depoimentos ao autor nos anos de 2009 e 2010.

MARQUES DE MELO, José. Diáspora intelectual santanense: a vanguarda da terra espinhosa. Maceió: *O Jornal*, 06/09/2009. Também disponível em: [HTTP://www.maltanet.com.br/literatura/exibe.php?id=755](http://www.maltanet.com.br/literatura/exibe.php?id=755) acesso em 21/03/2009.

MARQUES DE MELO, José. Discurso do Maranhão. Discurso de agradecimento ao título de Doutor *Honoris Causa*. São Luís, Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 08/04/2010.

MARQUES DE MELO, José. Vigilância, precisão, honestidade. Discurso de agradecimento ao título de Doutor *Honoris Causa*. Recife, Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 23/04/2010.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo – Forma e Conteúdo*. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

MARQUES DE MELO, José. *Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia. Astúcia, reinvenção*. São Paulo: 2010.

MARQUES DE MELO, José. Itinerário de um intelectual mestiço (o) A la búsqueda d ela identidad latinoamericana. Texto apresentado em Bogotá, Colômbia, em 24/09/2010.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco (Orgs.). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José & FERNANDES, Guilherme Moreira. *Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia Brasileira*. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MARQUES DE MELO, Jose & GAIA, Rossana (orgs.). *Sertão Glocal: um mar de ideias brota às margens do Ipanema*. Maceió: EDUFAL, 2010.

MARQUES DE MELO, José. *História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual*. São Paulo: Paulus, 2012.

MARQUES DE MELO, Gabriel Zerbinato. Depoimento ao autor, 2010.

MARQUES DE MELO, Marcelo Briseno. Depoimento ao autor, 2010.

MARQUES DE MELO, Maria Silvia Briseno. Depoimento ao autor, 2009 e 2010.

MARQUES DE MELO, Priscila Zerbinato. Depoimento ao autor, 2010.

MARQUES DE MELO, Silvana Briseno. Depoimento ao autor, 2010.

MATTOS, Sérgio. *Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)*. Salvador: Editora PAS e Edições Ianamá, 2000.

MATTOS, Sérgio. Mudanças positivas no Ensino de Comunicação: Fortalecimento da sociedade democrática. In GOBBI, Maria Cristina (org.) *Ciências da Comunicação no Brasil Democrático*. São Paulo: INTERCOM, 2008, pp. 19-38.

MATTOS, Sérgio. Fundamentos de uma trajetória. In ARA-GÃO, Iury Parente, MORAIS, Osvando J. de, e JACONI, Sônia (orgs.) *JMM-Fortuna Crítica de Jose Marques de Melo – Jornalismo e Midiologia*. São Paulo: INTERCOM, 2013, pp.15-21.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORAIS, Adriana. Entrevista com José Marques de Melo. In *O Mossoroense*, Mossoró-RN, 5 de outubro de 2008.

NAVA, Rosa Maria F. Dales. Entrevista com José Marques de Melo. In GOBBI, Maria Cristina (Org.), *Grandes Nomes da Comunicação: José Marques de Melo*. Recife: UNICAP: Centro de Estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001, pp.186-202.

NÓBREGA, Maria do Socorro. A Contribuição de José Marques de Melo para estudos comunicacionais na Universidade de São Paulo. In *PCLA*, vol. 3, nº 2: janeiro/fevereiro/março 2002.

PERUZZO, Cíclia M. Krohling. Contribuição de José Marques de Melo para os estudos da comunicação no Brasil: a Fundação da Intercom. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional/ Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, universidade Metodista de São Paulo. Vol.7, ano 7. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003, pp.185-186.

PERUZZO, Cíclia M. Krohling. Depoimento ao autor, 2010.

PESSOA, Ana Maria Temer. José Marques de Melo: a formação de docentes e a consolidação do campo da comunicação. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional/ Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, universidade Metodista de São Paulo. Vol.7, ano 7. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003, pp. 187-189..

PINTO, Virgílio Noya. Origens e atuais linhas de pesquisa da Escola de Comunicação e Artes. In: *Estudos Avançados*, vol.8, nº 22, São Paulo, set./dez.1994. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-40141994000300074](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-40141994000300074) Acesso em 05/06/2009.

PROTAGONISTAS DA IMPRENSA BRASILEIRA. São Paulo, edição 13, pp. 01-14, 20/07/2009.

QUEIROZ, Adolpho. José Marques, o Jardineiro que cultivava hortênsias. In *Anuário UNESCO/Umesp de Comunicação Regional/ Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional*, Universidade Metodista de São Paulo. Vol.7, ano 7. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003, pp.183-184.

QUEIROZ, Adolpho. Depoimento ao autor, em março de 2010.

RICARDO, Maria do Socorro. A história do jornalismo em Santana do Ipanema -Al. Disponível em [HTTP://www.sertao24horas.com.br/cute/example/2008/07/07/a-hist-ria-do-jornalismo-e](http://www.sertao24horas.com.br/cute/example/2008/07/07/a-hist-ria-do-jornalismo-e) Acesso em 04/01/2010.

RICARDO, Maria do Socorro. Santana é berço de escritor Best-Seller. Disponível em: [HTTP://capitalismoemsantanadoim-panema.blogspot.com/](http://capitalismoemsantanadoim-panema.blogspot.com/) Acesso em 21/03/2010.

RODRIGUES, Vera. Nos tempos da ditadura – o efeito devastador do 47 no edifício em construção da ECA-USP. Dossiê in *Revista PJ-BR – Jornalismo Brasileiro*, edição 01, 1º semestre de 2003. São Paulo: ECA-USP.

RODRIGUES, Vera. Entrevista com José Marques de Melo. In *Midiologia para iniciantes*. Caxias: EDUCS, 2005, pp. 118-123.

SERPA, Leoni. A contribuição de *O Cruzeiro* para o jornalismo brasileiro (1928-1945). Paper apresentado no V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/r00092-1.pdf> Acesso em 11-12-2009.

SQUIRRA, Sebastião. Depoimento ao autor em 01/02/2010.

STOLLMEIER, José. Comunicação Social e Sociedade Brasileira. O pensamento de José Marques de Melo. Tese apresentada no Instituto di Scienze dlla Comunicazione Sociale (ISCOS), da Università Pontificia Salesiana, Roma, 1995.

URIBE, Esmeralda Villegas. “Padrinho” de muitas e muitos na América Latina. IN *José Marques de Melo*, Maria Cristina GOBBI (org.). Recife: UNICAP: Centro de estudos da Imprensa e da Cidadania, 2001, série Grandes Nomes da Comunicação, v.5, pp.217-221.

VIANNA, Ruth. Pra não dizer que não falei de flores. In *Revista PJ:Br Jornalismo Brasileiro*, edição 03, 1º semestre de 2004. São Paulo: ECA-USP.

Sites consultados:

[HTTP://www.alagoas24horas.com.br](http://www.alagoas24horas.com.br)

[HTTP://alagoasnet.com.br](http://alagoasnet.com.br)

[HTTP://capitalismoemsantanadoipanema.blogspot.com](http://capitalismoemsantanadoipanema.blogspot.com)

[HTTP://maltanet.com.br](http://maltanet.com.br)

[HTTP://www.marquesdemelo.pro.com.br/](http://www.marquesdemelo.pro.com.br/)

[HTTP://santanaoxente.com/](http://santanaoxente.com/)

[HTTP://www.sertao24horas.com.br](http://www.sertao24horas.com.br)

[HTTP://www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br)

Quem é Sérgio Mattos

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da Facom. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de ter um pé no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo, em inúmeras funções e editorias ou como colaborador nos jornais baianos. É também poeta, romancista e compositor com dezenas de composições

gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com algumas de suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área, durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação (COEPP) da Unibahia – Unidade baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas, Bahia, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga, mantidas pela Unibahia, entre 2000 e 2007. No período de 1999 a 2002 coordenou o curso de Publicidade e Marketing da Polifucs – Unidades de Ensino de Ciências da Sociedade. No período de janeiro a julho de 2008, exerceu a função de coordenador do curso de Jornalismo da Faculdade da Cidade do Salvador e da FTC. Em agosto de 2008, tomou posse na função de professor adjunto concursado, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde em 2010 foi responsável pela implantação da

Editora da UFRB, exercendo a função de superintendente da editora e de presidente do Conselho Editorial desde então. Em 2009 integrou a Comissão de Especialistas em Formação Superior do Jornalista, constituída pelo Ministério da Educação para propor as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, sob a presidência de José Marques de Melo.

Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos integrou a equipe de jornalistas que em 21 de outubro de 1969 fundou o jornal *Tribuna da Bahia*, onde além de repórter especial foi chefe de reportagem. No jornal *A Tarde*, ocupou a função de editor local/cidade e dos suplementos “*Jornal de Utilidades*”, “*A Tarde Municípios*” e “*A Tarde Rural*”, até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista mensal *Neon*, de arte, cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do Instituto Baiano do Livro (IBL) e presidente fundador da Academia de Letras e Artes de Salvador (ALAS). No período de janeiro 2008 a janeiro de 2010 foi eleito e exerceu a função de Secretário Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB. De 2010 a 2011 exerceu a função de Diretor Financeiro Adjunto e desde 2011 é Diretor de Publicações do IGHB, sendo o editor da revista anual da instituição que em 2014 comemora os seus 120 anos de existência. Na década de 1980, foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia (IRDEB), quando foi responsável pela elaboração dos projetos para implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da Comunicação. Dentre seus trabalhos destacam-se os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

- *Estudos de Comunicação*, 1975.
- *The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil* [Tese de Mestrado], 1980.
- *The Development of Communication Policies Under the Peruvian Government*, 1981.
- *Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil* [Tese de Doutorado], 1982.
- *The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*, 1982
- IRDEB – *Relatório das atividades de 1983, 1984. Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional*, 1988
- *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história*, 1990.
- *Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*, 1991.
- *A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo*, 1993.
- *Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística*, UFBA, 1994.
- *O Controle dos Meios de Comunicação*, 1996
- *A Televisão e as políticas regionais de comunicação*, 1997(org.).
- *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*, 1997 (org.).
- *A Televisão na era da Globalização*, 1999 (org.).
- *A Televisão no Brasil: 50 anos de história*, 2000.

- *Imparcialidade é mito*, 2001.
- *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*, 2ª Ed. 2002, 3ª Ed. 2008, 4ª Ed. 2009, 5ª Ed. Ampliada e revisada 2010.
- *Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo*, 2005.
- *Comunicação Plural*, 2007 (Org.).
- *Cidadão Sem Fronteiras (Conceitos e princípios de comunicação, ética e cidadania)*, 2007
- *Memória da imprensa contemporânea da Bahia*, 2008 (Org.).
- *Relicário comunicacional e literário*, 2008.
- *O Contexto Midiático*, 2009.
- *A mídia nas páginas dos jornais*, 2009.
- *Jornalismo, fonte e opinião*, 2011.
- *Políticas de Comunicação sob o governo militar peruano (1968-1989)*, 2013 (Edição bilingue).
- *A Revolução Digital e os Desafios da Comunicação*, 2013.

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na Internet, publicou os seguintes livros individuais:

- *Nas Teias do Mundo*, 1973.
- *O Vigia do Tempo*, 1977.
- *A Batalha de Natal*, 1978.
- *Time's Sentinel*, 1979 (Tradução feita por Maria Luisa Nunes).
- *I No Longer Sing, I Cry (Já Não Canto, Choro)*, 1980 (Edição bilingue, tradução feita por Albert Bork).

- *Lançados ao Mar*, 1985.
- *Asas Para Amar*, 1ª edição 1995, 2ª edição, 1996.
- *Estandarte*, 1ª edição 1995, 2ª edição 1996, 3ª edição 1996
- *Trilha Poética*, 1998.
- *Étendard*, 1998 (tradução feita por Daniel Bloom)
- *Fio condutor*, 2006.
- *Amadeu, um bandido nordestino*, 2008 (novela).
- *Os funerais de dona Camila*, 2008 (novela).
- *As confissões sexuais de Maria Francisca*, 2008 (romance).
- *Só você pode, Jayme: um perfil biográfico de Jayme Ramos de Queiroz*, 2009 (biografia).
- *Abre-te, Cuba!*, 2009 (registro de viagem).
- *O Guerreiro Midiático – Biografia de José Marques de Melo*, 1ª Ed. 2010. (biografia)
- *Essência Poética*, 2011 (poesia).